

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
LITERATURA BRASILEIRA E TEORIA LITERÁRIA**

**A RECEPÇÃO CRÍTICA DA OBRA DE WERNER ZOTZ**

**SALETE MARIA LANZARIN**

**Florianópolis, dezembro de 1998.**



**SALETE MARIA LANZARIN**

**A RECEPÇÃO CRÍTICA DA OBRA DE WERNER ZOTZ**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras – Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do título de **Mestre em Letras**, área de concentração em Teoria Literária. Orientador: Prof. Dr. Lauro Junkes

**Florianópolis, dezembro de 1998.**

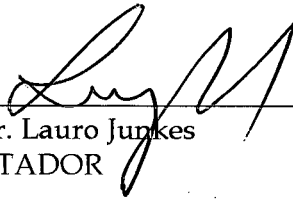
# A Recepção Crítica da Obra de Werner Zotz

SALETE MARIA LANZARIN

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

MESTRE EM LITERATURA

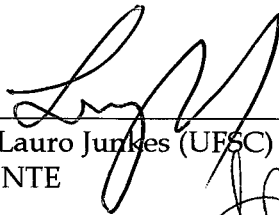
Área de concentração em Teoria Literária, e aprovada na sua forma final pelo  
Curso de Pós-Graduação em Literatura da  
Universidade Federal de Santa Catarina.



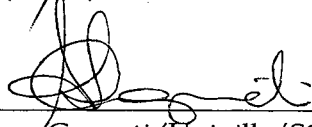
Prof. Dr. Lauro Junkes  
ORIENTADOR

Profª. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos  
COORDENADORA DO CURSO

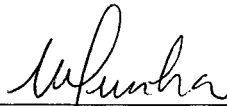
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Lauro Junkes (UFSC)  
PRESIDENTE



Profª. Dra. Sueli de Souza Cagneti (Univille/SC)



Profª. Dra. Maria Tereza Santos Cunha (UFSC)

Prof. Dr. Celestino Sachet (UFSC)  
SUPLENTE

**À minha filha Renata**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Professor Lauro Junkes, pela confiança e dedicação nesta caminhada.

À Iolita, pelas valiosas informações prestadas durante a realização deste trabalho.

À atual direção do Colégio de Aplicação, por reconhecer a importância deste trabalho, permitindo meu afastamento das atividades.

Ao Sérgio e Roseli, pela atenção incansável na digitação deste trabalho.

À paciente e tolerante Cida, que deu o toque final.

Aos funcionários e colegas de curso.

## SUMÁRIO

### PARTE I

|   |    |
|---|----|
| COMENTÁRIOS INTRODUTÓRIOS .....   | 02 |
| 1- REFERENCIAL TEÓRICO: sobre a estética da recepção e a crítica literária em geral. .... | 08 |
| 2- QUEM É WERNER ZOTZ.....  | 30 |
| 2.1- a vida .....   | 30 |
| 2.2- a obra .....   | 32 |
| 2.3- o pensamento.....  | 36 |

### PARTE II

|  |     |
|--|-----|
| 3- PANORAMA DA RECEPÇÃO CRÍTICA DO AUTOR.....  | 43  |
| 3.1- A obra literária e a função da crítica.....   | 46  |
| 3.2- As primeiras manifestações da crítica sobre Zotz.....                                       | 51  |
| 3.3- <i>Barco branco em mar azul</i> – retorno ao público infantil.....                          | 59  |
| 3.4- Mas tudo começou com o premiado <i>Apenas um curumim</i> .....                              | 78  |
| 3.5- A recepção de <i>Não-me-toque em pé de guerra</i> .....                                     | 103 |
| 3.6- A crítica literária diante de <i>Mamãe é mulher do pai</i> .....                            | 115 |
| 3.7- A importância de <i>Rio Liberdade</i> segundo a crítica.....                                | 125 |
| 3.8- As vivências de Zotz retratadas em <i>Garnizé gabola acabou gabiru</i> ....                 | 143 |
| 3.9- Uma nova proposta de trabalho em <i>Livro que te quero livre</i> .....                      | 150 |
| 3.10- <i>Presente de um Domingo chuvoso</i> encerra mais uma etapa na caminhada do escritor..... | 153 |

4 – CONCLUSÃO ..... 166

5 – BIBLIOGRAFIA

5.1- sobre a crítica teórica em geral..... 171

5.2- de apoio teórico ..... 173

5.3- obras de referência ao autor ..... 175

5.4- fortuna crítica: a recepção da obra do autor, objeto deste trabalho .... 177

6 – ANEXOS ..... 185

## RESUMO

O referido trabalho de pesquisa trata da compilação e análise da fortuna crítica do escritor catarinense, Werner Zotz, com o objetivo de verificar a recepção que a obra do autor mereceu junto à crítica, a nível nacional. Um estudo de cada documento individual para detectar de que maneira os mesmos retratam a opinião do público, diante da produção literária do catarinense, procurando identificar os aspectos mais enfatizados, o predomínio de abordagens, enfim, as reais preferências do crítico diante de cada título comentado.

A referida análise centrou-se na totalidade dos textos críticos publicados pela imprensa no período estipulado entre 1979 até 1992 tendo em vista ser este o espaço em que ocorreu a segunda fase da produção literária do escritor. Foi neste período que constatamos o maior número de publicações através das mais variadas fontes de informação.

Apesar da predominância de resenhas jornalísticas não houve o comprometimento da qualidade dos documentos recolhidos, a nível de conteúdo. Seguido de publicações em revistas, periódicos especializados, estudos e entrevistas, entre outros, fazem parte dos registros críticos referentes a obra de Werner Zotz que compõem o *corpus* da pesquisa.

As referidas análises foram orientadas teoricamente pelos princípios definidos pela estética da recepção, através dos primeiros estudiosos, que investigaram as relações entre os envolvidos na produção e recepção da obra literária voltando-se principalmente para considerações de peculiaridades que envolvem a recepção de textos pela criança e o jovem. Essas terão como base, teorias de vários especialistas do gênero infantil que se voltaram para questões sobre as respostas do pequeno leitor diante de obras “ditas” do seu interesse, tendo em vista que a obra de Werner Zotz é essencialmente uma literatura infanto-juvenil.

## RESUMEM

El referido trabajo de pesquisa trata de la compilación y análisis de la fortuna crítica del escritor catarinense, Werner Zotz, con el objetivo de verificar la recepción que la obra del autor mereció junto a la crítica, en nivel nacional. Un estudio de cada documento individual para descubrir de que manera los mismos retratan la opinión del público, delante de la producción literaria del catarinense, buscando identificar los aspectos más enfatizados, el predominio de abordajes, en fin, las reales preferencias del crítico delante de cada título comentado.

El referido análisis se concentró en la totalidad de los textos críticos publicados por la prensa en el período estipulado entre 1979 a 1992 teniendo en vista ser éste el espacio en que ocurrió la segunda fase de la producción literaria del escritor. Fue en este período que constatamos el mayor número de publicaciones a través de las más variadas fuentes de informaciones.

A pesar de la predominación de reseñas periodísticas no hubo el comprometimiento de la cualidad de los documentos recogidos, a nivel de contenido. Seguido de publicaciones en revistas, libros, entrevistas, entre otros, hacen parte de los registros críticos referentes a la obra de Werner Zotz que componen el *corpus* de la pesquisa.

Los referidos análisis fueron orientados teóricamente por los principios definidos por la estética de la recepción, a través de los primeros estudiosos, que investigaron las relaciones entre las partes involucradas en la producción y la recepción de la obra literaria volviéndose principalmente para consideraciones de peculiaridades que comprenden la recepción de textos por el niño y el joven. Ésas tendrán como base, teorías de varios especialistas del género infantil que tuvieron como centro las observaciones sobre las respuestas del pequeño lector delante de las obras “dichas” de su interés, teniendo en cuenta que la obra de Werner Zotz es esencialmente una literatura infante-juvenil.



**Que toda criança tenha garantida a certeza de poder ler.**

**Mário Quintana**

## Comentários Introdutórios

Apesar da produção literária para crianças e jovens em Santa Catarina apresentar um número expressivo de obras, como também boa qualidade, com escritores premiados, conquistando destaques a nível nacional e internacional, pouco se fala sobre ela. Quer pelo espaço reduzido que a imprensa dedica a obras do gênero, quer pela falta de interesse dos próprios críticos que negam à literatura infanto-juvenil o reconhecimento de gênero literário, relegando-a à marginalidade. As raras ocasiões em que os jornais dedicam seu espaço para uma ou outra resenha ocorrem por conta de lançamentos de livros ou a chamada *Feira do livro infantil*, que acontece anualmente em nosso estado.

Apostamos, contudo, na alteração deste quadro atribuído à crítica acadêmica, que recentemente tem publicado artigos em periódicos especializados, apesar da superficialidade com que os assuntos são abordados.

Por outro lado, em se tratando da literatura infantil a nível nacional, lembramos que a década de 70 foi marcada por modificações na produção do gênero: o surgimento de novos autores para atenderem ao público jovem, que passou a ler mais, devido à reforma do ensino, onde as escolas deveriam adotar livros de escritores brasileiros.

Essas modificações oportunizaram ao leitor conhecer autores nacionais, assim como o acesso a uma diversificada produção de obras destinadas a ele. Ao mesmo tempo, vemos mais uma vez o sistema de ensino exercendo influência na Literatura Infanto-Juvenil, de maneira a comprometer a defesa da leitura como forma de prazer, no momento em que cabe ao professor decidir pelo texto a ser lido.

Em contrapartida, essa "leva" de novos autores trouxe consigo fortes inspirações em Monteiro Lobato, que procurou desmistificar a moral tradicional e levar o leitor jovem à reflexão e à crítica. O resultado disso foi a produção de livros infantis que não perderam de vista o humor, o lúdico, juntamente com uma linguagem inovadora, enfocando temas e problemas brasileiros da atualidade, exclusivos do mundo adulto.

Essa nova postura de autores modernos veio permitir ao jovem leitor refletir diante dos novos conteúdos que ora se apresentam. Deixando de lado o leitor passivo para se perder na linguagem da aventura e da poética, soube reagir de maneira ativa a cada emoção que a leitura oferece. Mas isto só é possível através de um texto que o convide ao prazer e não subestime a sua capacidade de crítica.

Werner Zotz está entre essa nova geração de autores que soube respeitar a criança e o jovem, mantendo uma enorme distância entre estes e "a cabeça de um retardado mental", uma imagem que permaneceu por séculos na história da literatura.

No caso de Werner Zotz, aliado a outros autores que trouxeram a vida para dentro da obra, o universo de suas narrativas é sustentado sobre os mais variados problemas que afligem a humanidade, por colocar em questão a moralidade, a solidariedade e a sensibilidade humana. O próprio Zotz se apresenta na obra, muito mais como personagem/narrador do que autor, levado por uma coragem ilimitada de se pronunciar. Isso ocorre através de uma linguagem aberta, fazendo-se entender por todo tipo de público.

Ele tinha em mente um projeto estético e ideológico compromissado em mostrar a realidade sem mentiras, eliminando tudo aquilo que contribui para sufocar e suprimir a riqueza do mundo interior do pequeno leitor, usando a linguagem como recurso. Despertou o leitor adormecido, mostrando os segredos das coisas sem usar de formas alienantes. Fez-se ouvir pelos vários segmentos da crítica nacional e internacional, através da produção de uma literatura sem idade, sempre aberta a discussões.

Longe das fadas, porém com muita fantasia e humor, seu estilo particular atribui à criança e ao jovem papéis em que estes se identificam, dando-lhes coragem e otimismo, necessários para vencer as crises de transformação na adolescência. Enfim, Zotz falou contra, escreveu contra toda atitude repressora, que castra e limita o ser humano, por estar consciente do seu papel de dinamizador do contexto cultural de uma época.

Tantas foram as contribuições do autor que oportunizaram o acesso à leitura desde cedo ao público jovem com suas obras e personagens transgressores, que

contestam as verdades estabelecidas pelo adulto e vão buscar as suas próprias verdades.

Assim, Werner Zotz se coloca atualmente entre os grandes escritores brasileiros aplaudidos pela crítica especializada, por realizar um trabalho que permanece em evidência junto ao público jovem, ao longo do tempo, sem perder seu valor artístico.

Além de despertar grande interesse por parte da crítica, a obra do autor catarinense tem sido objeto de análise de um número significativo de estudiosos, das mais diversas áreas de formação.

Dessa forma, hoje, escrever sobre Werner Zotz, sem levar em conta aspectos que a crítica consagrou, é praticamente impossível. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer o desafio que essa tarefa representa, quando se trata de um nome que provocou um continuado exercício crítico sobre o seu trabalho, através do tempo, atestando sua qualidade. Daí nosso interesse em realizar um estudo para avaliar o comportamento da crítica literária brasileira, referente à obra do escritor catarinense, no sentido de verificar de que maneira os vários segmentos da crítica compreenderam a obra, ao se pronunciarem sobre o autor. Assim, analisar os aspectos que mereceram maior incidência e preferência de abordagem, juntamente com o grau de profundidade nos estudos críticos, identificando se houve uma preferência por parte da crítica biográfica, por exemplo, considerando que a produção literária do autor está marcada pelas tendências do contexto em que se insere. A técnica de composição, envolvendo personagens, enredo, estilo, ilustração e outros enfoques que também poderiam despertar a atenção do crítico apreciador deste gênero específico e polêmico, tendo em vista o diversificado perfil do crítico adepto da obra werneriana.

Dentro da nossa proposta de trabalho, analisaremos individualmente cada texto publicado sobre o autor, através dos meios de comunicação em geral, sendo que, entre o material recolhido, as resenhas de jornal e revistas representam maioria. O que, por sua vez, não compromete a qualidade de recepção merecida pela obra do autor, pois o crítico, seja de jornal, da revista ou do livro, é sempre um escritor e, como tal, representa o autor através dessas fontes, que não deixam de ser veículos

de informação cultural. Apesar de reconhecermos que, em algumas ocasiões, a informação é veiculada com interesses publicitários, fugindo a proposta da verdadeira crítica, que se atém unicamente à análise da obra.

A mesma atenção será dedicada à outras fontes, que surgirão no decorrer de nosso trabalho, em virtude da sua relevância para efeitos de recepção deste autor em especial.

Dessa maneira, pretendemos mostrar ao público o maior número de informações a respeito do trabalho artístico de um autor que permaneceu no anonimato, a nível de Santa Catarina, por um longo período. Torna-se necessário, também, traçar um perfil da sua trajetória literária, para situar o leitor no que diz respeito à característica do seu trabalho, em virtude da existência de farto material bibliográfico, até então desconhecido do público que admira sua obra. Uma maneira de obtermos uma resposta sobre as reais preferências, por parte da crítica, responsável pela disseminação do trabalho literário do autor, objeto de nosso estudo.

Outro fator a salientar é que não foi estabelecido um período cronológico rigoroso para as pesquisas sobre a obra de Zotz, porém nos detivemos ao espaço de tempo datado nos documentos recolhidos, que variam entre 1979 até 1988, tendo em vista ser este o período da publicação dos livros de Zotz e de maior concentração de textos publicados pela imprensa, constituindo a que chamamos de segunda fase do autor, objeto de nosso estudo. É preciso que se saiba mais a respeito de quem foi verdadeiramente Werner Zotz, e este trabalho seria um primeiro impulso no sentido. Uma maneira de abrir caminho para outras pesquisas de nível ainda maior, relacionadas à produção literária de autores catarinenses.

Antes, porém, de iniciar nosso trabalho de análise dos documentos críticos sobre a obra do catarinense, faremos um breve apanhado sobre as teorias que fundamentarão nosso percurso. Mas, em nenhum momento, nossa pesquisa se aterá exclusivamente à aplicação, ou, à discussão de uma única teoria específica. Apenas aderimos a alguns princípios, por questões metodológicas, nas ocasiões em que estas nos pareceram apropriados às propostas estabelecidas.

Para efeitos de análise, tomamos como referencial a segunda fase da produção literária do autor, que compreende o período entre 1978 até 1988.

Entretanto, há que se diferenciar o período da análise dos documentos críticos, recolhidos entre 1979 à 1992, não descartando eventuais textos surgidos fora do período proposto.

A pesquisa nos levou a um *corpus* bibliográfico totalizando cento e setenta e quatro(174) referências, entre resenhas, entrevistas, estudos críticos, traduções, anúncios de lançamentos e premiações de livros, caracterizando a repercussão que a obra do autor catarinense teve no período acima mencionado. Para tanto, consideramos oportuno citar propriamente todas as referências publicadas sobre o autor, embora algumas não tenham sido mencionadas durante o relatório, e outras se apresentem incompletas. Sua relevância se dá para efeito de amostragem da recepção crítica merecida pelo autor, como também a diversidade das mesmas.

Entendemos, ainda, que dada a característica do nosso trabalho, tornou-se necessária a transcrição da grande maioria dos comentários feitos pelos críticos, garantindo maior credibilidade para esse trabalho, sobre a opinião da crítica em relação às obras de Werner Zotz. Principalmente por verificarmos a existência de pequenos problemas na redação e no uso de expressões não muito comuns no meio literário. Também não pudemos evitar semelhanças de pontos de vista durante seus pronunciamentos sobre a obra do autor. O que nos pareceu bastante compreensível por se tratar de um trabalho do gênero infantil.

Enfim, os documentos acima mencionados servirão como base para apontarmos as características da crítica literária em relação ao trabalho de Zotz, também como mediadores entre a obra e o público que o admira.

As análises se deram, seguindo uma ordem de título do livro publicado, iniciando pelos textos que não apresentam autoria, seguido daqueles que apresentam a referência completa, considerando o conteúdo e o nível do mesmo, através do crítico especialista ou não, no gênero Infantil. Entretanto, no decorrer do trabalho houve algumas ocasiões em que foram mantidos comentários envolvendo entrevistas concedidas a jornalistas, para efeito de amostra da freqüência de contatos diretos que Zotz mantinha com seu público preferido, nos lugares onde andava.

Assim, esperamos ter alcançado nosso objetivo de levar ao leitor a maior e melhor quantidade de informações sobre o autor que representa a verdadeira referência na Literatura do gênero Infanto-juvenil para Santa Catarina.

## 1 - Referencial teórico: sobre a estética da recepção e a crítica literária em geral.

Num primeiro momento, é importante salientar que, apesar da proposta de trabalho aqui desenvolvida tomar rumo diferente, as questões e teorias levantadas irão se cruzar, de uma forma ou outra, durante o percurso que trata a crítica sobre a obra de Zolt, em que discorreremos mais adiante. As mesmas servirão para facilitar a compreensão do conteúdo dissertativo por parte do leitor.

Logo, consideramos oportuno aderir a alguns princípios defendidos pela Estética da Recepção, juntamente com teorias referentes à crítica literária e outras questões, que fundamentarão nossos objetivos.

Inicialmente, consideramos a teoria de que, a partir do momento em que o ser humano nasce e tem contato com o mundo, ele está fazendo uma leitura da vida por meio dos sentidos; entendemos que está havendo uma tentativa de interpretar ou decifrar o código/enigma do universo que o cerca. Sendo assim, aprender a ler significa, entre outros, aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos sem sermos ensinados, segundo palavras da teórica Maria Helena Martins.<sup>1</sup> Outras estudiosas<sup>2</sup> do gênero infantil se manifestam sobre o assunto da seguinte maneira:

*o primeiro passo para romper com a possível dificuldade de compreensão do complexo texto literário é acreditar que qualquer leitor pode desenvolver a sua capacidade de interpretação, através da literatura e de outras formas de reflexão, pois interpretação nada mais é do que o exercício do próprio pensamento em torno de um pensamento alheio.*

Abre-se a perspectiva de que a literatura pode ter manifestações diversas e por isso, depende do ponto de vista e do sentido que a palavra tem para cada um.

---

1- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.09.

2- YUNES, Eliana . *Leitura e leituras da literatura infantill*. São Paulo: FTD, 1988. p.37.



Marisa Lajolo<sup>3</sup> declara que a literatura pode ser aquele conto que você escreveu e está guardado na gaveta, ou o poema que você fez para a namorada - só mostrou para ela e mais ninguém -, ou a história de bruxas que a mãe inventava na hora de dormir, ou os poemas mimeografados que os jovens vendem na porta dos teatros e na feira *hippie*, ou até mesmo os *grafitti* desenhados com *spray* nos muros.

Lembremos ainda os folhetos de cordel, que fazem o maior sucesso sem entrar em escala industrial, da mesma forma que toda a literatura oral mantém sua riqueza e variedade por milhares de anos. Essa produção, contudo, não chega ao grande público, porque não passa pelo processo de edição industrial.

Por outro lado, a obra literária é um objeto social e, para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e um outro a leia. Para fechar esse circuito, passa-se por muitas instâncias: a do editor, a do distribuidor e a do livreiro; isto é, a obra tem de circular, para eventualmente ser lida. Dessa forma, continua Lajolo, iguala-se a qualquer produto fabricado e consumido nos moldes capitalistas, isto é, "confunde-se com esmalte de unhas, marcas de carro e supermercados...", uma vez que precisa ser comercializada. No entanto, ela não se limita ao comércio. Por ser um produto social, a literatura, além de produzir um elo de integração estética entre autor e leitor, precisa

*ser referenciada pelos setores especializados: os intelectuais, a crítica, a universidade, a academia e a escola, que vão batizá-la de literária ou não.*<sup>4</sup>

Seguirá esse rumo a abordagem que segue, de acordo com alguns conceitos e teorias que fundamentarão nosso trajeto sobre a crítica literária de Werner Zoltz, autor de uma produção literária iniciada num período tumultuado da nossa história - anos 70-, em que a repressão e o fechamento da década eram fatores que dificultavam falar sobre a realidade e principalmente escrever sobre ela.

---

3- LAJOLO, Marisa. *O que é literatura?*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.10-11.

4- LAJOLO. *Ibidem*, p. 17.

Entretanto, alguns autores sabiam que era chegado o momento de driblar a repressão, usar de ambigüidades e jogar com a possibilidade de vários níveis de leitura, explorar metáforas e a multivocidade, enfim, aguçar a ironia<sup>5</sup>, terra fértil para a literatura infanto-juvenil se expandir.

É dessa forma e nesse contexto que se dá a verdadeira sementeira de Zolt. Escritor consciente do seu papel de dinamizar a cultura, e comprometido com uma literatura emancipatória, garantindo ao jovem leitor condições de compreender o diálogo entre o texto e a realidade do momento. Demonstrando de que forma o autor desempenha seu papel social numa determinada sociedade, usando a linguagem como veículo para transmitir a sua ideologia sobre um determinado aspecto da realidade, no momento em que o emocionou. Tal posicionamento resulta num texto crítico que reflete as tensões sócio-culturais daquele momento, de acordo com a visão de Paulo Freire:<sup>6</sup> "linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto". Cabe lembrar aqui que, nos anos 70, as críticas ao poder representaram o pensamento dominante na produção da literatura infanto-juvenil, devido ao panorama político e social que vivia o país. E a técnica da paródia foi o recurso mais utilizado, por sua capacidade de inversão ou perversão daquilo que seria o texto original. Esta permite a ruptura com o tradicional, ao mesmo tempo em que mantém vivas as várias vozes do outro texto, a intertextualidade, resultando numa forma textual renovadora do exercício crítico a partir do estranho, de uma forma inversa ao real, que é a do sonho e a da imaginação, para denunciar fatos da realidade.

Foi nas décadas de 70-80 que os autores, ditos realistas-naturalistas, passaram a abordar temas antes considerados tabus para o público jovem. Os problemas sociais, psicológicos e físicos ganharam relevância, assim como a

---

5- Esse é o pensamento de muitos críticos do gênero infantil com relação ao contexto em que a mesma se desenvolveu e adquiriu emancipação, citando Glória Pondé, Lúcia C. Magalhães, Regina Zilbermann entre outros.

6- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1982. p.11-12.

separação dos pais, a morte, a sexualidade, os desequilíbrios ambientais, a marginalização do índio, o preconceito da cor, a violência, o folclore, os mitos, entre outros. Do ponto de vista literário, recursos como a intertextualidade, a paródia e a carnavalização contribuíram muito para a renovação da obra destinada ao público jovem. Mas os personagens ganharam tratamento no sentido da confiança, otimismo e principalmente coragem para superar os conflitos, e normalmente o autor privilegiou a narrativa de aventura ou suspense e a sátira, correspondendo à preferência de leitura entre os jovens.

Esse novo enfoque altera a relação entre o narrador e o leitor, pois

*opera-se uma crítica ao próprio ato de contar, através do fenômeno de 'desmascaramento do narrador' (...) o diálogo com o leitor funciona como mecanismo para desenrijecer o sistema passivo da recepção (...). A tradição consagrou a função do narrador (do gênero) como representante da voz adulta que simboliza as normas e convenções. À medida que se diminui esta distância, abrindo-se um diálogo com o receptor, a literatura infantil deixa de ser autoritária, levando o leitor a participar ativamente dela.*<sup>7</sup>

Só assim teremos a certeza de que a leitura é também ludismo, evasão e, muito mais que memorizar, ela deve levar ao prazer, aliado à contestação e criação de um novo texto. Principalmente se considerarmos que a obra não existe apenas em função de quem a produz, mas de quem a consome.

É também neste sentido que, nos tempos atuais, se fortaleceram propostas de leitura para o público jovem, sem a pretensão de submeter esse leitor a qualquer padrão pré-determinado, mas sim libertá-lo de tudo aquilo que oprime e molda de acordo com a vontade do adulto. Assim como o recurso de dar vez e voz a narradores e personagens crianças é freqüentemente utilizado por escritores modernos.

Num segundo momento, vale lembrar que as discussões relacionadas à atividade crítico-literária, a partir dos anos 60, passaram a fazer parte de um quadro

---

7- PONDE, Glória. *A arte de fazer artes: como escrever histórias para crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1985. p.163.

mais amplo, envolvendo acontecimentos políticos e intelectuais em nível mundial. Aliadas a esses acontecimentos estão as grandes mudanças relacionadas às investigações literárias, em que o meio universitário foi o mais atingido, com a contribuição dos movimentos de protesto estudantil na luta por questões que iam desde as discussões referentes aos currículos ultrapassados até a

*recusa vigorosa dos métodos de ensino da história da literatura, considerados tradicionais e por isso, desinteressantes.*<sup>8</sup>

Em 1967, o alemão Hans Robert Jauss,<sup>9</sup> estudioso da história literária, lança teorias inovadoras, que revolucionam a leitura. Entre suas propostas, está a preocupação com o leitor no processo da comunicação literária. Ele também denuncia, por meio de exposições em congressos, as metodologias arcaicas relacionadas à história da literatura que, por sua vez, estariam comprometidas com os padrões do positivismo. Segundo ele:

*urgia renovar os estudos literários e superar os impasses da história positivista, os impasses da interpretação, que apenas servia a si mesma (...), e os impasses da literatura comparada, que tomava a comparação como um fim em si. Tal propósito somente seria alcançável através de uma teoria da história que desse conta do processo dinâmico de produção e recepção, e da relação dinâmica entre autor, obra e público, utilizando-se para isso da hermenêutica da pergunta e resposta.*

Em sua aula inaugural na Universidade de Constança - em 1967, com *A história da literatura como provocação* Jauss apresenta as primeiras teorias sobre a Estética da Recepção, que se difundiram em pouco tempo e cuja maior contribuição terá sido o nascimento de um novo conceito de leitor, colocando-o como eixo, a partir

---

8- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989. p.9.

9- JAUSS, Hans Robert. "A estética da recepção: colocações gerais". In: LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.23. Ver também *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática.1994.

do qual se examinam as obras literárias. A partir de então o destino da obra passará a depender da resposta(recepção) do receptor (leitor)<sup>10</sup> ou seja, do modo de acolhida que este confere à obra, atrelado ao juízo estético que o leitor deposita na obra, através do chamado fenômeno literário ou da interação entre texto e leitor, capaz de desvelar os juízos críticos do texto, através do seu arsenal de vivência. O receptor não passivo interpreta/compreende o texto sob influência do seu repertório cultural, construído através de vivências anteriores, monitoradas pelo seu horizonte de expectativas, como também do contexto e momento em que a obra está inserida. Em função disso, no pensamento de Jauss, a obra é julgada pelo leitor, que constrói seu sentido, completando assim o ciclo defendido pela estética da recepção. Segundo ele, tanto a produção como a recepção, dentro do fenômeno da comunicação literária (que resulta de uma ação entre os três elementos-chave que são o emissor, a mensagem e o receptor), nunca foram bem esclarecidas, precisando portanto serem mostradas com maior aprofundamento e seriedade. Mesmo porque a estética de que fala Jauss não está relacionada somente ao belo, mas aos juízos de valor e (podemos acrescentar) ao prazer do texto, na expressão do crítico Roland Barthes.

Suas teorias vão mais além, ao atribuir ao leitor uma participação ativa também no processo de produção da obra, devido à sua responsabilidade na construção do sentido. Fazendo desse leitor "o lugar da construção do sentido", atribui a ele uma posição de co-autoria da obra, pela sua interferência junto ao destino da mesma. Tenha-se em vista que teorias um tanto radicais, defendidas por autoridades do meio literário, propõem uma troca da relação "literatura e leitor" para "literatura no leitor". Isso permite abrir questão quanto à propriedade autoral e textual, questionando se a fonte do sentido está alocada no texto ou no leitor. Assim, para alguns teóricos,

---

10- Em se tratando de uma obra direcionada ao leitor jovem, o papel que este desempenha no processo de recepção, nos dias de hoje, não é apenas no sentido de um leitor passivo de mensagens e ensinamentos, mas sobretudo um indivíduo ativo que aceita ou rechaça o texto, na medida em que o percebe vinculado ou não ao seu mundo, quando o livro não fala sua linguagem. cf. ZILBERMAN, Regina. "O lugar do leitor na produção e recepção da Literatura infantil". In: KHEDE, Sônia Salomão (org.). *Literatura Infantil: um gênero polêmico*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p.22.

*textos não são lidos, mas são criados pelos leitores porque as marcas textuais só se tornam visíveis a partir da experiência da leitura. Em outras palavras: leitores não interpretam textos, leitores criam textos.*<sup>11</sup>

O teórico francês Roland Barthes, que estrutura as mesmas idéias no celebrado texto "A morte do autor"<sup>12</sup>, defende o argumento de que a função do autor acaba no momento em que o texto foi escrito, cabendo, a partir daí, ao leitor descobrir as aberturas possíveis que o texto oferece através dos diálogos permanentes que acontecem entre essas duas entidades. Afirma esse ensaísta, em S/Z, (1980-p.43), que "ler não é um gesto parasita", mas "ler é um trabalho de linguagem", no qual o leitor tem função essencial:

*quanto mais o texto é plural, menos se escreve antes de eu o ler; não o submeto a uma operação prediativa (...) chamada leitura, e eu não é um sujeito inocente (...). Este 'eu' que se aproxima do texto é já uma pluralidade de outros textos, de códigos infinitos (...). Ler é encontrar sentidos...*

É neste ponto que reside o sucesso das teorias da estética da recepção, neste foco novo, na atividade dialógica entre texto e leitor, na interação entre os processos literários de produção e recepção, trazendo um perfil novo ao processo de leitura. Sem dúvida, elas fornecem subsídios para abrir discussões referentes à teoria da leitura e à história literária. Representam um visível progresso em relação às idéias formalistas de que o significado do texto deve ser buscado tão somente na forma ou conteúdo do texto. A estética da recepção vê a participação do leitor como fundamental na formação do significado.

---

11- VAZ, Paulo Bernardo. *Leitura e leitores*. Rio de Janeiro: PROLER, 1995.p. 09. Segundo o autor estas são declarações do Professor Stanley E. Fish, um dos representantes mais radicais do *reader-response criticism*: o movimento literário que defende a participação do leitor como decisiva no processo de interpretação do texto. Seus pressupostos se aproximam aos de JAUSS, por fazer o texto depender também de uma resposta do leitor.

12- BARTES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.65-70

Por outro lado, Jauss atenta para o efeito(prazer) que a leitura do texto proporciona, quando vivenciado como obra de arte. O leitor sente o gozo de um prazer fruidor e produtor de significado, liberando-se do papel de ser apenas um receptor passivo ou da relação com uma literatura de consumo, simplesmente.

De acordo com Regina Zilberman,<sup>13</sup> um dos princípios da sua conferência apresentada em Constança foi o de

*salvar a experiência estética de seus detratores e recuperar a validade do prazer decorrente, negada pelas recentes teorias da literatura, como condição de compreender o sentido e importância social da arte. Jauss não acredita que o significado de uma criação artística possa ser alcançado, sem ter sido vivenciado esteticamente: não há conhecimento sem prazer, nem a recíproca, levando-o a formular um par de conceitos que acompanham suas reflexões posteriores: os de fruição compreensiva e compreensão fruidora, processos que ocorrem simultaneamente e indicam como só se pode gostar do que se entende e compreender o que se aprecia (...) Para Jauss, o desprestígio do prazer estético determina a rejeição da arte por inteiro, conduta implícita em teorias que se recusam a aceitar a validade da experiência do leitor ou que a discriminam, encarando-a tão-somente como efeito da indústria cultural e dos produtos destinados ao consumo.*

Em sua análise, Jauss também situa a obra dentro de uma visão histórica, defendendo o envolvimento da história como decisivo para compreender um texto literário. Segundo ele, cada época tem as suas particularidades, fazendo com que os conceitos se modifiquem no decorrer do tempo, o que torna impossível ver a obra fora do seu contexto se, para cada momento ao longo da história, existe uma nova maneira de produzir literatura e o texto é sempre recebido e compreendido diferentemente por leitores de tempos diversos, acrescenta Jauss. Portanto, um texto produzido em determinado momento histórico pode merecer leituras diferentes em momentos históricos diversos, de acordo com o “horizonte de expectativa do leitor”.

---

13- ZILBERMAN, Regina. op. cit., p.53.

Para Bárbara V. de Carvalho,<sup>14</sup>

*a Literatura reflete sempre a sua época; por mais alienada que seja, reflete o clima em que foi escrita. Os aspectos conjunturais traem qualquer Literatura, e a Literatura infantil não constitui exceção, ao contrário, com o álibi da fantasia, ela transita livremente, colocando-se acima das censuras (...). A Literatura infantil de hoje, com suas novas implicações, caminha paralelamente com a Literatura tradicional.*

Por isso, se as obras são inspiradas nos acontecimentos daquele momento, conseqüentemente resultam num diálogo entre estas e a problemática da época e da sociedade que as produziu, fazendo compreender que a obra somente é recebida se houver a compreensão da pergunta à qual a obra é a resposta.

Defende-se também que o texto literário produz um código próprio para cada época. Esse código inclui critérios literários, ideológicos, morais e sociais, que serão utilizados para efetivar a comunicação entre o emissor (autor), a mensagem (o texto) e o receptor (o leitor), permitindo que a mensagem enviada pelo emissor seja decodificada pelo receptor, embora o leitor não esteja demarcado pela "intenção do autor". Pressupõe-se que os códigos existentes no processo da comunicação entre emissor e receptor sejam idênticos, apesar de ambos não pertencerem, historicamente, à mesma época. Isso ocorre pelo fato desses códigos estarem necessariamente presentes até mesmo no texto de vanguarda (inovador para sua época), pois sem eles não seria possível a interação com o leitor contemporâneo. Corresponde a uma fusão nos horizontes de expectativas, pelo fato de ter ocorrido a assimilação ou a compreensão do significado de uma obra considerada do passado e manter-se viva no presente. Isso não quer dizer que o autor sempre irá produzir a obra que o leitor espera, mas, se ele participa no processo de produção, é certo que, quanto mais inovadora for a obra, mais o autor pode esperar sobre o efeito e a permanência da mesma junto ao leitor no decorrer do tempo.<sup>15</sup>

---

14- CARVALHO, Bárbara V. de. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. São Paulo: Global, 1989. p.173.

15- ZILBERMAN, Regina. op. cit., p.56.



Por outro lado, a obra poderá ser rejeitada, se não for compreendida, quando a distância estética for acentuada demais. Mas isso não impede que em outro momento a mesma obra venha a ser assimilada pelo leitor melhor preparado.

É importante salientar que, quando nos referimos ao inovador, não queremos dizer necessariamente que se trata do novo, mas do diferente, que por sua vez

*pode ser o que permaneceu escondido ou reprimido, conforme faz Proust, cuja obra romanesca funda-se na recordação.*<sup>16</sup>

Ou então, de acordo com Genette,<sup>17</sup>

*o que parece novo muitas vezes não é mais que um retorno a uma forma abandonada desde sempre... semelhante à Moda: 'Tudo volta como as saias e os chapéus..' e o verdadeiro inovador ou criador não é aquele que inventa, mas aquele que descobre, e o critério de valor de uma criação não está em seu aspecto de novidade, mas, ao contrário, na sua antigüidade profunda: o melhor dentro do novo está naquilo que corresponde a um desejo antigo.*

Portanto, o autor da obra de vanguarda desperta (ou liberta) o leitor adormecido num contexto viciado, renovando sua percepção através de uma visão moderna e mais abrangente da realidade. Até porque o valor estético está justamente no diferente, naquilo que surpreende o leitor, enfim, no estranhamento causado pela obra, para lembrar a teoria de Schklowski . Atualmente, o estranho não é visto como estranho, porque se caiu numa demasiada rotina. É preciso cair novamente no estranhamento para sentir o prazer estético, pois o ideal é que o texto literário vá além da expectativa do leitor, embora alguns especialistas advirtam que somente uma grande obra de arte supera este horizonte.

Outro aspecto a ser considerado dentro da obra literária diz respeito à ambiguidade entre o real e a ficção, que a mesma pode representar, embora isso

---

16- Op.cit., 56.

17- GENETTE, Gérard. Figuras. São Paulo: Perspectiva, 1972. p.250.

somente seja possível na forma transfigurada, ou seja, uma recriação da realidade de forma poética.

No caso da Literatura Infantil abemos que

*mesmo na mais aparente fantasia podemos encontrar elementos subjacentes de nossa realidade, expresso numa linguagem simbólica, transformada.*

*Nada que se escreve é gratuito ou ingênuo, porque pressupõe um sentido e uma posição diante da vida, pois sem isso, o texto se torna amorfo e de inútil identificação.*<sup>18</sup>

Por esse mesmo viés, Eliana Yunes também acredita que, pela sua natureza social (uma vez que pressupõe sempre um leitor),<sup>19</sup> na literatura infanto-juvenil há um pacto ainda mais forte entre autor e leitor, exigindo um certo limite em termos de vocabulário, organização e seleção, e até mesmo no diálogo com o leitor.

Para a criança, o processo psíquico de identificação é ainda mais forte; daí a necessidade de o escritor ter consciência plena do seu ofício. Os papéis propostos pelos personagens são vividos pela imaginação infantil com a força de um drama real. Desse modo, o texto ajuda-a a reelaborar o real sob a forma do jogo e da ficção, sendo que o próprio discurso do gênero se dá com a fusão entre o sonho, a fantasia e o real.

Sendo assim, o autor que cria um texto com o objetivo de conformar o leitor ou impor-lhe normas de conduta está tomando uma atitude arbitrária com este leitor, como também subestimando a capacidade de crítica do mesmo. Mas, para que a obra seja emancipatória e aberta, segundo Yunes, é preciso que contenha uma multiplicidade de pontos de vista, que brotem do texto e dos personagens, que permita liberdade ao leitor em relação ao texto, uma vez que ele é quem julga o valor da obra e não o representante do autor, o narrador.

---

18- YUNES, Eliana op. cit., p.40.

19- No caso da literatura infanto-juvenil, está com sua gênese comprometida diretamente em atender o horizonte de expectativa de um leitor específico, classificado por faixa etária, acreditando ser muito fácil de agradá-lo. O que na maioria das vezes não acontece.

Outro adepto das teorias que envolvem a obra e seu meio é o crítico Nicolau Sevcenko,<sup>20</sup> quando se manifesta, argumentando que

*fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais?*

Enfim, sabe-se que, ao longo da nossa história, diversas correntes de pensamento se debruçaram em torno da questão que envolve literatura X sociedade X história. Porém, houve pouco interesse pela gênese da literatura, seu conteúdo e sua relação externa ao texto juntamente com a evolução do significado do texto que, por sua vez, depende do aval do público. Mas parece que tudo o que foi dito desemboca num mesmo destino: a produção literária está decididamente condicionada pela ordem social, e

*quem não pensava dessa forma era visto como alienado, alienígena, e definitivamente proscrito da legião dos escritores consagrados, pesando sobre estes a grande acusação de desconhecer a própria nação.*<sup>21</sup>

Na mesma direção, outros teóricos atribuem ênfase ao fato de que é na literatura de um povo, de uma época e de uma língua, que se recolhem os instrumentos para fazer a história literária. Por isso a importância de estudar formas

---

20- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural da primeira república*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 20.

21- VELOSO, Mônica Pimenta. "A literatura como espelho da nação". In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: 1988. nº2, p. 239.

populares da literatura oral, recolhidas por historiadores,<sup>22</sup> retomando assim a atualização de que a história literária necessita.

Entretanto, as teorias da recepção revolucionaram os métodos de leitura que atualmente assumem um significado tanto literal quanto metafórico, havendo uma reação contra as formas prontas ou acabadas, exigindo participação maior do leitor, no sentido de perceber as lacunas e as aberturas possíveis que o texto oferece, orientado por suas vivências e códigos, considerados pré-requisitos para o diálogo e a efetivação da obra.

Essa teoria é reforçada nas palavras de Antônio Cândido:<sup>23</sup>

*o público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador.*

Também não é mais possível, atualmente, chegar à crítica, passando pela análise do texto enquanto criador, sem haver fruição, sem que o leitor se posicione diante desse texto, através da razão e da emoção. Não se trata de mero sentimentalismo, mas se é verdade que no ato da leitura o leitor se torna "co-autor" do texto, sua reação não pode meramente se confundir entre os "achismos". Por isso, a importância do conhecimento do mundo, através do arsenal de vivências ou da "enciclopédia" de que fala Humberto Eco, indispensáveis para a formação do juízo crítico. Entretanto em nenhum momento, por maior que seja seu conhecimento literário, o crítico está legitimado para emitir sua opinião como se apenas ele detivesse a forma correta de abordagem.

Por outro lado, a função da crítica brasileira, até a década de 80, era em grande parte exercida por pessoas que tinham suas atividades junto aos jornais, por isso eram responsáveis pelos conteúdos veiculados.

---

22- Essas considerações podem ser melhor compreendidas com a obra de Robert Darnton . "O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa". Especialmente o capítulo: "Histórias que os camponeses contam: o significado de mamãe ganso". Rio de Janeiro: Graal, 1996.

23- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1976. p.38.

Affonso Romano de Sant'Anna,<sup>24</sup> em linguagem direta, diz que a crítica já esteve mesclada com a boemia, pois confundia-se análise da obra com comentário sobre a vida do autor. Isto porque os escritores ocupavam espaços que hoje ocupam os atores de televisão e jogadores de futebol. Alguns críticos conseguiram "mostrar um caminho mais sério, mais técnico, menos diletante". Entre eles estão Mário de Andrade e Tristão de Athayde.

Mas a crítica somente encontrou seu espaço com o aparecimento dos "suplementos literários", em que onde os jornais de todo o país abriam espaço para a literatura. Para Sant'Anna, o jornalismo era o laboratório onde todo o escritor, de uma forma ou de outra, se envolvia.

Foi então que a universidade, em fase mais recente, abriu-se para a crítica em geral, mais especificamente os cursos de pós-graduação.

Recentemente, pode-se dizer que a crítica sofreu e sofre modificações em função da transformação ou desaparecimento dos chamados "suplementos literários", e é o próprio Sant'Anna quem considera a resenha como decadência dos jornais brasileiros, a partir de 1964. Para ele, somente em meados de 1979<sup>25</sup> acontece o renascimento de um jornalismo cultural, momento em que se começa a respirar os ares da abertura democrática e, com isso, o retorno de bons escritores exilados, dispostos a desabafar, resultando numa larga produção de obras com estilo crítico.

Essa é uma questão fundamental e de extrema relevância, quando se trata de analisar a crítica de uma obra literária. O histórico da mesma não deve jamais ser ignorado, quando a maioria dos teóricos da área afirmam que todo texto é datado e inserido em um contexto histórico. E se o crítico é, antes da mais nada, um leitor, certamente é um leitor historicamente contextualizado e com uma filosofia de vida, por deixar sua marca registrada a respeito do texto, ou seja, sua forma individual de

---

24- SANT'ANNA, Affonso R. de. "Uma intervenção prática na questão da crítica e da teoria literária". In: DIAS, Ângela. *Rev. Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda. jan-mar. 1980. p. 68-78.

25- Este foi o ano de lançamento do primeiro livro de Zotz que mereceu maior atenção por parte da crítica, embora o desabafo do seu retorno tenha sido com **Semeadura**, em 1978.

julgar. Um julgamento que pode se apresentar sob vários aspectos: desde a crítica objetiva, de forma prática e direta, até a crítica impressionista, em que predomina a emoção. Entretanto, alguns ensaístas condenam a crítica impressionista, justamente por considerarem a crítica como um julgamento ou apreciação, e como tal, o crítico deve sair de si mesmo e fazer viver nele o autor por meio de uma fusão com o outro,

*assimilar a obra como se fosse sua. Porque a crítica é uma reação. E quanto mais vivamente nos faz reagir uma obra, mais fundamente terá penetrado.*<sup>26</sup>

Por outro lado, há os que preferem atribuir ao crítico o papel de mediador na recepção da obra literária, por ser essencialmente um leitor real, histórico. Logo, faz a mediação no sentido de explicar as relações da obra com a história, julgando por meio do seu sistema de valores, ou seja, a partir do seu ponto de vista naquele momento.

É dessa forma que

*a obra literária está permanentemente aberta, através do tempo, a diferentes leituras criadoras e cada momento histórico realiza sua atualização da mensagem, superando a dimensão exclusivamente sincrônica.*<sup>27</sup>

Entretanto, se é possível aceitar que a obra determina o comportamento do crítico, também é importante salientar que nenhuma obra literária se esgota numa única análise. Por isso, a tarefa crítica exige um saber capaz de ver a fundo a obra, de ler aquilo que as palavras escritas exprimiram, mas não disseram de forma explícita, desvendar a trama do texto, conhecer avesso e direito da tessitura da linguagem, descobrir nas entrelinhas o interdito, o subentendido. Lembrando Barthes, anteriormente citado: um texto oral ou escrito é um campo de significações, cuja garantia de comunicação é dada por um certo lastro comum da experiência

---

26- COUTINHO, Afrânio. *Tristão de Athayde, o crítico*. Rio de Janeiro: Agir. 1980. p.29.

27- JOZEF, Bella. "A questão da crítica em questão". In: DIAS, Ângela. *Rev. Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda. Jan-mar. 1980. p.89.

humana. Assim, quanto maior for o conhecimento/saber, mais produtiva será a leitura. Isso se aplica igualmente ao texto literário e ao texto crítico, pois todas as formas de leitura/interpretação ganham legitimidade desde que apresentem uma relação com o texto base. É necessário deixá-lo falar, de forma que, por meio da crítica, haja a ressurreição e ampliação da obra original, mas sem distanciá-la do seu contexto sócio-cultural.

Nesse sentido, Bella Jozef reforça, argumentando que,

*pode-se ver na obra literária um simples documento relativo a um período histórico; pode-se conceber o elemento social como explicação da solução estética; pode-se pensar numa dialética entre ambos pontos de vista: a obra como fator estético e a sociedade como contexto explicativo.*<sup>28</sup>

Neste “debate”, é possível adentrar na relação entre literatura e jornalismo (tônica da maioria dos documentos tomados para análise) e como a crítica concebe os conteúdos veiculados pelo jornal. Entre eles, o compromisso do autor da notícia com a veracidade do fato publicado, por exemplo. Temos o depoimento do crítico Antônio Olinto,<sup>29</sup> que vê no jornalismo o trabalho de um verdadeiro “arquiteto literário”, que precisa manter o leitor informado e compreender a informação relatada. No entanto, o jornalista e o romancista têm responsabilidades diferentes ao balancear verdade *versus* imaginação.

Em jornalismo, diz o escritor, um único fato falso prejudica todo o trabalho. Já em ficção, um único fato verdadeiro dá legitimidade ao trabalho inteiro. Esta é a única diferença e ela repousa no compromisso do escritor. Um romancista pode fazer qualquer coisa que queira, contanto que faça com que as pessoas acreditem.

Sob outro ponto de vista, o crítico Lauro Junkes<sup>30</sup> avalia que, sendo a obra literária o centro e a razão de ser da crítica, o relacionamento entre o crítico e a obra

---

28- JOSEF, Bella. *ibid.* p.90.

29- OLINTO, Antônio. “Jornalismo e literatura”. In: BIANCHIN, Neila T. R. *Romance-reportagem: onde a semelhança não é mera coincidência*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1997. p.47-48.

30- JUNKES, Lauro. *O mito e o rito*. Florianópolis: UFSC, 1987. p.12.

deve ser o mais direto possível. Mas é necessário que haja um distanciamento do autor, para evitar julgamentos distorcidos. Ele diz ainda que o crítico deve guiar-se mais pela razão que pelo sentimento. Em contrapartida, Junkes admite que o impressionismo crítico, tão combatido pelos formalismos críticos, nunca será de todo superado, pois o ponto de partida de todo julgamento crítico será sempre uma impressão que a leitura da obra causou em nosso espírito.

Além disso, sua posição em relação ao que consiste a crítica é a de que,

*criticar consiste essencial e basicamente em ler; todo leitor consciente é um crítico. Sem leitura e leituras, a atividade crítica assumiria ares de absurdo. Antes de criticar, torna-se imprescindível conhecer e compreender a obra, o que só é possível através da leitura.*

Outra questão importante a ser considerada pelo pesquisador envolvido com a tarefa crítica é a sua função formadora. O texto crítico representa uma referência, no sentido de revelar as tendências culturais do momento, ao apontar caminhos de leitura que influenciem ou ofereçam subsídios para formar ou modelar uma tradição cultural. A mesma importância se dá no momento em que o comentário do crítico serve para definir a expectativa do leitor, sendo ele (o crítico)

*ao mesmo tempo o responsável pelas condições que vão contribuir na formação do sistema de valor de um texto e é ele mesmo uma resultante desse processo, já que ele é essencialmente um leitor.*<sup>31</sup>

Aceitamos também que o texto crítico se apresenta como intermediário entre a obra original e o leitor, dinamizando a interação entre ambos e influenciando tanto na recepção como na compreensão da obra analisada, e, à medida em que o texto encontra ressonância positiva sobre o leitor, dizemos que serviu para identificar as expectativas daquele momento. Apesar de que, em se tratando de um leitor jovem, pela falta de informação e orientação do que ler, o comentário do crítico não

---

31- PEREIRA OLIVEIRA, Maria Marta L. *A recepção crítica da obra de Marcel Proust no Brasil*. Porto Alegre, UFRGS, 1993. 450p. tese de doutorado. p.14.



representa uma opinião decisiva na indicação e seleção de leitura, segundo opinião de alguns teóricos envolvidos com o gênero infanto-juvenil. Embora polêmica, essa colocação se fez necessária para demonstrar diferentes formas de influência exercida pela crítica, diante de cada público em particular. Até porque não existe um tipo de leitura para cada jovem; o que se pode é estimulá-lo a ler mais, pela dificuldade em dirigir-se à uma faixa etária que normalmente não sabe o que quer. O que se sabe de definitivo é que o jovem busca uma espécie de herói, que se identifica com aquilo que ele gostaria de ser. E no caso as narrativas mais procuradas, são as que trazem meninos como heróis das histórias, ocorrendo a identificação entre personagem e leitor.

Normalmente, para o jovem, a aventura é a saída para determinadas situações como nas selvas, lugares desertos, enfim... . Por isso a dita “literatura fácil” tão rejeitada pelos críticos circunspectos, do tipo feito por Cronin, Érico, Jorge Amado entre outros, foi sempre eleita pelo jovem porque a sua leitura era efetivamente mais compreensível e sobretudo mais apaixonante... que as histórias de amor...eram a continuação direta da leitura dos contos de fadas, com sua visão maniqueísta e suas propostas arrebatadoras quando o jovem também se propõe a salvar o mundo e estar ao lado das forças do bem, tenha a conotação que tiver o bem, entende a estudiosa dos problemas infantis, Fanny Abramovich. Além do mais,

*.... as leituras de biografias, diários e equivalentes de relatos de vida, são paralelas à procura de caminhos de vida próprios e não estão presentes em casa ou no ambiente próximo (...), mas que, rompendo com os códigos de sua época, abriram novas possibilidades, que é o caminho que o jovem também procura (romper, quebrar, sair, repropor tudo e voltar vitorioso ao seu lar tão incompreensivo...)*<sup>32</sup>

Ainda em relação ao efeito que o texto crítico exerce sobre o público, é importante recorrer à opinião de pesquisadores do meio infantil e juvenil e atentar para seus posicionamentos, quando se manifestam sobre os comentários do meio

---

32- ABRAMOVICH, Fanny. *O estranho mundo que se mostra às crianças*. São Paulo: Summus, 1983. p.56-57.

jornalístico sobre o gênero, sempre considerando as particularidades de cada público, gênero e seus objetivos.

Um estudo realizado por Maria da Glória Bordini<sup>33</sup> mostra que, em meados das décadas de 70 e 80, houve uma modificação no modo de refletir sobre a criação para a infância, influenciando a atividade crítica do gênero, resultando numa "reviravolta" sobre a questão formadora para questão estético-ideológica. Estes dois pontos eram os mais abordados pela crítica exercida em jornais desde então. Segundo a pesquisadora, o resultado do estudo mostrou que os principais nomes, dentro do atual panorama crítico em literatura infantil, avaliaram prioritariamente o papel educativo do livro infantil, na crítica publicada pela imprensa. O mesmo não ocorreu com "textos teórico-críticos" no meio universitário, encontrados em suplementos literários ou livros, que se preocuparam em analisar os "recursos expressivos" das obras e as suas implicações ideológicas construída através deles.

Para a pesquisadora, essa diferença de abordagem revela os extremos que as posturas críticas podem atingir desde 1970:

*será o divisor de águas entre os juízos emitidos via imprensa, destinados a atingir o grande público, e aqueles que apareceriam nos estudos universitários, mais interessados no objetivo de investigação do que no efeito que este poderia ter sobre o comprador.*

Assim, as diferentes formas de crítica são determinadas pela destinação que recebem: uma visa ao consumidor, a outra ao estudante ou ao estudioso. A jornalística se vê compelida a utilizar o discurso cotidiano, a omitir a terminologia técnica, a dourar a pílula e a ignorar argumentações, se deseja afetar o futuro comprador. A acadêmica, sem tornar-se incompreensível ao leitor médio, não hesita em empregar as teorias da ciência literária para explicar as obras e, não tendo compromisso com a promoção da produção editorial ou autoral, prefere deter-se sobre a obra em si, acompanhando sua construção e apontando defeitos ou

---

33- BORDINI, Maria da Glória. "Crítica e literatura infantil nos anos 70 e 80". In: *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p. 95-109. Todas as referências/citações no decorrer dos relatos a respeito da autora pertencem a este artigo.

perfeições. A relação emocional fica a inteiro cargo do leitor, cabendo ao crítico apenas ajudá-lo a perceber os porquês de suas possíveis reações, sem todavia orientá-las.

O texto crítico publicado em jornais, em vista disso, pode ser delineado como a formulação de um juízo de valor, em que influem, além do material proporcionado pela análise (frequentemente ausente) da obra, as vinculações do crítico com os escritores e editores e uma inclinação tácita a aumentar a vendabilidade do produto destes.

Entretanto, Bordini admite que nem sempre o valor da obra é feito nestes termos. Possivelmente se encontram algumas "tentativas de honestidade" para o consumidor visado, acontecendo nos casos em que a crítica é realizada sem nenhuma intenção de proteger o autor. Mas são muito raros aqueles que "ousam expor defeitos", por não enxergarem ou fazer por se desculparem diante de um escritor célebre, ou ao estímulo a um estreante "pela ênfase no que faz bem, ao invés de também tomar conhecimento dos momentos em que fracassam".

Ela declara também que, a julgar pela média dos textos críticos publicados nas décadas em questão, a literatura infantil brasileira está entre as mais eficientes, estimulantes, perfeitas, enfim, do mundo contemporâneo, e o comportamento da crítica ora descrito se afigura como uma continuação previsível do comportamento consagrado em décadas anteriores, caracterizando outro aspecto peculiar do pensamento valorativo brasileiro. Apesar de se utilizar todo tipo de estratégia para impressionar o leitor e atraí-lo para a compra do livro, um recurso bastante utilizado era usar o sucesso do autor, através de prêmios alcançados. Mais raramente a crítica adotava as comparações com outras obras de autores de literaturas diversas, entende a autora.

Verificamos que as questões aqui abordadas traçam um perfil da crítica praticada na imprensa nos anos 70-80, mas a pesquisadora admite que podem não ser conclusivas, devido à pequena amostragem de textos tomados como referencial, pelo que dever-se-ia efetuar um levantamento com percentuais mais significativos.

Bordini acredita, ainda, que o impasse entre fazer uma crítica que vise à criança ou ao adulto, este na pessoa dos pais ou professores, é um falso obstáculo e

não justifica a ambigüidade das formulações. O leitor atingido pela crítica, jornalística ou não, dificilmente será o infantil (o qual se manifesta e é respeitado, por vezes, nos suplementos para crianças dos jornais mais poderosos). Em vista disso, cabem as valorizações dirigidas ao leitor adulto, responsável pela disseminação do livro junto aos pequenos.

Cabe aqui citar, como oportuna, a advertência de Roland Barthes<sup>34</sup> de que o discurso do crítico não tem o direito de sobrepor-se a qualquer outro discurso da sociedade, se considerarmos que os mundos de sentidos do autor e do crítico estão sempre historicamente situados. Por isso a prática crítica é histórica, voltada não para a prática do que é verdadeiro, ou bom, ou belo, mas para validar o discurso do autor.

Seguindo na trilha da crítica jornalística, outra questão levantada por Fausto Cunha<sup>35</sup> é a de que o leitor em geral não pode exigir abordagens complexas nos artigos para a imprensa e no relacionamento do leitor com o jornal ou revista:

*o importante é e será sempre a obra, e não o que o crítico diz.  
Não deve ser um relacionamento frustrante, se a crítica é uma  
leitura, sua função é deflagrar as leituras possíveis.*

Poderíamos nos estender ainda mais diante dessa questão, em vista das controvérsias que a norteiam, mas vamos nos restringir a encerrar o capítulo sob a consideração de que o texto crítico consiste num instrumento capaz de expressar os valores culturais e literários do momento e contexto a que pertence. Assim, com apoio nos princípios relatados, faremos a tentativa de analisar as relações entre a obra de Zotz e a crítica, em sua maioria jornalística, que servirá como instrumento de trabalho de pesquisa, sem nos atermos à dúvida se o texto de jornal é ou não o mais indicado para se formular um juízo da obra citada. E tampouco questionarmos o teor do conteúdo dos mesmos, juntamente com os reais objetivos de sua publicação. Tenciona-se proporcionar ao público em geral a oportunidade de conhecer a

---

34- BARTHES, Roland. *Ensayos críticos*. Barcelona: Seix Barral, 1967. p.304.

35- CUNHA, Fausto. "Crítica literária: reflexões da práxis." In: DIAS, Ângela. *Rev. Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda. jan-mar. 1980. p.61.

verdadeira obra de arte do escritor catarinense, de acordo com a recepção que teve. Autor de uma literatura sem idade ou para jovens, não importa, apenas lembrando que o público somente aplaude uma obra quando ela expressa e satisfaz seu anseio. E Zotz já agradava nos anos 60, quando seu primeiro livro publicado atingiu uma surpreendente tiragem de exemplares em apenas um ano.<sup>36</sup>

Aos dezenove anos, já havia no jovem escritor catarinense a necessidade de repensar uma nova consciência de mundo, diante da realidade em que o país vivia, e foi através da obra que ele transmitiu esse pensamento. Enquanto alguns intelectuais contam suas experiências do exílio, Zotz denuncia as injustiças, através de um estilo que muito nos inquieta em particular.

Assim, de maneira imparcial, faremos uma análise inserida no contexto histórico-literário, entre as décadas de 70 e 80, para então decifrá-las dentro das nossas metas pré-estabelecidas.

---

36- Segundo informações do próprio autor em entrevista pessoal.

## 2 – QUEM É WERNER ZOTZ

### 2.1 - a vida

"Um homem sem artifícios e de hábitos simples", assim o próprio autor se qualifica; em entrevistas e comentários pessoais em seus livros.

Nasceu em Indaial, no dia 10 de março de 1947, porém mudou-se com três meses de idade para Rio Negrinho, onde também não tem ligações com o local.

Atualmente, reside em Florianópolis, é casado e tem duas filhas, com 28 e 24 anos respectivamente, um filho com 27 anos.

Wener Zotz, é um escritor aplaudido pelo público e premiado pela crítica, conhecido a nível nacional, porém pouco divulgado no Estado de Santa Catarina, local de nascimento.

Provavelmente isso se deve ao fato de estar ligado ao Paraná, desde seus dezenove anos, quando foi cursar a faculdade em Curitiba. Ingressou cedo na vida literária, escreveu quatro livros infantis: **Turuna e Balão de Cor** em 1967, **Elisa e Ciranda de barquinhos**, publicados pelas *Edições Paulinas* no ano de 1968. Todos eles foram recolhidos pela repressão militar, sob o pretexto de despertar o pensamento crítico na criança e no jovem, o que por si só caracteriza eficiente recepção por perturbar os que detinham o poder, com suas críticas.

Ainda em 1968, Zotz foi professor do Colégio Estadual do Paraná, sofreu inquérito administrativo, mais revestido de caráter político, o que provocou sua demissão do emprego. Após isso, escreveu mais três livros infantis, que não chegaram às livrarias, porque tiveram a edição original totalmente destruída pelos próprios militares. Os três faziam parte de **Terra dos meninos vermelhos**, sendo que dois deles eram seqüência deste primeiro, como se fossem capítulos. Era a história de Jesus Cristo menino, como se vivesse hoje nessa terra dos meninos vermelhos.

Até 1970, passou grande parte da sua vida em cadeias. Ao sair, preferiu morar temporariamente na cidade catarinense de Joinville, pois ainda se encontrava

na condição de exilado. Passado algum tempo, ele optou por residir em vários lugares e exercer diferentes profissões, como publicitário, decorador, enfermeiro de índios, jornalista e comerciante.

Devido à sua paixão pelo mar, em 1976, decidiu morar no litoral do Paraná, por sentir os "ares da abertura". Voltou a escrever (em 1978) e passou a viver daquilo que escrevia, mesmo vendendo seus livros "de porta em porta, pessoalmente".

Sempre demonstrou preferência por morar em cidades pequenas, para ter mais tempo de fazer o que gosta: ler, pescar, escrever, receber os amigos, levar a vida da maneira mais simples possível

Mas foi em 1978, ao iniciar a segunda fase como escritor, que Zotz estourou em vendas, prêmios e sucessivas reedições de seus livros, que foram traduzidos para o espanhol, italiano, alemão e francês, tornando-os conhecidos a nível mundial, devido aos prêmios recebidos. Estão entre os títulos traduzidos: **Apenas um curumim**, **Barco branco em mar azul** e **Rio liberdade**.

Atualmente ele dirige as Revistas **Mares do Sul** e **Espírito de aventura**, esta lançada recentemente, trata do eco-turismo da Região Sul do Brasil, com sede em Florianópolis e representações nos demais estados da região Sul do Brasil, em Brasília e também no exterior.

Atraído por um forte espírito de aventura, entre os seus projetos de vida está a idéia de possuir um veleiro e velejar até a Polinésia, permanecendo por lá sem um período determinado da sua vida.

## 2.2 - A obra

Considerando o fato do escritor Werner Zotz não ser muito conhecido no meio acadêmico, torna-se oportuno um breve resumo da sua obra, para situar o leitor, assim como conhecer algumas características do seu trabalho.

Após longo período afastado da atividade literária, Zotz retorna com **Semeadura**, publicado em 1978. Trata-se do seu único romance, em estilo de reportagem, onde retrata, na primeira parte, histórias geradas por contínuos conflitos entre posseiros e os grandes proprietários de terras no norte do país, como também a maneira desleal com que as grandes empresas se tornam proprietárias de áreas extensas, devido os incentivos fiscais.

Na segunda parte, o romanceamento da reportagem, desenvolve uma história envolvendo um padre e seus conflitos interiores, relacionados ao abandono da vida religiosa, causados por pressões familiares, mais especificamente as chantagens emocionais da sua mãe, que se recusava a quebrar os princípios religiosos e aceitar a renúncia do filho.

A segunda obra, intitulada **Barco branco em mar azul**, do mesmo ano de 1978, conta como um velho homem do mar, acompanhado de um barco e uma gaivota, surgem, de maneira misteriosa num pequeno vilarejo de pescadores. Ninguém soube explicar como foi que o barco chegou, uma vez que ninguém viu. Alguns "entendidos" falavam em assombração, em navio fantasma. Então o menino Geraldinho, cheio de curiosidade, resolveu investigar o que havia naquele barco cheio de mistérios, ancorado no meio da baía, causando medo aos adultos...

No ano de 1979, aconteceu a publicação de **Apenas um Curumim**, com o qual ocorreu a explosão do autor que, a partir daí, passou a ser divulgado, juntamente com os títulos anteriores e posteriores por toda a imprensa nacional.

O livro conta a história de uma tribo indígena, destruída pelo homem branco, o caraíba, tendo o velho pagé Tamã e o menino Jari como únicos sobreviventes.



Conta como "o índio foi ficando com vergonha de ser índio", e como a terra e a natureza foram morrendo em consequência desses atos.

O velho índio, com apenas um fio tênue de vida, ensina ao menino curumim a encontrar sua verdadeira identidade e ir em busca do povo irmão, ainda não contaminado pelo homem branco. Ele morre no momento em que sentiu que o menino curumim "ouviu a voz de dentro" e se tornou índio de verdade. Acreditando que daí para diante o menino estaria a salvo.

Zotz lança seu quarto livro, **Não-me-toque em pé de guerra**, em 1982: aqui desenvolve uma sátira sobre a vida monótona da pequena cidade de Não-me-toque, onde os políticos e assessores têm como preocupação maior os seus próprios interesses.

Acontece um fato estranho, em que dois humildes pescadores são surpreendidos por um "monstro", ao retornar da pescaria. O fato é narrado às autoridades, que optam por mantê-lo em segredo, evitando espalhar o pânico entre a população e os turistas. Ao mesmo tempo, reforçam a vigilância, temendo possíveis ataques por parte de pessoas consideradas subversivas, que se encontravam no exílio, devido ao regime militar.

Somente a habilidade de um menino, filho de ex-exilado, teve a capacidade de desvendar o mistério ...

**Mamãe é mulher do pai**, publicado em 1983, engloba três histórias numa mesma obra, focalizando o dia-a-dia da criança, seus conflitos e fantasias, como também seu relacionamento com os adultos.

Aborda as principais questões relacionadas ao sexo, tão reprimidas na infância.

Seu sexto título, **Rio liberdade**, de 1984, conta a história do menino Moreno, filho de ex-exilado, lutando sozinho na tentativa de fugir de uma tia, que ganhou sua custódia no juizado de menores, após a morte dos pais, interessada exclusivamente na posse das terras, no Mato Grosso, onde sempre contrabandeou peles de animais

e contratava capangas para o extermínio desses bichos. O menino foge e trava uma luta no rio do pantanal, conseguindo denunciar o fato às autoridades, que entregam sua custódia a uma tia de boa índole, que mora no pantanal.

No ano de 1983, Zotz, participou, ainda, de uma coletânea de contos literários, organizada pela crítica e escritora infantil Fanny Abramovich, sob o título: **O mito da infância feliz**, abordando questões, através de depoimentos, sobre qual a verdade em questão quando se afirma que a infância é um período tão feliz. Em **As noites eram longas**, Zotz ajuda a desmistificar este mito da infância feliz, que hoje exige profundas reflexões.

Crescendo a cada obra, Zotz lança em 1986 **Garnisé gabola acabou gabiru**. Recheado de saudosismo e crítica, conta como chegou, primeiro que todo mundo, no galinheiro recém-construído, o garnisé, um galinho que se considerava o melhor de todos lá dentro, fazendo tudo que tinha vontade, sem se importar com os maus tratos aos filhotes que cresciam e também queriam mostrar que sabiam cantar tão forte quanto ele. Foi quando uma turma de meninos, que estavam de férias na fazenda, resolveu aplicar-lhe uma lição: pintaram o garnisé de azul. Os outros frangos e galos, que, até então, morriam de medo do garnisé, reagiram, pois não o reconheceram. Foi a oportunidade da vingança para dar a tão esperada e merecida coça.

**O Livro que te quero livre** -1986, feito em co-autoria com a professora Sueli Cagneti, transcreve, na primeira parte, uma longa entrevista de Zotz, concedida a estudantes, jornalistas e críticos, que se ocupam das diversas áreas do conhecimento. Na segunda parte do livro, a professora Sueli aborda métodos inovadores, relacionados ao tratamento da literatura em geral, próprios para professores de primeiro grau.

Afastado por um período de seis anos, Zotz retorna com **Presente de um domingo chuvoso**, em 1992, trazendo com ele o mesmo apego aos animais e, com muito lirismo, retrata o carinho de Carolina e Henrique pela cachorrinha Pipoca.

Mostrando a possibilidade de uma harmoniosa convivência entre homem e bicho, mesmo em espaços limitados. Através de um relato emocionante, o autor mostra, de forma sábia, que o cão é o melhor amigo do homem, quando é amado e, ao contrário do que imaginamos, ele também reconhece quando é rejeitado.

## 2.3 - O Pensamento

Em se tratando de trabalho de pesquisa, não poderia faltar um espaço dedicado ao autor, sua maneira de pensar e escrever literatura infantil e juvenil, sobretudo quando se trata de um público dito "menor", mas com exigências maiores.

A contribuição do escritor catarinense àquela que parecia "literatura fácil," durante décadas, é propriamente impossível de ser reduzida à um capítulo, aos títulos publicados ou às premiações que teve.

Werner Zotz é um escritor diferente, porque escreveu diferente, levado por uma forma de pensar diferente sobre o público que o apaixonou. Ele esteve junto ao leitor, discutindo pessoalmente o seu trabalho, nos mais diversos lugares, entre escolas, palestras, seminários, conversas com professores e o mais importante: dialogou com todas as idades através das histórias da sua história.

Zotz falou da infância, das experiências vividas enquanto criança e enquanto adulto, dos mundos em que viveu e aprendeu. Trouxe, de maneira sábia, para dentro da obra, aquilo que o leitor curioso quer saber do seu autor preferido. Enfim, a partir deste item, o leitor interessado terá oportunidade de conhecer um pouco mais daquele que muito inquieta o público com sua especial maneira de pensar e escrever.

As questões aqui abordadas serão extraídas de vários documentos coletados durante as pesquisas e, em especial, do trabalho realizado através de **Livro que te quero livre**, onde se encontra a essência do pensamento do autor, através de uma coletânea organizada pela professora Sueli de Souza Cagneti, porém não será considerada a ordem cronológica.

As opiniões do autor são retiradas de:

- Revista Perspectiva, nº 4, jan-jun. de 1985, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina;

- Entrevista concedida a José Antônio Baço, publicada no jornal *Diário Catarinense*, em 01 mar. 1987, Florianópolis;
- Texto de Maria Goreti Gomes, jornal *A Notícia* de Joinville, em abril de 1983;
- Comentário de Izabel Drulla Brandão, publicado no *Diário Catarinense*, em 05 de maio, 1986.

Gostaríamos de salientar que, além destas, Zotz participou de inúmeras entrevistas nos lugares em que se fez presente, convidado para eventos literários em geral, sempre tratando das mesmas questões. Isso nos levou a não considerar a totalidade dos documentos, utilizando apenas as manifestações consideradas de maior relevância.

Primeiramente, quanto à posição de Werner Zotz sobre a existência de uma literatura infanto-juvenil, o autor acredita que existem hoje, no Brasil, muitos e bons livros escritos para crianças e jovens que merecem a classificação de literatura, de arte, e "a literatura infantil brasileira é uma das melhores do mundo. O prêmio Hans Christian Andersen, que equivale ao Nobel da Literatura infantil, foi ganho por um brasileiro".

Para termos uma idéia, o seu livro **Rio Liberdade** ganhou o prêmio *Feira de Bolonha*, em 1985, como "o melhor livro publicado no mundo nessa categoria", lembra o autor. **Apenas um curumim** foi traduzido para o alemão e utilizado na França em cursos voltados para estudos da velhice. **Não-me-toque em pé de guerra** e **Rio Liberdade** foram selecionados para participar da 7ª FEIRA INTERNACIONAL DEL LIBRO INFANTIL Y JUVENIL, em 1987, de acordo com a mostragem feita por Tânia Piacentini na *Revista Perspectiva* de jul.-dez., 1987, página 97.

Mas o que o deixa mais irritado é a falta de responsabilidade com que muitos autores "se lançam a escrever" todo e qualquer livro, sem considerar a sua qualidade literária. Por isso, ele garante que somente sobreviverão aqueles escritores que não visam apenas ao lucro fácil ou interesses dos meios de comunicação.

Para Zotz, "a literatura é coisa muito séria e importante para ser encarada como passatempo de horas ociosas, qualquer escritor sério busca conquistar leitores

e não apenas consumidores". No caso da literatura infanto-juvenil, ele argumenta que esses leitores, crianças e jovens, merecem o melhor texto possível.

Quanto à sua preocupação com o leitor, ao escrever o livro, Zolt reconhece que "escrever simples não é fácil como parece, mas deve também fazer pensar, levantar problemas. Não estou falando de catequese..., mas em valorizar a capacidade de pensar e de ser do leitor. Por que, acredite, criança sente, pensa...".

Não é porque um livro vai ser lido por jovens que ele pode ter menos qualidade. Daí a constatação de que muitos livros destinados a este público não merecem a classificação de obra literária, prossegue Zolt.

Assim, Zolt reforça que o escritor tem a obrigação de escrever bem. "Não adianta ter ideologias se você não domina a técnica. Eu tenho uma preocupação clara com estilo e a técnica".

Para justificar, ele cita o pensamento de Simone de Beauvoir, de que, "toda obra literária essencialmente é uma procura". E os critérios que Zolt adota devem ser aplicados com muito mais rigor à literatura para o público jovem, porque "não se pode esperar que alguém goste de ler, enquanto a leitura for sinônimo de coisa chata, de castigo."

Zolt se mostra bastante insatisfeito com o reduzido número de pessoas que têm acesso ao livro, e afirma categoricamente que, "se não dermos leitura, as crianças podem não se desenvolver como pessoas críticas. Com leituras inadequadas, corremos o risco de matar o futuro".

Zolt também sugere que sejam eliminados as tradicionais "fichas de leitura", que apavoram o aluno, e sejam desenvolvidas "atividades gostosas e lúdicas, mas não com o objetivo de dar nota", porque o importante não é o resultado, mas o processo utilizado, entende o autor.

Com relação ao público a que se destina sua obra, Werner Zolt garante que em nenhum momento faz uma divisão dos seus leitores em infantis, juvenis ou adultos.

Ainda que soubesse que seus livros seriam lidos só por adultos, iria escrevê-los do mesmo jeito. Mesmo porque acha a simplicidade uma virtude e uma qualidade literária.

Isto não tem nada a ver com uma possível "linguagem infantil", até porque as crianças não falam diferente dos adultos. As pessoas é que têm mania de botar "inhos" e "zinhos" nas coisas. "Rotular ou dividir as coisas de adultos e de crianças não é legal", diz ele. A diferença entre a literatura infantil e adulta é que a literatura infantil pode também ser lida por adultos. Pelo enfoque, pela linguagem, ele entende que o livro infantil atinge as duas faixas.

O próprio Zotz admite ter escrito um único livro "dito" adulto, o romance **Semeadura**, mas não se trata de "explicar as coisas que se ama, mas de vivê-las intensamente".

Isso nos remete ao problema que envolve a obra com a vida do autor. Quanto a isso, ao ser indagado sobre a relação entre os temas das suas histórias e as experiências vividas, Zotz não esconde que escreve "com base em temas reais, do cotidiano". Ao mesmo tempo, ele só começa a escrever o livro depois de definir um tema, estudar os personagens e a história.

Ao sentir que tudo isso adquiriu identidade na sua cabeça, e a história "parecer verossímil", o trabalho inicia. Ele escreve quantas vezes for necessário para atingir o coloquialismo e a simplicidade, deixando de lado o supérfluo.

"Eu escrevo sobre o que me impressiona, sobre o que me inquieta, sobre o que me suscita perguntas e dúvidas. Estes parâmetros podem levar a escolha do tema, ou mesmo resultar numa necessidade inadiável de esmiuçar o assunto. Com o tema definido é hora de planejar o livro".

Outro ponto a ressaltar na criação artística do autor diz respeito a "saber onde o livro vai dar", quando ele começa a escrevê-lo. Zotz entende que existem escritos cursivos e *escritos de bordejo*. Em navegação, bordejar quer dizer ir em frente, mas não em linha reta; é avançar em ziguezague, com a possibilidade de se fazer novas descobertas, correções de rotas e aumentar o conhecimento da água que se navega.

Os escritores de textos cursivos, traçam uma linha e prendem-se a ela até o fim do livro como se não tivessem mais nada a aprender, portando-se como donos da verdade.

“Nas pescarias, na vida e nos escritos, gosto de bordejar... Aí tem início o lado artesanal do processo de criação, como se pode ver, é muito mais trabalho, capacidade criadora que inspiração”.

Zotz também não escreve “para massagear o ego” e não acredita em inspiração para escrever um livro, mas na capacidade criadora. Para ele, apesar da criança ser muito mais capeta do que boazinha, é tão normal quanto outra pessoa e, por estar em fase de aprendizagem, não se envergonha disso, como acontece com o adulto, que sente vergonha de admitir que não sabe todas as coisas, perdendo a oportunidade de aprender. E nesse temor de expressar os sentimentos, o adulto não admite infantilidade neste ato; exige um criar com amadurecimento e aí é que é difícil: “Ninguém torna-se um escritor fazendo letras. Aprende-se lendo e fazendo do ofício uma atividade diária, planejada”, justifica o autor.

Quanto ao seu pensamento sobre a importância da leitura para formar seres pensantes, Zotz acredita que alguém acostumado a ler tem onde buscar respostas para suas dúvidas. Isso não quer dizer que o livro transforma a pessoa ou o mundo, mas, somado a diversos outros fatores, poder-se-á conseguir alguma mudança. Por isso, ao escrever seus livros, ele procura coordenar as idéias de forma a transformar sua obra em transmissora de idéias, ao mesmo tempo que procura atingir um público maior.

Zotz também acredita que a leitura contribui para preencher a lacuna para a formação do ser humano, propiciando o crescimento interior. Leva o leitor a viver as mais diferentes emoções, possibilitando a formação de parâmetros individuais para medir e codificar nossos próprios sentimentos.

Segundo Zotz, a definição de Montaigne não pode ser mais atual: “Antes uma cabeça bem feita que bem cheia”.

Para o autor, a leitura como prazer é uma necessidade básica do homem, indispensável à saúde, tanto mental como física.

“Claro que não se entende lazer dissociado de prazer.

E que prazer gostoso esse de ler um bom livro! Capaz de levar-nos ao riso e à tristeza, de tornar-nos íntimos e melhor conhecidos de seus personagens, de fazer-



nos acompanhar gulosos e sedentos seu enredo, de inquietar-nos com suas dúvidas, de transportar-nos a outros mundos, de dar vida a nossos sonhos...

Como não querer que todas as pessoas tenham o direito de sentir esse enorme prazer? Especialmente se considerarmos que o livro é uma das formas mais democráticas de lazer”.

Retornando um pouco no tempo e nos incidentes ocorridos com o autor desde sua juventude, ao iniciar a vida literária, Zolt desabafa dizendo que, nessa época, “conversar sobre idéias era um processo complicado, publicá-las impossível”. E suas idéias o levaram à prisão. Como professor, durante as aulas, expressava seu pensamento politicamente, sem prever as conseqüências, acreditando que a literatura era mais importante que a teoria gramatical. Foi aí que o afastaram das aulas, enquanto instaurava-se um inquérito, complicando totalmente sua situação, por entenderem que se tratava de “um agitador... um comunista”.

Um dos seus livros, **Terra dos meninos vermelhos**, foi censurado por fazer propaganda socialista. “As autoridades entenderam que alguns dos meus livros eram ideologicamente perigosos. Era a história de um grupo de crianças que encontrava Jesus Cristo ainda criança. Ao mesmo tempo em que narrava alguma coisa eu colocava o pensamento ideológico de Jesus Cristo, todo ele tirado de citações bíblicas. Eu tinha saído do seminário pouco tempo antes e conhecia a espinha dorsal da Bíblia a fundo. Então foi fácil usar ideais socialistas de Jesus Cristo sustentado por argumentações da Bíblia. Quando descobriram esse livro eu fui preso mais uma vez. Os originais desapareceram. Daí para a frente, sempre que havia uma passeata de estudantes ou uma greve de professores, eu podia estar a quilômetros que era um dos possíveis suspeitos”.

Ao ser questionado se esses acontecimentos em sua vida acabaram sendo passados para os personagens de seus livros, ele confirma que, no início, talvez tenha colocado muitas das suas idéias na boca dos seus personagens. Mas acredita ter evoluído, com o passar do tempo e, ao invés de catequisar, procurou despertar consciência crítica no leitor. Ele observa que “não adianta dar as respostas prontas para os problemas, o importante é levantar e discutir sobre esses problemas. O leitor tem que pensar sobre isso”.

Sobre se a televisão e o computador comprometem o futuro da literatura, Zoltz acredita que nenhum meio de comunicação vai conseguir substituir a literatura. Além dos aspectos já citados antes (crescimento, descobertas, respostas a perguntas e dúvidas...), a literatura é exercício constante de liberdade, tanto a nível de leitor como de escritor: o escritor precisa de muito pouco para escrever, dispensando tecnologias, aparato etc...; e o leitor pode escolher entre ler e não ler, entre o que ler e quando ler... Mais: é a língua, que falamos, escrevemos e lemos, a responsável maior pela formação da nossa identidade como povo, da nossa nacionalidade. É mais fácil viver no exílio do que abdicar da nossa língua, diz o autor.

Assim, até esse momento tratamos da primeira parte do trabalho envolvendo questões diversas. Daqui para diante, trataremos especificamente do que corresponde à segunda etapa do trabalho em si.

### 3 – Panorama da recepção crítica do autor

Conforme observamos anteriormente, a produção literária de Zoltz atende a uma preferência do leitor jovem, embora saibamos o que significa direcionar o destino de uma obra literária, quando acatamos a existência de uma literatura sem idade. O fato é que, se nos questionarmos todo o tempo a esse respeito, não faremos nenhuma conclusão, pois teremos que ceder a cada argumento que nos convença desta ou daquela verdade. Digamos, então, que o leitor jovem é o que mais se identifica com a proposta de leitura e aventura que a obra de Zoltz apresenta. Mesmo descompromissada com faixas etárias, ela acaba sensibilizando de forma mais eficaz o jovem principiante da leitura. Também as principais obras de Charles Perrault não foram criadas especificamente para o público infantil ou juvenil. É evidente, inclusive, que o valor está unicamente no texto, e

*se a arte é a maneira como expressamos alguma coisa, dizer que uma obra se dirige a uma criança ou a um jovem não é excluí-la da leitura dos demais potenciais consumidores daquele texto literário, mas é, simplesmente, facilitar a orientação e indicação de textos capazes de despertar e manter, entre nossos jovens, o hábito, o gosto e a vontade da leitura, em textos adaptáveis a seu interesse e nível de compreensão.*<sup>1</sup>

Mais convencidos com essa questão, deixamos de lado as argumentações para adentrarmos na especificidade da recepção que a obra do autor catarinense mereceu ao longo do período pesquisado.

Antes, porém, chamamos a atenção para o fato de que a literatura infanto-juvenil apresenta características próprias do gênero, o que a torna distinta das demais. Isso justifica o comportamento da crítica frente à obra de Zoltz, que

---

1- HOHLFELDT, Antônio. "Literatura para o jovem de hoje". In: KHEDÉ, Sônia Salomão (org.). *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p. 93.

apresenta uma recepção fundamentada unicamente em aspectos positivos. O que, num primeiro momento, nos levou a uma ligação entre gênero infantil e seu discurso específico. Nem por isso, sua obra deixou de ocupar lugar de destaque no meio literário e tampouco teve seu valor artístico comprometido. O mesmo se dá com a obra de Monteiro Lobato (precursor do gênero infantil), que usou a obra como mediadora para suas denúncias e inquietações, diante de questões nacionais e dos grandes problemas mundiais. E outros grandes escritores do gênero, que preferem representar a realidade através da literatura infanto-juvenil, sem esquecer que os contos de fadas se imortalizaram como objeto de análise, instigando críticos do mundo inteiro.

A pesquisa nos levou a um *corpus* bibliográfico totalizando um número significativo de documentos que servirão de base para a presente análise.

A reunião deste material não obedeceu a um critério seletivo previamente determinado, porém constatamos a existência de uma considerável variedade de artigos, que, certamente, em muitos casos, atendem interesses mais jornalísticos do que críticos. São aqueles documentos publicados por ocasião de lançamentos de livros ou premiações em concursos literários. Mesmo assim, decidimos mantê-los, por considerá-los relevantes ao nosso tipo de trabalho. Apenas optamos por uma classificação hierárquica por tipo de texto, iniciando pelas resenhas de jornais e revistas, prosseguindo com teses, congressos, referências, estudos críticos, entrevistas, traduções e premiações, todos recebendo o devido tratamento. Esses documentos darão sustentação ao trabalho de apontar as características que marcaram a crítica de Zotz durante o período proposto, ou seja, entre 1979 a 1988, por reunir o maior número de documentos veiculados pela imprensa.

Após relacionar todo esse material, constatamos a predominância da crítica de jornal e revista, totalizando 152 referências, o que por si só evidencia o interesse da crítica de resenha pela obra de Zotz. Outros textos foram publicados paralelamente, em encontros de professores universitários, coletâneas de contos, livros de teoria da literatura infanto-juvenil e até mesmo em livro didático de primeiro grau Zotz teve sua obra escolhida para trabalhos de interpretação de textos e outros

que veremos ao longo das pesquisas. Enfim, trabalho de toda natureza em que o autor teve sua obra incluída merece ser analisada.

### 3.1 - A obra literária e a função da crítica

Para melhor situar nosso leitor, acrescentamos que, segundo nossa análise, as primeiras manifestações a respeito das obras do autor surgiram a partir de 1979, ano posterior ao da publicação de seus dois primeiros títulos: **Semeadura** e **Barco branco em mar azul**. Mas o interesse maior pela obra de Zotz se deu a partir do lançamento do livro **Apenas um curumim**, entre todos o mais premiado e aplaudido pela crítica, marcando o *boom* do autor diante do público, a nível nacional e no exterior, quando este mesmo livro foi selecionado para participar de feiras de livros e traduzido para outros idiomas.

A partir disso, ninguém mais conteve a crítica, que passou a ocupar um espaço significativo e assíduo nos meios de comunicação, a cada novo lançamento.

E quando se fala em repercussão de uma determinada obra literária e no trabalho da crítica, as opiniões divergem entre avaliações, definições e afirmações. Equivocadas ou não, merecem destaque para que o leitor sinta a multiplicidade de pontos de vista, entre críticos e ensaístas, ao se pronunciarem sobre um mesmo assunto. Entre eles, Flávio Kothe<sup>2</sup> parece demonstrar uma certa resistência ao sucesso de uma obra, quando afirma categoricamente que, embora a obra se torne um *best-seller*, certamente não possui grande valor artístico, pois para agradar a muitos a obra não pode ir além daquilo que o grande público é capaz de compreender. Para ele, parece impossível definir o que seja a obra de arte, uma vez que, na sua interpretação, apenas as altas camadas sociais da população teriam acesso a "uma grande obra artística", enquanto que a classe pobre se "deleita" apenas com obras "triviais". Em seu discurso, Kothe radicaliza ainda mais sua forma de pensar e fala em tom provocativo a respeito das obras que tiveram boa aceitação junto ao público em geral, dizendo que:

---

2- KOTHE, Flávio. "A crítica literária e os sistemas intersemióticos". In: DIAS, Ângela (org.). *Rev. Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: (60): Edições Tempo Brasileiro Ltda, jan-mar. 1980. p.13.

*quando uma obra passa a ser logo muito elogiada pela crítica, o autor deveria começar a desconfiar de que fez alguma coisa errada. Uma obra que realmente possa ser explicada e esclarecida não é uma obra de arte, mas pertence à trivialidade. Os críticos literários são leitores especializados e devem, portanto, estar melhor preparados do que o leitor médio. Mesmo assim, o horizonte da crítica se constitui dentro das obras decifradas. Uma grande obra de arte será exatamente a obra que ultrapassar este horizonte. A crítica tende, portanto, a estar constitutivamente mal preparada para enfrentar aquilo que ela por função deveria saber enfrentar, aquilo que ela faz de conta que sabe enfrentar... Isso não vale apenas para a crítica, mas também para a produção de arte. Por isso também não há arte infantil: criança não faz arte, criança faz arteirice.*

Apesar de não ser o momento para uma discussão mais ampla sobre essa questão, é de extrema importância fazer um contraponto a esse pensamento radical, tendo em vista que o objeto desse trabalho envolve uma criação artística voltada ao público jovem. E a criança também é capaz de criar sua cultura, apesar de não ser reconhecida pelo adulto.

É do crítico de Literatura Infanto-Juvenil Edmir Perrotti<sup>3</sup> o argumento de que

*nossa organização social é de tal modo 'adultocêntrica', que nossas reflexões sobre a criança e seu universo cultural correm sempre o risco de situar a criança em condição passiva face à cultura. Pensamos sempre na criança recebendo cultura, e nunca na criança fazendo cultura, (...).*

*Salvo raras exceções, nunca se pensou na criança como ser portador de uma cultura própria, viva, definida nos grupos infantis e que é do maior valor e significado. Negamos sistematicamente, também na reflexão, um lugar ativo à criança, ajustando, portanto, nossa visões às necessidades do sistema.*

*(...). A racionalidade do sistema produtivo torna o lúdico inviável, (...). Daí o lúdico identificar-se com a criança, já que*

---

3- PERROTTI, Edmir. "A criança e a produção cultural: apontamentos sobre o lugar da criança na cultura". In: ZILBERMAN, Regina (org.). *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p.18-20.

*ela não está apta para o sistema de produção em virtude de o espírito da racionalidade não ter conseguido ainda domá-la. (...). Vista assim a questão, fica-nos claro porque as visões que enfocam as crianças enquanto ser culturalmente passivo estão ajustadas à ótica do sistema. É que ativo é somente aquele que produz para o sistema.*

O próprio Perrotti também mostra uma pesquisa feita em São Paulo, por Florestam Fernandes ao estudar o folclore, onde ficou evidente que a criança participa ativamente de uma cultura com

*feições próprias, com significados particulares, com funções semelhantes às funções da cultura vividas pelo adulto. Se há reconhecimento ou não, é um outro problema (...) os grupos infantis criam uma cultura própria, viva, transmitida boca a boca e que, embora muitas vezes busque seus elementos na outra mais genérica, organizada pelos adultos, ainda assim, é reeleborada, segundo suas necessidades .*

Por outro lado, Kothe<sup>4</sup> questiona sobre uma definição do lugar social da crítica, por ser a responsável por criar uma divisão da pirâmide literária, separando a literatura "trivial" da literatura "artística". Segundo ele,

*essa pirâmide literária filtrada pela crítica poderia ser uma reprodução, uma duplicação inconsciente da pirâmide social. Considerando o topo como superior e a base como naturalmente inferior, a função do sistema de ensino, das revistas, dos jornais e da crítica literária seria fazer com que o topo da pirâmide social ficasse com o topo da produção literária e a massa da sociedade ficasse com o consumo da literatura trivial.*

Sendo assim, ele acredita que a crítica não é "mais verdadeira nem mais falsa" do que as obras. É preciso que a mesma se redescubra como juiz da obra,

---

4- KHOTHE, Flávio. op. cit., p.15.



porque a crítica se esqueceu de ser crítica quando se calou a partir da repressão política.

Em relação ao preconceito classista da crítica diante de algumas definições para obras ditas de elite e contrariando determinados discursos artísticos e literários, também surge Moacyr Cirne<sup>5</sup> argumentando que a literatura de massa é vista com desconfiança e, muitas vezes, com desprezo, tanto no Brasil como em outros países. Ele considera essa atitude um erro equivocado e grosseiro, principalmente em relação à literatura de cordel, aos quadrinhos, à ficção científica e à novela policial, encaradas como simples divertimento. O crítico afirma que, no caso da ficção científica,

*mesmo em títulos apenas medianos, contém um inegável fascínio em suas propostas temáticas: fascínio que atinge o leitor através do imaginário re-trabalhado em função da fantasia, da surpresa, da poesia. Na ficção científica, 'é preciso sonhar'!*

Por essa razão, Cirne defende a necessidade de superar os preconceitos em relação aos produtos da chamada literatura de massa, seja como leitores ou como críticos.

Antes de encerrarmos essa questão, registramos o comentário oportuno de um dos maiores críticos literários da atualidade, Afrânio Coutinho,<sup>6</sup> que na década de 60 já defendia a literatura como uma arte, "a arte da palavra", que tem como finalidade proporcionar prazer, o "prazer estético" e não ensinar nem moralizar, pois ela é um produto da imaginação criadora. E à verdadeira crítica literária, àquela que procura interpretar e analisar a obra de arte, cabe buscar o seu valor e as características estéticas, apontando as suas qualidades principais ou específicas.

---

5- CIRNE, Moacyr. "A crítica e os preconceitos à margem da literatura de massa". In: DIAS, Ângela (org.) .Rev. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: (60): Edições Tempo Brasileiro Ltda, jan-mar, 1980. p. 94.

6- COUTINHO, Afrânio. *Crítica e poética*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968. p. 78.

Em meio a tudo isso, Lúcia Helena<sup>7</sup> também assinala a dimensão existencial da crítica, encarando-a como mediadora entre "a obra e o mundo, entre a linguagem e o real". Para ela,

*a crítica sempre irá pressupor a existência do artista, da obra e da arte. E é através de suas interrelações que se estabelece e define o perfil de todo um conjunto de 'realidades' que se conectam e interagem mutuamente. E isto porque a obra de arte e a própria arte, a par de seu valor estético, expressam sempre um 'saber' (...), a obra de arte literária pode ser vista como aquilo que abre para o homem a possibilidade de desalienar-se (...) é na criação artística que este homem pode desvendar uma fresta que o libere da alienação em que vive.*

Estas postulações servem como prévia das discussões que envolvem assuntos de natureza polêmica dentro do chamado fenômeno literário. Sabemos com antecipação das divergências possíveis, caso essas questões fossem aprofundadas, como também observamos em leituras anteriores que todo julgamento do crítico sobre um determinado livro é reflexo da posição ideológica daquele momento e contexto em que ele vive, e como tal deixa marcas de suas leituras. Apenas uma, entre tantas formas de interpretar um texto, o que não significa um sinal de nossa aceitação ou recusa diante da posição adotada pelos críticos mencionados. Pelo contrário, cada um contribui com seus "ensinamentos", dentro da linha de pensamento que defende, na medida em que convence o leitor.

Nosso propósito, a partir de então, se volta em demonstrar o resultado de uma pesquisa que permita ao leitor conhecer a obra do ficcionista catarinense sob um novo enfoque, ou seja, pelo caminho das críticas feitas a respeito da sua criação artística. E todo material recolhido durante as pesquisas se encontra arquivado em nosso poder para eventuais consultas.

---

7- HELENA, Lúcia. "A crítica, a arte e a história". In: DIAS, Ângela (org.). Rev. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: (60): Edições Tempo Brasileiro Ltda, jan-mar. 1980. p.08.



**WERNER ZOTZ,**  
catarinense, está ligado  
ao Paraná desde 1966,  
quando veio a Curitiba,  
 cursar Letras.

Entre 67 e 68 publica  
quatro livros infantis.

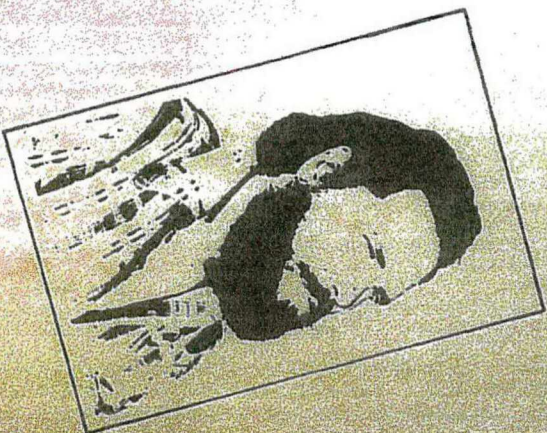
Ainda em 68, professor,  
é demitido do emprego,  
depois de tumultuado  
processo-inquérito.

Escreve mais três livros infantis que não chegam às  
livrarias.

Por vários anos muda de profissões e lugares. P ublicitário,  
decorador, jornalista, enfermeiro de índios... Rio de  
Janeiro, Santa Catarina, Mato Grosso, Goiás...

Fruto dessas andanças pelo sertão, conhecendo a terra,  
a gente, em contato com índios, peões, posseiros,  
padres e latifundiários, aparece **SEMEADURA**, agora  
em 2a. edição. Romance-reportagem de tempos duros  
e realidade cruel.

Em 1976, radica-se em Antonina, litoral do Paraná.  
Assume a profissão e o ofício de escritor, passando a  
viver exclusivamente da literatura e jornalismo.



**WERNER ZOTZ**

**SEMEADURA**

**WERNER ZOTZ**

**Beija-flor**

EM CO-EDIÇÃO EDITORA DO LITORAL  
2ª EDIÇÃO



**SE  
ME  
A  
DURA**  
**WERNER ZOTZ**





### 3.2 - As primeiras manifestações da crítica sobre Zotz

Sendo assim, a partir dos dados levantados, dentro do período acima mencionado, estabelecemos como início da produção crítica em relação à obra de Zotz o ano em que o autor teve pela primeira vez seu nome citado através da imprensa. Foi em 1979, através do jornal *O Globo*, p.24, na coluna "Livros", de Carlos Menezes, sob o título, "Depois de Trevisan e do Concurso de Contos, Paraná ganha sua editora". Menezes anuncia o nascimento da Editora Beija-Flor, acontecido através da "união de esforços e experiências do professor E. M. G. e o escritor Werner Zotz". O artigo destaca, entre outros assuntos, um comentário sobre as dificuldades que o escritor principiante enfrenta para publicar um livro, e uma das propostas da nova editora de Zotz é justamente a tentativa de alterar esse quadro, garantindo inicialmente a leitura e análise de todos os originais recebidos. "Passo importante, quando se sabe da dificuldade que o autor enfrenta para, pelo menos ter seu trabalho apreciado imparcialmente", garante Zotz ao falar sobre os planos da editora.

É nesse mesmo artigo acima mencionado que surge, pela primeira vez, o nome de duas obras do autor catarinense, dizendo que, no ano de 1978, Zotz já havia publicado a segunda edição de **Semeadura**, um romance reportagem que, segundo o artigo, foi editado e distribuído pela própria Beija-Flor. Mas a imprensa ainda não havia se manifestado sobre o livro.

Ainda em 1979, o *Jornal do Brasil* também abre um espaço para falar sobre o trabalho da Beija-Flor, com um comentário bastante abrangente, onde o próprio Zotz é citado como editor-chefe e um relato geral sobre as propostas de trabalho, junto aos objetivos e a lista de seus primeiros oito títulos. Entre eles está o **Semeadura** do próprio Zotz e outros títulos escolhidos de acordo com critérios definidos pela editora. Vão desde a qualidade, a coerência, até o interesse maior pela literatura "que aborda problemas da atualidade brasileira". O trabalho é da crítica Télia Negrão<sup>8</sup>, que

---

8- NEGRÃO. Télia. "Beija-Flor, uma editora disposta a voar alto". *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 12 maio 1979. p.17.

escreve o artigo intitulado “Beija-Flor, uma editora disposta a voar alto”. Ela demonstra muita confiança nessa equipe que possui uma linha editorial voltada para os problemas sociais, abrangendo a ficção, o humor e principalmente uma literatura destinada ao público infantil e aos aspectos da história paranaense.

Outro fator apontado por Negrão, que desde o princípio faz o leitor acreditar no trabalho sério de Zotz, é a sua falta de preocupação com fins lucrativos, apesar da dificuldade de conquistar o mercado livreiro. A Beija-Flor se destaca entre as demais também pelo fato de ser uma editora dirigida por escritores, que, por sua vez, conhecem melhor do que ninguém a realidade do ofício e certamente muito irá contribuir para renovar as publicações de obras destinadas ao público jovem.

Apenas lembramos que iniciaremos por **Semeadura**, primeira obra publicada pelo autor, após o retorno do exílio em 1978.

Sobre esse título, verificamos que no ano de 1979 o jornal *O Estado de São Paulo* publica uma matéria sob a responsabilidade da teórica Beth Brait<sup>9</sup>, com uma análise rigorosa do que seja um romance-reportagem, como ficou conhecida essa obra de Zotz.

Conhecedora do gênero, Brait escreve que atualmente tornou-se comum esse estilo entre os escritores da prosa brasileira, pois já havia, segundo ela, um certo ressentimento pela ausência de obras literárias

*que extraíssem sua matéria-prima da dura e quase impublicável realidade brasileira.*

Enquanto para o próprio autor **Semeadura** significou um desabafo de tudo aquilo que estava retido e que vivenciou durante o exílio, para Brait foram poucos os escritores (considerados privilegiados) que conseguiram transcrever para o livro essas vivências de forma inteligente.

Em poucas palavras, ela faz um comentário crítico sobre a qualidade e a quantidade de obras surgidas durante o período em que se insinuava a abertura política no País:

---

9- BRAIT, Beth. “Romance-reportagem: as desventuras de um realismo muito apressado”. *O Estado de São Paulo*. 23 jun. 1979, p.10.



*Ocorre que nessa ânsia de fazer da literatura uma arma de denúncia, levando sua função social às últimas conseqüências e escamoteando sua função estética, esses produtores de texto voltam-se para o realismo referencial, direto, exaurido de qualquer criatividade e impotente para extrair da realidade o que ela tem de fundamental. Por essa trilha, inauguram o chamado romance-reportagem, 'uma tentativa de desprezar os malabarismos lingüísticos exercitados pelos artesãos da palavra e ater-se somente ao que é importante'. É precisamente essa postura que dá aos romances desse gênero (se é que se pode empregar o termo sem susto e imprecisão) a maquilagem que eles não tem: recuperar aspectos da realidade brasileira por meio de uma fusão entre a linguagem jornalística e a linguagem literária.*

Entre estes e outros argumentos, a autora do artigo demonstra resistência em aceitar a obra de Zolt, como do gênero em que ele o define, uma vez que em meio a tantos outros escritores que fazem a tentativa de

*explorar essa nova vertente da prosa brasileira, Werner Zolt vacila entre a ficção e o relato puramente factual e acaba por descaracterizar a narrativa sem conseguir a almejada fusão entre jornalismo e literatura (...) e na pressa de legar ao mundo um relato gritante sobre injustiças, torturas, repressões, desenganos e encontros do verdadeiro caminho, o autor se esquece de que o excessivo didatismo, o óbvio e a redundância não combinam com criatividade e só podem empolgar a ingenuidade de quem não está habituado a conviver com livros e jornais.(...).*

*A história, as personagens e a estrutura da narrativa não poderiam ser mais estereotipadas. Os caminhos de um indivíduo que se faz padre pelas vontades da mãe, que se propõe a largar a batina e se lançar pelo mundo, mas que, apesar do grande amor por uma mulher, resolve continuar padre e lutar pelos injustiçados do mundo, são construídos por meio de chavões que culminam numa verdadeira dissertação sobre o papel social da Igreja. Aliás, em nenhuma linha o narrador disfarça a emotividade e o empenho em, comovidamente, glorificar as estreitas relações entre Igreja e justiça social. Nem a divisão da obra, que começa com um 'intróito', disfarça esse propósito. Sem qualquer sutileza, no final, o padre-herói-vítima transforma-se na metáfora declarada de semente da justiça preliberada pela obviedade do título e da capa.*

Na escritura de Zotz (em **Semeadura**), Brait parece descobrir caminhos de uma arte capaz de atrair apenas o leitor adepto de "relatos comodistas", sem a força da criatividade e da ficção. E por falta de definição e consciência, "relegada ao esquecimento".

Ao contrário do artigo anterior, e ainda sobre **Semeadura**, Fernando Montalvão do Jornal *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro em 23 de junho de 1979, publica na página 14 uma matéria onde reconhece a importância deste tipo de trabalho para quem busca uma leitura informativa e atual.

Preocupado com vários detalhes, Montalvão inicia a descrição do livro pelo local dos acontecimentos ali relatados:

*Barra das Garças, pra quem acompanha os jornais, e já leu alguma coisa sobre os conflitos entre posseiros e grandes proprietários de terras no norte do País, é nome familiar. A facilidade das grandes empresas em adquirir extensas áreas, através deste mostrengo que é o incentivo fiscal, acentuou de modo crítico, uma estrutura feudal fundiária que existe desde a colonização do Brasil. Semeadura, de Werner Zotz, retrata uma pequena parcela das estórias geradas por esses conflitos. Romance-reportagem, o livro se divide em duas partes distintas. Podemos dizer que a primeira é o esboço do romance. E a segunda a romanceação da reportagem. (...) . É o caminho escolhido pelo padre para atuar em Barra das Garças, em defesa dos posseiros na luta pela sua dignidade, pelo seu direito natural da terra. Daí em diante é só ligar os fios da meada. D. João, um companheiro de luta, é assassinado numa delegacia por defender uma mulher que é espancada por policiais que queriam saber o paradeiro de seu marido. D. Pablo é o bispo que usa como arma a denúncia nos grandes jornais, dos fatos acontecidos. Numa grande fazenda, de propriedade de um famoso apresentador de televisão, os empregados são mantidos sob regime de escravidão. D. Pedro (o padre) vai a Brasília e não é recebido pelas autoridades. Assim, atualíssimo, **Semeadura** é livro de fácil leitura, numa linguagem quase jornalística. Qualquer verossimilhança com fatos acontecidos ou por acontecer, não é mera coincidência, Infelizmente.*

O fato de um mesmo texto literário ser recebido e interpretado de forma diferente por leitores diferentes e com finalidades diferentes é o que caracteriza essa



divergência de ponto de vista na leitura da obra. E por essa relação texto-leitor diferir consideravelmente é que

*leitor nenhum terá a garantia de que retirou do texto a certeza explícita de que sua compreensão é a justa.*<sup>10</sup>

Daí a importância de se ter múltiplas abordagens sobre um tema, por permitir ao leitor experimentar algo que até então não estava presente em seu horizonte por manter-se preso a um contexto vinculado a códigos há muito definidos pela sua visão de mundo. Por isso, se não há leitura absoluta, toda interpretação é considerada legítima, desde que corresponda ao texto. Porém, cada uma delas com o seu valor individual.

Torna-se ainda mais oportuna a visão proposta por Bakhtin, sob análise da professora Solange Jobim e Souza<sup>11</sup> ao tratar de assuntos sobre a infância e leitura, segundo a qual, para se compreender a obra, não existe nem a primeira nem a última palavra, também não existem fronteiras para o diálogo. Para Bakhtin, mesmo os sentidos passados sempre irão mudar devido à quantidade ilimitada de sentidos esquecidos que, ao serem recordados, tomarão um aspecto novo.

Nesse caso, a primeira análise feita sobre o livro **Semeadura** é responsável por uma impressão causada ao leitor, porém, logo modificada pelas demais que a sucedem, justamente pelas diferentes abordagens, em decorrência da ideologia de cada crítico em particular.

Partimos então para um terceiro comentário de **Semeadura**, que abre novas clareiras para o texto criticado.

---

10- LIMA, Luis Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 87.

11-JOBIM E SOUZA, Solange. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994. p.111.



Sem deixar dúvidas quanto ao caráter elogioso, admirando a obra de Zotz, Edilberto Coutinho<sup>12</sup> dedica um novo espaço considerável da sua coluna para mostrar ao leitor que vê em Zotz um autor que

*conta histórias contemporâneas e facilmente identificáveis como o seu tanto autobiográficas. O autor denominou esse texto de romance-reportagem. Segue uma linha de ficção documental, a exemplo de José Loureiro, Aguinaldo Silva.*

*Escreve direto, de modo plástico, visual, sem enfeitar demais sua jogada de ficcionista: 'O sacolejo do caminhão não deixou os homens dormirem. Os faróis furavam a noite como olhos vermelhos de boitatá enfurecido. A chuva caindo dizia que o inverno tinha chegado. Seriam dois, três meses de espera, deixando a água umedecer a terra, prometendo outra colheita boa para a safra seguinte'.*

*(...) Zotz trata de dramas de homens que cultivam terras de que não são donos; trata de mandonismo, de machismo. O texto cresce quando o autor consegue um maior distanciamento de suas emoções, deixando que as sementes amadureçam naturalmente nas cabeças de seus personagens, para poderem fecundar com maior eficácia outras cabeças. Vale a pena acompanhar Werner Zotz nesta caminhada por um Paraná pouco conhecido, pobre e sofredor, que não é o contado nos guias turísticos, com sua legião de índios, peões, posseiros e até padres mordendo uma fatia do pão que o diabo amassou.*

Apesar de não ser de nosso interesse analisar o teor do conteúdo, chamou nossa atenção o fato do redator em nenhum momento se preocupar com o problema literário ou a técnica redacional. Uma escritura descompromissada, voltada exclusivamente ao prazer da crítica e da leitura.

Durante nossa pesquisa verificamos ainda que este livro (**Semeadura**) foi citado também pela imprensa em 1983, quando o jornal *A Notícia* de Joinville dedica uma página inteira a Werner Zotz e sua literatura. A matéria é feita, em sua maioria, através de uma montagem com frases ditas por Zotz, expressando o seu ponto de

---

12- COUTINHO, Edilberto. "Fatias do pão que o diabo amassou". *O Globo*. Rio de Janeiro, 15 jul. 1979. p.19.

vista sobre cada uma das suas obras até então publicadas. A autora<sup>13</sup> do artigo também faz uma análise crítica de outras obras do autor. Para ela, **Semeadura** representa

*um documentário editado em 1978, que denuncia os problemas existentes em Goiás. Seu livro foi o primeiro sobre o assunto, numa época em que os órgãos de comunicação e imprensa em geral ainda não se preocupavam com o problema.*

*(...) segundo o próprio escritor (o livro) já perdeu muito de sua função primária de denúncia por já existir outros livros sobre o mesmo assunto em caráter mais propício e tratando o problema com maior profundidade.*

*(...) segundo Zotz, uma nova edição deste livro exigiria uma reformulação quase completa, 'pois não penso da mesma forma que quando tinha 25 anos.'*

No referido artigo é possível perceber nitidamente duas contradições ou falta de informação por parte da redatora que, enquanto procura "informar" o leitor dizendo que (1983) o "seu livro foi o primeiro sobre o assunto, numa época em que os órgãos de comunicação e imprensa em geral ainda não se preocupavam com o problema", Zotz, afirma, na mesma época, que o livro "já perdeu muito de sua função primária de denúncia por já existir outros livros sobre o mesmo assunto em caráter mais propício e tratando o problema com maior profundidade".

Essa mesma questão nos remete ao primeiro texto crítico sobre **Semeadura**, na versão de Beth Brait (em 1979), em que a autora já afirmava categoricamente que, após a abertura política no País, muitos foram os escritores que "...na ânsia de fazer da literatura uma arma de denúncia, levando sua função social às últimas conseqüências, tentaram fazer o chamado romance-reportagem".

Por isso, a própria autora do artigo de *A Notícia* parece não ter lido o texto escrito ou não levou em conta a responsabilidade em veicular uma matéria aparentemente pouco relevante.

---

13- GOMES, Maria Goretti. "Werner Zotz e sua literatura". *A Notícia*. Joinville: 10 abr. 1983. p.06- Geral.

Em fevereiro de 1983, Zotz concede uma entrevista ao *Jornal do Brasil*<sup>14</sup> dizendo que **Semeadura** foi o único título não infantil publicado e o considera "um 'pecadilho', uma obra maniqueísta, que não pretende reeditar".

Foram esses os destaques da crítica quanto ao livro **Semeadura**, durante nossas pesquisas, tendo merecido outras citações, em conjunto com as demais obras do autor e que não fugiram aos modelos já citados.

---

14- TORRES, Fernanda. "Todos os caminhos levam ao êxito da literatura infantil". *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 12 fev. 1983. p.26 – Caderno B.



# Werner Zoltz

**Barco Branco em Mar Azul** é um tipo de livro infantil de que andamos bem carentes.  
Conta uma história cheia de brasilidade, cuja ação se passa num ambiente nosso, cujos personagens se chamam Geraldo, Joca, Olha Bom e Siti.  
Livros como **Barco Branco em Mar Azul** propõem um tipo de leitura em que as crianças podem, ao mesmo tempo que se distraem com um relato de aventuras, aprender e meditar, curtindo pequenas reflexões.

*Edilberto Coutinho*  
O Globo, 15-07-79

Barco Branco em Mar Azul

Werner Zoltz

 nordica

# Barco Branco em Mar Azul

ISBN 85-7007-074-8

13.<sup>a</sup> EDIÇÃO



### 3.3 - *Barco branco em mar azul* – retorno ao público infantil

Se eu queria ser livre, o barco também devia poder ser livre. E também quando se tem muito, é mais difícil ser feliz. Isso eu já sabia. Sabia também que quanto mais se tem, mais se quer. Assim, tinha resolvido ter bem pouco.

“Barco branco em mar azul - p.50-51

Abrindo a segunda fase como escritor infanto-juvenil, Zotz lança **Barco branco em mar azul**, atingindo a décima terceira edição em três anos de publicação, dando mostras do que seria essa nova safra do autor catarinense, após permanecer por longo tempo afastado do seu leitor predileto.

Publicado em 1978 pela Editorial Nórdica Ltda, do Rio de Janeiro, constatamos que o livro recebeu tratamento diferenciado de **Semeadura**, a partir do seu aparecimento na imprensa, ao ser considerado como leitura para todas as idades, entre a maioria dos depoimentos analisados.

Primeiramente, temos em mãos algumas referências de responsabilidade da imprensa, com a intenção puramente de divulgar o livro do autor. Por ordem cronológica, registramos a nota *do Jornal da Tarde*, que muito se assemelha a outros comentários já feitos sobre o livro pelo viés da análise estética. O artigo fala de **Barco branco em mar azul** sob o enfoque do respeito em que o autor Werner Zotz se dirige à criança através dos seus textos.

O conteúdo do documento aponta a preocupação do autor, ao tratar de assuntos que interessam diretamente ao leitor jovem, também acompanhando a opinião de Zotz ao justificar que,

*não existe na história, a invenção de um mundo mágico- infantil, onde tudo é belo e bonito, artifício que menospreza a capacidade das crianças de raciocinar e compreender a vida*<sup>15</sup>

---

15- *Jornal da Tarde*. Porto Alegre: 26 jan. 1979

O próximo trabalho de análise da obra werneriana, sobre **Barco branco em mar azul**, aborda o seu conteúdo juntamente com um comentário sucinto da história, feita através de "uma linguagem profundamente poética onde são colocadas claramente lições de liberdade, amor e um grito contra o consumismo da vida moderna". A referida nota pertence ao *Diário de Piracicaba* (S.P), datado de 11 de setembro de 1980.

Em outra ocasião, o jornal *O Globo*<sup>16</sup> sugere "Livros para a estante da garotada", e comenta o *barco de Zotz*, junto a outros títulos de autores brasileiros, acompanhado de um comentário, enquadrando toda a obra do catarinense como leitura para o público infanto-juvenil.

A dimensão dos estudos sobre a criação artística de Zotz toma formas que variam de acordo com o ponto de vista do crítico, que antes de tudo é um leitor e, como tal, analisa os aspectos da narrativa que mais o identificam. Temos em mãos um artigo sob a responsabilidade do jornal *O Diário de Piracicaba*<sup>17</sup> (SP), mostrado de forma sucinta e abrangente ao mesmo tempo, caracterizando uma leitura capaz de ver por várias direções e ser imparcial. Para o autor do artigo,

*Apesar da mediocridade do que se impõe por aí como livro de histórias para crianças, esse gênero cultural é tão importante quanto ao da literatura adulta e merece os mesmos cuidados. Antes de mais nada, quem se dirige ao público infantil deve assumir uma postura não reducionista e totalmente aberta.*

***Barco branco em mar azul** é um texto dirigido a um público infantil e consegue fugir totalmente aos modelos facilitaristas comerciais. Aqui não se trata de crianças de nome brasileiro que brincam com bonecos de neve norte-americanos. É uma história que não esconde das crianças a selva onde ela está prestes a combater.*

*Esse texto de Werner Zotz se coloca perante seu público de uma maneira responsável e criadora. Aqui a criança encontra a fantasia, não para escapar da realidade, mas para melhor*

16- *O Globo*. Rio de Janeiro: 05 mar. 1980.

17- **BARCO** branco em mar azul é mais um de Zotz. *O Diário de Piracicaba*. São Paulo: 18 mar. 1980.

*apreendê-la e se colocar perante um mundo do qual espera tudo.*

Por pertencer aos defensores do gênero infantil, o autor desconhecido apresenta, nessa mesma ocasião, um relatório bastante completo das atividades de Zotz, citando desde sua primeira fase como escritor, juntamente com os respectivos títulos publicados em 1967 e 1968. Os demais títulos, suas premiações, e a ocupação profissional do autor e até mesmo as funções exercidas em 1980 na Co-Editora em Curitiba. No seu trajeto de vida está a passagem pelo Mato Grosso, durante o exílio, o que caracteriza ser um conhecedor de toda caminhada literária do autor.

**Barco branco em mar azul** também ganha espaço no "Jornal City News"<sup>18</sup> cujo artigo se refere ao livro de Zotz como uma obra escrita com uma boa dose de brasilidade, onde as crianças podem divertir-se e aprender, ao mesmo tempo.

Mas a obra de Werner Zotz foi ainda mais além. É da Bahia<sup>19</sup> a próxima nota comunicando o lançamento de outro livro do autor, mencionando três títulos, entre eles **Barco branco em mar azul**, em sua sétima edição, fazendo uma abordagem otimista dos verdadeiros valores da natureza humana, característica que acompanha toda extensão da obra do catarinense.

Ainda no ano de 1982, o *Jornal de Brasília*<sup>20</sup> destaca os lançamentos de "Bons títulos para gente jovem" e entre eles está Werner Zotz, com **Barco branco em mar azul**; sabemos porém que não se trata de lançamento, mas de nova edição pois o livro teve sua primeira edição em 1978. O que ocorre é que, normalmente quando Zotz lança um livro, na mesma ocasião os demais títulos são citados como demonstração de qualidade de toda sua produção literária.

---

18- *City News*. Campinas. São Paulo: 02 maio 1982.

19- *Jornal da Bahia*. Salvador: 09 maio 1982.

20- *Jornal de Brasília*: 03 jun. 1982

Em seguida, outra nota intitulada "Livros infantis"<sup>21</sup> atenta para o fato da dificuldade em encontrar bons livros infantis à venda, em bancas e livrarias. Por isso, a satisfação em divulgar **Barco branco em mar azul**, que "pode ser presenteado tranquilamente", segundo o autor do artigo.

A próxima divulgação do lançamento de **Barco branco em mar azul** é da coluna "Livros", publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, em 26 de abril de 1982. Juntamente com outra nota publicada no dia 30 de abril do mesmo ano, o jornal comenta brevemente o livro de Zotz, chamando a atenção para uma história "cheia de brasilidade", aliada a uma proposta de reflexão, por parte do autor, cujo livro já alcança sua sétima edição.

Na sequência, a próxima resenha jornalística,<sup>22</sup> data de 19 de junho de 1982, sob o título "Infanto-juvenil", permite verificar a proposta da resenha literária que visa a atender ao leitor apressado. Usando de rápidas pinceladas, o redator descreve **Barco branco em mar azul** como sendo de "textos muito bem realizados, instigantes, motivadores de consciência crítica sobre a realidade"

Essas e outras qualidades podem ser encontradas em toda obra literária do autor catarinense, de "nome estrangeiro mas de uma literatura brasileiríssima", conclui o artigo.

Vamos então até o nordeste do país, através do *Jornal do Piauí*,<sup>23</sup> saber de que maneira a obra do catarinense é recebida pelo público. E pela primeira vez temos em mãos uma leitura abordando o aspecto educativo do trabalho literário desse autor. De acordo com o autor do resumo,

*Dentro de pouco tempo Werner Zotz estará no coração da criança destes brasis, todo inteiro, de corpo e alma – e a criança dará graças a Deus por tanta amizade de um sujeito*

21- LIVROS infantis. *O Diário*. Ceará: 20 jun. 1982.

22- Salientamos que atualmente continua sendo bastante comum jornais e revistas publicarem sínteses ou notas sobre obras apenas com interesse de divulgar lançamentos de determinados escritores. Por isso não nos surpreendemos com essa prática em se tratando de obras do gênero infantil.

23- TITO FILHO, A. "Literatura infantil". *Jornal do Piauí*. Terezina: maio 1980.



*inteligente e bom, que está criando uma literatura infantil nacional, de assunto e de gente nossa.*

*Leio agora duas obras desse moço talentoso: **Barco branco em mar azul** e **Apenas um curumim**, páginas de arte, escritas com amor e sobretudo com encanto. Mensagem educativa sobretudo em ambos os personagens são brasileiros, notadamente no segundo – o índio, o drama do índio. Livro para o lar, que ajudam o processo educacional da família.*

Estes foram os documentos selecionados sobre o livro **Barco branco em mar azul**, que não apresentam todos os dados da fonte que os publicaram, isso não quer dizer que o leitor interessado na matéria não possa identificar a procedência. Apenas terá um pouco mais de dificuldade.

Daqui para diante analisaremos as referências mais completas e de maior consistência, elaborados por jornalistas em geral e críticos mais renomados, que contribuíram para o sucesso da obra do autor catarinense.

A primeira iniciativa de peso, referente à análise deste livro parte do já mencionado jornalista e escritor Edilberto Coutinho,<sup>24</sup> ao escrever para o jornal *O Globo*, mostra-se adepto da proposta literária de Zolt como autor que domina o universo infantil e adulto, pelo que adota uma postura renovadora de falar sobre o real através de uma relação dialógica com o leitor. Em sua leitura, Coutinho vê em **Barco branco em mar azul**,

*um tipo de livro infantil de que andamos bem carentes. E isso seria de pasmar se não fosse parte de uma verdade bem conhecida: precisamos de livros assim, para faixa menor, simplesmente porque conta uma história cheia de brasilidade, cuja ação se passa num ambiente nosso.*

*Zolt se preocupa, exatamente em não camuflar com efeitos à la Walt Disney, a selva onde seus pequenos leitores estão prestes a combater. Mas não faltou no texto uma visão otimista.*

---

24- COUTINHO, Edilberto. *O Globo*. Rio de Janeiro: 15 jul. 1979, p.19.

O fato de Zotz se fazer entender também pelo público jovem, habilidade que poucos escritores têm, está comprovado no artigo de *O Diário de Ribeirão Preto*<sup>25</sup> (SP), onde o articulista afirma que **Barco branco em mar azul** atingiu a décima segunda edição em seu quarto ano de publicação. O autor da resenha atribui as sucessivas edições e a boa receptividade do público ao estilo do autor, que possui uma forte atração pelo mar, e utiliza

*uma filosofia de marujo, obrigando a reflexão enquanto a história se desenvolve, atraente e instrutiva, fantástica (quem não gostaria de possuir um barquinho chamado 'sonho azul', amigo e falante como um ... gênio?).*

Num primeiro momento, o referido artigo chama a atenção para o número de edições em tão pouco tempo e remete a um discurso bastante comum entre os críticos literários de que o talento somente fica comprovado quando a obra conseguiu passar o seu recado através da interação entre autor e leitor. Porém, num segundo momento, a idéia de grandes tiragens pode funcionar como faca de dois gumes, onde o livro é distribuído em todas as salas de leitura, bibliotecas enfim, e permanecer na estante o resto da vida. Isso não significa que o autor atingiu realmente o leitor; aliás muitas vezes nem mesmo o escritor consagrado consegue, pois para penetrar no mundo infantil é preciso muita habilidade. Nas palavras da crítica infantil de Ana Maria Machado, escrever para criança está longe de ser "fazer qualquer coisa".

Ocorre, ainda, que **Barco branco em mar azul** não ficou apenas nisso, mas, no ano de 1982, houve uma mudança radical em toda a sua estrutura. Desde a capa, que ganhou um visual diferente, até a linguagem usada no texto anterior sofreu alterações. Segundo Zotz, essas alterações ocorreram devido ao amadurecimento do próprio autor, sua forma de pensar em relação à estória anteriormente escrita, e à linguagem utilizada no texto. Foi uma fase de transição, porque ele passou a perceber que a literatura infantil tinha "mania de dar lição de moral"; por isso o autor

---

25- BRITO, Oswaldo Lopes de. "A boa literatura infanto juvenil: três livros de Werner Zotz". *O Diário de Ribeirão Preto*. São Paulo: 25 abr. 1982.

teve o cuidado de fazer essa "atualização" ao público, que deu a resposta ainda em 1982, quando este mesmo título alcançou a décima segunda edição pela Editorial Nórdica Ltda, do Rio de Janeiro. Se o livro ficou nas prateleiras é outra história; o que sabemos de concreto, através das pesquisas, é que a sua repercussão se fez ouvir nos jornais, escolas e congressos de várias partes do País.

**Barco branco em mar azul**, em outra ocasião, também foi analisado na coluna *Estante*, do jornal *Última Hora*,<sup>26</sup> em que a própria autora do artigo, Agnes Roberta, habituada a usar esse espaço com títulos "dirigidos tão somente a ala adulta", acredita que o leitor sentirá estranheza ao se deparar com uma obra "para ser consumida pelo público infantil". Aliás, a própria Roberta se questiona a respeito da forma marginal com que é tratada a literatura infantil e, numa atitude de revolta, desabafa:

*só porque os adultos pensam que o que se escreve para a molecada não tem nem um tiquinho de conteúdo? Enganam-se redondamente. Vejam este 'Barco Branco...' de Werner Zotz (um dos responsáveis pela Beija-Flor) conta uma história bem brasileira, usando a fantasia para mostrar realidades inevitáveis, em linguagem simples mas de um lirismo comovente. E daí a gente lembra que muitos dos livros 'adultos', não passam de ficção e, tirando os depoimentos e reportagens, é tudo fantasia, pois não? Então, porque não dispensar um cuidado especial à chamada literatura infantil? Afinal, estamos alimentando o 'futuro da nação', plantando na criança o hábito da leitura - hábito que o brasileiro, entre tantos e tão variados hábitos - infelizmente não aprendeu a cultivar. E Werner Zotz, acostumado a escrever para adultos, mostra que a criança merece a consideração de receber uma história limpa, bonita como um sonho e que traz a 'moral da história' bem aberta pra qualquer cuca.*

Os questionamentos da autora do artigo revelam que, como apresentadora de obras para o "consumo adulto", ao mesmo tempo se deixou cativar pelo infantil, com a mesma preocupação causadora de grandes embaraços ao se tentar definir a

---

26- AGNES, Roberta. "Para crianças e adultos". *Última Hora*. São Paulo: 13 jun. 1979. p. 17- Estante.

literatura para crianças, enquanto manifestação estética. Se para ela tudo parece ser uma literatura só, então quem é escritor não é escritor só para crianças e, tampouco, quem faz literatura não faz só literatura infantil. É o caso de Zotz, pelo que ela mesma observou no final do seu artigo, onde o autor, "acostumado a escrever para adultos", também sabe conquistar o leitor jovem, levando-nos a entender que as delimitações quem faz é o próprio leitor, através das suas preferências.

De qualquer forma, o que vale é o reconhecimento do bom conteúdo na obra de Zotz, aliada à defesa de maior valorização da literatura infantil, por parte da autora, deixando de lado os adjetivos quando se trata da obra Werneriana.

A obra do catarinense se expande ainda mais, dando sinais de recepção em todos os cantos do Brasil. É mais uma vez de Ribeirão Preto (SP)<sup>27</sup> que desponta a próxima crítica de resenha, resumindo o **Barco branco em mar azul**, que atinge sua terceira edição com apenas dois anos de lançamento. O redator entusiasmado simpatiza com as paisagens de beira-mar, o velho e sábio capitão, a curiosidade do menino ouvindo as histórias de vida que o antigo lobo do mar conta com muita sabedoria e, "de permeio, o Sonho azul, veleiro pequeno e maneiro, que também sabe acompanhar as tretas do marujo", no pensar do redator.

Apostando no bom gosto, o autor da resenha tenta contagiar o público com o mesmo entusiasmo que fez a leitura do livro através de um chamado diferente:

*claro, Werner Zotz é um senhor escritor: cada narrativa tem a linguagem adequada. Estilo de quem possui o dom de comunicar-se e, no caso, com o excitável mundo infantil, sem pieguismo. Anotem-lhe o nome, amigos.*

A partir do título do artigo acima mencionado, é possível supor que o autor do mesmo conhecesse pelo menos outras duas obras de Zotz, embora apresente também um resumo de **Apenas um curumim**, que já havia sido publicado. Em fevereiro de 1980, Zotz tinha apenas três obras editadas, em sua segunda fase: **Semeadura**, **Barco branco em mar azul** e **Apenas um curumim**. Por isso

---

27- BRITO, Osvaldo L. de. "Curumim, histórias do mar, árvores que falam ...: (é a literatura infantil chegando às livrarias)". *Diário da Manhã*. Ribeirão Preto: 27 fev. 1980. p.10.

despertou nossa atenção o artigo intitulado *Curumim, histórias do mar, árvores que falam ... (é a literatura infantil chegando às livrarias)* em relação à data do mesmo, fazendo crer que não pertence ao artigo mencionado.

O fato é que, *árvores que falam...* se refere ao livro **Não-me-toque em pé de guerra**, do mesmo autor, editado em 1982, segundo veremos mais adiante. Assim, ficam esclarecidas possíveis dúvidas que venham a ocorrer e também chamar atenção do leitor adepto da obra werneriana, que venha a ler esse trabalho.

Sob outro enfoque, **Barco branco em mar azul**, entre todos os títulos do autor, tem a preferência de alguns analistas entre as resenhas estudadas, por conter os ingredientes necessários a um bom livro do gênero infantil. Nele estão embutidos o mistério, a poesia, o conflito, sempre de forma a atrair o leitor, que aguarda com expectativa o desenlace da estória, atento a cada episódio que o autor cria, empregando uma linguagem com lições de liberdade e amor à natureza. Ao mesmo tempo em que procura preservar as nossas tradições, de acordo com a linha de análise feita pelo autor da resenha Guido Heleno, do *Jornal de Brasília*, em 28 de agosto de 1980.

Acompanha o artigo uma nota em que **Apenas um curumim** está entre os cinco livros mais vendidos na semana da publicação do mesmo.

O Suplemento Literário de Minas Gerais, publicado em 08 de maio de 1982, também aposta no bom gosto do público jovem que lê **Barco branco em mar azul**, e ao mesmo tempo, encontra distração através de relatos com sabor de aventura, aprendendo a meditar, curtindo pequenas reflexões. Aquelas reflexões descompromissadas e livres, transmitidas por um autor que dá o seu recado de maneira original, preocupado não apenas em atingir o leitor, mas em alargar o horizonte do mesmo. Como lembra Ezequiel T. da Silva:<sup>28</sup>

*o domínio de novos signos (verbais escritos) definindo novos horizontes, novos significados e/ou novas alternativas, somente vem ampliar o meu projeto de existência, tanto em termos de*

---

28- SILVA, Ezequiel T. da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia de leitura*. São Paulo: Cortez, 1992.p. 67.

*participação cultural como em termos de auto-determinação, busca de autenticidade e a vida em propriedade.*

Assim, essa referência nos remete ao fato de que a expressão e a recepção são geradoras da comunicação, que acontece principalmente quando essas expressões são transmitidas através da obra literária. E no caso de Zotz, a recepção da sua obra, até esse momento do trabalho, foi representada através de depoimentos, confirmando que o autor conseguiu se comunicar com um leitor exigente, usando uma "linguagem direta e sem pieguismo". Aliás, Zotz, em seu projeto estético e ideológico, inaugurou um novo modo de narrar, sem manter distância entre o narrador e o leitor, permitindo a sintonia entre pelo menos três vozes dentro do seu discurso: o narrador, a mensagem e o receptor.

Às vezes o narrador utiliza a estratégia de escrever como se fala, como meio de conquistar o receptor e permitir a fruição direta na comunicação.

Foi dessa forma, e trazendo suas preocupações para dentro do que escreveu, que se deu a verdadeira sementeira de Zotz, ao enfrentar o desafio de fazer uma literatura de denúncia. O que nem sempre é compreendido pelo público jovem. E uma das respostas de como chegar a isso é da crítica literária Glória Pondé<sup>29</sup>

*a literatura não é, há muito tempo, uma arte alienada e o escritor não se encerra mais em torre de marfim; tem de ir a luta e estar munido de muitas informações para compor seu universo literário, seu estilo e sua visão de mundo.*

*Todo texto pressupõe um público. O público infantil costuma ser caracterizado pela faixa etária e não pelos interesses e aptidões. Há comportamentos, interesses e visões de mundo tão diversos quanto forem as raças, os costumes, as religiões, as classes sociais e as fases de crescimento a que a criança estiver ligada. Por isso, o adulto escritor não deve cair no engano de pensar que 'criança gosta de tudo, principalmente sendo pobre'.*

Esses traços são referenciais da obra do autor catarinense que se fazem necessários ressaltar a qualquer leitura atenta. São abordagens que contribuem

tanto como sinalizadores para um estudo do livro, quanto para uma possível indicação de leitura.

Prosseguindo na crítica de resenha, e no método acima estabelecido, retomamos o texto do jornal *A Notícia*, de Maria Goreti Gomes,<sup>30</sup> transcrito anteriormente quanto ao seu parecer sobre **Semeadura**. Através do mais longo e significativo depoimento, ela aborda os mais variados enfoques sobre a obra e a vida do autor, com apontamentos que merecem destaque por diferirem dos demais e fazerem revelações importantes sobre o autor. A respeito de **Barco branco em mar azul**, encontramos o primeiro comentário sobre o estilo da narrativa em Zotz. O artigo é datado de 1983, ano em que o autor lança o seu quinto título na segunda fase, e Gomes ressalta uma continuidade da preocupação do autor em abordar a natureza, como responsável por determinar o ciclo maior da vida das pessoas e como o próprio Zotz se pronuncia dizendo que "quem tentar alterar esse ciclo se dará mal". De forma clara e precisa, ela analisa as duas fases do autor:

*a primeira, onde, embora já se utilizando da linguagem coloquial, não havia desenvolvido o estilo individual de transmissão de idéias e pensamentos. Utilizando-se mais da narração através de diálogos. Para Werner essa primeira fase não tinha 'o estilo tão apurado'. Hoje ele se coloca como escritor de pensamentos e não de diálogos, isso enriquece muito a obra, 'porque as pessoas não são naturais quando falam mas sim quando pensam'.*

Num artigo longo, porém não exaustivo, Gomes também foi quem falou pela primeira vez sobre a obra de Zotz publicada em 1967, aos dezenove anos. É importante e quase inédito relatar opiniões destes primeiros escritos de Zotz, pois até então não conseguimos reunir nenhum documento que falasse a esse respeito, embora reconheçamos que se trata de um momento repressivo que o país vivia, conseqüentemente a inexistência de publicações feitas pela imprensa.

---

<sup>29</sup> PONDE, Glória. *A arte de fazer artes: como escrever histórias para crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985. p. 74-5.

<sup>30</sup>- GOMES, Maria Goreti. op. cit., p.06.

Principalmente em se tratando de um escritor, perseguido e suspeito como Werner Zotz.

A autora parece conhecer essa trajetória que originou os quatro títulos recolhidos pelo regime militar e, pela descrição, teve acesso à leitura dos mesmos, mostrado através das transcrições que seguem, apesar de pequenas falhas na redação:

*de sua primeira fase Zotz destaque para o livro 'Turuna', já tratando de problemas sociais. O livro conta a história de uma família de retirantes nordestinos, pretos, que vão morar em uma favela de Curitiba e todos sabem que quanto mais ao sul, as cidades são mais racistas.*

**Turuna** foi publicado em 1967 e também fazem parte deste bloco os livros **Balão de cor**, **Ciranda de barquinhos**, e **Elisa**. Em todos eles, já existia a preocupação social:

*Em **Ciranda de barquinhos** já se pode notar a preocupação com a consciência de classe. Desde suas primeiras obras Werner preocupou-se em escrever com linguagem fácil coloquial, de rápida compreensão.*

Gomes foi ainda mais além, ao direcionar sua análise no sentido de comparar Werner Zotz com Monteiro Lobato, no que diz respeito ao enfoque destinado ao tratamento da criança e do velho na sua obra, da seguinte maneira:

*a presença do velho e da criança significa a denúncia, a discriminação feita a essas pessoas, no sistema em que vivemos, ou seja, o velho não pode trabalhar, vai para o asilo e a criança é um débil mental não tem grande valor. É também uma técnica utilizada pelo autor para transmitir suas idéias de forma sutil.*

Com relação às personagens infantis, na obra de Zotz, não recebem recompensa pelo papel desempenhado no texto, mas são mostradas pelo autor, de maneira natural, para que o leitor infanto-juvenil se identifique com essas



personagens. Da mesma forma ocorre com os animais, com a natureza e objetos, facilitando a concentração desse leitor, uma vez que os problemas mostrados no texto são semelhantes aos vividos no seu dia-a-dia.

É nesse sentido que Werner Zotz acredita na capacidade de compreensão do pequeno leitor, herança do grande Monteiro Lobato, e como o próprio autor se manifesta dizendo que é impossível "passar por cima dele".

Em seu artigo, Gomes encerra o item que fala "das obras" de Zotz, entendendo que em **Barco branco em mar azul**, os pensamentos estão no texto do narrador, enquanto que em **Apenas um curumim** o narrador está ausente e as personagens vão descobrindo o mundo por si só. Já em **Não me toque em pé de guerra** o narrador conta a história, mas as descobertas são dos personagens, conclui Gomes.

Bastante assídua, a imprensa carioca comenta mais uma vez a obra de Zotz, através de Stella Leonardos.<sup>31</sup> Segundo esse artigo de 1979, Zotz teve seu **Barco branco em mar azul** reeditado pela Beija-flor, num texto infantil distanciado da invenção de um mundo mágico, onde tudo é belo e bonito, artifício que menospreza a capacidade das crianças de raciocinar e compreender a vida. No mesmo artigo Stella transcreve a opinião de Reinoldo Atem, segundo o qual o texto de Werner Zotz,

*se coloca perante seu público de uma maneira responsável e criadora. Aqui a criança encontra a fantasia (ou a ficção correspondente na literatura adulta), não para escapar da realidade, mas para melhor apreendê-la e se colocar perante um mundo do qual espera tudo. Nesse texto também se estimula a inteligência e o raciocínio infantis, através de uma trama cheia de surpresas - que não são gratuitas - e cheia de poesia, inerente à todas as idades.*

---

31- LEONARDOS, Stella. "Literatura infantil em boa safra." *Jornal de Letras*. Rio de Janeiro: nov. 1979. p.19.

Como não poderia deixar de ser, a imprensa de Florianópolis também se curvou diante do escritor, através do renomado crítico e escritor Salim Miguel,<sup>32</sup> que muito contribui na divulgação da literatura catarinense. Miguel tem em comum com Zotz a experiência do período repressivo, por que passaram muitos outros escritores no Brasil. Motivo suficiente para compreender o contexto que a obra de Zotz reflete. Ele sintetiza o texto sob um enfoque típico de quem pretende passar uma informação ao leitor de jornal, sem expressar uma opinião ou sensação sobre a estória analisada, restringindo-se unicamente àquilo que o texto lhe despertou:

*em Barco branco em mar azul, o problema da autenticidade no viver é debatido de maneira poética, ao par de muitas peripécias.*

A técnica da narrativa do autor contar estórias dentro da estória foi observada por outros teóricos, entre eles Maria Goreti Gomes, Vânia Maria Resende<sup>33</sup> e o próprio Zotz diz que se utiliza desse expediente por ser a melhor maneira de atingir o público maior.

No caso de Vânia Maria Resende, o enfoque foi dado sob a ótica da "construção através da palavra no contexto da metalinguagem," ou seja, a estória dentro da estória. Resende aponta outra característica positiva na obra werneriana, no sentido em que o autor não se preocupa em adequar categoricamente sua criação literária a este ou àquele público (no caso, o infantil) e acaba realizando uma literatura para todas as idades. Assim sendo, a base da sua construção como trabalho de arte, como linguagem estética, acaba eliminando a distância entre infantil e não infantil.

---

32- MIGUEL, Salim. "Barco branco em mar azul". *Jornal da semana*. Florianópolis: 10 maio 1980.

33- RESENDE, Vânia Maria. "A natureza metaligüística e auto-reflexiva de obras específicas da literatura infantil e juvenil brasileira". In: *Perspectiva*. Florianópolis: (4): UFSC, jul-dez. 1987. p.28.

Outro artigo que foge ao estilo da resenha jornalística data de 06 de janeiro de 1987, escrito por Maria Cecília Julião,<sup>34</sup> fala da literatura do catarinense como escritor não estreante e nem desconhecido no meio literário. Zotz é apresentado, sem rodeios, como um dos mais importantes escritores da nossa literatura infanto-juvenil. **Barco branco em mar azul** "é de beleza rara". Em um dos trechos do livro o personagem Tomás (o velho do mar) diz ao menino que o seu barco, Sonho Azul, não tem motor porque este faz muito barulho, "suja a água de óleo preto matando os peixes e estragando a paisagem". A autora do artigo também reconhece o "grande amor à natureza" transmitido pelo autor e passa esse sentimento aos seus leitores, "de uma forma doce, suave, natural." Acompanhando a trajetória de Zotz, ela diz também que o autor escreve por opção e gosto para atender um público tão especial, mas nem por isso deixa de fazê-lo com extremo profissionalismo. A sua preocupação em melhorar, a cada obra editada, fica evidente para o leitor assíduo, acrescenta a autora do artigo.

O próximo espaço dedicado à literatura de Werner Zotz trata de um escritor que "nasceu em Blumenau", segundo a folha de capa do caderno "Variedades", do *Diário Catarinense*, Florianópolis com data de 05 de maio de 1986. Na verdade a imprensa publicou o nascimento de Zotz em vários lugares do estado, mas nenhum deles é o correto, por isso, essa questão está melhor esclarecida no item sobre a vida do autor.

Notadamente, as análises feitas até este momento demonstram que os textos críticos sobre a literatura de Zotz se distanciam consideravelmente de avaliações interessadas no papel educativo de livros infantis e pouco se preocupam em promover o autor. Elas mostram, ao contrário, que Zotz representa uma geração de autores mais compromissados com as obras destinadas à infância. Isso inclui fazer do livro não um dever escolar mas um prazer que atenda sua expectativa, que se mantém receptiva ao longo do tempo, contrariando a narrativa que privilegia a voz todo-poderosa do narrador e que permite à criança, unicamente, a função de leitor passivo, frente ao texto.

---

34- JULIÃO, Maria Cecília. "A literatura de Werner Zotz". *Voz da unidade*. São Paulo: 06 jan. 1987. p.20 -Cultura.

O papel dessa nova geração de autores é o de dinamizar histórias do gênero infantil, estagnado desde a morte do precursor Monteiro Lobato.

A introdução de novos personagens de outros meios raciais, como o preto e o índio, e a abordagem de temas até então excluídos foram outras contribuições trazidas por esses novos "desbravadores".

É a essa visão inovadora que Regina Zilberman<sup>35</sup> faz referência ao incluir Zotz na relação de "autores representativos da modernidade na literatura brasileira", com o objetivo de divulgar os novos e verdadeiros representantes do gênero.

Zilberman também reconhece que o surgimento dessa nova leva de "escritores de valor", nos anos 70, resultou numa melhora de qualidade do livro infantil brasileiro, abrindo-se debates sobre a natureza da literatura para o público jovem, seu alcance e seus limites.

Esse mesmo livro foi também assunto de uma das mais renomadas críticas da literatura infantil a nível nacional, Nelly Novaes Coelho,<sup>36</sup> que no ano de 1995 publica uma nova edição, revisada e atualizada, do seu Dicionário de toda obra infantil, publicada no Brasil. **Barco branco em mar azul** recebeu um comentário significativo, que merece ser transcrito na íntegra, pelo tipo de trabalho que a autora realiza no meio literário infantil.

Inicialmente, Coelho apresenta o autor, citando os quatro títulos da sua primeira fase, todos eles esgotados e considerados como "fora de circulação" pelo próprio autor. Os enfoques da análise em questão apontam, por várias vezes, os mesmos aspectos analisados por outros críticos, porém abordados sob o olhar típico de uma especialista, que resume um texto de forma concisa e abrangente ao mesmo tempo. Assim, ela inicia o comentário de número 764 do seu dicionário crítico:

---

35- ZILBERMAN, Regina. "Introduzindo a literatura infanto-juvenil". In: *Perspectiva*. Florianópolis: 2(4): UFSC. jan-jun.1985. p.102.

36- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX*. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Edusp. 1995. p.1148.

*Unindo uma visão realista da vida (percebida em seu lado duro, de luta cotidiana, as mais das vezes frustrantes) a uma consciência épica de homem (sentindo na grandeza e essencialidade de seu fazer, quando levado por um ideal), Werner Zotz escreve a estória de **Barco branco em mar azul**, filtrando-a através de uma visão poética da vida. Trata-se de uma narrativa entre o real e o imaginário, e fala do encontro definitivo de um menino com um velho do mar.*

*Em estilo conciso, mais sugestivo e explicativo, em ritmo espalhado, sem ser cansativo, a efabulação vai revelando ao leitor a experiência da vida que mostra ao menino a essencialidade das coisas e dos seres, através da companhia e da fala meio mágica do velho do mar. Este é o Capitão Tomás, que conversava com seu barco, o Sonho Azul, e com a gaivota Circe (sic). Jogando com dois elementos essenciais à atração narrativa, a expectativa do enigma e a poetização da realidade (que a torna mágica ou maravilhosa), o autor consegue criar uma situação novelesca que prende desde logo o jovem leitor.*

*Para além da dureza do mundo e do mal da violência ou dos preconceitos, as idéias mais fortes a circularem neste livro são as da solidariedade humana, da alegria de viver em comunhão com universo natural que nos rodeia e ..., principalmente, o valor do sonho ou do ideal de uma realização interior.*

A obra do autor catarinense reserva uma surpresa a cada documento analisado. Dessa vez nos referimos à crítica universitária que se faz representar pelo professor e crítico literário Lauro Junkes.<sup>37</sup> Ele publica artigos em toda a imprensa local, como estudioso e divulgador da Literatura catarinense.

No caso de **Barco branco em mar azul**, Junkes não faz comentários biográficos sobre o autor, porém defende a postura de que na obra de Werner Zotz é possível identificar um confronto "entre o universo infanto-juvenil e o mundo dos adultos".

Junkes tece, em seguida, um relato da estória, ressaltando a presença do menino e do velho, numa "convivência sadia, amiga e fascinante", como que "religando a idade da maturidade autêntica com a esperança de vida que desponta".

---

37- Comentário de livro ainda inédito sobre a Literatura Infanto Juvenil em Santa Catarina.

O crítico entende que:

*Se de modo geral vigora uma perspectiva exterior, limitada e dramática, a narrativa da fábula, embora por narrador específico, faz alargar-se a onisciência dos contos de fada 'era uma vez...'; para densificar os sentimentos de solidariedade, ternura e liberdade. Embora fabulosa, a narrativa embutida vem demonstrar como neste mundo ninguém é ilha isolada; mas, para viver em maior união, por vezes é preciso enfrentar maus bocados.*

*(...). Enfim, no episódio final, o menino é levado a sentir concretamente a realidade da intervivência homem natureza: 'a gente quando tem o coração limpo de maldade, consegue entender os bichos e as coisas ...'(p.58). E quando o velho Tomás, Sonho Azul e Cice partem, deixam ao menino uma miniatura do Sonho Azul. E o menino escuta o barco falar (...) iniciando uma grande amizade.*

Além de outras observações feitas nesta nota, também é possível verificar a presença constante de bichos na obra de Zolt e, normalmente, ocupam lugar de personagens normais no discurso. Neste caso, a gaivota Cice, para quem conhece o livro, desperta no leitor reações de evidente simpatia e emoção, desde a maneira como a ave chegou na história, até sua participação no desenrolar da narrativa, e certamente sem a sua presença a história não seria a mesma. Devido ao papel de confidente do velho Tomás, Cice atribui à narrativa a tônica de que somente com a pureza da alma o ser humano consegue entender esses seres desprovidos de maldade.

Ainda mais simpático à obra de Zolt, Junkes faz um desfecho, acrescentando a influência da "história dentro da história" para a fantasia da criança da maneira que o autor sabe tecer. Longe da forma ilusória e irreal, e sem a

*superioridade do ser humano de querer dominar e escravizar tudo. Ao contrário do encantamento mágico, o autor enfoca duramente os desvirtuamentos humanos, a violência, ganância e desrespeito. Entretanto, tudo auxilia para que o pequeno leitor possa mais facilmente ordenar seus sentimentos e vivências (...). Embora fascinante e enriquecedora do sentimento humano, a narrativa não aliena fantasiosamente nem se perde em violências negativas.*

Assim, damos por concluída esta etapa, atentando mais uma vez para o fato de que em nenhum momento se encerra a repercussão da crítica em relação a cada um dos títulos de Zotz, pelo fato da maioria dos seus livros estarem citados em conjunto, propriamente no conteúdo de todos os comentários publicados na imprensa, independente do objetivo da publicação.



Neste livro, Werner Zotz conta uma história bonita e, como toda história bonita, muito triste. Uma história importante. E linda de ler, fundamental de saber, e comovente de ouvir. Uma história muito humana, sem medo de colocar coisas vitais e fundamentais.

A história é tão densa e significativa que pessoas de todas as idades deveriam conhecer para saber o que estão fazendo com o "curumim" que existe dentro de cada um de nós!

Fanny Abramovich - **Jornal da Tarde**, 26.03.80.

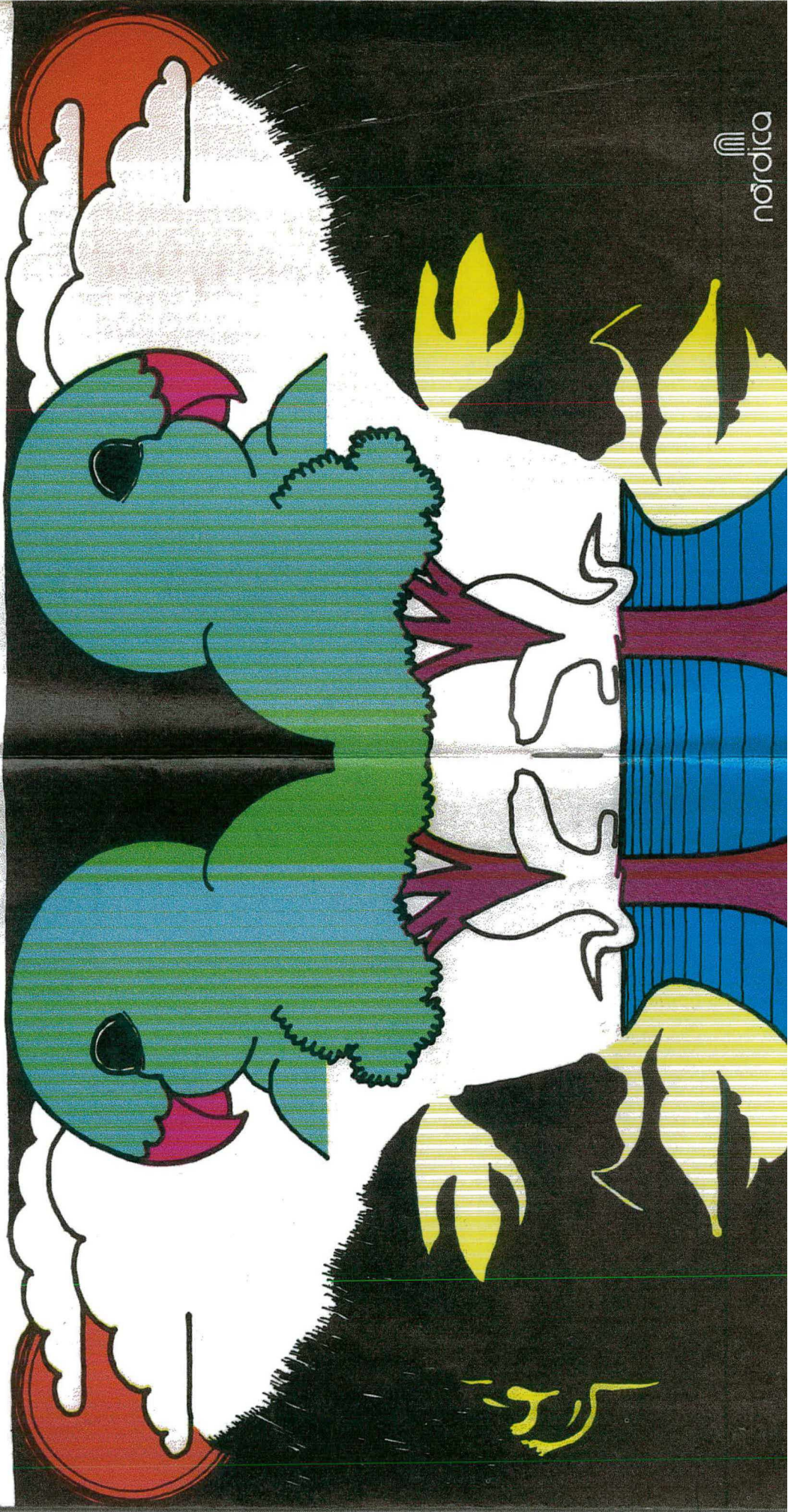


CIRANDA DE LIVROS

# APENAS UM CURUMIM

12.<sup>a</sup> EDIÇÃO

**Werner Zotz**



nórdica



### 3.4 - Mas tudo começou com o premiado *Apenas um curumim*

Na língua dos antepassados não existia essa palavra que agora a gente conhece, que se chama mentira. ... Nunca ninguém caçou mais do que aquilo que ele e os amigos pudessem comer. Nunca ninguém caçou algum bicho de pelo ou pena, fiscou peixe, que não fosse repartido entre os do seu povo. Não havia rico nem pobre, porque nunca se explorou ninguém, nunca se abusou do trabalho do outro.

A autoridade era conquistada pelo saber, pela experiência, pela coragem. Nunca ninguém foi chefe por vaidade ou prá explorar o mais fraco.

“Apenas um curumim” - p.20-27

Se o escritor, de maneira geral, traz suas preocupações para dentro daquilo que escreve, com Werner Zotz não foi diferente. No caso de **Apenas um curumim**, o preço que rendeu ao autor, por fazer um discurso de denúncia, foi o acúmulo de prêmios e outros méritos que abriram as portas da imprensa para receber sua obra.

Terceiro na ordem das suas publicações, **Apenas um curumim** foi o mais premiado entre todos os livros de Zotz e o que recebeu os mais consistentes comentários pela crítica literária. Na verdade, ele deu o impulso inicial para que o autor se tornasse conhecido a nível nacional e no exterior. Embora o valor de uma obra nem sempre se possa medir pelas premiações que recebe, estas servem como reconhecimento e estímulo que todo autor precisa para divulgar a obra e incentivar o surgimento de outras, como ocorreu com Zotz.

No caso em questão, muitos dos fragmentos publicados em jornais e revistas atribuem méritos ao autor e à obra, por Zotz ter-se submetido a um julgamento que reuniu personagens renomadas dentro da área, e ter sido grande o número de obras concorrentes ao primeiro prêmio recebido. Pode ser melhor constatado na

publicação dos *Novos talentos que o Prêmio Fernando Chinaglia de Literatura Infanto-Juvenil*<sup>38</sup> revelou, através do anúncio com exclusividade para este jornal, único que trouxe a divulgação na data da premiação:

*A União Brasileira de Escritores manda contar do sucesso e dos resultados do Prêmio Fernando Chinaglia de 1979 - Literatura Infanto-Juvenil. Foram inscritos 200 trabalhos e a qualidade dos textos foi de tal categoria, que a comissão julgadora - presidida por Stella Leonardos - concedeu além dos três primeiros, várias menções honrosas, especiais e estímulos. (...). Muito bom constatar que talentos comprovados como o de Ana Maria Machado e Werner Zotz se confirmam: que gente nova aparece com fôlego (...) e que autores prestigiosos começam a pensar e a produzir para crianças. É alentador ver tantos nomes sérios e inventivos incluídos em concurso de literatura infantil.*

Outra nota sobre **Apenas um curumim**, foi do *Jornal do Brasil*,<sup>39</sup> que traz uma pequena amostra de prêmios recebidos por escritores “paranaenses” e Zotz aparece com **Apenas um curumim**, publicado ainda pela Coe-Editora, de Curitiba. Diz o artigo que “o conto, cujo personagem é um indiozinho, ganhou o Prêmio Fernando Chinaglia de Literatura Infantil em 1979”.

Traz também uma opinião sobre **Barco branco em mar azul**, cujo texto aborda “uma história passada no mar, com leve toque de mistério”.

No ano de 1982, três anos após a primeira premiação, Zotz conquista outros prêmios a nível nacional: recebeu o prêmio “Monteiro Lobato e Brasília de Literatura infanto-juvenil”, o que o ajudou a se consagrar diante da crítica especializada de todo o país, diz o artigo.<sup>40</sup>

É de Piracicaba, São Paulo, a próxima contribuição, resenha jornalística através do seguinte enfoque:

38- OS NOVOS talentos que o Prêmio Fernando Chinaglia de Literatura Infanto-Juvenil revelou. *Jornal da tarde*. São Paulo: 03 out. 1979. p.16.

39- MENINOS e gatos. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 08 fev. 1980. p.39.

40- PRÊMIO Brasília de Literatura. *Diário de Presidente Prudente*. São Paulo: 20 abr. 1982. p.04.

*Jari e Tamãí, um curumim e um velho pajé, procuram as terras de seus irmãos ainda livres, depois que viram toda sua tribo, antes chamada pelo nome de povo do riso, ir morrendo de tristeza, ao contato com o branco.* <sup>41</sup>

A essa altura do trabalho, o leitor sabe que o texto acima mencionado trata do enredo principal do livro **Apenas um curumim**, além de seguir o papel da resenha jornalística, restringindo-se à notícia em si.

Ainda em 1979 o *Jornal do Brasil*<sup>42</sup> publica que “Saíram os prêmios Chinaglia 1979”, onde Werner Zotz participou com **Apenas um Curumim**, submetendo-se ao prêmio, junto a outros nomes importantes que também escrevem para o público jovem. Sem meias palavras, o jornal enfatiza que,

*um júri presidido pela escritora Stella Leonardos acaba de escolher os vencedores dos prêmios (...), neste Ano Internacional da Criança, a distinguir obras de literatura infanto-juvenil. (...) um jovem escritor paranaense, Werner Zotz, que recentemente publicou uma novela infantil (...) participa do concurso com **Apenas um curumim**, para adolescentes. O livro trata da vida de um jovem índio e suas relações com meninos brancos.*

A respeito da premiação recebida por Zotz, foi grande a quantidade de jornais que publicaram notas sobre o assunto. De acordo com nossas pesquisas, foram levantadas publicações que datam de 1979 (ano do concurso), até os últimos documentos recolhidos sobre o autor, com data de 1986.

Daí a importância em fazer referência à parte deste documento, mencionado no item anterior, partido de um dos membros da Comissão julgadora, a escritora Stella Leonardos.<sup>43</sup>

41- LAPA, J. R. Amaral. “Zotz e o curumim”. *O Diário de Piracicaba*. São Paulo: 11 set. 1980. p.11.-Livros.

42- SAÍRAM os prêmios Chinaglia 79. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 01 set. 1979.

43- LEONARDOS, Stella. op. cit., p.19.

Ela conta que

*mais de 200 livros inéditos para crianças foram inscritos no Concurso Fernando Chinaglia, concurso de âmbito nacional realizado sob os auspícios da União Brasileira de Escritores. Não foi pequeno, por isso, o trabalho a cargo da Comissão julgadora, constituída pelas escritoras Maria Lúcia Amaral, Marina Quintanilha Martinez (sic) e eu própria (relatora). Tivemos de examinar meticulosamente os trabalhos sob três aspectos: estilo, conteúdo e originalidade (...).*

*O **Apenas um curumim**, a meu ver, mostra a vida indígena com a maior autenticidade: em vez dos falsos índios, dos índios românticos, índios de verdade, de carne e osso. 'Livro para pensar e colocar nas mãos de nossos jovens, para levá-los a compreender que o índio deve ser tratado como índio numa terra que lhe pertence de fato', é a opinião de Maria Lúcia Amaral. E Marina Quintanilha Martinz (sic) louvou a correção da visão antropológica do problema da aculturação e da preservação dos valores autênticos da cultura indígena, impressionada com a originalidade da narrativa e simplicidade do estilo, 'de grande impacto e beleza poética'.*

Ainda no ano de 1979, o jornal *Diário do Paraná* publica no dia 23 de dezembro de 1979 um comentário bastante significativo referindo-se ao livro **Apenas um curumim** por se destacar

*em primeiro lugar, pelo conteúdo informativo em abordar o problema da aculturação e da preservação dos valores da cultura indígena; em segundo porque o estilo é simples, direto, de grande impacto e beleza poética e, finalmente, porque apresenta, no desenrolar da narrativa as visões de mundo sob a ótica do pagé e do curumim revelando, a cada momento, o sentido da compreensão humana e da aceitação do outro. Acima de tudo, "Apenas um curumim" é um alerta à preservação à nossa cultura e dos valores permanentes do homem, como pode-se ver na Profecia- "O tempo da fome também virá... os dias serão sempre mais quentes. E quando o caraíba procurar uma sombra como abrigo, descobrirá que a terra não tem mais árvores. As noites serão escuras e frias. Sem lua, sem estrelas e sem fogueiras quentes. E o caraíba, o homem branco chorará. E quando acordar de sua imensa estupidez será tarde, muito tarde".*

Outra ocasião, Salim Miguel<sup>44</sup> volta a se pronunciar sobre a literatura catarinense, porém dispensa um tratamento diferenciado a **Apenas um curumim**, em que Zotz insere a figura do índio como personagem principal da estória. Miguel acrescenta uma síntese do texto, certamente por se tratar do livro mais premiado em toda literatura de Zotz; sem fugir à característica do comentário informativo, com simples toque de mistério para atrair o leitor curioso.

Na leitura de Miguel, o texto desenrola-se através do diálogo com a presença de dois narradores, alternando-se entre si, da seguinte maneira:

*um menino e um velho empreendem a caminhada em direção à terra em que vivem seus semelhantes. São o pajé, que guarda consigo as tradições de seu povo, e o último rebento de uma tribo dizimada. Enquanto vencem distâncias, o velho vai transformando aquele menino que só era índio por ora,(sic) no herdeiro dos valores de sua gente. Em linguagem clara, num ritmo vivo e pleno de tensões internas, o livro comove e faz pensar. Duas coisas muito necessárias, tanto para os pequenos leitores quanto para os adultos.*

Nota-se também a intenção do jornalista, pela redação que fala pouco e diz tudo o que o leitor apressado quer saber sobre um assunto novo.

Entretanto, **Apenas um curumim** não serviu somente para entusiasmar a crítica, tornando público o seu autor, mas para compará-lo com autores de renome nacional, deixando Zotz em igualdade com os escritores de mais lirismo do Brasil contemporâneo. Segundo alguns críticos, a obra expressa toda ânsia de modificações, de insatisfação e um desejo de estravasas, deixando muitas indagações a respeito da real situação do índio e o preconceito da sociedade para com ele. Mais especialmente para o paulista João Petrelli,<sup>45</sup> foi grande a incidência do tema “índio” no concurso que deu o prêmio à Zotz.

*Entretanto, em nenhum trabalho ele foi abordado dentro de uma visão antropológica tão correta como em **Apenas um***

44- MIGUEL, Salim. “Apenas um curumim”. A Ponte. Florianópolis: nov. 1982.

45- PETRELLI, João B. Gazeta de Limeira. São Paulo: 17 fev. 1980.

*curumim. O livro (...) tem grande valor literário e merece ser lido por crianças, jovens, adultos, enfim, por todos aqueles que se interessam pela preservação de nossa cultura, pela manutenção das nossas raízes e pela afirmação dos valores permanentes do homem.*

Diferente das demais manifestações, sem ater-se aos recursos das técnicas narrativas e ao prestígio de um prêmio, que massageia o ego do escritor, a conceituada Fanny Abramovich<sup>46</sup> se dirige ao leitor de maneira imparcial e natural para ressaltar as qualidades da obra, assim como expor os seus defeitos, valendo a pena transcrever grande parte de seu escrito, por conter interpretações que abrem caminhos ao leitor jovem, pouco habituado à leitura.

Ela mostra as várias veredas e possíveis conclusões a que pode se chegar. Abramovich vê como principal mérito da obra a importância fundamental de se lutar para manter a liberdade e os valores individuais.

Fugindo à característica da resenha, a autora deixa o leitor inteirado de quase toda a estória, através de um arranjo selecionando os aspectos principais, sem alterar o desenvolvimento do enredo, tentando seduzir o leitor através da sua genial forma de escrever para o jovem. Para ela, **Apenas um curumim,**

*conta de como é o índio, que olha só a beleza, que tem o saber (aquele que realmente importa) das coisas simples e necessárias, de como o branco compra os índios, de como se apossou de suas terras, de como eles acreditaram na conversa do homem branco, de como não perceberam (porque não sabiam o que era) (sic) as suas mentiras. E de como o índio foi ficando com vergonha de ser índio e começou a trabalhar para o branco. E aí, como a terra e a mãe natureza foram ficando tristes e sentidos com tudo isso e começaram a morrer, junto com a água, a caça e o próprio índio. E de como uma tribo chamada de povo do riso foi morrendo de tristeza pura (...).*

*E conta também do velho pajé, do qual todos tinham medo. De como ele reeduca o único menino que sobrou para ser índio outra vez. Mas que para isso deixa-o ir tentando sozinho, para ver se ele aprende sem ter de ser ensinado.*

---

46- ABRAMOVICH, Fanny. "Uma história de índio. Simples e apaixonante". *Jornal da Tarde*. São Paulo: 26 mar. 1980. p.08.-Criança.

*Tanto que ele percebe que enxergar outro caminho não é vergonha é procura e é crescimento! Que procurar a paz não quer dizer humilhação calada, muito menos fazer de conta que os problemas não são nossos. E que se pode morrer feliz e satisfeito, quando se faz o que se devia nessa terra.*

*E conta do 'curumim', deste menino que sobrou, que tem na pele a cor do índio, mas que não sabe pensar como sua gente. Do temor da solidão dessa criança, para quem os adultos sempre resolveram tudo. De como, para ele, é difícil entender a gente grande. Mas que recupera tudo isso, pelas mãos do velho pajé, se reencontra, acha a sua identidade e volta para continuar construindo e defendendo a identidade do seu povo. Porque aprende a escutar a voz que vem de dentro de cada um, porque aprende a remar e a amar a natureza e sobretudo porque compreende que 'o que não é feito com as mãos da gente, com o amor da gente, não é da gente'.*

*Uma história humana (...) sem medo de colocar coisas vitais e fundamentais (...).*

*É pena que a capa (um pouco poluída demais) e as ilustrações (...) não acompanham a delicadeza na narrativa. São duras, frias, não envolvendo nem enternecendo como a leitura do texto. Mesmo a tentativa de fazê-las sob a forma de quadrinhos (...) compromete a leitura. Faz sublinhar o que não precisa, resume o que não pede para ser sintetizado.*

Sem a intenção melodramática, numa primeira instância, essa perspectiva de leitura indica apenas um outro caminho para apreender a composição textual, a partir de uma diferente forma de expressão. Habituada a envolver a emoção no momento da leitura, Abramovich parece continuar a estória e ao mesmo tempo contagiar o leitor com o mesmo entusiasmo. Essa é uma característica da teórica, toda vez que se pronuncia a respeito de assuntos inquietantes.

Para enfatizar ainda mais o pensamento da estudiosa de assuntos que tratam da infância, basta rever as suas argumentações sobre o perfil ideal do escritor infantil. Na sua opinião, para ser escritor, primeiramente,

*é preciso reavivar a própria criança existente dentro de cada adulto, saborear o que vai dizer, se divertir e se emocionar com o que vai contar, não ter medo de ter medo e saber da*

*importância (em qualquer nível) do que tem a dizer ( ...) pra que a gente (leitor) também possa sentir tudo isso. Senão, é uma chatura, que não se justifica (...). E se não se justifica, porque editar?.*

Em todo discurso de Abramovich, os assuntos são tratados com seriedade e, acima de tudo, a preocupação com livros que em nada agradam ao leitor criança. Ela sempre defendeu a idéia de que o livro de má qualidade não deve chegar nunca às mãos desse leitor.

Além das citações já mencionadas, verificamos outras de igual relevância para a crítica infantil, quando se trata de nomes como o de Laura Constância Sandroni<sup>47</sup>, admiradora do estilo werneriano, que desponta na crítica para reforçar as impressões deixadas sobre a obra do autor, até o momento, contribuindo ainda mais para sua divulgação no meio literário.

Zotz mereceu a atenção da autora, sob o seguinte comentário:

*Do ponto de vista da análise crítica é um privilégio ler-se na mesma oportunidade **Barco branco em mar azul** já em terceira edição e **Apenas um curumim** recentemente premiado (...). Isto porque pode-se perceber com clareza as semelhanças temáticas entre um e outro e ao mesmo tempo notar como Werner Zotz cresce como autor de uma para outra obra (...). Sua preocupação marcante com a transmissão dos valores humanos está perfeitamente delineada na escolha dos protagonistas: velho e criança juntos, sós e amigos nos dois textos. O velho, símbolo da sabedoria, da experiência, da vida vivida em plenitude abre-se ao menino, conta-lhe seus segredos, estabelece pontos entre passado e presente e coloca no futuro toda sua esperança de um mundo melhor (...). O menino desconfiado a princípio, aproxima-se do velho movido pela curiosidade e em seguida deixa-se encantar pelas histórias que conta, permeável às lições que elas encerram.*

*Esse aspecto assumidamente 'orientador' da obra é que estabelece a diferença de nível literário entre os dois textos. É claro demais no primeiro, que apesar de simbólico é eivado*

---

47- SANDRONI, Laura C. "O índio como protagonista de uma história com sabor brasileiro". *O Globo*. Rio de Janeiro: 06 abr. 1980. p.05. -Literatura infantil.



*de pequenos ditos/lições que o prejudicam no que tem de lírico e comovente.*

*Já em **Apenas um curumim** o autor encontrou o tom certo. As lições, e elas estão presentes são passadas dentro do contexto exato, da linguagem certa, em nada prejudicando o andamento da narrativa. A idéia, por exemplo, de que os bons e puros de coração podem ouvir a voz dos seres inanimados, da natureza e de sua própria consciência está muito melhor transmitida no segundo, embora explicitada freqüentemente no primeiro. (...) A escolha da cultura indígena brasileira (...) foi muito feliz (...). Ilustrações de qualidade muito inferior ao texto fazem sonhar com uma edição mais cuidada. Afinal, as crianças merecem o melhor.*

Não há como negar, entre a crítica especializada, a predominância em frisar o confronto entre dois mundos: adulto e infantil, como presença garantida nos textos do autor catarinense. Mas a relação apontada nesse confronto de universos nunca ocorre de maneira a impor lições moralizantes, descontroladas, mas no tom certo e sem uma distância acentuada entre as posições que ambos ocupam no discurso. Certamente isso ocorre em virtude de Zotz partilhar do mesmo pensamento de Sandroni, ao entender que “as crianças merecem o melhor”. E pela segunda vez Zotz não foi feliz ao ilustrar o curumim, pela fraca qualidade da mesma.

É da própria Sandroni a seguinte matéria escrita para o jornal *O Globo*, onde ela apresenta a relação de títulos selecionados para compor a *Ciranda de Livros*,<sup>48</sup> com **Apenas um curumim** entre eles, juntamente com a indicação para leitura de crianças entre terceira e quarta séries. Na referida seleção, foi constatado mais uma vez que Zotz surge entre autores de grande destaque na literatura infantil, como: Ana Maria Machado, Ziraldo, Juarez Machado, Fausto Cunha (que trata de ficção científica), Paula Saldanha e outros tantos.

Sob outro viés, sabe-se que a temática indígena estava cada vez mais em evidência nos anos 80, chamando a atenção dos teóricos da literatura infantil, preocupados com a negligência com que eram tratadas as minorias raciais pelo gênero infantil, até então. Entre elas, a questão do índio passou a ser alvo de

---

48- SANDRONI, Laura C. “Na academia, o convênio da nova Ciranda de livros”. *O Globo*. Rio de Janeiro: 04 mar. 1985. p.04.

atenção de muitos trabalhos publicados na imprensa, no sentido de integrá-lo às narrativas renovadoras, até mesmo como protagonista. Nesse sentido, Regina Zilberman<sup>49</sup> discorre sobre o tema do índio, utilizando três títulos que abordam a questão. Na tentativa de estabelecer os pontos em comum entre eles, Zilberman constata que os livros tratam de questões relativas aos intercâmbios entre o índio e a civilização branca, apontando uma desigualdade entre estes dois grupos sociais, pois a dominação branca é inquestionável. Resulta mesmo na destruição do ambiente natural e na falência interna do índio, uma vez que perdem a própria identidade, conforme ressalta Zoltz em **Apenas um curumim**, utilizado por Zilberman para mostrar os efeitos do processo da colonização, histórica e irreversível.

De um enfoque mais realista é o texto de outra conceituada e importante crítica do gênero infantil, Mirna Pinski ao contribuir para o jornal *Schopping News*.<sup>50</sup>

Ao analisar o texto de **Apenas um curumim**, ela ressalta que a narrativa sugere ao leitor que leia a estória do menino curumim como se ele fosse verdadeiramente um índio, apesar de ter perdido as principais características que o identificariam como tal. Ela é bastante enfática na sua percepção, e relaciona o texto de Zoltz com os demais do gênero, sob o seguinte enfoque:

*Diferente de outros textos para crianças que tratam do tema, aqui o índio é mostrado sob a ótica de um nativo consciente da desestruturação da sua cultura, mas consciente também da sua responsabilidade nesse processo. E ao leitor é sugerido que, na medida em que a atitude do branco é desmistificada, seu poder pode diminuir. Intuitivamente, a identificação, criança-índio conduzirá o leitor para dentro do jogo de forças que o livro aponta e que pode ser extrapolado para a realidade da criança (não mais índio X branco; mas criança X adulto). E a lição de resistência, sem demagogia, entrará pelos poros. Ou melhor, como Tamã, o índio velho, queria, surgirá da 'natureza de dentro'.*

49- ZILBERMAN, Regina. "A descolonização do índio na literatura infantil". *Correio do Povo*. Porto Alegre: dez. 1980. p.11.

50- PINSKI, Mirna. "Nos livros e nos teatros: os melhores programas para as crianças".. *Shopping News*. São Paulo: 23 mar. 1980. p.13. -Infantil.

A maneira como que a autora trata a figura do índio repercutiu no meio crítico, em relação ao efeito que essa abordagem pode desencadear no leitor, seja como selvagem ou dócil, o importante é construir um discurso viável ao leitor, a que se destina, e neste caso, considerado “sujeito menor” e incapaz de compreender e refletir sobre o mundo que o rodeia. Embora **Apenas um curumim** receba o rótulo de infantil, é lido com prazer estético por adultos, dotados de sensibilidade, como no caso de Pinski, que reconhece a arte na palavra escrita para qualquer público.

Outro ponto a ressaltar é a visão da autora do artigo, que difere das adotadas por outros especialistas em relação à faixa etária “qualificada” para ler esse livro. Na sua avaliação, Pinski entende que **Apenas um curumim** é, seguramente, leitura indicada a partir dos nove anos. O que pode parecer estranho, em virtude da distância espaço-cultural entre o leitor dessa faixa etária e os fatos narrados, pela ausência de um glossário de palavras indígenas. Correndo o risco do leitor, mencionado por Pinski, não alcançar o entendimento que a história exige para deixá-lo satisfeito., assim como as informações contidas nesse universo rico, mas distinto do seu contexto.

Para falar ainda mais sobre “A boa literatura infanto-juvenil”, recorremos a um novo texto do já mencionado Osvaldo Lopes de Brito<sup>51</sup>, adepto assíduo da leitura werneriana. Da mesma maneira como se dirige a outros títulos de Zolt, em **Apenas um curumim** ele se pronuncia através da visão crítica, ao afirmar que

*o tema do índio no Brasil presta-se a muitas divagações fora da realidade. O drama e o jocoso de mãos dadas com a tragédia, por vezes. Aqui, o escritor se abre para os mirins, porém visa os adultos, os que decidem, através de uma história linda e comovente, em que falam o pajé e o curumim.*

Na mesma perspectiva de análise, a crítica literária abordou, nesse livro, o conflito em que se deparam o “forte” e o “fraco”, o “selvagem” e o “civilizado” ;

---

51- BRITO, Osvaldo Lopes de. “A boa literatura infanto-juvenil”. *O Diário de Ribeirão Preto*. São Paulo: 01 de jun. 1983.

representados pelo branco e índio, velho e menino, numa relação de confronto causado pelo impacto das diferentes culturas, tentando conviver no mesmo espaço.

Resultando na dizimação do mais “fraco”, porém induzem o leitor atento a refletir sobre a possível continuidade da tribo exterminada, sendo que Zotz apresenta em seus dois extremos - velho e criança - respectivamente o fim e o (re)início de um povo. Cabe ao pequeno curumim a missão da continuidade, após receber os ensinamentos do velho sábio, que morre na certeza do cumprimento do seu legado, ao perceber que o menino

*aprendera escutar a voz de dentro e vai achar o caminho sozinho e fazer o certo.*

*Em pouco tempo, mata a dentro, vai estar com nosso povo e viver de novo, como os antepassados uma vida boa e feliz.*

*(p.54).<sup>52</sup>*

Um livro de legítima aprendizagem de formação e reconstrução para recuperar a harmonia ancestral, desvirtuada.

Trata-se ainda duma caminhada de iniciação ou reiniciação, para recompor as bases deturpadas, entende o crítico Lauro Junkes.

O mesmo olhar atento e preocupado teve a especialista em literatura infantil Fanny Abramovich,<sup>53</sup> tomando o realismo como questão central de sua análise. Ela consegue, como poucos críticos, mostrar a profundidade da trajetória retratada por Zotz, que não teve

*medo de colocar coisas vitais e fundamentais. Uma história densa e significativa que pessoas de todas as idades deveriam conhecer para saber o que estão fazendo com o ‘curumim’ que existe dentro de cada um de nós.! Pois só assim, a gente poderá sobreviver como um ser inteiro e como uma cultura e uma história inteiro.*

---

52- ZOTZ, Werner. *Apenas um curumim*. Nórdica. São Paulo: 1979 p.54.

53- Pertence ao prefácio de *Apenas um curumim* e também publicado pelo *Jornal da tarde*. São Paulo, em 26 de março de 1980.

Com uma análise feita a partir desse ponto de vista, a autora tenta transmitir a concepção que o autor possui do homem e do mundo, e compreender o motivo em abordar a temática humana, considerada como o que há de mais importante e essencial na vida e obra de Zolt. Ainda, como pressuposto de que o autor teve como finalidade, além da crítica, a elevação da condição humana transmitida através da arte. Neste sentido, podemos citar qualquer livro do autor, e analisar a maneira como os personagens contam suas histórias de vida, falando pela emoção e levando o leitor a se emocionar junto e meditar sobre todas as verdades ditas em detalhes. Destaque principalmente para o tratamento que Zolt dá aos personagens/narradores. Seus relatos penetram no sentimento do leitor, tornando ainda mais vivas as cenas e mais instigante a leitura.

Vimos ainda, à medida em que procedíamos ao levantamento e análise dos diferentes enfoques dados à literatura de Zolt, a existência de outras fontes que mencionaram o ficcionista. Trata-se de uma síntese informativa da produção literária catarinense, e sobre Zolt é feito um apanhado biográfico, acompanhado de todos os títulos, principalmente os da primeira fase em 1967/68. A obra foi classificada para a faixa etária infantil, sem fugir à regra, com “histórias divertidas, vivas e atraentes, mas que conduzem à reflexão sobre problemas do cotidiano, explorando sobretudo as relações entre pai e filho”,<sup>54</sup> conclui o autor do trabalho.

Na verdade, as poucas vezes em que Werner Zolt foi lembrado para fazer parte de coletâneas sobre a literatura em Santa Catarina, sempre lhe foi dedicado espaço para o estritamente necessário. Prova disso é a atenção exagerada dispensada a outros autores do estado, ao mencionar dados ou fatos, por vezes irrelevantes para a ocasião.

O texto a seguir apresenta maiores detalhes sobre essa questão, publicado pela imprensa num momento em que Zolt já havia lançado seis dos seus nove títulos. Foi quando,

---

54- JUNKES, Lauro. *A literatura catarinense: síntese informativa*. Florianópolis: Ed. do autor/UFSC, 1992. p.70-71.

a escritora Maria de Lourdes Krieger Locks, autora de vários livros para o público infanto-juvenil e que reside em Florianópolis, em entrevista recente a um jornal da capital mostrou desconhecer a realidade catarinense em termos literários. A autora lamentou o fato de termos no Estado apenas dois autores infanto-juvenis (Luiz Martins Mendes e Miguel Alexandre Noronha). E completou; peremptória: 'infelizmente não há mais ninguém'. Por falta de informação sobre a área em que atua (ou haveria outro motivo?), Maria de Lourdes Krieger ignorou a existência em Joinville do escritor Werner Zotz, hoje um dos mais importantes nomes da literatura infanto-juvenil da atualidade e cujas obras têm importância nacional. Zotz, que é natural de Rio Negrinho, viveu muitos anos no Paraná mas se encontra radicado na 'Manchester Catarinense' há anos. Seus livros receberam vários prêmios e são editados pela Nórdica em tiragens sucessivas. **Apenas um curumim e Barco branco em mar azul** já estão em 9ª edição. Outro livro de Zotz, **Não-me-toque em pé de guerra**, alcança 2ª edição. O seu último trabalho - **Rio Liberdade**, também editado pela Nórdica, recebeu grande acolhida da crítica, sendo antecedido por **Mamãe é mulher do pai**, que obteve igual destaque junto ao público e crítica especializada. Por isso, não é possível entender a omissão de Maria de Lourdes Krieger Locks, que também edita seus livros por uma editora de nível nacional (Brasiliense), em relação ao seu companheiro escritor.<sup>55</sup>

Com relação a isso, é interessante observar que o mesmo 'esquecimento' não ocorreu com as publicações de âmbito maior que normalmente trazem nomes de extrema relevância para o meio literário jovem. Foi o caso da Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina – APUFSC, ao organizar um programa com o objetivo de tornar a literatura infantil mais conhecida, estudada e discutida. Inseriu o nome do autor catarinense em *Livro, criança e lazer-1989*, organizado pela própria Maria de Lourdes R. K. Locks. O artigo trata sobre "Dois curumins da literatura infantil", baseado no livro de Werner Zotz, **Apenas um curumim** e outro título premiado, do autor Antônio Hohlfeldt, **A primeira guerra de Porã**.

---

55- AMNÉSIA, literária. *A notícia*. Joinville: 08 abr. 1984. p.02. -Apontamentos.

Por outro lado, este fator não tira o mérito da obra werneriana, tendo em vista que a crítica nacional e internacional compensaram essa lacuna. Porém, este quadro contribui para que o escritor catarinense se mantenha cada vez menos divulgado a nível local, podendo dar grandes contribuições ao leitor através da qualidade dos seus livros, que já venderam mais de um milhão de exemplares, e **Apenas um curumim**, ter sido traduzido para o alemão. São declarações de José Antônio Baço,<sup>56</sup> em entrevista com o autor, num momento especial da sua vida pública, ao ser indicado para uma possível posição de secretário da cultura em Santa Catarina, em 1987. Um período em que se manteve afastado das atividades literárias, mas desenvolvendo projetos relacionados à cultura.

Outro importante artigo, é do jornal *O Estado do Paraná*,<sup>57</sup> em que encontramos a literatura de Werner Zotz em igual posição de valor à de Fanny Abramovich, jornalista, escritora, dramaturga e sempre preocupada com a produção cultural infantil. Aliás, em nenhum momento se pode perder de vista suas contribuições ao tratar da arte e cultura para o mundo jovem.

De acordo com declarações da autora do artigo em questão, esses dois escritores, Zotz e Abramovich, desenvolvem um trabalho similar na área jovem e adulta, por serem lidos sem preferência específica. No caso de Zotz, escreve com humor e sem paternalismos, mostrando que a criança não é

*um mero adulto mal-acabado, mas um ser muito especial,  
com uma visão e uma compreensão do mundo bem próprias.*

Sem dúvida, essas constatações da crítica a nível nacional nos fazem apostar cada vez mais na seriedade do trabalho de Zotz, que, desde o início da sua caminhada como escritor, sempre entendeu a criança como um ser muito mais ágil e perspicaz do que se imagina. Por isso os principais papéis na sua obra foram desempenhados por crianças (meninos) na companhia do velho. Pelo que, essa

---

56- BAÇO, José Antônio. "Um dos cardeais da nova cultura". *Diário Catarinense*. Florianópolis: 01 mar. p.02-03.-Revista Especial.

57- MILLARCH, Aramis. "Da importância de Werner, Fanny etc. para as crianças". *O Estado do Paraná*. Curitiba: 05 maio 1983. p.05 -Tablóide.

relação é atribuída como própria de jovens/crianças afeiçoarem-se a homens mais velhos e sábios, pelo fascínio na sabedoria das palavras, e à segurança como acontece com a figura do pai.

Vimos que entre as obras de Zotz **Apenas um curumim** foi bastante mencionado pela imprensa jornalística catarinense e, como não poderia deixar de ser, Maria Goreti Gomes<sup>58</sup> não o perde de vista e aproveita para mostrar ao leitor a opinião pessoal do autor, uma vez que o seu artigo se apresenta em forma de comentários que se alternam entre os seus e os de Zotz. Este, ao se pronunciar sobre a temática indígena, abordada no livro, entende que,

*o índio não é melhor, nem pior que o branco, a cultura de um não serve para o outro. 'O índio é índio e o branco é branco', isto é denunciado claramente em **Apenas um curumim** onde um índio havia sido criado entre os brancos, pensando como branco, retorna a seu habitat e descobre sua verdadeira posição na terra.*

Trata-se de uma confirmação em que o autor catarinense condena o envolvimento entre culturas opostas, por causar danos irreversíveis, essencialmente no caso do homem (branco) que contribui apenas para destruir, por causa da ambição e poder.

Neste mesmo sentido, quem segue o exemplo da imprensa joinvillense é o já conhecido Osvaldo Lopes de Brito, da imprensa paulista, com artigo publicado em 01 de junho de 1983. Através de alguns embaraços ele enfoca o aspecto estético do texto de **Apenas um curumim** como uma

*boa concepção artístico-literária: a história se desenvolve em linhas paralelas (que se encontram!) - a do Pajé e a do Curumim, no relacionamento mútuo. O velho índio orientando o novo, rumo ao descobrimento das coisas mais simples da natureza, e o garoto escutando o sábio e aproveitando as lições. No fundo, o permanente drama que aflige o Brasil, há*

---

58- GOMES, Maria Goreti. op. cit., p.06.-Geral.



*séculos. As ilustrações em forma de quadrinhos, frisam, sedutoramente, os textos.*

Entre as publicações até o momento mencionadas sobre esse livro, cabe citar um texto intitulado: “Jari, apenas um curumim”,<sup>59</sup> do livro de Zotz em que a autora propõe atividades sobre o tema indígena, levando a criança a conhecer um pouco mais sobre esses povos considerados em extinção, pela maneira abordada por Zotz.

Além do referido texto para estudo, a autora do livro traz um vocabulário de palavras indígenas, juntamente com uma pequena biografia do autor. E um enorme equívoco ao afirmar que as principais obras do autor são: **Ciranda de barquinhos, As noites eram longas e Não-me-toque em pé de guerra.**

Em outro estudo de conteúdo escolar, o autor catarinense teve o livro **Apenas um curumim** selecionado para uma análise do tema indígena, elaborado pela professora Maria Cláudia,<sup>60</sup> do Colégio de Aplicação, UFSC, ao trabalhar o assunto na 8ª série, como avaliação bimestral de Língua Portuguesa, em 1997.

Como base para análise do tema, a professora mostra ao aluno que

*a civilização do homem branco é tão avançada, tão moderna, que muitas pessoas chegam a esquecer que outros homens viviam de outras maneiras. Algumas delas muito atraentes e sábias. Os textos deste capítulo procuram resgatar um pouco da sábia intimidade do índio com a natureza*

A próxima referência a Zotz trata de uma coletânea de contos infanto-juvenis contemporâneos,<sup>61</sup> selecionados com a finalidade de oferecer ao leitor um material agradável e diversificado, que o ponha em contato com algumas das mais expressivas tendências da literatura infanto-juvenil. Trabalho realizado por uma

59- MORAES, Lídia M.de. *Língua Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1995. p.98-99.

60- Trabalho elaborado para interpretação de textos pela professora Maria Cláudia, do Colégio de Aplicação da UFSC, como avaliação bimestral em Língua Portuguesa.

61- BOTELHO, Maria Antônia dos S. *Memórias futuras: contos infanto-juvenis contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora Universitária, 1987. p. 91-93.

equipe de professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Zotz participa com parte do livro **Apenas um curumim**.

A prefaciadora destaca que, entre tantas opções para atender a expectativa do público, foram selecionados textos que possibilitem um diálogo entre leitor e obra, e o trabalho de Zotz preencheu fielmente esse requisito.

Assim, o autor catarinense se fez presente, mais uma vez, acompanhado de nomes que souberam representar a literatura do gênero “menor” com todos os méritos.

“Os sobreviventes” foi o conto de **Apenas um curumim** que, pela ordem dos autores, ocupa o último espaço da coletânea, seguida de uma proposta para trabalhar a interpretação do texto com alunos e professores, para ressaltar a importância de dominar tanto a arte da escrita como a leitura.

A crítica acadêmica também se rende à obra do autor catarinense. A aluna de pós-graduação Eliane S. D. Debus<sup>62</sup> dedica parte da sua monografia, publicada em periódico especializado da Literatura brasileira, a uma análise do livro **Apenas um curumim**. Ao trabalhar a questão indígena, a autora retrata as várias maneiras como autores nacionais representam a figura do índio em seus discursos narrativos.

A leitura é feita de maneira a “representar o índio na literatura infantil brasileira”, apesar de parecer estranho tomar como objeto de estudo, para uma escritura que envolve ficção e história, uma categoria literária considerada como menor, como subliteratura, observa a autora. Entre as possibilidades para desenvolver esse estudo, é que a literatura para jovens, nas últimas décadas, vem se acentuando “como um discurso válido e passível de análise em várias áreas de estudo”. E no caso de autores como Zotz reconhecem no leitor jovem, um sujeito normal que precisa ser tratado com respeito.

Para Debus, em todas as obras citadas para seu estudo, o enfoque dado à figura do índio corresponde ao período da colonização e das conquistas.

---

62- DEBUS, Eliane S.D. “Entre a visagem e a vertigem: a desconstrução da imagem indígena no discurso literário para crianças e jovens”. In: *Anuário de Literatura*. Florianópolis:(3): 73-82, jan-dez, UFSC, 1995. Todas as citações pertencem ao texto desta autora, e as demais, ao texto de Werner Zotz, **Apenas um curumim**.

No caso de **Apenas um curumim**, ele é representado através do reconhecimento do outro em sua alteridade: “um texto tecido com o objetivo de dar voz ao ‘Outro’ que ocupa, na maioria das vezes, um lugar marginal e silencioso no discurso oficial”, argumenta a autora. A estrutura narrativa se desenvolve através do discurso direto de dois personagens, Jari (o menino-índio) e Tamã (o velho Pajé). O índio que mantém a sua cultura (o pajé) e o índio sem identidade (o curumim).

Contrariando um recurso antiquíssimo, usado nos tradicionais contos de fadas, em que o tempo era representado sob o clichê do “era uma vez...”, Debus mostra que no discurso de Zotz, o espaço temporal não é datado, mas percebe-se

*que é próximo, pelos meios de transportes: aviões, caminhões, tratores. ‘Depois chegaram os pássaros barulhentos ... Da barriga dos pássaros saíram mais homens. E também coisas que caraíbas chamavam de caminhões e tratores’. (Zotz, p. 20)*

A visão etnocêntrica do homem branco, que menospreza a cultura do outro, que vê o outro como inferior, coloca a tribo contra o velho pajé:

*E caraíbas diziam que Tamã fala com espíritos maus, acho que até o nome que davam era assim parecido com demônios. E daí meu povo ficou com medo de Tamã e evitava conversar com ele. (Zotz, p. 16)*

Os índios, em contato com o branco, começam a desejar aquela outra cultura:

*Então os índios queriam ser caraíbas. Nossa pele é boa, bonita, protege contra o sol. Caraíbas são brancos, com pouquinho de sol ficam logo vermelhos e doídos. Daí o povo ficou com vergonha da pele. (Zotz, p. 20)*

As características físicas do Curumim são de sua gente, mas sua forma de pensar já está desculturalizada, ele perdeu sua identidade:

*Curumim só de nome. Só porque é filho do nosso povo. Tem a mesma cor da pele, fala como os antepassados, mas não pensa como a nossa gente. (Zotz, p. 19)*

Para Debus, o pajé Tamãí é o fio tênue que liga o passado ao presente. O velho, o passado auxiliando o menino, o presente, na construção do futuro; um futuro que não se liga à idéia de progresso, mas uma visão utópica de volta à origem na re-conquista pelo Curumim dos valores culturais indígenas, ao mesmo tempo paradoxal, porque as novas terras, para onde o Curumim segue viagem, também estão sob o domínio do homem branco:

*Tamãí contou que, há muitas luas atrás, dois homens brancos vieram visitar nosso povo. Ele disse que eram caraíbas diferentes dos outros, que eram brancos e que também eram irmãos. Eles falaram que pro sul tem grande pedaço de terra onde homem branco, caraíba mau, não podia pisar. (Zotz, p. 35).*

Se em relação ao homem branco, descrito pelo índio, encontramos o arquétipo bem e mal, nas ações dos personagens não encontramos o arquétipo dócil e selvagem, cultuado no discurso oficial e nos textos infantis de períodos anteriores. O pajé não é dócil, mas também não é selvagem; é, sim, um homem que luta para preservar sua cultura; portanto não é um ser idealizado. Quando, na travessia pelo rio, em busca da “terra nova”, o velho pajé revela-se e estoura uma cerca de arame. Curumim mente ao homem branco para proteger o pajé:

*Foi aí que Tamãí, antes sentado quieto, a cabeça baixa, se levantou e falou que tinha estourado a cerca. Nunca tinha visto Tamãí assim, nem nunca pensei que tão velho, tivesse tanta força e coragem. (Zotz, p.46-7)*

Debus, como tantas outras teóricas do gênero infantil, acredita na construção de discursos que contemplam temas visando ao leitor jovem, porém não como um “sujeito inacabado e que pode ser moldado passivamente”. Assim, ela descreve que

*As obras contemporâneas destinadas ao público infanto-juvenil começam a resgatar os referentes históricos no seu processo de escritura, não como restauração ou culturação do discurso preservado pela tradição, mas como questionamento e possibilidade de refazer a memória por*

*outro caminho que não seja o dominante (...) fugindo da visão historiográfica tradicional fundada pelo viés do continuum, homogeneizante e vazio; seguindo outro viés de enfoque, isto é, tematizando a história dos vencidos, daqueles que estão à margem do processo centralizador do discurso oficial.*

*Como nos mostra Fanny Abramovich, a obra **Apenas um curumim** 'é uma história brasileira (porque de índios brasileiros) mas universal (porque de tentativa de extermínios de um povo, de uma fé, de uma forma de crer e estar no mundo)'. A presente obra consegue trazer ao leitor uma reflexão sobre o esgotamento da cultura indígena, uma obra que não se limita ao adjetivo 'infantil' pois é acima de tudo literatura, literatura acessível à criança e a todos que buscam olhar o outro como diferença e não espelho de si mesmos. A narrativa torna-se, assim, uma representação de um passado-presente que se esfacela e a possibilidade de recriação de uma memória.*

No texto em questão, não há sensacionalismo, nas abordagens. Aliás, uma das características da crítica acadêmica está em restringir-se à pesquisa do texto e seus valores literários.

Os livros de Zotz também foram recomendados para leitura em várias ocasiões, e entre os títulos estão, **Apenas um curumim**, **Barco branco em mar azul** e **Rio Liberdade**, indicados para a faixa etária a partir de doze anos, na opinião da professora Tânia Piacentini.<sup>63</sup> Há várias outras indicações neste sentido, porém não consideramos necessário registrar, por fazerem a mesma referência ao título e faixa etária. Entende-se, embora, que enquadrar rigidamente o livro em tabelas e escalas sempre despertou polêmica, tendo em vista que o livro adquire para cada leitor, individualmente, um grau de maior ou menor importância, devendo ser respeitada essa preferência.

A idéia vem sendo contestada categoricamente por alguns teóricos com relação a determinar o tipo de leitura para criança, quando o livro oferecido a elas é feito pelo adulto, que analisa de acordo com seus interesses.

---

63- PIACENTINI, Tânia M. "Sugestões de livros infantis e juvenis". In: *Rev. Perspectiva*. 1(4): Florianópolis: UFSC. Jan-jun. 1985. p.140-163.

Convém lembrar ainda que as teorias da recepção defendem um leitor ativo, capaz de decidir inclusive pela elaboração da obra literária, assim como seu destino no sentido de permanência junto ao público. Então, que leitor é esse, afinal, que depende da indicação do que ler? É preciso refletir quando se trata dessa questão bastante delicada, pelas controvérsias geradas no meio literário, atualmente.

O crítico literário Lauro Junkes<sup>64</sup> também leu e analisou outras obras de Werner Zotz. Em **Apenas um curumim**, Junkes faz uma abordagem bastante profunda do texto, sem demonstrar preferência por algum aspecto em particular. No decorrer da análise, ele demonstra um certo descrédito em relação às premiações de livros, consideradas “ilusórias”, em muitos casos. Entre as exceções, o curumim de Zotz,

*comprovou seu valor inerente, sua literariedade. Com mais de uma dezena de edições, consagrou-se como autêntico clássico nacional e o autor se internacionalizou, tendo obtido duas vezes o Prêmio Feira de Bolonha (Itália).*

As polêmicas em torno de se enquadrar a literatura infantil como gênero literário foram alvo de atenção do crítico, argumentando que, se essa obra satisfaz as exigências do público infanto-juvenil,

*não deixa de conter imenso interesse literário, estético, social, antropológico, ecológico... para qualquer leitor, mesmo adulto, de legítimo sentimento humano. Por isso venceu as barreiras do tempo.*

Como não poderia deixar de ser, ao abordar a temática indígena, Junkes entende que dessa forma Zotz prepara o leitor jovem através de um texto “habilidosamente trabalhado”. Porém, com muito mais habilidade e rigor, típico de um analista, respaldado por suas vivências literárias, Junkes dá uma outra versão sobre a relação branco e índio no texto. Segundo ele,

---

64- JUNKES, Lauro. “Para o curumim que está em você”. A *Notícia/Anexo*, Joinville: 09 abr. 1994, p.4.

*ao contrário do indianismo medieval cavalheiresco criado por Alencar em gabinete de senador, resgata-se aqui a autenticidade indígena, em sua harmonia ecológica. A ótica da escritura é do branco-civilizado, porém não exterminador e sim respeitador da individualidade e cultura de quem já foi reduzido de maioria a minoria pelo invasor com ambição de dono. Por isso, se o autor histórico-real é um branco pertencente à raça dos 'civilizados' e também a imagem do autor implícito é de um branco que, ponderada e humanamente, procura estabelecer a ponte entre o 'civilizado' e o 'selvagem', o relato mesmo, oportunizado pelos valores e estratégias do autor implícito, pertence ao índio.*

*E aqui reside a habilidade estrutural da narrativa.*

*(...)Trata-se, pois, de legítimo livro de aprendizagem, de formação, de retorno às raízes, de reconstrução da cultura desvirtuada do curumim, para recuperar a harmonia ancestral. Nesse sentido, trata-se ainda duma caminhada de iniciação ou reiniciação, já que as bases deturpadas necessitam ser recompostas: a sadia cultura antropológica do índio, arrasada pela invasão dos pseudo-valores caraíbas, deixando só dois sobreviventes da 'nação antes orgulhosa' dos índios. Se o 'curumim sem povo' está apreensivo com 'o que vai ser de mim', a ponderada sabedoria do pajé sempre adverte como os caraíbas 'roubaram a alma do nosso povo. E sem sua alma, sem seu riso, sem sua terra, índio morreu'.*

*(...) Contra todas as poluições da natureza, sociedade e civilização, **Apenas um curumim** se apresenta como um antídoto restaurador da especificidade humana.*

O referido comentário retrata a diferença entre o comentário puramente jornalístico e aquele que se empenha em apontar pontos que ainda permanecem latentes no sentido da verdadeira crítica. Aquela que faz o leitor reagir diante de um trabalho de porte como o de Werner Zotz.

A partir do exposto, não podemos deixar em poucas palavras a valiosa contribuição de críticos do quilate de Nelly N. Coelho,<sup>65</sup> em sua segunda participação no trabalho artístico desenvolvido por Zotz. Ela insere **Apenas um**

---

65- COELHO, Nelly N. op. cit., p.1149.



**curumim** na sua compilação de obras infantis com o destaque para a temática, no sentido de retratar o triste quadro da realidade brasileira. A violência transparente na dominação e exploração do povo indígena, simbolizado através do confronto entre o velho e o novo (a experiência e a ingenuidade).

Escrito com “o solene andamento das profecias e dos mitos”, o autor fala por um sólido conhecimento antropológico, conseguindo dosar os diferentes elementos que convergem nesta matéria literária. Principalmente no que se refere às duas visões de mundo: a do índio e a do branco. No seu entender, Zotz não questiona as duas visões antagônicas, mas detecta, no próprio meio indígena, a responsabilidade pela desagregação de sua cultura, atribuindo a essa responsabilidade a aceitação dos costumes e valores do branco.

Quanto ao estilo da narrativa,

*é de notar a habilidade com que o autor dá verossimilhança a essas duas falas, das quais transparecem uma consciência crítica e uma profundidade de análise ou de reações, que poderiam parecer falsas, por provirem de seres tão primários, como são os dois personagens.*

***Apenas um curumim** é desses livros que acontecem de quando em quando. É um belo livro brasileiro que, sem dúvida, terá longa vida entre leitores de todas as idades*

A sensibilidade da teórica em perceber a capacidade de Zotz para criar um diálogo profundo entre índios denota que estes também “sabem pensar”, quando solicitados a isso. Coelho ao mesmo tempo “desconfia” da tal capacidade em “seres tão primários.”

Ela enfatiza a ilustração e a atmosfera mágica mantida pelo autor, do princípio ao fim da estória, contrariando radicalmente outras posturas que atribuem efeitos negativos às ilustrações desse livro.

Coelho é mais uma entre os críticos a reconhecer a habilidade do autor na área da literatura para jovens, que se afirmou na geração de 70.

Apenas lembrando que esses escritos datam de 1995. Quanto aos demais dados sobre a trajetória do autor, Coelho parece conhecer de perto sua história, ao

lembrar suas andanças e experiências pelo Brasil. Entretanto, sempre que as menciona é no sentido de complementar o trabalho de Zotz.

Cresce ainda mais em importância o elenco da crítica estudiosa de Zotz, agora pela opinião de duas conceituadas teóricas do gênero infantil, Eliana Yunes e Glória Pondé<sup>66</sup>, há muito envolvidas com projetos visando ao leitor criança/jovem, por entenderem que

*A literatura assume, hoje, uma função muito mais ampla do que o mero ornamento. Não mais anima os saraus, nem ocupa o lazer das mulheres burguesas.(...) como não consideramos que a literatura seja mera manifestação de erudição, e sim um dos recursos capazes de nos levar a reflexão sobre os conflitos sociais e psicológicos do homem, o namoro entre o texto e o leitor precisa ser despertado desde a mais tenra infância...*

Num trabalho onde ambas procuram abordar diferentes tipos de discursos e mostrá-los ao leitor, elas identificam **Apenas um curumim** como um texto que trata da questão da marginalização do índio e por isso desperta no leitor o desejo de refletir e debater sobre o conflito ali desenvolvido. Como exercício para descobrir o prazer e a importância política que normalmente existe por trás da leitura, ao se referir ao plural do texto, que não chega a se esgotar, por existir sempre um ponto insondável, por trás daquilo que já foi dito, garantem as autoras.

Com essas manifestações definimos o item sobre **Apenas um curumim** como o maior o responsável pelo lugar que Zotz ocupa atualmente no meio literário infantil.

---

66- YUNES, Eliana & PONDÉ, Glória. *Leitura e leituras da literatura infantil*. São Paulo: FTD, 1988. p.150.



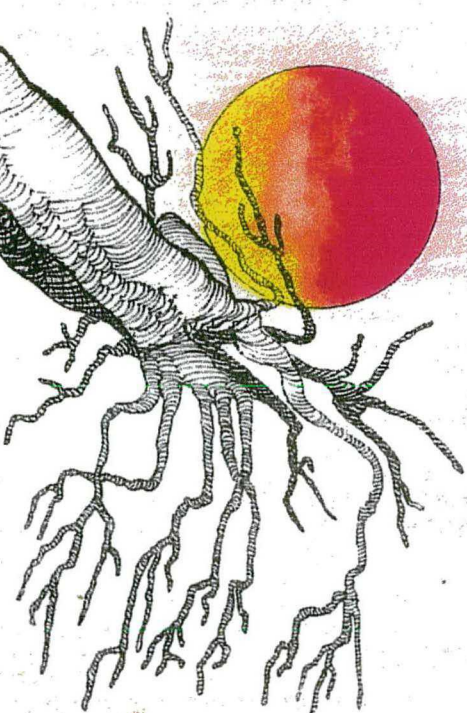
# Não-me-Toque em Pé de Guerra.

**"Não-me-Toque em Pé de Guerra** apresenta toda a graça da sátira bem feita ao nosso sistema social e da estória bem amarrada.

Feita de uma linguagem coloquial, a obra vai se mostrando viva ao leitor, com todos os ingredientes de aventura e descoberta que não caem nunca no aventuresco comum ou inverossímil.

É um livro com sabor de estória bem contada, que a gente lê com prazer, o precioso prazer daquela leitura gratuita, que ainda deixa um saldo de aprendizado, por acréscimo."

Equipe Pedagógica  
da Escola Comunitária de Campinas.



**Werner Zoltz**

  
nordica

**NÃO-ME-TOQUE**

ISBN 85-7007-132-9

12.<sup>a</sup> EDIÇÃO



### 3.5 A recepção de *Não-me-toque em pé de guerra*

Cada vez mais, acho que o homem é um animal que não deu certo. É só olhar em volta e ver os outros viventes. O bicho-homem é o único que cria necessidades artificiais, caindo no círculo vicioso de sempre trabalhar mais prá sempre querer viver (?) melhor...

“Não-me-toque em pé de guerra” -p.44

Seguindo o estilo dos livros anteriores, temos para **Não-me-toque em pé de guerra** uma primeira publicação no jornal *O Estado do Paraná*,<sup>67</sup> em 1982, ano da sua publicação. O artigo traz abordagens referentes a vários títulos de Zotz, sendo que para **Não-me-toque em pé de guerra** o artigo dedica atenção maior, descrevendo a estória como uma crítica bem feita ao sistema social vigente, através de uma linguagem própria do cotidiano, “capaz de criar imagens familiares, a nossa experiência do mundo”, aliado a um sabor de estória bem contada.

Nessa mesma época, a imprensa de Campinas - São Paulo<sup>68</sup> também se mostra atenta a “um autor que tem conquistado o público infantil pela qualidade dos seus livros”. Com o lançamento de **Não-me-toque em pé de guerra**, o autor Werner Zotz dá mais uma prova da sua preocupação em denunciar o sistema social através dos desmandos de autoridades.

O conceituado jornal *O Estado de São Paulo*<sup>69</sup> também não omitiu a divulgação do livro, através da nota em que acompanha outros dois títulos do autor, que são: **Apenas um curumim** e **Barco branco em mar azul**. Essa passou a ser uma prática constante, toda vez que Zotz lançava um novo título, as publicações

67- *O Estado do Paraná*. Curitiba: 14 maio 1982.

68- NÃO-ME-TOQUE em pé de guerra. *Correio Popular*. Campinas: 16 maio 1982.

69- *O Estado de São Paulo*. 26 abr.1982. p.02.-Livros.

virem acompanhadas de títulos anteriores. Enquadra-se nesse exemplo outro texto publicado pela imprensa de Curitiba, o que faz de Werner Zotz,

*um vitorioso autor para crianças, com livros de autêntico sucesso de público e de crítica, justificando as inúmeras edições. É o caso de **Barco branco em mar azul**, **Apenas um curumim** e **Não-me-toque em pé de guerra**, três lançamentos que enriquecem a literatura infantil brasileira e consolidam, ainda mais, o já elevado prestígio de Werner Zotz - um paranaense, como salientou conceituado crítico literário<sup>70</sup>*

Trata-se de mais um artigo com falta de dados, que, por sua vez, não invalida sua contribuição para reforçar o perfil da boa recepção que Zotz teve em 1982, ano da publicação do satírico **Não-me-toque em pé de guerra**.

O próximo destaque para o lançamento de **Não-me-toque em pé de guerra** é da imprensa do Maranhão,<sup>71</sup> e considera Werner Zotz um escritor paranaense, que escreve “quase que exclusivamente para crianças”, através de uma linguagem “de hábil desenvoltura, recheiando (sic) sua literatura de um sabor todo especial”.

**Não-me-toque em pé de guerra** ocupou espaço também no *Jornal de Brasília*,<sup>72</sup> sendo o autor considerado

*um batalhador de literatura, um dos mais competentes editores que, por falta de condições, ainda não realizou aquilo que pode realizar. Um bom escritor de literatura infantil e uma pessoa com capacidade indiscutível no campo editorial.*

A dimensão de abrangência da obra de Zotz é comprovada mais uma vez através da imprensa nordestina. O jornal *Tribuna do Ceará*<sup>73</sup> mostra ao leitor que

70- AUTOR vitorioso. *Gazeta do Povo*. Curitiba: 06 maio 1982.

71- *O Estado do Maranhão*. “Notícia na praça”. 02 maio de 1982.

72- ZOTZ e a Nórdica. *Jornal de Brasília*. 03 jun. 1982.

73- *Tribuna do Ceará*. “Dica de leitura”. Fortaleza: 31 jan. 1983.



também conhece a obra, mas não o autor. Concebido como “um paranaense de nome difícil, mas de livros bem brasileiros, como é o caso de **Não-me-toque em pé de guerra**”, apontado como dica de leitura para todas as idades. Um livro, cujo próprio título, bem humorado, já demonstra o grau de criatividade deste excelente autor.

O jornal *A Gazeta* de Vitória, Espírito Santo<sup>74</sup> marca presença através do comentário de **Não-me-toque em pé de guerra**, também entendendo que se trata de um autor paranaense que atualmente “está sendo apresentado pela Equipe Pedagógica da Escola Comunitária de Campinas”, São Paulo.

Tudo indica que este livro de Zotz mereceu grande atenção por parte da crítica, por representar, entre todos os outros, aquele que enfoca a problemática social de maneira mais profunda e direta, identificando com maior frequência casos vivenciados no cotidiano de maneira geral. Por isso, toda vez que o livro é mencionado pela crítica, não perde de vista a visão da “denúncia ao poder, através da sátira bem feita”. Não quer dizer que o autor foge ao estilo nas outras obras suas, mas esse, em especial, foi abordado de forma unânime pela crítica, através da mesma visão.

É importante continuar as citações, mesmo sucintas, para que o leitor tenha um referencial da repercussão que a obra do autor catarinense teve não apenas a nível nacional, mas regional também. Por isso, citamos um artigo do *Coo Jornal*<sup>75</sup>, de Porto Alegre, que traz um pequeno comentário dos títulos de Zotz. O artigo sintetiza que a estória de **Não-me-toque em pé de guerra** apresenta uma sátira bem feita, composta dos ingredientes que mais agradam ao público jovem, do premiadíssimo escritor paranaense.

Partindo para os documentos com autoria, entre os artigos publicados na imprensa, identificamos um importante comentário feito na orelha de capa de **Não-me-toque em pé de guerra**, pelo professor da Universidade Federal de Curitiba,

74- NÃO-ME-TOQUE em pé de guerra. *A gazeta*. Vitória: 25 abr. 1982.

75- NÃO-ME-TOQUE em pé de guerra. *Coo jornal*, Porto Alegre: abr-mai 1982. p.08- Livros.

José Feldhaus, professor de Zolt na época da faculdade. O artigo data de 23 de fevereiro do ano de 1982, valendo a pena transcreve-lo na sua íntegra:

*Caríssimo Werner*

*Muito mais do que eu consiga escrever sobre teu novíssimo livro, muito mais ele contém. Ele é deveras surpreendente! O humor, embora amargo em virtude da causa de rir, é apreciável! É um humor vingativo, quase sarcástico: rimos de quem sempre escarneceu dos outros; rimos porque nos sentimos vingados face às arbitrariedades, quando um pequeno personagem, sem nada de gênio ou de sobrenatural consegue 'brincar' com todo um aparato policial e desmascará-lo, ao final, pilhando-o na mais ridícula das situações.*

*É aquilo que cada um de nós gostaria de ter escrito e, sobretudo, de ter feito para pilhar no ridículo quem nunca foi mais do que ridículo.*

*No entanto, esta nossa frustração está compensada pela mestria com que manipulas teus personagens favoritos e permanentes (o 'trio werneriano') e o enredo, agora político sob um novo ângulo, já que teus livros anteriores são também eminentemente políticos.*

*É ler pra ver !*

Abração do

José Feldhaus  
23/02/82.

A imprensa de Brasília<sup>76</sup> trouxe, em sua edição de 02 de maio de 1982, um apanhado da estória de **Não-me-toque em pé de guerra**, feito pela equipe Pedagógica da Escola Comunitária de Campinas. Não consideramos necessária a transcrição do conteúdo, por ser o mesmo apresentado também por outros jornais de circulação diária. A importância desse tipo de comentário se dá essencialmente no sentido de mostrar a abrangência que o autor teve a nível nacional.

---

76- MATOS, Edísio Gomes de. "Não-me-toque em pé de guerra". *Correio Brasiliense*. 02 maio 1982.



Ainda não podemos dizer que tudo já foi dito sobre a literatura de Zotz, apesar da variedade de enfoques entre as leituras realizadas até o momento. Temos, neste novo fragmento, o colorido costurando o comentário crítico de uma leitora que

*classifica **Não-me-toque em pé de guerra** como, um livro que trata de um tema, indiscutivelmente despretençioso - mas, de inegáveis verdades político-econômicas e sociais - tomando o necessário cuidado para não cair no tédio discursivo. Werner Zotz faz em seu sexto (sic) livro infantil, uma despojada censura aqueles que batalham pelos fins sem se importar, com os meios. Com graça e sutileza transforma sua **Não-me-toque em pé de guerra** numa amostra convincente das fraudes e jogos de interesses tão comuns nos meios administrativos. Pinta com dourado excessivo e suspeito o exilado político às vésperas da anistia e como não poderia deixar de se atribuir inteligência ilimitada ao jovem herói Pedro Só.*

*Mas as cores fortes fazem parte da literatura, são adornos quase imprescindíveis - e desculpáveis. Ainda mais em se tratando de Werner Zotz<sup>77</sup>.*

Na verdade, quem conhece Werner Zotz, quer seja pela sua obra ou pela biografia, não pode imaginar nada relacionado a ele que não tenha vida. E vida é cor também. Um indivíduo amante da natureza, que viveu grande parte da vida no litoral, retrata isso nas cores dos seus livros, tendo como predominante o azul, utilizado de várias maneiras em muitas ocasiões. Entre elas como disfarce para inibir a prepotência do garnizé, *pintado em azul*, e como símbolo de liberdade através do barco *Sonho Azul*. Mais uma vez a cor da liberdade através da “planura de campo azul”, mostrado no Pantanal matogrossense pelo “gavião garrancho” que não sabia o que fazer com tanto espaço, após se libertar da “prisão” decorrente das asas quebradas. Junto a outras cores, também muito vivas, que parecem falar por si mesmas através da sensação que transmitem.

Assim, muito distante do adorno, cor e imagem são de extrema importância nos livros de Zotz. Mais ainda, para a literatura infantil, segundo discurso de

---

77- .LANDO, Vivien. “Em cores fortes”. *Leia livros*. n.47. São Paulo: 15 jun. 1982. p.11.

educadores que defendem o diálogo, não só através do texto escrito, mas da imagem também.

Já dizia Maria José Pallo<sup>78</sup> que a imagem promove um diálogo “entre a palavra escrita e a palavra pintada, através de um jogo entre o olho que vê e o que lê”.

Sendo assim, transmitir uma mensagem não é privilégio da linguagem escrita, e a imagem é vista como uma linguagem universal capaz de se fazer entender por qualquer leitor.

Ainda mais oportunas são as palavras de Walter Benjamim,<sup>79</sup> seguidor do seguinte pensamento:

*um elemento salva o interesse mesmo das obras mais antiquadas e tendenciosas: a ilustração.  
(...) a ilustração desperta na criança a palavra (Ela) aprende com as ilustrações ao mesmo tempo a língua e a escrita. No reino das imagens incolores, a criança acorda; no reino das imagens coloridas, ela sonha seus sonhos até o fim.*

Enfim, muito além da ilustração, a produção literária de Werner Zotz está impregnada de suas vivências, tanto em contato com o ambiente natural, como na falta de liberdade a que foi submetido, quando esteve na prisão ou no exílio.

Por isso, parece haver um contraponto no texto de Zotz; suas obras somam a voz do discurso teórico e a voz do discurso da prática. Permitindo que o autor possa dar provas de que palavras podem reter muito mais que conceitos, mas desejos e sentimentos também, sobretudo quando a forma de captar essa realidade é através do lirismo e da poesia.

Há também outras vozes veladas no texto de Zotz, à medida em que ele cria personagens/narradores como seres ficcionais, moldados em função do episódio

78- PALO, Maria José & OLIVEIRA, Maria Rosa. *Literatura infantil: voz de criança*. São Paulo: Ática, 1986. 1986. p.27.

79- BENJAMIM, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo a educação*. São Paulo: Summus, 1984. p.56.



que deseja representar, inspirado em suas vivências. Apesar da distância entre a publicação das suas obras, os temas se assemelham, sem abandonar “o seguro domínio dos recursos narrativos”, bem observados pela conceituada Nelly Novaes Coelho<sup>80</sup>, ao analisar **Não-me-toque em pé de guerra** como um texto que revela o engano das aparências que existem “entre o dentro e o fora das realidades aparentemente mais familiares”, seguido da

*cômica/melancólica sátira ao poder arbitrário que se instalou entre nós com a ditadura de 64 e se alastrou por toda parte. Essa problemática político-humana desenvolve-se contra um segundo plano, onde se instaura uma divertida farsa política que envolve um ‘monstro’ (que à noite, no meio do rio, atacara dois pescadores...), uma galeria de políticos caricatos (a começar pelos apelidos...) que suspeitam ser o ‘monstro’ um possível submarino comunista que viria trazer de volta exilados políticos, antes de ser decretada a anistia.*

O próximo destaque importante para a literatura catarinense é do jornal *O Globo* e da consagrada teórica no meio infantil, Laura Constância Sandroni<sup>81</sup> (filha do crítico Tristão de Athayde). Em seu espaço, na coluna “Literatura infantil”, ela chama a atenção para as obras de Zolt, sob o enfoque inicial da sátira bem feita em **Não-me-toque em pé de guerra**, de um escritor “pouco conhecido do público jovem”, onde,

*o humor é o elemento preponderante nessa história, e através dele o leitor é levado a refletir sobre os mecanismos sociais e psicológicos que levam o homem a atitudes tão ridículas.*

*Mas na obra de Werner Zolt outros aspectos são também importantes, como a ternura da relação pai/filho expressa em cartas de lirismo tocante; ou a identificação velho/criança já presente de forma magistral em **Apenas um curumim** e **Barco branco em mar azul**, seus dois livros anteriores (...)*

80- COELHO, Nelly N. op. cit., p.1149.

81- SANDRONI, Laura C. “Sátira incentiva prazer da leitura”. *O Globo*. Rio de Janeiro: 13 jun. 1982. p.04.-Literatura Infantil.

*Trama envolvente, cheia de acontecimentos engraçados em que o protagonista menino leva o leitor a uma identificação total com ele, **Não-me-toque em pé de guerra** é um caminho certo para a descoberta do prazer da leitura.*

A participação da crítica nacional em relação à obra de Zotz, na figura de Sandroni, deixa evidente a importância que o autor representa para o gênero infantil, juntamente com outros estudos feitos pela Equipe Pedagógica da Escola Comunitária de Campinas, em São Paulo, apontado através do jornal *A Notícia* de Joinville, em 23 de maio de 1982, sob a responsabilidade de Maria Goreti Gomes. O artigo é claro ao apresentar mostras de que a obra do autor, há muito, tem conquistado o público jovem, através da paródia feita ao nosso sistema social e da estória bem amarrada,

*capaz de criar imagens familiares à nossa experiência de mundo (...) a obra vai se mostrando viva ao leitor, com todos os ingredientes de aventura e descoberta que não caem nunca no aventureco comum ou inverossímil. Nem se aproveita para dar lições de vocabulário ou moral para seus prováveis leitores-crianças (...). Há nesta obra um sabor de estória bem contada, que a gente lê com prazer.*

O artigo encerra com a certeza de que esta é mais uma obra que deixa como acréscimo “um saldo de aprendizado” para o leitor atento.

Muito se fala sobre a importância do humor e da sátira no discurso para crianças. A psicologia vê o humor como elemento indispensável, pela função catártica exercida sobre a criança que, por natureza, é vista como “um ser que brinca”. E o tom falsamente sério do discurso humorístico provoca esse leitor, convidando-o a contestar, a procurar onde se encontra a fraude. Funciona como um jogo, uma válvula de segurança, bem compreendida e transmitida por Zotz através de toda sua produção literária.

Outro destaque para Zotz foi da professora Tânia Piacentini,<sup>82</sup> ao apresentar uma relação dos livros brasileiros para crianças e jovens, premiados nos últimos

---

82- PIACENTINI, Tânia M. “Livros brasileiros para crianças e jovens, premiados” In: *Rev. Perspectiva*. (9): Florianópolis: UFSC. jul-dez.1987. p.97.



cinco anos, elaborado pela FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL, para a 7ª FEIRA INTERNACIONAL DEL LIBRO INFANTIL Y JUVENIL - México 87. Na listagem, constam obras de 57 escritores, merecedores dos prêmios e Santa Catarina é representada por Werner Zotz, premiado por duas vezes: **Não-me-toque em pé de guerra** e **Rio Liberdade** foram os escolhidos desta vez.

A FNLIJ faz questão de ressaltar a importância do prêmio para a obra e para o autor, sob o argumento de que os mesmos poder ser utilizados como recurso para promover e difundir os livros, para incentivar a produção e a leitura. Os prêmios também são filtros que ajudam a qualificar as obras e a escrever a história da literatura. Um livro premiado passa a ser destaque e os prêmios enriquecem o *currículum* dos escritores e dos ilustradores, além da promoção causada pela difusão da notícia, no entender da FNLIJ.

Entretanto, não se pode esquecer que o excesso de publicidade pode levar a um desgaste dos instrumentos de divulgação e promoção da obra literária, quando há a falta de um trabalho sério e de critérios em relação ao julgamento dos livros. Quanto ao trabalho da FNLIJ, deste 1968 já consolidou a sua qualidade e eficiência em todos os eventos produzidos e os prêmios concedidos são merecedores de credibilidade da parte dos envolvidos na literatura, afirma Piacentini.

Dissemos anteriormente que a imprensa catarinense dedica pouco espaço para disseminar a sua literatura, mas não podemos dizer o mesmo da jornalista Maria Goreti Gomes<sup>83</sup> de Joinville, que não poupou espaço em sua coluna para falar da literatura werneriana.

É dela o comentário já mencionado, porém agora falando de **Não-me-toque em pé de guerra**, através da seguinte análise:

*Uma pessoa não conhecedora desse livro, jamais veria o 'outro lado da história da anistia, comunismo, política, etc...'. Quem não lê, jamais irá suspeitar a existência de dois lados na história.*

*A literatura de Zotz tem como uma das finalidades prioritárias a transformação, ou melhor, a informação de seu leitor, não*

---

83- GOMES, Maria Goreti. op. cit., p.06.

*transformando-o mas fazendo com que descubra os dados ocultos da história.*

Ela não abandona o discurso, enquanto não explorar tudo sobre o trabalho de Zotz, que apresenta a criança como um ser capaz de desvendar os principais mistérios e monstros criados pelos adultos, como em **Não-me-toque em pé de guerra**.

Entre a crítica universitária, vários foram os simpatizantes da obra werneriana, e o livro **Não-me-toque em pé de guerra** está incluído no trabalho ainda inédito que vem sendo desenvolvido pelo professor da UFSC, Lauro Junkes.

Certamente, existem boas razões para que a literatura catarinense conquiste um espaço maior na imprensa, sobretudo a literatura do gênero infantil-juvenil, o que significa um grande passo para quem permaneceu por longo período à margem.

E **Não-me-toque em pé de guerra** está entre os títulos que tratam mais vivamente de um tema polêmico, mas de vanguarda: a questão da repressão, levando o leitor a refletir sobre as reais consequências dos atos praticados em seu nome.

Entretanto, Junkes aborda primeiramente a preferência do autor catarinense por protagonistas masculinos. Apesar de fazer essa observação em outros livros de Zotz, trata-se da primeira ocasião que a crítica foi despertada para esse enfoque. Por sinal, contrariando a opinião de Zotz, que se diz muito mais simpático a figuras femininas.

Seguindo a leitura do texto, Junkes enfoca a situação do exílio vivido pelo pai do jovem adolescendo, Pedro Só, e a sua relação através das cartas enviadas pelo pai, contando como é viver sem nenhum tipo de liberdade.

Uma situação de caráter político-ideológico, aliado ao aventureiro “aproximam essa narrativa de outra posterior – Rio Liberdade”. Ele analisa cada capítulo do livro e suas relações com as personagens conhecidas através de apelidos que se justificam, cada qual, dentro do papel desempenhado no seu contexto narrativo. Entre eles, o jornalista “Tec-Tec denuncia as falcaturas e irregularidades administrativas”.



*Um local em que vivem pessoas 'pacíficas e acomodadas', conhecidas em sua maioria através de apelidos:*

*'Cinco É Pouco', (porque em tudo exigia comissão pessoal de dez por cento), o ex-prefeito 'Gangorra' (corrupto que dança nas conveniências dos partidos) e o ex-ex- 'Ainda Sou Mais' ou, o delegado 'Tubarão'. Embora mantendo todos os ingredientes voltados para o espírito adolescente, assumem intensa força conscientizadora os aspectos políticos, prevenindo alienações.*

*A par desse fundo político-social denunciado, em oposição aos sadios laços de ternura familiar que densificam o ambiente afetivo, a narrativa se envolve em trama detetivesca, com um 'monstro' misterioso ameaçando a pacatez da cidade, sua acomodação mal intencionada e sua imagem turística. Pobres pescadores, assombrados, tornam-se vítimas nas mãos das autoridades municipais (.....).*

*Para dinamizar o relato, o autor diversifica as técnicas narrativas, servindo-se normalmente de capítulos breves, rápidos e dinâmicos, como que instantâneos cinematográficos aproximando-se por hábil montagem. O narrador, por vezes, se privilegia de visão ampla e sem fronteiras, sobretudo ao condensar narrativas sumárias sobre a situação (...); outras vezes ele se funde 'com' o menino, através de cujas percepções passa a fluir o relato; predomina, porém, o registro natural e direto de cenas, captadas na sua materialidade e dinamizadas em diálogos dramáticos.*

Os enfoques dados à estória e aos fatos dão ao leitor, embora jovem, uma idéia evidente do oportunismo com que os políticos praticam atos ilícitos, em locais de pessoas "pacatas" como diz o texto, e alheio a tudo ao seu redor.

É válida mais uma vez a consideração da FNLIJ<sup>84</sup> que seleciona **Não-me-toque em pé de guerra** como um livro *Altamente recomendável para crianças* sem especificar a faixa etária.

Na cerimônia em que foram proclamados os nomes dos escritores selecionados, estiveram presentes Antônio Holfeldt (*Correio do Povo*, Porto Alegre), Edmir Perrotti (*O Estado de São Paulo*), Eglê Malheiros (*O ESTADO*, Florianópolis) Eliana Yunes (professora, PUC/RJ), Fanny Abramovich (crítica, SP) Glória Pondé (FNLIJ), Guido Heleno (*Jornal de Brasília*, DF), Laura Constância Sandroni (*O*

---

84- FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. Nº 5, v.5. maio 1983.p.04.

*Globo*, RJ), Regina Zilberman (professora da UFRS) e outros tantos nomes, que certamente não aprovariam uma obra que não estivesse dentro dos padrões exigidos, devido ao grande conhecimento desses críticos, dentro do gênero infantil. E Zotz passou pelo crivo dessas autoridades nacionais, deixando para trás livros de outros escritores também aplaudidos pela crítica. Mas que vença o melhor.



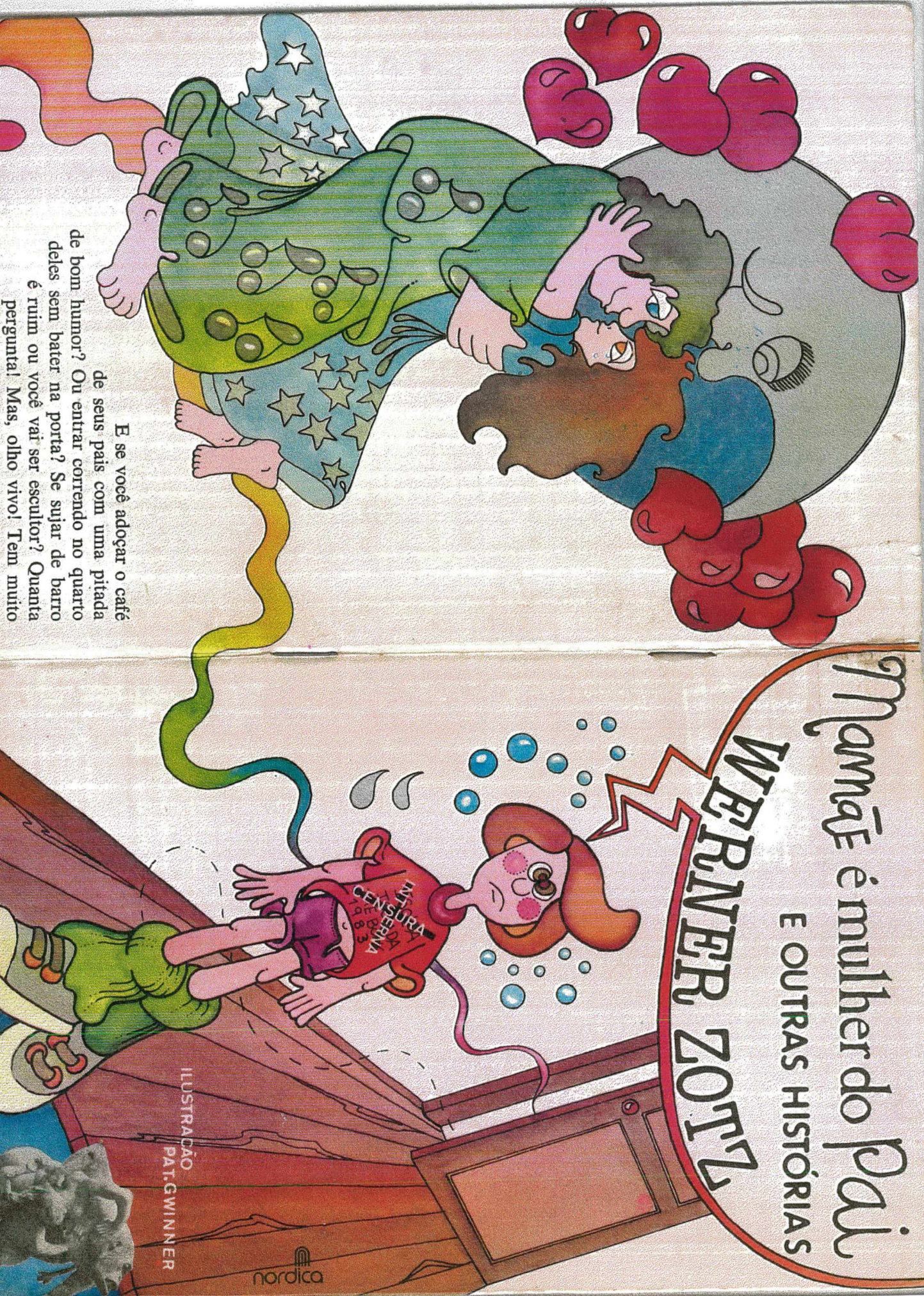
# Mamãe é mulher do pai

## E OUTRAS HISTÓRIAS

### WERNER ZOTZ

ILUSTRAÇÃO  
PAT. GWINNER

nordica



E se você adotar o café  
de seus pais com uma pitada  
de bom humor? Ou entrar correndo no quarto  
deles sem bater na porta? Se sujar de barro  
é ruim ou você vai ser escultor? Quanta  
pergunta! Mas, olho vivo! Tem muito



### 3 6-A crítica literária diante de *Mamãe é mulher do pai*

O que eu queria dizer é que os homens são diferentes dos bichos. Quando escolhem alguém para companheiro ou companheira não é só para ter filhotes. Isso a gente chama de amor. “Mamãe é mulher do pai” – p.17

Sempre preocupado com os principais problemas que afligem o ser humano, Zotz não esqueceu de abordar a questão sexual na infância, despertando a atenção de vários segmentos da crítica, que atribuíram ao livro a possibilidade de análise, sob os mais variados aspectos possíveis.

Relacionamos, a seguir, as questões levantadas através dos pronunciamentos críticos sobre o quinto livro publicado por Werner Zotz, no ano de 1983, **Mamãe é mulher do pai**.

O livro teve uma aceitação que não perde para os demais títulos do autor, junto à crítica, que o analisou sob vários enfoques e por pessoas envolvidas nas diferentes áreas de estudo em que se encaixa a sua temática, como vemos a seguir.

Primeiramente, a publicação mais próxima à data do lançamento de **Mamãe é mulher do pai** foi do assíduo *Jornal de Piracicaba*<sup>85</sup> em São Paulo, que trouxe a notícia mais próxima à data do seu lançamento, apesar de suscinta.

O documento menciona a entrega de prêmios para Werner Zotz, referentes a outros livros, e aproveita para informar ao público que “em abril a Nórdica lança mais um, do autor, **Mamãe é mulher do pai**”. Assim temos, pela primeira vez, o mês exato da publicação de um, entre os nove títulos do catarinense.

Em seguida, observamos que entre os livros publicados por Zotz, **Mamãe é mulher do pai** teve seu texto transformado em peça de teatro e apresentado em locais que abrigaram trabalhos artísticos de teatrólogos famosos. Trata-se do Teatro Alaska do Rio de Janeiro, como mostra o artigo publicado pela imprensa carioca em três oportunidades bem próximas.

---

85- MAMÃE é mulher do pai. *Jornal de Piracicaba*, São Paulo: 02 fev. 1983.

No primeiro artigo, o autor teve o cuidado de divulgar a notícia com os dados necessários para que o público espectador fique informado sobre o trabalho artístico que irá presenciar:

*O Teatro Amante 'Lyrio Branco' estreará amanhã, no Teatro Alaska, a peça infantil **Mamãe é mulher do pai e outras histórias**, com texto de Werner Zotz e adaptação livre de Markus Avaloni, um espetáculo que se propõe como 'a exata medida de como a fantasia e o poder interior da criança interagem com o seu dia a dia'. A direção é de Markus Avalone, com participação de Glória Rabaca, Marcos Milone, Márcio Pradal, Christiana Tavares, Ronaldo Nogueira e Bernardo Horta, todos alunos das primeiras turmas do Curso Regular de Formação de Atores, já há um ano em funcionamento...*<sup>86</sup>

Na segunda publicação, também do jornal *O Globo*<sup>87</sup> traz uma nota mais sintetizada. Composta apenas pelo autor do livro e o elenco da peça, com o objetivo em divulgar a programação de Teatro nos diversos locais do Rio de Janeiro naquele dia.

Para tornar ainda mais notória a repercussão do livro **Mamãe é mulher do pai**, através do teatro, o *Jornal do Brasil*<sup>88</sup> também deu sua contribuição ao divulgar o evento, no espaço dedicado à programação de crianças. Embora sendo um discreto artigo, permite ao leitor inteirar-se das novidades no meio artístico do dia, hora e local programados.

A imprensa do Maranhão<sup>89</sup> também se mostra simpática ao publicar uma nota em que informa o lançamento de **Mamãe é mulher do pai** como se Zotz fosse um escritor principiante no meio literário e principalmente na editora Nórdica.

86- SUED, Ibrahim. "Grupo Lyrio Branco estréia peça amanhã". *O Globo*, Rio de Janeiro: 04 nov. 1983.

87- SÁBADO das crianças. *O Globo*, Rio de Janeiro: 05 nov. 1983.

88- ESTRÉIA no Teatro Alaska, o espetáculo infantil "Mamãe é mulher do pai". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro: 06 nov. 1983.

89- MAMÃE é mulher do pai e outras histórias. *O Estado do Maranhão*. São Luis: 22 maio 1983. p.11.



Vejamos o que diz o artigo:

*Outro autor que a Nórdica acaba de lançar, e também de grande atualidade e profunda imaginação é Werner Zotz. Com outros títulos anteriores circulando fartamente pelo Brasil inteiro (**Barco branco em mar azul, Não me-toque em pé de guerra, Apenas um curumim**), todos com quase dez edições, cada que a Nórdica acaba de lançar desse catarinense talentoso.*

Também a *Folha de São Paulo* trouxe em sua coluna de "Lançamento", no dia 01 de julho do ano de 1983, o livro de Zotz, elaborado através da fantasia humorada do cotidiano. Diz o comentário que o evento contará com a presença do autor para autografar os livros.

Outra importante fonte da imprensa paulista, atenta a publicações na área infantil, é o jornal *O Estado de São Paulo*,<sup>90</sup> com o seguinte destaque:

*Mamãe é mulher do Pai, livro de Werner Zotz, será lançado hoje, na livraria Capitu, a partir dos 14 horas. O autor estará presente (...).*

*Sem deixar de lado os problemas do cotidiano, o livro está dividido em três histórias escritas de forma poética, nas quais a criança aparece observando o mundo dos adultos, sofrendo dentro dele, divertindo-se nele, tentando mudá-lo e também aceitando-o. Werner Zotz é considerado um dos sucessos da literatura infantil com seus livros já editados sucessivas vezes (...) Gosta de conhecer seus leitores, seja por cartas, seja visitando escolas e faculdades, isso porque seus livros também são lidos por vários jovens.*

*Com **Não-me-toque em pé de guerra**, ele conseguiu a reputação de um autor 'altamente recomendado' pela FNLIJ.*

Até o momento, pudemos observar que o autor catarinense não ficou apenas com as premiações que seus livros tiveram, mas mereceu muito mais, por parte da crítica, que não se furtou em colocá-lo nas mesmas condições artísticas que outros

---

90- TRÊS histórias de Werner Zotz. *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 02 jul. 1983. p.12.- Lançamento.

escritores do gênero. Trata-se da teórica Aramis Millarch,<sup>91</sup> ao se manifestar sobre o livro **Mamãe é mulher do pai**, deixou Zotz em igualdade a Fanny Abramovich, o que mais uma vez se torna motivo de orgulho para os apreciadores da literatura werneriana.

A autora aponta para as três histórias que focalizam o cotidiano da criança, seus problemas e relacionamento com o mundo adulto, de maneira natural e sem paternalismos, levando o leitor a compreender que o texto não trata de um “ser menor e mal-acabado”, mas alguém com uma visão de mundo bem próprias como Zotz sempre tratou seu público. “Os seus livros são perigosos: lendo-os a gente vira criança”, finaliza a autora.

O estado do Piauí<sup>92</sup> também reconhece a boa literatura da Região Sul do país, através do comentário feito a Werner Zotz sobre **Mamãe é mulher do pai**:

*um livro onde as crianças vão se emocionar, rir, pensar e se divertir. E, de vez em quando, vão procurá-lo de novo para mais uma aventura por suas páginas. E os adultos vão lê-lo com a mesma emoção. E muito prazer.*

O mesmo exemplo é dado pela imprensa carioca,<sup>93</sup> embora seguindo a característica da nota puramente informativa, de que estaria sendo lançado o novo livro do autor catarinense, juntamente com outro escritor não muito conhecido no nosso meio literário.

Falamos anteriormente das semelhanças narrativas entre Zotz e Monteiro Lobato, citado neste próximo trabalho por Aristides Theodoro,<sup>94</sup> que nos surpreende novamente com a maneira como concebe o estilo do autor catarinense. Apesar da

---

91- MILLARCH, Aramis. “Da importância de Werner, Fanny etc. para as crianças”. *O Estado do Paraná*, Curitiba: 05 maio 1983. p.19.-Tablóide.

92- TITO FILHO, A. “Mamãe é mulher do pai”. *Jornal do Piauí*. Terezina: 05 maio 1983.

93- DOIS lançamentos: um de poesias, outro para crianças. *Jornal da Tarde*. Rio de Janeiro: 02 jul. 1983.-Livros.

94- THEODORO, Aristides. “Caminhos literários”. *A voz de Mauá*. São Paulo: 26 maio de 1983. p.17.



referência completa, não podemos ignorar seu conteúdo, pelo que o anexaremos ao final deste trabalho. O autor observa que, no livro **Mamãe é mulher do pai**, Zotz consegue, em poucas linhas, três narrativas dignas de atenção,

*que ensinam e educam a criança a respeito de um dos assuntos que para muitos pais se tornam um tabu, o sexo, onde Werner conta as histórias com muita naturalidade, muita sobriedade, de maneira a incutir no adolescente uma visão sadia e racional a respeito do assunto. O autor ainda é dono de muito humor e leva constantemente o leitor a dar risadas diante de algumas tiradas engraçadas, provocadas por seus personagens, que convém dizer, são na maioria seres pequeninos, que pensam e sentem o mundo como gente grande. Zotz está sempre a exemplo do Saint-Exupéry de **O pequeno príncipe**, se rindo das pessoas grandes, que se julgam serem donas absolutas da verdade.*

*As obras de Werner Zotz, (...) são livros de suma importância que deverão figurar sempre nas mãos de todos os garotos do Brasil, (...)que não ficam devendo nada aos Monteiro Lobato, aos Graciliano Ramos de **Alexandre e Outros Heróis** e **Na terra dos meninos pelados**, aos Mark Twain e tantos outros monstros sagrados da literatura Infanto-juvenil.*

Também nas ocasiões em que Zotz é citado junto a outros autores brasileiros, sempre figuram entre eles nomes como o de Ana Maria Machado, Marcus Accioly e Marina Colassanti, que concorreram a prêmios e, quando suas obras são indicadas para leitura, vêm acompanhadas pelos títulos de Ruth Rocha, Laura Sandroni, Mirna Pinski, Orígenes Lessa e muita gente de peso que escreve para crianças.

Em vários momentos, Werner Zotz também foi alvo da crítica atenta às novidades do meio literário catarinense, através do jornalista Salim Miguel, que, na ocasião do lançamento de **Mamãe é mulher do pai**, participou ao público a novidade. Através do relato puramente informativo, típico da resenha literária, ele faz questão de enfatizar a importância, para a criança, de usar uma linguagem direta, ao tratar de assuntos considerados delicados para a infância.

No seu entender, quando a questão do sexo ou qualquer desentendimento familiar passarem a ser apresentados,



*pela ótica de protagonistas crianças, em linguagem direta e sensível, não só ajudarão os pequeninos a melhor se compreenderem e à vida que levam, como facilitará a abertura de um diálogo produtivo entre grandes e pequenos*<sup>95</sup>.

Convém salientar que essas questões chamaram a atenção de especialistas do mundo inteiro para a maneira como as mesmas deveriam ser tratadas junto à criança. Entretanto, sempre ficam dúvidas a respeito, uma vez que, nos dias atuais, a globalização ocupa um lugar importantíssimo na vida do indivíduo criança, e muitas vezes o papel da família passa para um segundo plano, fazendo com que a informação seja passada de maneira agressiva e verdadeira aos olhos da criança e do jovem. É aí que entra a participação do livro como instrumento de mediação entre as partes envolvidas no assunto e, mais uma vez, Zotz dá o seu recado sem sustos, medos, e o que é melhor, sem mentiras.

Prosseguindo na polêmica questão sexual levantada por Zotz, a mesma é também analisada pela psicóloga e crítica de literatura infantil Regina Vieira,<sup>96</sup> no sentido de buscar apoio em Freud para as primeiras manifestações sobre os sentimentos do ser humano. No caso de **Mamãe é mulher do pai**, Zotz apresenta-nos um espelho do desencontro entre pais e filhos e os sentimentos infantis despertados ao surpreender os pais se amando: como culpa, espanto, confusão, ciúme, raiva e finalmente a amizade e o companheirismo, diz a psicóloga. E já no começo do século, Freud ousou dizer que a criança também desenvolve fantasias e imagens sexuais, que, apesar de serem, na maioria das vezes, grotescas, indicam uma compreensão da sexualidade muito maior do que os pais poderiam imaginar. Porém, que a sexualidade infantil “nada tem a ver com a do adulto”. Para Freud, esse é um fato corriqueiro e se torna quase uma obrigação informar a criança a respeito. Neste sentido, a autora do artigo mostra a preocupação de Zotz com

95- MIGUEL, Salim. “Novidades na área infantil e juvenil”. *O Estado*. Florianópolis: 07 maio 1983. p.22.-Livros.

96- VIEIRA, Regina. “A criança e a sexualidade do adulto”. *Rev. Galeria*. São Paulo: Retrata Propaganda Ltda. jun. 1983. p.16.-Literatura infantil.

essa relação delicada e difícil entre pais e filhos, dada a distância que os separa, ao se pronunciar,

*“às vezes com senso de humor, ou então com uma crítica cáustica da incompreensão dos adultos. Valendo-se ora de uma linguagem bem real e da narrativa a partir da visão da própria criança, ora de um tratamento simbólico, ele nos dá uma descrição do cotidiano...”*

Do ponto de vista da autora, a educação sexual consiste num processo contínuo, que começa quando a criança nasce e se desenvolve naturalmente, à medida que convive na família. E o próprio Freud defendeu a necessidade de preservar a criança do contato com a sexualidade adulta explícita, que a confunde, “por parecer uma espécie de maltrato e abuso de poder”, argumenta Vieira. Ela mesma conclui que “para Werner Zotz, pelo menos, uma boa pescaria com o pai é muito mais interessante”.

Após passar pelo crivo da psicologia, **Mamãe é mulher do pai** surge sob o enfoque jornalístico,<sup>97</sup> que também o considera “apto a reflexões psicológicas inerentes ao problema que focaliza” ao utilizar um discurso bastante comunicativo e ao empregar,

*expressões captadas do linguajar infantil, Werner narra a coisa através dos monólogos do garoto que, ao termo, acha que não tem mais para si a mãe: o pai roubou-a dele!”.*

As outras estórias como *Fura-bolo* e *Brincadeira antiga* fazem parte do mesmo livro de Zotz e também mereceram atenção no referido artigo. Em ambas, o redator observa o mesmo talento do ficcionista catarinense em “transpor as pequeninas coisas da vida para o terreno da ficção”, juntamente com o louvor pela ilustração de Patrícia Gwiner, parecendo ainda melhor apresentada neste livro, do que outras de sua autoria.

---

97- BRITO, Osvaldo L. de. “A boa literatura infanto-juvenil”. *O Diário. Ribeirão Preto*: 01 jun. 1983.



Tudo indica que Zotz mereceu atenção especial da parte da imprensa de Joinville, pelo fato de fixar suas raízes por muito tempo no local, por isso sua presença novamente no jornal diário *A Notícia*.

A respeito da obra do catarinense, Maria Goreti Gomes<sup>98</sup> acredita que,

*para os empíricos e conservadores, o livro de Werner Zotz, **Mamãe é mulher do pai e outras histórias**, pode ser depravado ou agitador. Mas no entanto, a exemplo de suas outras publicações, trata-se de uma obra educativa. (...) No mesmo livro, como não poderia deixar de ser (...) há a presença do velho. Simbolizando a sabedoria aparece como é visto por todos: experiente e misterioso. (...) A crítica é direcionada aos pais e professores que, estando preocupados com a 'ordem e a perfeição', esquecem da imaginação e libertação das crianças, que são o ponto fundamental da criação e existência dos grandes artistas...*

A autora também aponta o livro como método prático de orientação ao adulto, porém com pouca segurança para falar especialmente sobre sexo, e o recomenda como presente de leitura para crianças entre 7 e 14 anos.

Sobre esse mesmo livro e encarando a dificuldade em tratar assuntos polêmicos na infância, a Revista *Mulher de Hoje*<sup>99</sup> atribui todas as honras ao escritor catarinense, por apresentar a rara capacidade de dirigir-se à criança e ao adolescente “de forma clara e concisa”, sobre esses assuntos, e se fazer compreender ao mesmo tempo.

A autora do artigo diz que Zotz não gosta apenas de escrever para crianças, mas de conversar com elas,

*E ao que parece, elas têm sempre algo a dizer, pois uma das virtudes de suas histórias é justamente levá-las a pensar.*

98- GOMES, Maria Goreti. “Werner Zotz e seu livro”. *A Notícia*. Joinville: 01 maio 1983. p.06.-Geral.

99- BERG, Marly. “Mamãe é mulher do pai”. *Rev. Mulher de hoje*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, jun. 1983. p.20.-Leia.

Berg vai ainda mais além, ao compreender que no livro **Mamãe é mulher do pai** Zotz reuniu três histórias instigantes que mexem com o público juvenil. Porém,

*sem dúvida a melhor é a que dá título ao livro. Contando a história de uma garotinha que abre a porta do quarto dos pais enquanto eles mantêm relações sexuais, Zotz consegue mostrar o quanto pesa na cabeça de uma criança o desconhecimento sobre sexo, levando-a achar que o pai está machucando sua mãe.*

Enfim, a participação de outra teórica do gênero infantil, Fanny Abramovich<sup>100</sup>, prossegue no ítem de análise referente a esse livro, através de um estudo que dá uma visão de conjunto do que foi a obra deste autor. Ela reconhece sua importância no quadro da literatura infantil, embora outra parte da crítica tenha sido bastante discreta na extensão ou profundidade das abordagens.

Mais especificamente, Abramovich se ateve ao livro **Mamãe é mulher do pai**, voltado para um estudo sobre relações familiares, ao apresentar um apanhado da história que focaliza a questão do sexo na infância como algo tão natural e humano, não tendo por que estar distante duma história para crianças. Ela entende que a diferença em Zotz está em não tratar de famílias idealizadas, “onde tudo transcorre sem nenhum vendaval” nas suas relações. E que a maioria das histórias se limitam a “aspectos desimportantes, como a permissão que a criança solicita ao pai, uma comida que pede à mãe e coisas e tais, como se a mãe só cozinhasse e como se o pai detivesse o monopólio do poder de casa” e pronto.

No seu estudo, a autora trata de assuntos familiares do dia-a-dia ainda mais profundamente, mas sempre toma como base a obra de Zotz, por tratar do assunto sem “moralismos, gaguejamentos, escusas ou mentiras”.

Foi essa capacidade profunda de análise que fez dela uma das mais respeitadas conhecedoras do gênero infantil.

Outro momento de atenção para a literatura infantil parte de Nelly Novaes Coelho, fiel seguidora de Zotz, pelo respeito com que trata o seu leitor preferido

---

100- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione. 1991. p.103.



pelos longos anos de educação na área. Para **Mamãe é mulher do pai**, Zotz desenvolveu,

*Três estorietas divertidas e humaníssimas, contando coisas do dia-a-dia das crianças em convívio com os grandes. Pitorescos desenhos de Patrícia Gwinner fazem contraponto com o humor dos textos.*

Nosso último comentário de análise sobre **Mamãe é mulher do pai** parte da crítica universitária através do professor Lauro Junkes, grande conhecedor da literatura catarinense. Sinaliza que

*o relacionamento afetivo e emocional sempre tem vez nas histórias de Werner Zotz, envolvendo-se em lirismo e alimentando com humor a fantasia do pequeno leitor, mas sem esquecer de focalizar de forma crítica o real cotidiano com seus problemas. Com o pequeno volume **Mamãe é mulher do pai** e Outras histórias, Zotz apresenta três histórias diversas que giram em torno da criança, evidenciando que ela não é aquele ser passivo e indiferente, diante do qual tudo pode ser dito e feito porque ela nada entende, mas destacando como ela observa, analisa e aprende a ver a realidade através dos adultos.*

O texto comentado por Lauro Junkes se estende ainda mais, ao resumir cada sub-título da narrativa geral, e deixar a sua impressão sobre as questões focalizadas por Zotz durante a estória.

O referido trabalho, junto aos já mencionados, é parte integrante da pesquisa que Junkes desenvolve, ao levantar a produção literária para crianças em Santa Catarina. O que significa que ainda não está disponível para consultas.

Assim, tivemos as manifestações críticas desse livro de Zotz, que em nada deixou a desejar diante dos demais.



ISBN 85-7007-063-2

Rio Liberdade

# Rio Liberdade

## Werner Zotz

Werner Zotz

4.<sup>a</sup> EDIÇÃO

“Garrancho parecia não entender. No Pantanal, só planura de campo e azul do céu, para todos os lados. E ele sem saber o que fazer com a Liberdade!”

“A história do jovem Moreno situa-se no Pantanal, onde a Liberdade é mais livre. E ser livre é muito importante. É a coisa mais importante da vida!”



norôica





### 3.7- A importância de *Rio Liberdade*, segundo a crítica

Ser livre é muito importante... é a coisa mais importante da vida. "Rio liberdade"- p.27

Não há como identificar qual o título de Werner Zotz que mais chamou a atenção do público que aprecia Literatura infanto-juvenil, com exceção, talvez, de **Apenas um curumim**, que desencadeou todo o processo de crítica. Neste sentido, nossa avaliação se dá em torno de não priorizar nenhum deles, apenas retratar sua repercussão a nível nacional e no exterior, caso seja detectada alguma referência.

Na seqüência das publicações, **Rio Liberdade** ocupa o sexto lugar e também soube representar o autor atraindo crianças, jovens, educadores, enfim críticos a nível nacional e internacional, pelas aberturas que o texto propõe. É tudo o que o leitor jovem busca como aventura nos dias atuais, para se auto-afirmar, e reconhece que, para tal, precisa de um herói em que se espelhar nessa aventura.

Se considerarmos a data da publicação do livro, poderemos ter uma idéia da sua repercussão no meio literário. Tivemos nesse mesmo ano - 1984 - cerca de 31 artigos publicados em revistas e jornais em geral, apesar de a maioria desses periódicos apresentarem publicação diária, fazendo com que muitas notas semelhantes sejam editadas pelas mesmas gerando um tipo de notícia que esfria facilmente. Entre tantas formas de abordagens, iniciamos pelos artigos que apresentam conteúdos breves, típicos de comentário jornalístico seguindo exemplos anteriores. Assim, as primeiras publicações partiram do assíduo jornal *A Notícia*, de Joinville, e datam do mesmo dia - 11 de maio de 1984, com os respectivos títulos: "Crítica positiva", "Livro de Zotz".

O primeiro informa que:

*o livro de Zotz, **Rio liberdade**, lançado pela Nórdica, a exemplo de outros, vem obtendo excelente receptividade junto à crítica. O livro ganhou generosos elogios da crítica Tatiana Belinki, em texto publicado no 'Jornal da Tarde', na última terça feira.*

Para “Livro de Zotz”, o redator faz o seguinte comunicado:

*o escritor Werner Zotz tem um novo livro na praça. Trata-se de **Rio Liberdade** (...).*

*Werner, na verdade, é um dos autores infanto-juvenis que mais vende nesta editora e seus livros são acompanhados de grande investimento publicitário. Para ‘**Rio Liberdade**’, por exemplo, a Nórdica mandou confeccionar um atraente cartaz colorido mostrando o novo livro e reproduzindo a capa de outros quatro já lançados anteriormente. Enquanto isso, em Joinville, Werner vai levando a vida entre sua máquina de escrever e pescarias em Barra do Sul...*

Sem diversificar o estilo da redação jornalística, o correio Brasiliense, em 18 de março de 1984, fala sobre **Rio Liberdade** como uma estória que

*fala de nossos problemas sociais e políticos e do relacionamento humano entre os indivíduos (...) o jovem Moreno vive entre aventuras e perigos, na busca da liberdade. Ele aprende com os próprios animais as coisas da vida, mas seu aprendizado também sofre a influência dos homens - que interferem quase sempre para destruir.*

Bastante comum o enfoque caracterizado pela visão crítica das relações sociais que sustentam enredos e personagens na obra werneriana. São recursos criados pelo autor para revelar os danos causados pela influência do homem, de maneira geral. Dessa forma, a narrativa detém um maior efeito de real. E mesmo nos momentos em que Zotz passa da ficção para a confissão, jamais ele perde de vista o conflito e a crítica social.

**Rio Liberdade** também repercutiu na Bahia, com mais intensidade que na imprensa do Sul do país. O *Joba*, como é conhecido esse jornal, publica, no dia 01 de abril de 1984, três notas sobre o livro de Zotz. Na primeira o destaque é para o título “O desafio do Joba”, através de um trabalho de estímulo à leitura no meio infantil com o seguinte chamado:

*nosso desafio de hoje é para os leitores que gostam de desenhar e possuem alguma imaginação. Aqui está uma tira de quadrinhos, com uma estorieta do JOBA (...). O que*

*desafiamos? Que nossos leitores se insperem (sic) nesses bonecos e façam uma tira com uma nova estorieta (...). As respostas, devem ser colocadas no correio até o próximo domingo. A melhor tira será publicada e seu autor receberá como prêmio o livro **Rio Liberdade**, de Werner Zot (...). Uma linda estória, para jovens e adultos. O prêmio será remetido pelo correio.*

Trata-se de mais uma, entre tantas estratégias para atrair o leitor, em que se utilizam obras do catarinense, como observado durante o percurso desse trabalho. Em artigo sintetizado, o jornal justifica que a preferência pela literatura werneriana se deu em virtude da grande capacidade do autor em atrair grande número de leitor jovem. E é esse mesmo estímulo que leva o jornal da Bahia a modificar o modelo cotidiano da resenha jornalística com um novo enunciado: “Ôba! Sugestões de leitura do Joba” abre o chamado à boa literatura infanto-juvenil e referindo-se a **Rio Liberdade**, apontando seu lançamento no dia 01 de abril de 1984.

Outro resumo jornalístico deste mesmo livro foi apresentado pelo *Correio do Povo*, Porto Alegre, 03 de março de 1984, contando a história de um menino, Moreno, que se refugia no Pantanal matogrossense. Diz o artigo que há momentos belíssimos neste livro, a exemplo do gavião Garrancho, que parecia não entender onde a tela de arame limita vôos e movimentos (...). No Pantanal só planura de campo e azul do céu, para todos os lados. E ele sem saber o que fazer com a liberdade, tão acostumado com horizontes limitados.

Através de **Rio Liberdade**, Zotz também soube enfocar o “lado podre” da sociedade, abordando temas que a tradição literária para o público jovem sempre renegou, como os problemas sociais e existenciais por exemplo. Ao introduzir uma temática apropriada à narrativa de denúncia social, o autor tomou o cuidado de não apresentar um relato textual, através da visão adulta do problema, mas do ponto de vista de um narrador menino, que conta através de uma perspectiva realista, capaz de ser compreendido também pelo jovem. Mas que fala como gente grande e distanciado de uma possível linguagem infantil, distanciado do tradicional silêncio das imposições que vêm do universo adulto.

Foi por entender que a criança não deve ser preservada da realidade, até porque a vida não só é agradável no seu dia-a-dia, que Zotz mistura lirismo com

visão crítica e suspense, de acordo com a opinião de Marisa Fillet Bueloni,<sup>102</sup> ao examinar a narrativa de **Rio Liberdade**. Detendo-se especialmente no tema da liberdade, ela acredita que ser livre “é o que de mais importante existe”. E o lirismo de uma narrativa, que emociona a cada página, mostra, através de um dos mais belos exemplos, a importância de conquistar o seu lugar no mundo. Porém muito mais importante do que ser livre é saber o que fazer com a liberdade conquistada. A autora considera o livro “belo como um filme inocente e limpo para crianças”.

Essa mesma liberdade, porém aliada ao aprendizado, foi uma constante forma de pensar entre a crítica, ao interpretar a estória do jovem Moreno em busca por tal liberdade, sonhada na adolescência por todo jovem que passa pelo processo da auto-afirmação. Ele aprende com os animais, com a natureza, que participam de toda magia da mais bela região do mundo. Mas esse aprendizado é também sofrido pelo contato com os homens-bicho, que interferem quase sempre para destruir. O livro marca um dos pontos altos da obra de Werner Zotz, por estabelecer um diálogo direto com leitores de todas as idades.

A trajetória de um adolescente, a quem é dado conhecer a liberdade em todas as suas formas, dosando noções de ecologia com o pique de aventura que o leitor jovem pode encontrar em clássicos como **Robinson Crusoé**, faz de **Rio Liberdade** também um clássico da literatura geral. Essa constatação vem sendo feita por ensaístas que acompanham a trajetória de Zotz. Vivian Wyler<sup>103</sup> está entre os que não escondem simpatia e entusiasmo pela obra do catarinense, ao apontar neste título a preocupação do autor com o “ser livre”. Um livre, que respeita o outro, tanto quanto a si próprio, ou até mais, descrito num “livro que faz pensar”. Esta seria a maneira mais adequada de compreender a mensagem da estória, acredita a autora.

Um livro que transmite uma visão do homem como um animal surpreendente, capaz de inesperadas atitudes, num mundo ficcional que consegue ser mais real do

---

102- BUELONI, Marisa. F. "Recomendo: Rio Liberdade". *O Diário*, Piracicaba: 09 maio 1984.

103- WYLER, Vivian. "A importância de ser livre": *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 15 mar. 1984. p.02.-Livros.



que a própria realidade, é a sensação despertada em leitores que defendem o respeito total à criança, no momento de transmitir fatos que pertencem ao seu dia-a-dia.

O fato do jovem e a criança serem profundamente críticos e inteligentes fez com que Werner Zotz criasse uma literatura nunca didática, mas sempre procurando transmitir humanismo, valorização humana e cultura geral. Apesar de sabermos que é praticamente impossível, na literatura, agradar a ambos os lados, o autor consegue transmitir suas idéias sem tentar incuti-las no leitor, mas com o único objetivo de fazer o leitor pensar. E é isso que faz a crítica especializada conceder inúmeros prêmios a Zotz.

A literatura werneriana dá sinais de recepção também junto ao leitor Maranhense, quando o autor<sup>104</sup> do artigo faz a sua leitura, centrando-se no protagonista, o jovem Moreno, que precisa colocar todo o seu aprendizado em ação e toda a esperteza adquirida para fugir e ir ao encontro da liberdade. Para isso, ele precisa “escapar das armadilhas da vida, por entre perigos e aventuras”. É o lírico cenário mágico da natureza, com os animais que encantam a mais bela região do mundo, na sua opinião.

Encontramos ainda, entre os simpatizantes de Zotz, uma das especialistas brasileiras na área de Literatura infantil, Tatiana Belinki,<sup>105</sup> que sempre pensou na criança como um indivíduo que merece consideração especial.

O que apaixona Belinki, em Zotz, são as fascinantes histórias abordando os temas mais diversificados, como:

*ecologia e aventura, problemas humanos, fantasia e realidade, adultos e crianças, índios, bichos - e coisas como amizade, coragem, lealdade, justiça e liberdade. E seus opostos - porque a literatura de Werner Zotz, tão brasileira, tem beleza, poesia, emoção, mas principalmente é impregnada de profundo senso*

---

104- TEIXEIRA, Ubiratam. "Liberdade com lirismo". *O Estado do Maranhão*. São Luiz: 11 abr. 1984. p.08.-Livros.

105- BELINKI, Tatiana. "Mato Grosso, na viagem dos sonhos juvenis". *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 16 mar. p.19.-Livros/crítica.

*ético, uma ética 'humanística' que envolve o leitor e mexe com o que há de mais generoso na natureza da criança e do jovem. Acresce que o conteúdo, sempre relevante, se reveste em Werner Zolt de um estilo fluente, ágil e coloquial, alternando com mestria, lirismo e emoção, 'suspense' e humor, ação, contemplação, reflexão. E também informação, sem qualquer ditadismo, direta e funcional - porque as coisas, os ambientes, as paisagens e as gentes de que fala, ele os conhece de vivência própria, como professor e jornalista que viveu, (...)viajando também por outras plagas, com seus olhos de amor pela flora, fauna e gente deste Brasil.*

**Rio Liberdade** (...)acaba de sair do forno e constitui mais uma bela 'viagem' para nossos jovens.

O livro é realisticamente ilustrado por bonitas fotos e lugares(...)onde transcorre a história, por sinal enquadrados de modo a simular um filme de cinema. Filme que bem poderia ser rodado por um cineasta com sensibilidade para um argumento como esse ... .

Até o momento, é possível afirmar, de acordo com observações feitas, entre os documentos analisados, que a leitura para interpretar ou compreender Zolt se dá quase que no mesmo sentido, independente de quem seja o leitor. Assim, temos em mãos outro depoimento sobre o mesmo livro citado, destacando características voltadas ao público a que se destina a obra do autor, que não agrada apenas,

*aos mirins como os guaçús da vida, obrigando-os à reflexão mais profunda. Não apenas ao lazer, o entretenimento: na esteira deles, o sentido de pensar nos problemas nacionais e mundiais.*<sup>106</sup>

Foi levantando os principais problemas nacionais e mundiais que a obra de Monteiro Lobato se tornou o grande clássico da literatura infantil que é atualmente.

Por esse caminho, e preocupado com as mesmas questões sociais, Zolt chegou a ser comparado com vários "monstros sagrados" da nossa literatura. Como exemplo há o depoimento de Aristides Theodoro<sup>107</sup> para a seguinte consideração:

106- BRITO, Osvaldo Lopes de. "Rio Liberdade". *O Diário de Ribeirão Preto*. São Paulo: 14 abr. 1984.

107- THEODORO, Aristides. op. cit., p.17.

*O autor desses livros é antes de mais nada um escritor que se encontrou na difícil arte de contar histórias para crianças. É sem dúvida alguma uma espécie de Monteiro Lobato de nossos dias. Seus livros são verdadeiros achados literários, que prendem a atenção não só da petizada, como também das pessoas grandes que deles se abeberam.*

A esse respeito, é importante ressaltar a repercussão merecida pela obra de Zotz, sendo ele um catarinense que focaliza corajosamente questões consideradas tabu na literatura, para que o leitor faça sua própria avaliação da obra, a partir das descrições feitas por esse trabalho de pesquisa.

Dessa maneira, passamos a outro parecer da crítica especializada, que recebe a obra de Zotz e descobre um novo sentido para **Rio Liberdade**, comprovando que a literatura é também uma leitura da vida e que a aventura fantástica, longe de alienar, ajuda a descobrir o real, como a trajetória feita pelo jovem Moreno. Aos 14 anos, ele se lança numa aventura que culmina na realização do seu sonho, alcançado a partir do momento em que tem a certeza de estar livre, “respira fundo e dedica-se ao que fazer com ela”. O Pantanal, o exuberante ecossistema, verdadeiro santuário da natureza, constantemente depredado pelo homem, é o ambiente da aventura vivida pelo herói da narrativa que tanto pode,

*ser enquadrada no âmbito da literatura infanto-juvenil, adulta ou mesmo policial, mas é preferível deixar de lado os rótulos e mergulhar na agradável leitura que o premiado Werner Zotz nos proporciona; a trama flui atraente, caudalosa como o ‘paraguaizão’, que no dizer de Moreno, o menino-personagem-símbolo-signo, é o Rio Liberdade. Os demais livros do autor atingem sucessivas edições e este é um sério candidato a mais um título, dos vários, que Werner, merecidamente, coleciona.*<sup>108</sup>

Ao que tudo indica, parece que **Rio Liberdade** foi o que mais apaixonou a crítica adepta da aventura. É cada vez maior o número de interessados em

---

108- ROCHA, Antônio Carlos. “Um menino busca a liberdade no Pantanal”. *O Globo*. Rio de Janeiro: 25 mar. 1984. p.05.-Livros.

aprofundar a análise desse livro, sem falar dos nomes aqui mencionados, que se consagraram na literatura infantil. É o momento em que Eglê Malheiros dedica toda sua coluna no jornal *O Estado* para falar do conterrâneo Zotz e o seu **Rio Liberdade**, entendido como uma novela de aventura, ação e peripécias. Para Malheiros, sem dúvida,

*a atenção fica cativa desde a primeira página, e o interesse não decai. Bastariam essas qualidades para despertar interesse pelo livro, mas ele ficaria ao lado de muitos outros que se lê e esquece (...). Dividido em quatro partes, nas duas primeiras predomina a reflexão, na terceira a ação, enquanto a quarta é uma abertura para o futuro (...).*

*Na 'narrativa', justamente a parte mais aventureira do texto, se explicita o verso de Goethe: 'Só merece a liberdade e a vida quem todos os dias a conquista', e o rapaz luta por elas, com unhas e dentes, mesmo quando aparentemente sozinho...*

*Na 'conversa' o futuro se abre, e se dá à juventude o direito de simplesmente viver, desde que tenha os horizontes abertos.*

*Livro de quem ama a natureza e acredita na vida, há em suas páginas uma poesia contida, um esforço de não se derramar para obrigar o leitor a refletir, penetrar, descobrir. As vezes a linguagem é quase telegráfica, o ritmo, mais lento de início, torna-se intenso no final.*<sup>109</sup>

Malheiros, seguindo opinião de outras teóricas, também admite a indicação do livro para adaptação ao cinema, sugerido em tom de interrogação ao autor, que em nada nos surpreende, tampouco o fato de Malheiros entender na literatura werneriana uma oportunidade do jovem se expressar livremente e ser respeitado em seu pensamento individual, sem a interferência das “verdades absolutas” do adulto. Exemplo disso é o texto de Fanny Abramovich, que em toda sua trajetória literária também defende a importância da liberdade e da aventura, no momento em que o jovem inicia a luta pela defesa da sua vontade, (tão evidente em **Rio Liberdade**), e amadurecimento interior, alcançando de forma gradativa o equilíbrio adulto. Em

---

109- MALHEIROS, Eglê. “Mais livros para o público infanto-juvenil”. *O Estado*. Florianópolis: 09 maio 1984. p.19.-Variedades.

outra oportunidade, a própria Abramovich fala do *Estranho mundo que se mostra à criança*, e levanta o problema das 'ausências' na literatura infantil. De um lado, a crítica diz que se "edita muito" nesta área; de outro, que "ainda faltam coisas".

Segundo ela, há uma carência de histórias,

*que mexam com a emoção da gente, que despertem aquela tristeza doída, aquelas lágrimas nos olhos um pouco envergonhadas, mas que fazem tanto bem (...) Histórias que marcaram a infância de todos, exatamente porque iam lá no fundinho, fazendo brotar a emoção primeira e verdadeira (...). Aí, a gente tem (...), o Werner Zotz sabendo lidar com o problema da dor maior (...). Mas falta tanto, outros autores sem medo de lidar com o essencial...*<sup>110</sup>

Sem dúvida, a parte que coube a Werner Zotz, nessa tarefa de abertura e de busca, foi sabiamente cumprida através de personagens-crianças, vivendo experiências verdadeiras, sem medo de punições, dentro das mais variadas situações criadas ou vividas pelo catarinense, que se mostra muito mais personagem do que autor nos seus textos.

Outras lacunas também foram preenchidas pela obra do autor, conforme observa o comentário de Regina Zilberman,<sup>111</sup> ao chamar atenção para o desafio que os novos autores fazem ao "ranço das histórias conservadoras". Embora considerando que a grande maioria do material crítico sobre esse autor seja em geral em forma de resenhas de jornal, toda a obra de Zotz foi saudada como renovadora da produção literária infantil.

Haja vista que, em nenhum momento, deve-se desprezar qualquer espécie de comentário feito sobre uma determinada obra, quando se admite que o verdadeiro juiz da narrativa literária é o próprio leitor. E o que vale é a sua intenção ao reagir diante do texto. Às vezes um simples "não gostei do livro" é o suficiente para

110- ABRAMOVICH, Fanny. *O estranho mundo que se mostra às crianças*, São Paulo: Summus, 1983. p.59-60.

111- ZILBERMAN, Regina. op. cit., p.102-103.



demonstrar a receptividade da obra. Aliás, no meio jovem de leitores, é comum a expressão breve e direta, tanto positiva como negativa sobre o livro que leu.

Assim, damos prosseguimento às análises, e nossa próxima referência diz respeito ao artigo que se prende à crítica da técnica de narrar em **Rio Liberdade**. Numa tentativa de sintetizar o texto, o autor do artigo examina a habilidade demonstrada por Zotz, ao encantar o leitor jovem, através de um nível narrativo excepcional. Diz o autor da resenha que, ao brilho e beleza da prosa,

*o autor juntou um enredo perfeito e uma temática que não sendo nova, é eternamente bela, a 'Liberdade'. No ritmo ágil e dinâmico de um filme de aventura, ele conta a história (...), misturando com rara maestria ação, suspense, lirismo, visão crítica (...).*<sup>112</sup>

A obra de Zotz acumula informações diversas por parte da crítica, levando o leitor a se inteirar ainda mais, a cada nova publicação jornalística. E mesmo questões já levantadas, ao serem retomadas, se apresentam sob outro enfoque, ganhando uma nova feição, dependendo da abrangência e do objetivo ao mencioná-las. Daí, as teorias de que,

*no processo de compreensão, a cada palavra do outro fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem nossas réplicas, mais profunda e real é a nossa compreensão (...). Para Bakhtin, o sentido é, melhor dizendo, o efeito da interação do locutor e do receptor...*<sup>113</sup>

---

112- DOYLE, Fábio Proença. "Rio Liberdade". *Diário da Tarde*. Belo Horizonte: 11 abr. 1984. -Livros.

113- JOBIM E SOUZA, Solange. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotski e Benjamim*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994. p.57.

Nessa mesma direção, uma análise feita pelo crítico Alfredo Roberto Bessow<sup>114</sup> abre outras perspectivas de leitura para o tão mencionado **Rio Liberdade**, na intenção de atrair o leitor.

Entre os argumentos utilizados para quem já teve alguma experiência junto ao público, o recurso da interrogação é um dos pontos-chave para atrair esse leitor. Bessow parece estar entre os que se preocupam em destacar os elementos fundamentais da obra literária, preocupado com a resposta do seu trabalho de “divulgador” da boa leitura, ao incitar o leitor através da pergunta:

*Tem jeito de aprender a gostar de ler ?*

*Receita para todos não existe! O que é preciso assim de começo, é muita vontade. Pegar o gosto. Isso acontece quando a gente lê coisas bonitas e que, junto com a fantasia, ensinam e fornecem dados para a gente saber cada vez mais.*

*Não existe apenas magia e fantasia em livros escritos para crianças. Estes elementos fazem parte do contexto, no entanto devem propiciar dados e informações verídicas.*

*Neste espaço vamos falar de livros que tratam as crianças (sic), e isso vale para todas as idades, como seres inteligentes que são. Nada de criar medo e terror.*

*O livro do qual vamos falar esta semana foi escrito por um catarinense. Trata-se de **Rio Liberdade**, de Werner Zotz (...).*

*No livro, a estória de um menino - Moreno é o seu nome - que sonha com a liberdade e faz de tudo para não perdê-la. O autor consegue misturar as aventuras do nosso herói com a vida de um dos lugares mais belos que existe. O Pantanal Matogrossense.*

*O livro ensina muitas coisas. Com muita sensibilidade Werner consegue utilizar fatos reais e que já ouvimos falar - como por exemplo a atuação do governo e do exército contra os contrabandistas de peles de jacaré - dentro das aventuras do Moreno.*

*Além do texto que é muito bem escrito, a história não deixa nada mal contado e tem até um mapa para todos acompanharem as andanças do Moreno. E para quem nunca viu o Pantanal, o livro tem fotos.*

---

114- BESSOW, Alfredo Roberto. “A conquista da liberdade”. *O Estado*. Florianópolis: 10 jun. 1984. p.03.-Suplemento infantil.

*Toda criança vai se sentir na pele de Moreno, vibrar com sua inteligência e assim de mansinho vai aprender a preservar a natureza e o valor da liberdade. Depois da leitura, tem-se a certeza de que ganhamos mais um amigo, um companheiro para novas aventuras”.*

Se o medo e o terror de que fala o crítico sustentavam as antigas narrativas feitas para crianças, em Zotz ele garante o resgate de todo ato que venha tolher a participação da criança e do jovem, apresentados como sujeitos, autores da voz, expressando desejos e necessidades a partir das suas próprias palavras, deixando de ser um objeto a ser conhecido ou conquistado, pois, se Zotz o fez sujeito, conseqüentemente não pode permanecer sem voz, e é no constante diálogo com o outro que ele se põe em igualdade a outros indivíduos, no sentido de existir ativamente no mundo.

O fato da obra de Zotz ser indicada “para todas as idades” é uma constante na crítica, demonstrando a importância da leitura (ou da leitura desse autor) também na fase adulta do indivíduo.

O que nos leva a pensar dessa forma são comentários como o que foi publicado por uma jornal de Ribeirão Preto/SP,<sup>115</sup> intitulado *Coisas da vida*, em que o autor que já deu outras participações se refere a Werner Zotz como

*‘o grande alvo’ dos estudantes secundários de Ribeirão Preto (...).*

*Sinto algo assim com íntimo prazer porque, nesta região, se não me engano, fui o primeiro a apontar o grande escritor que surgia, na terra paranaense, embora fosse nascido em Santa Catarina.*

*Escritor que sabia dirigir-se aos mirins prendendo também os guaçus da vida ... .*

*Agora, livre pelas regionais e acolhido por editoras poderosas (...).*

*A literatura de Werner há de percorrer o território nacional e varar as fronteiras. Sim, porque leva idéias ventiladas com extrema inteligência e natural talento, contidas em livros do porte de **Rio Liberdade** e*

---

115- BRITO, Osvaldo L. de. “Coisas da vida”. *O Diário de Ribeirão Preto*. São Paulo: 02 out. 1984.

***Apenas um curumim ou da esfuziante e humana reflexão agasalhada com tanta propriedade naquele sugestivo Mamãe é mulher do pai, isto apenas para citar, de passagem e de memória.***

Além das considerações já mencionadas sobre o autor, este é mais um caso em que a crítica não se atém apenas à obra analisada, mas estende sua opinião sobre outros títulos de Zotz, alvo de atenção maior, devido aos prêmios recebidos. Deixa a impressão de que o analista não se dá por satisfeito, caso não mencione todo o rol dos livros publicados até a data do artigo. Acompanha uma pequena biografia do ficcionista, em que demonstra conhecer toda a obra do catarinense, tornando positivos esses acréscimos, pelo fato de inteirar o leitor sobre a totalidade das referidas obras.

Temos também a galeria dos críticos biográficos, que insistem nessa linha de abordagem, tentando justificar a obra pelo autor. Em algumas ocasiões, apesar da característica sucinta da informação jornalística, o autor do artigo encontra uma maneira de passar uma informação “mais completa”.

Nessa trilha aparecem aqueles que consideram Werner Zotz um autor que não se afasta de si mesmo, ao refletir na obra o mundo através dos fatos que ocorreram na sua vida. Outros vão ainda mais além, ao declarar a idade do autor junto com a possibilidade de viver, hoje, exclusivamente da venda de seus livros. E na ânsia de revelar o local de nascimento é onde acontecem as maiores “gafes”, uma vez que o autor nasceu (segundo a crítica) nos mais variados lugares, entre eles: Blumenau, Barra Velha, Joinville, Tubarão e principalmente no Paraná. Além da diversificada trajetória de vida feita pelo escritor até “se firmar” em Santa Catarina.

Os que o conhecem atribuem essa tendência biográfica da crítica ao fato de que, à medida em que se sucederam as suas publicações, fica evidente um mergulho no passado, gravado na memória desde as mais distantes vivências infantis, na busca do material para sua criação. Entre os exemplos, está a frequência com que o mundo dos bichos se faz presente em seus escritos, misturando-se ao mundo dos seres humanos, juntamente com a liberdade tolhida na

melhor fase da sua vida e início da caminhada como escritor, que dá a tônica de alguns dos seus livros.

Se levantamos a questão biográfica, não se trata de saber apenas se o autor retrata ou não sua vida na obra, mas em que medida a crítica se ocupou em abordá-la, tendo em vista que os temas da obra werneriana se apresentam com quadros bem nítidos à lembrança do vivido. O erro estaria em limitar a análise a simples dados biográficos.

Neste caso, o mérito maior do autor reside em saber distinguir, entre tantos momentos da sua vida individual, aqueles que representaram momentos específicos de uma época e sociedade, historicamente marcados, para servirem de fundo às suas produções artísticas, e arrancar aplausos do público que o admira.

Por essa linha de pensamento conciso e eficaz, típico da resenha, incluímos no rol o nome de Carlos Menezes<sup>116</sup>, do jornal *O Globo*, que, em resumidas frases, rastreia a vida e a obra de “um dos mais importantes contadores de histórias para crianças e jovens, surgidos no Brasil, nos últimos dez anos”. Ao resenhar **Rio Liberdade**, Menezes surpreende com a capacidade de dizer muito, em tão pouco, incluindo uma surpreendente revelação no sentido de aproximar Zotz de escritores de nome internacional, ao se referir ao protagonista de **Rio Liberdade**. Na avaliação de Menezes,

*O leitor que se enterneceu com Fernão Capelo Gaivota, de Richard Bach, também editado pela Nórdica, certamente terá muito que lucrar com a história de Moreno.*

O que faz Werner Zotz ser comparado com obras desse porte, pelo leitor ficcionista, é, entre outras, a mensagem embutida no texto. Há sempre razão para aquilo que o autor escreve: o falar cotidiano, destituído de complexidade em sua estruturação, e a relação de proximidade com o leitor a que se dirige, falando também por imagens já anteriormente ressaltado pela crítica. Enfim, um texto que funciona como uma janela aberta, para que, além do texto, a imaginação do leitor

---

116- MENEZES, Carlos. "Aventuras e busca de liberdade no Pantanal". *O Globo*, Rio de Janeiro: 29 fev. 1984.



possa seguir voando para todos aqueles lugares em que ocorrem as ações dentro da história.

No decorrer da análise sobre a recepção que teve a obra do catarinense, encontramos outros textos chamando atenção para concursos literários, objetivando estimular o hábito da leitura. O primeiro artigo analisado é de Ribeirão Preto (SP), publicado pela *Livraria Pequeno Príncipe*, responsável pelo concurso de redação entre alunos de primeiro grau. Antes de redigir o texto, os concorrentes precisavam ler cinco livros de Werner Zoltz, cada título traz a indicação da faixa etária. Ao final das leituras, os participantes faziam uma redação (mínimo de 15 linhas), expressando sua opinião sobre a estória. Os prêmios variam desde “livros” do próprio autor, até “lindas cabanas” para os melhores trabalhos, cabendo à escola, uma “Ciranda de Livros”. Outros trabalhos semelhantes acontecem ou são realizados com a presença do autor para a entrega de prêmios, lançamento de livros e autógrafos.

Entre os classificados, houve a publicação do primeiro lugar (entre 11 a 15 anos) sobre **Rio Liberdade**, o que comprova literalmente a teoria de que a leitura crítica leva a produzir um outro texto: o texto do próprio leitor. Neste caso, aliado à capacidade criadora do jovem, tão defendida e respeitada por Zoltz.

Vale a pena transcrever parte da interpretação do aluno de sétima série, bastante seguro ao afirmar que as palavras são poucas para descrever sobre algo de tamanha importância que é a liberdade do indivíduo. O que ele poderia dizer sobre **Rio Liberdade**, é

*que ele continue a abrir caminhos para nossas idéias, que Moreno continue, de certo modo, a emocionar seus leitores. Porque o livro significou muito para mim, e estou certo de que será assim com todos que provarem o doce gosto da liberdade (...).*

*Que todos, através do livro, possam compreender o vôo dos pássaros. E que um dia, a 'liberdade' abra as asas sobre nós...*

117

A partir desse tipo de leitura, geradora de novos significados, o leitor passa a se conscientizar de que o exercício da sua consciência sobre o texto escrito não tem a única finalidade de memorizar a mensagem, mas compreender e criticar. Assim, todo leitor crítico se faz ouvir, por não ser apenas um receptor passivo de idéias, abrindo para si novos horizontes, ao experimentar outras alternativas.

Cabe ressaltar ainda a importância de se realizarem programas para atrair o jovem a ler bem e mais, buscando alterar o quadro atual de interesse pela leitura, porque se “um país se faz com homens e livros é bom lembrar que se faz com homens que lêem e com livros lidos”.<sup>118</sup>

Retornando à análise da obra de Zotz, constatamos a existência de uma relação de livros que foram “altamente recomendados para leitura” entre jovens, selecionados através de uma Comissão formada por Laura Sandroni e outras críticas da literatura infantil. Trata-se de um folheto informativo mensal da FNLIJ,<sup>119</sup> informando que entre os 395 títulos publicados em 1984, 39 foram escolhidos para essa indicação, e **Rio Liberdade** está entre eles. Em seguida analisamos uma correspondência<sup>120</sup> endereçada à *Editorial Nórdica*, comunicando que o mesmo **Rio Liberdade** também foi selecionado para a *Exposição Internacional de Livros Infantis e Juvenis* em Bolonha na Itália.

A obra de Zotz continua acumulando indicações de leitura, e desta vez parte de especialistas do gênero infantil, quando sua obra foi citada por uma equipe que elaborou *Criança-leitura-livro* de São Paulo,<sup>121</sup> fazendo uma espécie de índice remissivo das obras selecionadas, apontando **Apenas um curumim** para leitores de nove anos em diante, **Mamãe é mulher do pai** e **Não-me-toque em pé de**

---

118- CUNHA, Fausto. *A leitura aberta: estudos de crítica literária*. Brasília: Cátedra, 1978. p.03.

119- FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. “A FNLIJ concede seus prêmios anuais”. Rio de Janeiro: 5 (5): 17-20, maio 1983. Folheto.

120- Trata-se de um documento com a participação da UNESCO para disseminar livros infantis em feiras realizadas anualmente em vários países a nível mundial. O documento data de 05 de março de 1985.

121- WORNICOV, Ruth, (org.). *Criança-leitura-livro*. São Paulo: Nobel, 1986. p. 107,38,58,59,77.

**guerra** para onze anos, por demonstrarem especial interesse pela aventura e emoção. Apreciam “feitos heróicos, com personagens valentes e destemidas”. **Rio Liberdade** para treze anos em diante, por esse leitor “apreciar livros de mistérios e relatos que apelem para seu raciocínio e a sentimentalidade”, reconhece a equipe organizadora.

Ainda sobre **Rio Liberdade**, localizamos outro ensaio elaborado pelo crítico e estudioso de obras catarinenses Lauro Junkes,<sup>122</sup> com análise de toda literatura werneriana. Seguindo a opinião de outros críticos, Junkes considera o livro como uma pequena novela, de caráter mais juvenil, comportando grande diversidade de episódios, o que exige um maior nível de percepção da parte do leitor,

*além de fazer referência a uma série de livros mais apropriados já para a adolescência: Huck, Winnetou, Robinson Crusoé, O velho e o mar (...) A história tem como protagonista/narrador o jovem Moreno, entre 12/14 anos, sendo marcada por nítido caráter realista, tanto no sentido de envolver sofrimentos, provações, brigas de família, como no seu aspecto ideológico, envolvendo específico enquadramento temporal no período pós-revolução de 1964, com o mandonismo ditatorial ( “os homens que mandavam em tudo”), a perseguição e o exílio até chegar a anistia.*

*(...) A narrativa confronta bem o natural com o humano. No âmbito do primeiro, projeta-se o cenário e a magia do panorama ecológico do Pantanal matogrossense, a beleza e exuberância dessa natureza livre. Entretanto, a esse natural livre se contrapõem a ação e o convívio nefastos do homem, interferindo negativamente sobre o próprio irmão humano e sobre a natureza, destruindo e contrabandeando na região do Pantanal, obstruindo a liberdade em geral.*

*(...) Projeta-se vivamente o espírito de aventura, sobretudo na segunda metade, o fascínio pela luta e pelo desafio, não obstante os obstáculos, quando se tem em mira um grande interesse ou ideal. Daí resultar interesse específico para jovens, na pré-adolescência, pois a narrativa está bem armada na fluência das peripécias, especialmente com a terceira seção satisfazendo o ego que se afirma, conferindo muito vigor ao processo de construção da autonomia do adolescente.*

---

122- Comentário que integra livro ainda inédito sobre a literatura infanto-juvenil em SC.

Enfim, construído sob um enfoque realista e uma variedade de ingredientes, tendo como pano de fundo a ecologia do Pantanal, que fazem de **Rio Liberdade** uma narrativa de estrutura dinâmica e de produtiva leitura, observa Junkes.

Voltando a falar sobre a crítica especializada que há muito se debruça sobre a literatura de Werner Zotz, temos a tradicional e conhecida Nelly N.Coelho que, a exemplo de outras obras do catarinense, também faz uma pausa para **Rio Liberdade**, com uma visão sempre inédita, por isso relevante como guia para uma leitura crítica, que sempre diz muito, em poucas palavras. Na sua concepção, trata-se de uma

*narrativa saborosa, espreitada como as águas de um rio, ora lentas, ora rápidas ou turbulentas (...) esta de **Rio Liberdade** conta momentos decisivos na vida de moreno (...). Trata-se de quatro 'momentos' que se fundem numa só experiência existencial: a valorização da liberdade como um estado de ser e dos mais importantes da vida. Cada um dos 'momentos' corresponde a um capítulo do livro e a uma experiência diferente, mas convergente à problemática central.*

*No primeiro, Moreno relembra sua estada numa estação ecológica do Mato Grosso e a 'lição de luta' que lhe foi dada por um gavião ferido tentando reaprender a voar. No segundo, se descobre órfão, ferido e temporariamente aleijado, entregue legalmente à tutela de uma tia de quem não gostava. No terceiro, narra sua fuga do internato, viajando de trem e de barco para ir de São Paulo ao Pantanal, através de muitos perigos para encontrar a tia amiga. Finalmente, no quarto, a vida em aberto diante de si, sem nenhum caminho escolhido, mas ... livre.*

*Como narrativa paralela, enfatizando a paisagem do Pantanal como símbolo de grandeza, beleza e liberdade total.*<sup>123</sup>

Com o certificado da FNLIJ, por receber a *láurea altamente recomendável* para o jovem, pela autoria de **Rio Liberdade**, encerramos mais essa etapa de nossas buscas. O referido certificado foi entregue em 22 de janeiro de 1985, um ano após a publicação do livro.

---

123- COELHO, Nelly N. op. cit., p.1150.



Werner Zoltz conta-nos a história daquele galinho garnisé. Já fora o maior do galinheiro, quando os pintos ainda eram pequenos e apanhavam muito para aprender a obedecê-lo.

Mas agora, por que eles não percebiam que eram mais fortes? Que medo era aquele, tão antigo, mas tão entranhado dentro dos peitos emplumados? Por que eles não conseguiam ver o que estava bem diante de seus olhos?

Eis algumas das perguntas que fazemos, lendo esta história. E como elas mexem conosco? Será que esse passamos por experiências assim? Será que esse medo também é nosso? É muito provável. E, assim como um dia, as coisas mudam no galinheiro, é provável que mudem na nossa vida também.



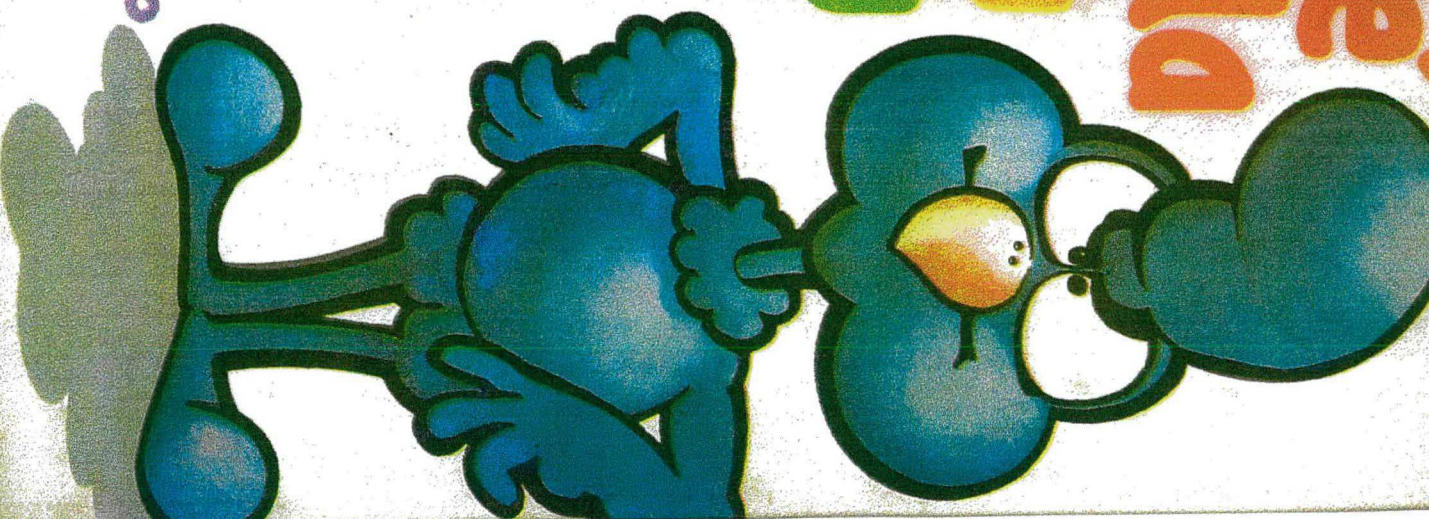
# garnisé gabolou gabiru

de

Werner  
Zoltz

ilustrado por

Vinícius Cordeiro





### 3.8- As vivências de Zotz retratadas em *Garnizé gabola acabou gabiru*

E, assim como um dia, as coisas mudam no galinheiro, é provável que mudem na nossa vida também. “Garnizé gabola acabou gabiru”.

As referências ao autor não pararam por aí. No decorrer deste novo item, nas páginas que seguem, a obra de Zotz vem acompanhada de outras expressões, retratando sobretudo sua aversão por aqueles que se dizem donos do poder.

O amor pelos bichos e pela natureza se fez presente em toda produção literária de Werner Zotz, e muitas vezes o autor se utilizou dessas figuras para representar personagens de má índole, tentando passar ao leitor fatos ocorridos na infância. E uma das suas possíveis marcas de experiências vividas está evidente em **Garnizé gabola acabou gabiru**.

Cronologicamente, esse livro foi anunciado antes mesmo da sua publicação. O artigo do jornal *A Notícia*, de Joinville, datado de 09 de outubro de 1985, comprova isso. Sob o título “Livro de Zotz”, a resenha jornalística anuncia dois lançamentos inéditos:

*O escritor Werner Zotz que reside em Joinville, acaba de entregar à Editora Nórdica os originais de mais um livro infantil, cujo título é **Garnizé Gabola Acabou Gabirú**, a ser editado no início do próximo ano. Por esta editora carioca ele já publicou (...) vários livros que alcançam sucessivas edições, Zotz também trabalha atualmente no livro **Livro Que Te Quero Livre**, atendendo pedido da Nórdica, que consiste em uma espécie de grande entrevista com o escritor a respeito de literatura infantil. Trata-se de um resumo de suas opiniões expressas em dezenas de conferências em escolas e universidades em várias partes do País.*

Mas a efetiva publicação do livro foi anunciada pela primeira vez por uma jornalista de Joinville, através de um longo comentário apresentando o novo livro de Zotz que acabava de sair,

*quentinho, quentinho. Do forno literário de Werner Zotz, um dos mais importantes escritores da literatura infanto-juvenil brasileira, acaba de sair **Garnizé gabola acabou gabiru**. No tamanho é um dos mais finos que ele já escreveu. Na criação, o mais trabalhoso de ser concebido. É que antes seus livros focalizavam temas que poderiam ter acontecido. Neste, a história é verídica, do final da década de 50, em Rio Negrinho. Por isso o autor não poupou tempo (foram dois anos de trabalho) para encontrar a fórmula capaz de adequar a realidade à ficção.*

*De uma forma ou de outra, em toda a sua obra-12 (sic) livros publicados - a temática da liberdade é uma constante. Mesmo enquadrado como escritor para o público infanto-juvenil, Werner consegue ultrapassar fronteiras etárias e atingir leitores antes dos oito até para lá dos 80. Numa linguagem que segue a corrente do coloquialismo, fala simples e direto. Com isso, ganha universalidade.*

*Tudo porque, como consta na 'orelha de garnizé', ele não entende horizontes tacanhos e limitados, liberdade pouca, raízes que se tornem amarras.*

*Na literatura e na vida só se sente bem em espaços grandes, Vãos longos<sup>124</sup>.*

De acordo com o pronunciamento da jornalista, trata-se de um fato real, levando um período de dois anos “para ficar pronto”, indo ao encontro das declarações do autor, que refaz seus livros quantas vezes for necessário para que a estória pareça verossímil.

O mesmo artigo de Brandão mostra que as obras de Zotz também são adotados em faculdades e cursos de pós-graduação. **Apenas um curumim** foi usado na França para “cursos de gerontologia (estudo da velhice)”.

O documento em questão se apresenta dividido em sub-títulos e no item “Histórias não rotuladas que são lidas por gente dos oito aos 80”, a autora do texto vê na obra de Zotz uma literatura sem idade e a presença constante do chamado “trio werneriano”: a criança, o velho e a natureza, elogiado pela crítica, como uma

---

124- BRANDÃO, Izabel Drulla. “Liberdade toma forma de ficção e alça um longo vôo”. *Diário Catarinense*. Florianópolis: 08 maio 1986. p.07.-Literatura.



obra sem lição de moral em seu conteúdo. Para Brandão, há de tudo nos livros do catarinense:

**Barco branco em mar azul** - (78) poderia ser considerado o mais lírico,  
**Apenas um curumim** - (79) o mais triste,  
**Não-me-toque em pé de guerra** - (82) o mais satírico e bem humorado,  
**Rio Liberdade** - (84) aventureesco,  
**Mamãe é mulher do pai** - (83) o retrato do cotidiano,  
**Garnizé gabola acabou gabiru** - (86) o mais saudosista, por evocar uma época vivenciada no final dos anos 50.

Outra característica do trabalho de Brandão segue o estilo de outros comentários jornalísticos, em que os autores traçam um breve panorama de toda obra de Zotz, juntamente com dados biográficos do autor. Ela parece conhecer muito de Zotz e foi a única que trouxe a data de nascimento do autor. Por outro lado, trouxe também o equívoco, na abertura do artigo, de que o autor nascera em Blumenau. Neste caso, o aspecto positivo ficou para a lista completa de premiações de todos os livros de Zotz para ilustrar o trabalho da autora.

**Garnizé gabola acabou gabiru** também foi alvo do comentário de Nelly Novaes Coelho,<sup>125</sup> com olhar atento ao mundo dos bichos pela presença garantida por toda extensão da literatura werneriana.

Neste caso, Coelho se pronuncia com maior rigor sobre o personagem garnizé e seus atos repressivos, típicos de seres humanos:

*uma história que fala de um tolo garnizé que, com violência mantinha seu domínio sobre todos os frangos de um galinheiro, até o dia em que uns meninos o pintaram de azul e, não o reconhecendo, os frangos o enfrentaram e ... acabaram perdendo o medo.*

*Com estilo vivo e aliciante, que é peculiar ao autor, esta bem-humorada narrativa que pode ser lida como alegoria do poder prepotente que só dura porque os escravizados ou oprimidos têm medo e passivamente aceitam o jogo, sem sequer suspeitarem, às vezes, da fraqueza e mediocridade que podem se esconder sob a aparência da força.*

---

125- COELHO, Nelly N. op. cit., p.1151.

A autora não se furta em apontar, entre outras características da obra, a ilustração, por acentuar a originalidade das situações vividas pelo “valente” do galinheiro. Caracterizando mais uma vez que, no tratamento de obras de ficção para o pequeno leitor, a maioria dos textos em que a temática recai nos animais, domésticos ou selvagens, geralmente os apresenta falando, agindo e pensando como pessoas. No caso de Werner Zotz, não poderia ser diferente, embora saibamos que em textos nos quais os animais estão presentes, o sucesso é garantido entre o leitor. Já dizia Walter Benjamin (1985,p.239), que as crianças se divertem muito mais com os animais que falam e agem como os homens, do que com os textos mais ricos em idéias.

Para reforçar essa teoria, temos a crítica literária Jaqueline Held<sup>126</sup> que, no capítulo “Nossos irmãos peludos”, chama atenção para as diversas formas de relações entre crianças e animais e como elas se manifestam,

*... frente ao mundo adulto que normatiza, onde todos se erigem em juiz, a criança encontra, no conto de animais, refúgio, desforra, pausa recreativa e compensadora que permitirá melhor enfrentar esse universo de regras (...).*

Se o animal humanizado permite à criança, na maioria das vezes, libertar-se ao encontrar ou projetar seus desejos e temores pessoais frente à sociedade adulta organizada, é também, em muitos casos, ocasião e suporte que permite transpor, simbolicamente, certo número de situações de aprendizagem que sempre a fascinam, diz Held.

Este chamado nos remete a depoimento anteriormente transcrito, quando Zotz admite que o livro do garnizé foi o mais difícil de ser “concebido”, por se tratar de um fato ocorrido na infância, indo ao encontro das teorias de Held.

---

126- HELD, Jaqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. Trad. Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980. p.108.



Através de uma nova perspectiva no ano de 1987, a *Revista Desfile*<sup>127</sup> dedica um artigo sobre **Garnizé gabola acabou gabiru**, em que desperta uma certa resistência em relação à mensagem do tema, por parte da pessoa que fez o comentário, que recomenda o livro como presente de leitura para faixa etária entre sete e catorze anos. Trata-se de uma

*estória engraçada, bem escrita, embora um tanto sobrecarregada, para a leitura infantil, por certa circunspeção gramatical e, paradoxalmente, pela gíria. Desde o título: quantas crianças, ou adultos, sabem o que é acabar gabiru?. Mas o fundo rural, e agreste, é muito bom.*

Sob o olhar suspeito, o artigo não deixa a desejar e a fazer-nos concordar com o seu ponto de vista, um tanto indefinido ao leitor habituado com uma narrativa sem incógnitas, uma vez que Werner Zotz não esconde nada do leitor jovem, tão elogiado pela crítica neste aspecto. Entretanto, se por um lado o artigo recomenda a leitura para a faixa etária até catorze anos, por outro, mostra uma certa ambigüidade ao atribuir tamanha falta de informação ao jovem dessa idade, por não reconhecer o que seja “acabar gabiru”, nos dias atuais.

A revista *Pais e filhos*,<sup>128</sup> na seção *Livros*, também se pronuncia no espaço reservado para o trabalho do autor catarinense.

*Conta a estória do seu **Garnizé gabola acabou gabiru**, ao chegar primeiro de todos no galinheiro e sentindo-se o manda-chuva, batendo em todos os pintos que cresciam e queriam cantar tão forte quanto ele. Foi quando os meninos, de férias na fazenda, resolveram pintar o galinho de azul. Todos os que morriam de medo do garnizé até então, e o*

127- GARNIZÉ, gabola acabou gabiru. *Rev. Desfile*. Rio de Janeiro: jan. 1987. p.61. - Lançamentos

128- SONDERMANN, Eliane. “Garnizé gabola acabou gabiru”. *Rev. Pais e Filhos*. n.215, São Paulo: jul. 1986. p.104.-Livros.



*deixavam 'imperar sem limites', dessa vez reagiram, não o reconhecendo, e deram-lhe a coça a tanto tempo merecida.*

O artigo continua, indicando este livro para adolescentes, convidando-os a “desmistificar os nossos pavores e assumir a posição que merecemos nesse mundo”..

Em outra importante participação acadêmica sobre obras de autores catarinenses, Eliane Debus<sup>129</sup> realiza um importante trabalho sobre a literatura produzida por escritores catarinenses, incluindo os títulos de Zotz referentes às duas fases como escritor. Para ela,

*Werner Zotz alcança o ápice de sua carreira, não só a nível de leitores como da crítica. Os textos abordam temas complexos, entre eles: o autoconhecimento por meio do outro, a criança e a descoberta de suas potencialidades. O barco presente nas três obras é símbolo de passagem, ultrapassagem para a descoberta (...). As obras do autor apresentam características diversas, no entanto não deixam de retratar a busca da liberdade.*

A exemplo do barco, há na literatura de Zotz personagens ditos inanimados, mas que adquirem vida própria, devido à posição que ocupam dentro da narrativa. Em algumas ocasiões, Zotz os coloca como personagens em situações inéditas, alcançando o que poucos autores conseguem.

Sem falar nos personagens bichos, que desde a mais remota antigüidade foram motivos de inspiração aos fabulistas, que lhes atribuíam qualidades e defeitos refletidos na humanidade, já tão desacreditada e mal vista.

A esse respeito, Zotz apresenta o seu garnizé gabiru, em que sobressai a figura respeitável e imponente do galo, com defeitos de caráter humano, pelos quais é devidamente castigado.

---

129- DEBUS, Eliane S.D. “Entre vozes e leitura: a recepção da literatura infantil e juvenil”. Florianópolis: UFSC. 1996. p. 27-28. dissertação de mestrado.

Como se não bastasse a imagem dominante representada pela figura do garnizé, trata-se de um galo importado. Embora da China, não perdeu a pose gabola, considerando que o crescimento dos pintos ameaçava o seu reinado, fazendo com que recorresse a subterfúgios para manter-se no poder.

Segundo a crítica especializada, a estória se resume numa

*autêntica 'fábula' moderna, com vigorosa animização da natureza, sem nenhum ferimento da verossimilhança, não se estranhando em absoluto o pensamento/sentimento nos galináceos. O sentimento da natureza, o respeito às hierarquias sem máscaras, as desmistificações de arrogâncias ou condicionamentos podem decorrer de leituras que ultrapassam a pura fabulação aventuresca.*<sup>130</sup>

Pode-se considerar que, apesar dos desmandos cometidos da parte do galináceo, a maneira com que as situações são focalizadas absolve o autor da censura que lhe poderia ser feita, por isso, da parte do leitor emotivo e simpatizante da fábula.

Uma última nota sobre **Garnizé gabola acabou gabiru** é da imprensa paulista, da já mencionada Maria Cecília Julião,<sup>131</sup> conhecedora de toda literatura do autor. Ela faz uma pausa em sua coluna "Cultura", com a foto de capa do livro e do autor, argumentando que não se trata da literatura de um estreante, pouco conhecido, mas de um grande nome para a literatura infanto-juvenil.

Fechamos assim mais este capítulo, embora sabendo que nunca se esgota os caminhos interpretativos sobre um determinado assunto.

---

130- JUNKES, Lauro. Comentário em livro inédito sobre Literatura Infanto-juvenil em Santa Catarina.

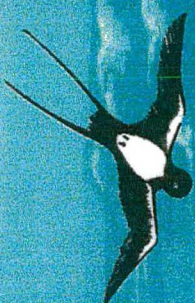




CENTE INTELIGENTE  
DA LÍVRO DE PRESENTE

- Para ler com prazer
- Para inovar a escola.
- Para ousar experiências
- Para crescer
- Para buscar o novo
- Para levantar perguntas
- Para curtir
- Para debater
- Para envolver a escola.
- Para voar
- Para libertar o leitor
- Para inventar processos
- Para despertar consciências
- Para criar
- Para aprender
- Para desenvolver talentos
- Para sorrir
- Para cultivar consciências
- Para sonhar
- Para soltar amarras
- Para discordar
- Para dar vida ao livro
- Para chorar
- Para enriquecer vivências
- Para pensar
- Para buscar respostas
- Para libertar-se

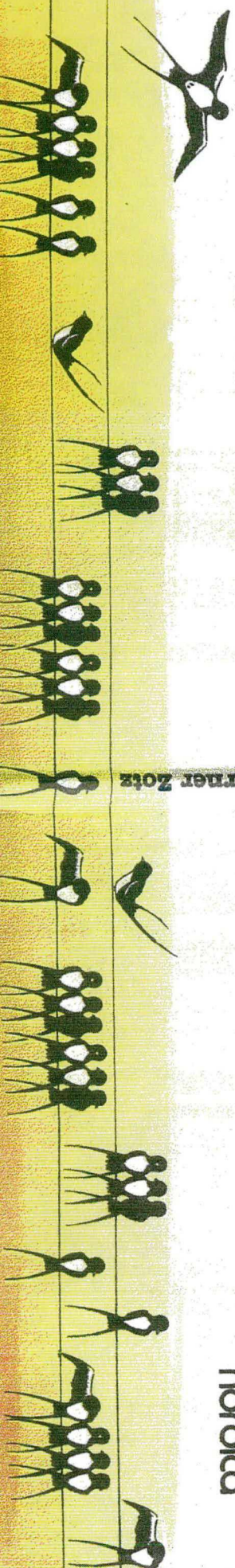
# Livro que te quero Livro



**Sueli de Souza Cagneti**  
**Werner Zotz**

 **nordica**

**Livro que te quero Livro - Sueli de Souza Cagneti - Werner Zotz**





### 3.9 - Uma nova proposta de trabalho em *Livro que te quero livre*

Zotz foi ainda mais além, ao realizar um novo projeto literário em co-autoria com a professora Sueli Cagneti, cujo título não poderia ser outro para encerrar a segunda fase do autor catarinense. **Livro que te quero livre** teve igual atenção das outras obras do autor junto à crítica. Mereceu elogios pela nova criação e temática por consistir numa nova proposta de literatura nas escolas,

*e foi escolhido como o melhor trabalho sobre estudos de literatura infanto-juvenil publicado no país no ano de 1986, recebendo o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte. AAPCA aponta, todos os anos, os melhores trabalhos nas áreas de literatura, cinema, música, teatro e artes plásticas, sendo uma das instituições mais respeitáveis do país.*<sup>132</sup>

Um trabalho que foge ao padrão das suas publicações anteriores e está sendo incluído no currículo dos cursos de Letras de universidades como a USP, UNICAMP, PUC-SP e Federal da Paraíba, segundo nota do jornal *Diário Catarinense*, de Florianópolis, em 23 de fevereiro de 1987.

Sobre esse mesmo livro, não podemos deixar de ressaltar a atenção dispensada pela teórica Tatiana Belinky.<sup>133</sup>

O texto da crítica foi publicado pelo Jornal *O Estado de São Paulo*, e nele Belinky se mostra maravilhada com o relato da inclusão da Literatura Infanto-Juvenil no currículo de diversas faculdades, produzindo trabalho como **Livro que te quero livre**.

Para ela,

*Não se trata, como pode parecer, de um texto 'a quatro mãos', mas sim de dois textos independentes num mesmo*

<sup>132</sup>- LIVRO de joinvillenses é premiado pela APCA. *A Notícia*. Joinville: 07 mar. 1987. p.05. – Local.

<sup>133</sup>- BELINKY, Tatiana. "A literatura infantil, com ar acadêmico". *O Estado de São Paulo*. 03 abr. 1987.p.11.



volume, que vai bem recomendado: acaba de ganhar o Prêmio APCA (...).

A primeira parte do livro é uma 'entrevista' com Werner Zotz, 'montada' a partir de entrevistas e conversas, gravadas e publicadas, do consagrado autor, entre muitos outros, do premiadíssimo e popularíssimo **Apenas um curumim**. Ninguém mais brasileiro que este catarinense de nome-alemão-para quem 'é mais fácil viver no exílio que abdicar da nossa língua' - (...) há mais de vinte anos, escritor que se preocupa com a criança, o jovem, a arte, e o estar no mundo, dentro da ética, da poesia e da beleza. No texto, sintomaticamente intitulado 'A Revolução pelo Prazer', Werner Zotz faz ouvir a sua voz de humanista, autor que curte e compreende a criança e o jovem, com a sabedoria do homem maduro-crítico e sensível, moderno e aberto, 'revolucionário' e sensato: um artista e um educador, que o leitor descobrirá por si mesmo (...).

A segunda parte do livro, da também catarinense professora de língua e literatura Sueli de Souza Cagneti, sob o título de 'O Livro na escola: liberdade para voar e crescer', transmite aqui todos os bons exemplos, aperfeiçoado pela prática, de como levar às crianças o discurso literário, expurgado de empatias negativas, acrescido de enfoques atraentes e válidos (...) que aproximam, em vez de repelirem, o leitor curioso e interessado que existe em todas as crianças... .

Ao traçar esse pequeno paralelo sobre **Livro que te quero livre**, ficamos ainda mais convencidos da habilidade do autor em conquistar o público, seja criança, jovem, adulto ou a crítica especializada, por qualquer caminho que ele busque se comunicar.

Durante as pesquisas, encontramos ainda correspondência que parabeniza Jaime Bernardes, o diretor da Editorial Nórdica Ltda, pelo **Livro que te quero livre**, enviado pela universidade de São Paulo, em 06 de fevereiro de 1987, com o seguinte pronunciamento:

*li-o num fôlego, encanta com a criatividade, inteligência e segurança com que as experiências, feitas são propostas ao leitor, provocando o desejo de testá-los também. Orientado pelas exigências mais modernas, em relação à leitura e atividades correlatas, para estimular a potencialidade dos pequenos, é livro que sem dúvidas fará bela carreira entre professores e orientadores educacionais. A entrevista-*

*montagem feita com Werner Zotz prova, à sociedade, a maioria da literatura infantil. Ainda bem... entramos em fase nova, com cominhos mais visíveis em direção à inovação a ser realizada na área do Ensino e da Literatura.*

Entre os adeptos da boa leitura catarinense, encontramos o jornalista, crítico nacional e membro da Academia Brasileira de Letras, Arnaldo Niskier, da *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, com data de 31 de janeiro de 1987. Na referida abordagem de **Livro que te quero livre**, Niskier se mostra simpático ao texto de Zotz, por fazer o estilo de “reduzir a gramatiquice, o estímulo ao hábito de leitura, enfim, espicaçar a capacidade criadora dos pequenos leitores.”

Sobre esse trabalho de Zotz, vale salientar que não deixou a desejar em nenhum aspecto para outros livros do autor. Os elogios da crítica consagrada se estenderam por várias partes do país, entre as instituições que utilizaram o livro para trabalhos e conferências em geral. Entretanto, não é nosso interesse estender ainda mais esse trabalho sobre Zotz, por se tratar de um livro de leitura não indicado ao público jovem, embora em nada perca para os demais títulos do autor.



WERNER ZOTZ  
PRESENTE  
DOMINGO  
CHUVOSO

PRESENTE DE UM DOMINGO CHUVOSO

WERNER ZOTZ

Uma história fantástica, um poema de amor,  
os insondáveis mistérios do destino  
e das afinidades entre as pessoas e os animais.  
O drama da cachorinha **Pipoca**  
e de seu anjo da guarda, **Carolina**.  
Era domingo e chovia...



ISBN 85-7007-222-8



9 788570 072221



nordica



### 3.10. ***Presente de um domingo chuvoso*** encerra mais uma etapa na caminhada do escritor

Os acontecimentos que imaginamos serem coincidências, podem ser determinados pelo destino, sempre com algum objetivo, algum propósito... Assim também, porque acreditar que nosso mundo é único?, que a vida termina com esta morte? A vida existe em outras dimensões em outros planos... Um plano onde vivem as pessoas que deixaram este nosso mundo... e também plantas, animais... “Presente de um domingo chuvoso”. – p.110

Após um período de seis anos afastado do leitor, mas não da vida literária, Zotz escreveu **Presente de um domingo chuvoso**, que significou, ao mesmo tempo, reinício e encerramento do que poderíamos chamar de período de grandes conquistas para o autor. Conquistas também para o leitor, que não deixou de ser responsável pelo sucesso das suas obras, como também foi compensado com as estórias dos seus livros.

A respeito de **Presente de um domingo chuvoso**, gostaríamos de salientar que, durante as pesquisas, não encontramos documentos críticos sobre este título, desde o período da sua publicação, no ano de 1992.

Acreditamos que este silêncio se deve muito ao desaparecimento da crítica, que diminui cada vez mais, quando se trata de obras deste gênero, conforme pudemos observar durante o trabalho sobre a dificuldade de encontrar publicações a respeito do gênero infantil.

Por outro lado, vimos o trabalho ainda inédito que vem sendo desenvolvido pelo professor da UFSC, Lauro Junkes, sobre a literatura infantil publicada em Santa Catarina. Entre os títulos que compõem o referido trabalho, encontramos um longo e abrangente ensaio sobre **Presente de um domingo chuvoso**, juntamente com os demais títulos do autor catarinense, comentados anteriormente.

Este novo trabalho de Zotz segue na trilha textual dos demais já publicados, ou seja, a criança e o jovem não são colocados à margem do universo adulto, como normalmente acontece na literatura infantil.

É justamente esse “ponto alto” em Zotz (como disse a crítica), que leva Junkes a perceber o que ninguém levantara até o momento. Trata-se, entre outros, da predominância de “protagonistas masculinos” em toda sua produção literária, apesar da criança merecer sempre os principais papéis nas histórias de Zotz, desde o seu primeiro livro no ano de 1967. Para surpresa do leitor, segundo Junkes, este se depara com a presença da figura feminina, em dose dupla, em **Presente de um domingo chuvoso**.

Em sua nova fase, com novos parâmetros, este último livro Zotz

*tem como personagens centrais uma menina (Carolina) e uma cachorra (Pipoca). O contexto exterior, antes com forte presença de elementos da natureza rural, passa agora decididamente ao urbano. E a ideologia, antes quase agressivamente denunciadora de desmandos e corrosões, em ampla defesa da liberdade e do humanismo, agora envereda mais lentamente pela sensibilidade feminina jovem, destacando o envolvimento emocional (...).*

*Mesmo sendo um novo modelo, a mão do mestre Zotz se denuncia com freqüência (...).*

*Tecnicamente, o relato se desenvolve em linha horizontal, com linguagem própria para o leitor jovem, não expondo complexidades de difícil compreensão. O narrador apresenta os fatos predominantemente do exterior, sem abusar de privilégios oniscientes.*

*Mas, com boa adequação, servindo-se do discurso indireto livre, transfere por vezes sua visão para assumir a perspectiva de Carolina e Henrique e, mesmo Pipoca, criando passagens de sensível originalidade (...).*

*No final, o relato supera de certo modo a presença de Pipoca, centralizando-se em Carolina, mas ressaltando que aquela cumpria a tarefa de ‘abrir caminho no coração de Carolina para que outros animais ali se aninhassem (...)’, conduzindo a conclusão para um ambiente de realismo mágico, mitificando a realidade. Delineando quadros de profunda simplicidade, Zotz cria um relato prenhe de amor e emoção, ressaltando as afinidades entre pessoas e animais, numa narrativa especialmente orientada para meninas.*



Quanto à postura de Junkes sobre uma obra essencialmente masculina, cabe complementar que todos os títulos de Zotz, indicados para o leitor jovem, apresentam, em sua estrutura, o personagem, e às vezes narrador, menino, desempenhando seu papel de maneira a liberar suas energias sem o cerceamento do mais velho. Embora recebendo o aprendizado deste, o menino sempre apresenta o desejo de integrar-se no meio adulto, afastando-se cada vez mais da infância. Na ânsia da auto-afirmação interior e exterior, faz esses personagens buscarem coragem, às vezes com dureza e medo, mas sem recuos. Em chão ou mar, altos e baixos, o desafio da aventura de conhecer e experimentar fica evidente em cada obra, e com um comportamento próprio em cada personagem: acompanhado mas solitário, em **Apenas um curumim** (o índio menino); curioso, em **Barco branco em mar azul** (Geraldinho); corajoso ao extremo, em **Rio Liberdade** (o menino Moreno); ousados e espertos, em **Garnizé gabola acabou gabiru**; arguto, em **Não-me-toque em pé de guerra** (o 'filhote' Pedro). **Mamãe é mulher do pai** mostra o menino em conflitos. Humano, persistente e sensível é o perfil da personagem Carolina, em **Presente de um domingo chuvoso**. Aliás, pela primeira vez em sua trajetória, o autor insere a figura feminina. Na primeira fase, o autor deu uma trégua aos meninos e escreveu **Elisa**, em 1968, em que, apesar do título, coube a um menino o papel principal.

A que estaria relacionada essa preferência, somente o autor pode revelar.

Deixemos a questão aberta, como sugestão para um próximo trabalho de pesquisa, uma vez que tudo, ou quase tudo, foi dito sobre o autor.

Junkes diz mais. É sobre a presença de bichos na literatura werneriana, também apontado em outras ocasiões, de maneira que Zotz não se afasta desses elementos e o seu discurso certamente não seria o mesmo sem a presença desses aparentes e "inofensivos" seres.

Em **Presente de um domingo chuvoso**, onde o enredo se desenvolve sistematicamente em torno do personagem-bicho, Junkes introduz seu pensamento da seguinte maneira:

*desde muitos séculos, a literatura inventou as fábulas, conferindo nelas funções de primeira ordem aos animais.*

*Aparentemente dirigidas ao mundo infantil, as fábulas na realidade objetivam desvelar o raciocínio e a emoção nos adultos. O ser humano, porém, sempre se considerou superior aos animais, por sua inteligência e livre arbítrio. Com a moderna tecnologia, eletrônica e informática, eleva-se a capacidade, mas a condição humana se eclipsa, apartada e apertada, no frio isolamento do concreto armado. E a natureza se distanciou, os animais se mitificaram, a sensibilidade enrijeceu.*

*Com vasta experiência literária em tratar com crianças e adolescentes, Werner Zotz busca sempre reverter esse quadro, religando o leitor com o mundo da realidade pura, da fauna e da flora.*

A partir dos apontamentos de Junkes, podemos antecipar que **Presente de um domingo chuvoso** merece o mesmo aplauso da crítica que tantos prêmios lhe dedicara desde o início da sua caminhada como escritor.

Por isso a importância da crítica para a consolidação do trabalho artístico do autor.

O que o público pode dizer sobre um trabalho que teve a sua matéria-prima extraído da própria experiência humana e da sociedade em que viveu, resultou naquilo que transcrevemos até aqui. Entretanto, o trabalho literário de Zotz teve outras formas de repercussão, identificada no decorrer das pesquisas, fornecidos por outras fontes, entre elas a família do autor.

Primeiramente, foi na Bienal do livro em São Paulo, no espaço reservado para autógrafos, que Zotz surge entre outros nomes do gênero infanto-juvenil, com o seguinte destaque:

*Werner Zotz é um escritor de Santa Catarina que tem publicado livros diferentes, muito interessantes, pela Global/Nórdica. Será bom bater um papo com ele, que escreve sobre índios, e sobre meninos de hoje. Ele estará no stand da editora nos dias 27 e 29, final da Bienal.*

Essa nota é da *Folha de São Paulo*, de 22 de agosto de 1982, quando Zotz já havia publicado quatro de seus livros.

A seguinte publicação pertence ao *Jornal da Tarde*, Rio de Janeiro, publicado em agosto de 1982 referente à Bienal do livro, com o seguinte destaque:

*'Hoje: Fernando Sabino, Rubem Braga, Geandré...' estão presentes para uma sessão de autógrafos e Werner Zotz com Não-me-toque em pé de guerra, Barco branco em mar azul, e Apenas um curumim. Completa a equipe de bons escritores como Esdras do Nascimento e Paulo Caruso. Na mesma ocasião, no salão de autógrafos acontece um lançamento coletivo da Editorial Nórdica Ltda.*

Werner Zotz mereceu pouco espaço em coletâneas de autores catarinenses, como já sabemos, e o exemplo está no livro *Indicador catarinense de escritores*, organizado por Joca Wolf, de Florianópolis, que, além de um breve apanhado da produção literário do autor, informa sua participação como colaborador das revistas *Troféu*, *Pesca* e *Náutica*, entre outras publicações.

Podemos excluir o caso de *A Literatura em Santa Catarina: síntese informativa*,<sup>134</sup> que por ser síntese, é breve, e Zotz é um dos autores que mereceu maior espaço.

Embora Zotz permaneça afastado do leitor, como escritor, jamais abandonou a vida literária. Atualmente dirige as revistas, *Mares do Sul* desde o outono de 1994, que “nasceu e se consolidou a partir de uma idéia-objetivo: divulgar as coisas do Sul, os encantos, as histórias e as gentes da terra”, segundo artigo do jornalista Jakzam Kaiser no Editorial da Rev. nº 16, p.09 de julho, 1997.

Recentemente Zotz lançou sua mais nova obra, a Revista *Espírito de Aventura*, também “comprometida com os encantos e as veredas do eco-turismo brasileiro”. O primeiro número saiu em setembro de 1998, com distribuição para os países do Mercosul.

Zotz também escreveu o texto final do livro *Dez Anos no mar: diário de uma aventura*, da família Schürmann, editado pela Record, com 354 páginas. A nota,

---

134- JUNKES, Lauro. *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa*. Florianópolis: Ed. do autor/UFSC, 1992. Rio de Janeiro. p.70-71.

juntamente com uma sinópsse do livro, foi publicada pela *Revista Veja*, no dia 05 de abril de 1995.

Ainda no ano de 1992, a Shell do Brasil, em parceria com a editora Salamandra, realizou um projeto<sup>135</sup> com o objetivo de mostrar a atual realidade da criança brasileira marginalizada. Para o referido trabalho, Zotz esteve entre os autores selecionados juntamente com Carlos Drumond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Cecília Meireles, Caetano Veloso, Clarice Lispector e Vinícius de Moraes, entre tantos outros que não cabe citar no momento.

A seleção de textos da parte “Realidade”, em que Zotz participa, com o livro **Apenas um curumim**, foi feita pela conceituada crítica da literatura infantil Eliana Yunes e o referido trabalho recebeu inúmeras traduções.

É importante lembrar também que, entre os autores escolhidos para compor a *Ciranda de livros*, da FNLIJ, Zotz está acompanhado de outro catarinense, Juarez Machado.

Em outra edição do jornal *Folha de São Paulo*, de 09 de março de 1980, é possível identificar que em cada obra de Zotz tomada para leitura, a crítica põe em evidência aspectos básicos em que sustenta a tessitura da narrativa poética, lírica e crítica, por exemplo. É neste sentido que o artigo se dirige ao leitor, já a partir do seu título: *Lirismo e visão crítica no mundo infantil*, seguido do “texto bem escrito, inteligente e sem demagogia ou pieguismo”, uma das principais características da obra apontada pela crítica.

Quando empregamos o termo mediador, dentro da literatura, nos referimos a tudo o que condiciona as transferências culturais, através de suportes materiais ou atos praticados por pessoas.

Neste caso nos referimos a intermediários de informações sobre obras estrangeiras e sabemos que a maneira mais prática de se obter acesso a obras desse gênero ainda é a tradução, por intermediar esta tarefa. Principalmente se considerarmos a ignorância do público em relação à idiomas estrangeiros.

---

135- PEREIRA, Geraldo Jordão(org.). *Criança, realidade e sonho*. Rio de Janeiro: Salamandra. 1992. p.65.

É neste sentido que entra a participação de Zotz, através das traduções e adaptações de livros infanto-juvenis estrangeiros.

Não há dúvida que em todas as atividades em que, Zotz se envolveu, a crítica soube compreender e tecer elogios. E para dar mostras disso, o autor mais uma vez foi alvo de atenção da especialista do meio infantil, Tatiana Belinky,<sup>136</sup> ao reconhecer a boa “adaptação que o premiado autor de **Apenas um curumim**” fez de Moby Dick, do autor Herman Melville. Um clássico norte-americano do século passado e considerado um dos livros “mais importantes de toda a literatura estadunidense”, diz Belinky. Na sua visão, os adaptadores também são nomes importantes entre os escritores para a infância e juventude.

Outra presença constante na recepção de Werner Zotz é da professora Tânia M. Piacentini,<sup>137</sup> que também fala do catarinense como tradutor e adaptador de obras estrangeiras que fazem o estilo do seu texto narrativo. O exemplo mais transparente é o livro Moby Dick, certamente feito com a curiosidade e o interesse que causam a todo amante da aventura no mar, resultando numa adaptação ou tradução cuidadosa, “criando um nova unidade na obra adaptada; melhor dizendo, criando uma nova obra”, diz a autora. As mesmas garantias foram dadas por Zotz ao recriar Robinson Crusoé, com o mesmo padrão de qualidade que imprime aos seus livros.

Sobre os demais títulos traduzidos, não encontramos manifestações por parte da crítica. Inúmeras vezes a crítica enfatizou que a obra do catarinense vem sendo bastante utilizada por professores (educadores) e **Apenas um curumim** está entre os títulos preferidos, pela temática que enfoca.

Outra informação importante sobre o trabalho de Zotz foi o fato de a *Confederação Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB*, em uma das suas *Campanhas da Fraternidade*, abordar o tema do índio e cujo trabalho foi todo elaborado com base em **Apenas um curumim**, por entenderem que o enfoque dado por Zotz foi o

---

136- BELINKI, Tatiana. “As baleias, heroínas de deliciosas leituras”. *Jornal da Tarde*. São Paulo: 16 mar. 1985. p.22.

137- PIACENTINI, Tânia M. “Clássicas em liquidação”. In: *Rev. Perspectiva*, (09): Florianópolis: UFSC. jul-dez. 1987. p.75.



que mais correspondeu para retratar a realidade do índio no Brasil. O referido trabalho foi confeccionado sem consultar o autor, pois tratava-se de uma surpresa pela sua qualidade artística.

Outro feito sobre a recepção de Werner Zotz aconteceu na ocasião em que a Nestlé - produtos alimentícios, ao lançar uma campanha de prêmios para incentivar a leitura, trouxe em seus rótulos títulos de livros a serem premiados pelos consumidores dos seus produtos. Entre os livros, estava **Apenas um curumim**, mais uma vez disseminado a nível nacional. Por grandes nomes.

Entre tantas outras oportunidades em que a literatura do escritor catarinense deu sinais de recepção, vale complementar nosso trabalho inserindo mais esta referência que partiu de uma equipe de alunos do Colégio de Aplicação. A equipe realizou um trabalho no sentido de divulgar o livro **Apenas um curumim**, utilizando fitas de vídeo para falar sobre a estória em forma de peça teatral, filmada em ambientes diversos e paisagens naturais como pano de fundo.

As alunas também oportunizaram ao público conhecer um pouco da vida de Werner Zotz, através de uma entrevista com o próprio "autor" do livro. Com a presença de "repórteres", cenário próprio para a ocasião, e até mesmo o anúncio através do jornal nacional, de que uma "autoridade" na área infantil, daria a referida entrevista.

Em outra oportunidade, o *Centro de pesquisas literárias* da Universidade Católica de Porto Alegre,<sup>138</sup> sob a coordenação da renomada Maria da Glória Bordini, elaborou um projeto com a proposta de examinar a produção literária infanto-juvenil no Brasil, a qualidade artística e o interesse dos livros em termos de preferência de leitura nas escolas.

Como resultado final, as estudosas concluíram que

---

138- GUIA de leitura para alunos de 1º 2º graus. *Centro de pesquisas literárias da Universidade católica de Porto Alegre*. PUCRS, 1989. p.11-12.

*A posição de superioridade dos adultos, tanto em termos econômicos como experiências, e o nível de preocupação que têm pela formação sadia de suas crianças, levam-nos a controlar também o que lêem, seja buscando títulos que correspondam às expectativas do adulto em relação à idéia de homem que ele defende. O risco é que, nesse controle, tudo o que a criança deseja ou tudo o que gostaria de saber sobre a existência venha a ser subordinado à visão dos pais e mestres.(...).*

*As faixas etárias em que as leituras são controladas requerem, pois, um posicionamento cauteloso e muito aberto, para não se tornarem época de opressão ou repressão inaceitáveis pelo pequeno ou jovem leitor.*

Como defensora dessa linha de pensamento, a equipe tomou o cuidado de analisar as obras citadas, incluindo tanto títulos recomendados quanto não recomendados, respeitando todos os envolvidos nas escolhas.

Neste caso, as obras de Werner Zotz ficaram apenas entre os títulos mencionados dentro do período delimitado da produção do gênero infanto-juvenil.

Num total de 775 títulos, as autoras entenderam que apenas 212 foram recomendados, por manterem os critérios de conteúdo ideológico emancipatório, coerência estrutural e execução estética inovadora. O que significa excluir as obras do ficcionista catarinense e contrariar aquilo que a grande maioria da crítica elogiou.

Além dos documentos críticos até agora mencionados, a bibliografia sobre Werner Zotz destaca, mais uma vez, a participação da especialista Fanny Abramovich,<sup>139</sup> já citada anteriormente, que surge com outra preciosa contribuição para a divulgação da obra do escritor catarinense a nível nacional.

Trata-se de um longo artigo, porém não exaustivo no seu conteúdo, o que segue as características desta teórica ao tratar de assuntos sobre a criança.

O referido artigo se encontra em anexo para possíveis consultas.

---

139- ABRAMOVICH, Fanny. "Se a criança não lê, o que você tem a ver com isso?" p.30.

Sempre preocupada com a falta de programas de incentivo à leitura, ela faz um balanço sobre os responsáveis pela disseminação de livros capazes de atrair a criança e o jovem, e se mostra surpresa ao descobrir que a grande maioria de leitores jovens e crianças não conhece o nome dos autores que “escreveram as histórias que mais amavam”.

Por sua experiência na área, Abramovich reconhece que, assim como existem bons escritores “na nossa moderna literatura infantil”, há os que “não tem nada para contar e muito menos sabem fazer isso”. E entre os escritores “incríveis” está Werner Zotz que, segundo a teórica, sabe “cutucar para questões de outras regiões, outras minorias, outras sofrências, outras relações com o mundo”.

No comentário, Zotz está acompanhado de outros importantes nomes na literatura e fazem o mesmo gênero ao tratar do antigamente ou do exílio com muita competência e poesia, na opinião da teórica.

Nesse sentido, merece também registro a participação de Werner Zotz em coletânea organizada por Fanny Abramovich,<sup>140</sup> que reuniu catorze textos de poesia, ficção e relatos verídicos, relacionados à discussão da infância como “um período que juram ser feliz, até aproximadamente se completar os 10 anos de idade”.

A autora constata, que, à medida em que se lêem os livros de memórias e depoimentos, mais se constata o quanto foi infeliz a infância de pessoas diferentes.

São relatos tristes, de momentos dolorosos, com os quais todos podem se identificar, diz a autora. São catorze textos de “adultos-ainda-crianças”, reunidos nesse volume, com depoimentos que levam o leitor a “quase chorar e às vezes sorrir melancolicamente”, diz o prefaciador.

Nesta coletânea estão, entre os participantes, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Marcos Rey, Bartolomeu Campos de Queirós, entre outros, e Werner Zotz. Ele participa com o conto “as noites eram longas” em que descreve, de maneira aberta, o pouco que tivemos acesso sobre a sua infância e juventude, a “tão invejada” fase de que poucos ou ninguém sente saudades.

---

140- ABRAMOVICH, Fanny(org.). *O mito da infância feliz*. São Paulo: Summus, 1983. p.57.

Foi quando seu pai o transferiu para uma outra escola, bem mais longe de casa, sem consultar sua vontade, por motivos de desentendimento com o pai de seu melhor amigo. Tenta defender-se e dizer que,

*não tinha nada com isso, quem tinha brigado era ele, não eu, e que a briga nem tinha sido com o Rodrigo, enfim (...). Pra que fui dizer isso! Levei cascudo, pescoção, xingo – ‘esses filhos de hoje nem respeitam mais os pais’, resmungava e o puxão de orelha me levou do portão até o quarto. Pra ficar de castigo o resto do dia, que era pra aprender a não ser tihoso nem respondão... .*

O autor prossegue, comentando o drama vivido ao fugir de casa para visitar o amigo, sendo descoberto pelo pai, que o leva para casa, agarrado pela orelha. Mas a “maior vergonha” foi que toda vizinhança na rua assistiu à cena.

Ao encerrar a primeira parte, Zotz resume que iria dormir “pra ver se amanhã de manhã acordo morto. Que é pra eles ficarem com remorso o resto da vida.”

Também não podia morrer, pois iria “pro inferno” por causa dos “pecados”. Prometeu confessar-se e ser redimido pelo padre, causa do seu maior trauma de infância em relação à igreja. Ele continua, lembrando o dia da confissão em que,

*depois de contar que tinha roubado abacate na horta, lingüiça na despensa dos padres e fumado escondido, baixei um pouco a voz pra ver se o resto passava despercebido (pequei contra o sexto mandamento, duas vezes, sozinho)(...). Todo mundo na capela escutou aquele (o que?) berrado pelo padre Dehmann: quando saí do confessionário - depois do pito, na lembrança que esse pecado deixa a gente débil mental, e com uma enorme penitência - todas as cabeças estavam viradas pra trás, me olhando. Eu vermelho de raiva e vergonha.*

*(...) A gente tem que comungar sempre, todo mundo vai. Se a gente não vai, fica sozinho no banco. E todo mundo repara, com olho acusador, adivinhando pecado mortal, porque com pecado venial, desses pequenos, a gente pode comungar sempre, bastando arrependimento.*

*(...) Não apareceu outro padre, não confessei, fui comungar. Com pecado mortal na alma. E medão danado de grande da hóstia soltar sangue. Engoli ela bem depressa pra ter menos perigo. Sorte: não aconteceu nada.*

Ao acrescentar maiores detalhes sobre a sua vida, Zotz lembra uma frase pronunciada por Pablo Neruda em *Confesso que vivi*: “todos os tribunais do mundo deveriam julgar nulos os atos praticados pelas pessoas, entre os 15 e 30 anos, por esta ser a idade da estupidez.” Sem desconsiderar a idéia, o autor reforça sob o seguinte argumento:

*o dito pode não ser regra. No meu caso é verdade. Comecei a viver - a ter inteira consciência dos meus atos, a assumir o meu querer, a ser um pouco mais tolerante e menos maniqueísta, a respeitar e a gostar dos amigos e a saber amar - perto dos 30 anos.*

*(...)Fui capeta, espinafrando a vida dos grandes, de outras crianças, de bichos. Também fui anjo sofredor, em mãos adultas e mesmo infantis... .*

*Não gostaria de voltar a ser criança, nem jovem. O que pelo menos prova que hoje sou mais feliz que naqueles tempos.*

Trata-se de um, entre catorze relatos, com as mesmas características. Por isso a autora diz que quem criou “o mito da infância feliz” foram os adultos, porque necessitam situar em algum lugar do seu passado um momento em que a vida tenha sido satisfatória e alegre.

Esse foi o único momento em que Zotz se dispôs a declarações deste gênero; por isso, consideramos relevante esse “desvio de percurso”, por acrescentar novas informações biográficas. Principalmente se considerarmos as teorias de que “o autor é antes de mais nada, um indivíduo histórico concreto, nascido numa determinada época, numa determinada sociedade (...) que condicionam sua existência (...) e aos quais ele não pode fugir”<sup>141</sup>. Conseqüentemente, a obra traz consigo as marcas identificadas da época e do autor que a produziu. Da mesma forma em que a sociedade agiu sobre o autor, através

---

141- LYRA, Pedro. “Para um Conceito de crítica”. In:Dias, Ângela(org.). *Rev. Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: (60) Edições Tempo Brasileiro Ltda. 1980, p.98. Veja-se para aprofundar o problema da relação da vida real do escritor com sua obra, o ensaio de Lauro Junkes **Autoridade é escritura**, Florianópolis: ACL/Editora da UFSC,1987.



dos condicionamentos históricos, este passa a agir sobre a sociedade, através da obra publicada, acredita Pedro Lyra.

Enfim, essas foram as abordagens detectadas pela crítica, respeitando o período de abrangência proposto no início do trabalho.

Entre a totalidade dos documentos recolhidos, que compõem o *corpus* dessa pesquisa, deixamos de mencionar uma série de publicações discretas em jornais e revistas, com o objetivo de divulgar um lançamento de livro, informar sobre um prêmio recebido, indicação de leitura, certificados, entre outros. Assim, não caímos no texto de repetição, que tornaria uma leitura cansativa, com pouca ou nenhuma informação relevante ao leitor.

Podemos perceber que estes tipos de publicação a respeito do autor continuarão a aparecer na imprensa, embora em ritmo menor.

## CONCLUSÃO

Concluir o que foi dito sobre um escritor como Werner Zotz é praticamente impossível. Procuramos, pois, fazer uma tentativa de relatar a conclusão que chegamos ao término da nossa análise da fortuna crítica da obra do autor catarinense, a partir da qual ficou caracterizado o comportamento da crítica literária, dentro do período proposto, ou seja, a segunda fase de Zotz como escritor.

Salientamos o fato de que convém rever mais alguns resultados a que chegamos, os quais foram mencionados no decorrer do trabalho, mas que merecem ser reforçados devido à sua relevância, por se tratar de um autor do meio literário catarinense.

Inicialmente, a fortuna crítica de Werner Zotz se mostrou bastante diversificada e qualitativamente heterogênea, o que demonstra o grande e variado interesse despertado pela obra do ficcionista, entre os críticos. Assim, pudemos constatar que houve uma grande tendência, entre os críticos, para a repetição de juízos de valor, ao se utilizarem de métodos bastante comuns para obras do gênero infanto-juvenil.

Entre as constatações, a obra do catarinense mereceu destaque predominante por abordar a temática de um modo geral. Aliás essa questão já estava pressuposta desde as primeiras leituras dos trabalhos críticos, tendo em vista o contexto em que a obra do catarinense foi produzida.

Essa primeira tendência que situamos na fase inicial tem a sua base de sustentação nos fatos reais vividos pelo autor e, segundo a crítica, trata-se da tônica que perpassa toda sua produção literária. Insere-se o autor dentro da gama de escritores brasileiros modernos, que produziram uma narrativa com as mais distintas abordagens. E a nossa pesquisa aponta, entre outras abordagens, a evocação da infância no processo de escritura e a participação de crianças como personagens principais nos textos de Zotz.

Neste caso, a opinião final da crítica mostra que o autor foi suficientemente habilidoso em não permitir a influência adulta nas manifestações da criança, que o autor tenta recuperar através das histórias.

A problemática humana está entre as mais freqüentes e enfatizadas pela crítica, onde, na maioria das vezes, o autor representa ser a própria voz no discurso. Principalmente nos relatos das situações de sofrimento ou frustrações. Até mesmo os bichos criados pelo autor são criaturas/personagens que sofrem, fazendo-se presentes em oito dos nove livros publicados e analisados. Desde o padre indeciso entre a igreja e a família; o barco que fala e sofre com todos os “curativos” que a vida lhe deu; o menino curumin que presencia o extermínio do seu povo. Seguindo o menino Moreno, paraplégico e órfão, junto ao gavião garrancho, com as asas quebradas. Outra criança sofrendo a ausência do pai exilado; o garnizé que leva uma surra; o dilema da sexualidade infantil, até a emocionante luta entre a vida e a morte, da cachorra Pipoca, que não sofre mais do que a menina Carolina.

Enfim, toda essa gama de dor e sofrimento foi percebida durante nossos estudos.

Ainda com relação aos pontos que mereceram maior destaque, não foi possível observar, em momento algum, qualquer aprofundamento sobre aspectos de qualquer natureza, uma característica da crítica jornalística, que normalmente se restringe a comentários breves e concisos, visando a atender um leitor apressado.

Outra maneira, em que ficou evidente uma significativa preferência pela crítica biográfica, foi no sentido de relacionar a vida do autor como “amante da natureza” e ter uma preferência por viver em “lugares pequenos”, porém morar em “espaços grandes como o mar”.

Este foi o sentido da forte relação entre a vida e a obra, apontada pela crítica para justificar o espaço natural como pano de fundo de sete das oito obras publicadas por Zolt. Assim como a presença constante do tema “liberdade”, e a relação com os “vôos longos”, tão mencionados pelo autor, durante as entrevistas.

Outro foco de grande atenção, percebido à medida que procedíamos ao levantamento e análise dos diferentes enfoques dados à obra de Werner Zolt, foi em termos de inovação estética.

Na avaliação da crítica, isso se deve a partir da consciência do escritor, ao adotar um discurso de denúncia, aliado a uma linguagem emancipatória, sem pieguismos e demagogia. Enquadra-se Zotz entre os escritores que, na década de 70, estiveram “engajados” em produzir um discurso que correspondesse às exigências de qualidade estética. O cumprimento dessas exigências serviram como parâmetro para que a obra de Zotz recebesse, por parte da crítica, a indicação de leitura para as mais variadas faixas-etárias.

Com isso, a crítica entende que o fulcro da questão inovadora do escritor está no desafio, ou seja, na não punição dos que contestam valores que a tradição consagrou. Em Zotz, a realização dos heróis está justamente na negação, que contraria o “final feliz”.

Tudo isso, aliado à coragem de abordar temas não muito comuns no meio literário infantil, retratados, na maioria das vezes, de acordo com a sua própria maneira de ver o mundo e as coisas, caracterizando o autor implícito, que projeta no texto as marcas da sua presença.

E foi justamente sob esse enfoque que parte da crítica baseou sua análise ao considerá-lo um escritor para todas as idades, embora prevalecesse “um autor para o público jovem”. De qualquer maneira, isso ocorre tanto pelo sentido de transpor suas vivências e personalidade, como no sentido da expressão, intencional ou não, em transmiti-las.

E quando os parâmetros utilizados pela crítica apontam que a literatura de Zotz se define como “sem idade”, é justamente pela diferença, ou seja, pela capacidade de produzir o diálogo, indistintamente, com todo tipo de leitor. A comunicação necessária para obtenção da resposta que identifica a obra com esse ou aquele destinatário.

Por outro lado, se a crítica também entendeu pela indicação de leitura por faixa etária, houve quem defendesse que este fator tem como determinante o interesse e a preferência do leitor, seguido do respeito por essa decisão, por levar em conta que isso ninguém, jamais, poderá mudar.

Não foi difícil concluir, ainda, que Zotz teve a atenção da crítica voltada para a análise do conjunto, ou seja, raramente uma obra era vista só em si mesma. As

leituras se estendiam para o conjunto de títulos publicados pelo autor. Quer pela premiação, quer por simpatia ou pelo prazer de “anunciar” uma boa leitura.

Enfim, se falou do homem..., do autor..., do poeta..., que através da obra foi também comparado aos grandes conhecedores do mundo jovem e adulto. E não foram os prêmios que disseram, mas a crítica especializada.

Os demais detalhes a serem concluídos ficam por conta das traduções que seus livros mereceram, as várias entrevistas concedidas, as peças de teatro de dois títulos seus e outras tantas fontes que reservaram espaço para que se disseminasse o nome de quem tanto contribuiu para despertar os mais variados sentimentos durante a leitura das suas obras. Levando o jovem, em especial, a compreender que suas histórias, embora “inventadas”, não são tão falsas, pois poderão ocorrer de maneira semelhante em experiências pessoais. Fazendo também compreender sobre a necessidade de suportar a dor e correr riscos para a conquista da identidade.

O estudo inquietante do autor mostrado pela crítica é o que atesta a qualidade da sua obra, uma vez que a mesma não desapareceu do mercado na primeira edição, podendo-se concluir que esta correspondeu às exigências do público, por diferir da chamada obra trivial.

Com relação à verdadeira crítica, capaz de alcançar a inteira essência da obra literária, concluímos que seja aquela que alcança uma interação dialética entre os contrários: conteúdo e forma, interno e externo, texto e contexto. Igualmente, a grandeza do crítico está em saber ler a obra literária enquanto forma de arte e não enquanto mero pretexto para justificar qualquer posição do escritor ou dele próprio.

Neste sentido, pudemos finalmente argumentar, sem nenhuma sombra de dúvidas, que o trabalho literário do escritor catarinense foi compreendido em sua essência artística, sob a luz de um estilo renovador, com inúmeras tentativas de nos convencer que a literatura de Werner Zotz poderia dispensar qualquer comentário crítico, pois, por si só, ela representa a crítica propriamente dita.



**BIBLIOGRAFIA**

### Sobre a crítica teórica em geral

BARTHES, Roland. *Ensayos críticos*. Barcelona: Seix Barral, 1976.

\_\_\_\_\_.SZ. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1992.

BORDINI, Maria da Glória. "Crítica e literatura infantil nos anos 70 e 80". In: KHEDÉ, Sonia Salomão(org.). *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Porto Alegre: 95-110, Mercado Aberto, 1986.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1976.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. São Paulo: Global, 1982.

CIRNE, Moacy. "A crítica e os preconceitos à margem da literatura de massa". In: DIAS, Ângela(org.). *Rev. Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: (60): 93-97, Edições Tempo Brasileiro Ltda, jan-mar, 1980.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e poética*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.

\_\_\_\_\_. *Tristão de Athayde, o crítico*. Rio de Janeiro: Agir, 1980.

CUNHA, Fausto. "Crítica literária: reflexões da práxis". In: DIAS, Ângela(org.). *Rev. Tempo Brasileiro*. Rio da Janeiro: (60): 59-67, Edições Tempo Brasileiro Ltda, jan-mar, 1980.

GENETTE, Gérard. *Figuras*. São Paulo: Perspectiva, 1972.-Crítica.

HELENA, Lúcia. "A crítica, a arte e a história". In: DIAS, Ângela(org.). *Rev. Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: (60): 13-16, Edições Tempo Brasileiro Ltda, jan-mar, 1980.

JAUSS, Hans Robert. "A estética da recepção: colocações gerais". In: LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JOZEF, Bella. "A questão da crítica e a crítica em questão". In: DIAS, Ângela(org.). *Rev. Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: (60): 85-92, Edições Tempo Brasileiro Ltda, jan-mar, 1980.

JUNKES, Lauro. *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*. Florianópolis: UFSC, 1987.

- KOTHE, Flávio. "A crítica literária e os sistemas intersemióticos". In: DIAS, Ângela (org.). *Rev. Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro: (60): 12-16, Edições Tempo Brasileiro Ltda, jan-mar, 1980.
- LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LYRA, Pedro. "Para um conceito de crítica". In: DIAS, Ângela(org.). *Rev. Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro: (60): 98-104, Edições Tempo Brasileiro Ltda, jan-mar, 1980.
- PALO, Maria José & OLIVEIRA, Rosa. *Literatura infantil: voz de criança*. São Paulo: Ática, 1986.
- PEREIRA OLIVEIRA, Maria Marta L. *A recepção crítica da obra de Marcel Praust no Brasil*. Porto Alegre: UFRGS. 1993. 450 p. tese de doutorado.
- SANT'ANNA, Afonso R. de. "Uma intervenção prática na questão da crítica e da teoria literária". In: DIAS, Ângela(org.). *Rev. Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: (60): 68-78, Edições Tempo Brasileiro Ltda, jan-mar, 1980.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural da primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- VAZ, Paulo Bernardo. *Leitura e leitores*. Rio de Janeiro: PROLER, 1995.
- VELOSO, Mônica Pimenta. "A literatura como espelho da nação". In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: 1(2): 239-263, 1988.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.
- \_\_\_\_\_. "O lugar do leitor na produção e recepção da literatura infantil". In: KHEDÉ, Sonia Salomão(org.). *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Porto Alegre: 17-30, Mercado Aberto, 1986.

### De apoio teórico

- ABRAMOVICH, Fanny. *O estranho mundo que se mostra às crianças*. São Paulo: Summus, 1983.
- BENJAMIM, Walter. "Livros infantis antigos e esquecidos". In: *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Trad. Marcus V. Mazzari. 4. ed. São Paulo: Summus, 1984.
- CUNHA, Fausto. *A leitura aberta: estudos de crítica literária*. Brasília/Cátedra, 1978.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Trad. Sônia Coutinho. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1982.
- GUIA de leitura para alunos de 1º e 2º graus. *Centro de Pesquisas Literárias, PUCRS*. São Paulo: Cortez, 1989.
- HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. Trad. Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.
- HOHLFELDT, Antônio. "Literatura para o jovem de hoje". In: KHEDÉ, Sônia Salomão (org.). *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Porto Alegre: 83-94, Mercado Aberto, 1986.
- JOBIN E SOUZA, Solange. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamim*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.
- LAJOLO, Marisa. *O que é literatura?*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?*. São Paulo. Brasiliense, 1982.
- OLINTO, Antônio. "Jornalismo e literatura". In: BIANCHIN, Neila T.R. *Romance – reportagem: onde a semelhança não é mera coincidência*. Florianópolis: UFSC, 1997.

PERROTI, Edmir. "A criança e a produção cultural: apontamentos sobre o lugar da criança na cultura". In: ZILBERMAN, Regina(org.). *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: 09-27 Mercado Aberto, 1982.

PONDÉ, Glória. *A arte de fazer artes: como escrever histórias para crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica Ltda, 1985.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez, 1992.

\_\_\_\_\_. *Leitura e realidade brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

YUNES, Eliana & PONDÉ, Glória. *Leitura e leituras da literatura infantil*. São Paulo: FTD, 1988. (Por onde começar?).



### Obras de referência ao autor

- ABRAMOVICH, Fanny. *O estranho mundo que se mostra às crianças*. São Paulo: Summus, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O mito da infância feliz*. São Paulo: Summus, 1983.
- BOTELHO, Maria Antonia dos S. *Memórias futuras: contos infanto-juvenis contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora Universitária, 1987.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*. Séculos XIX e XX. 4 ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 1995.
- DEBUS, Eliane S. D. "Entre a visagem e a vertigem: a desconstrução da imagem indígena no discurso literário para crianças e jovens". In: *Anuário de Literatura*. Florianópolis: (3): 73-82, jan-dez, UFSC, 1995.
- \_\_\_\_\_. Eliane S.D. "Entre vozes e leituras: a recepção da literatura infantil e juvenil". Florianópolis: UFSC. 1996. 138 p. dissertação de mestrado.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. "Livros brasileiros para crianças e jovens, premiados". In: PIACENTINI, Tânia(org.). *Perspectiva*. Florianópolis: (9): 97-99, UFSC, jul-dez, 1987.
- HOHLFELDT, Antônio. "Literatura para o jovem de hoje". In: KHEDÉ, Sonia Salomão(org.). *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Porto Alegre: 83-93, Mercado Aberto, 1986.
- JUNKES, Lauro. *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa*. Florianópolis: Ed. do Autor/UFSC, 1992.
- LOCKS, Maria de Lurdes R.K. (org.). *Livro, criança e lazer*. Florianópolis: APUFSC, 1989.
- MALHEIROS, Eglê. "Ler os livros e crescer com eles: Werner Zotz". In: PIACENTINI, Tânia M. *Perspectiva*. Florianópolis: 2(4): 103-109, UFSC, jan-dez, 1985.
- MORAES, Lídia Maria de. *Língua Portuguesa*. São Paulo: Ática 1995.-(Coleção Quero Aprender).

- PEREIRA, Geraldo Jordão(org.). *Criança, realidade e sonho*. Rio de Janeiro: Salamandra Consultoria Editorial S.A., 1992. -Realidade
- PIACENTINI, Tânia Maria. "Clássicos em liquidação". In: *Perspectiva*, Florianópolis: (9): 73-79, UFSC, Jul-dez. 1987.
- \_\_\_\_\_. Tânia Maria. "Sugestões de livros infantis e juvenis". In: *Perspectiva*. Florianópolis: 2(4): 140-163, UFSC, jan-jun.1985.
- RESENDE, Vânia Maria. "A natureza metalinguística e auto-reflexiva de obras específicas da literatura infantil e juvenil brasileira". In: *Perspectiva*. Florianópolis: (4): 27-38, UFSC jul-dez, 1987.
- SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis: Lunardeli, 1985.
- WOLF, Joca (org.). *Indicador catarinense de Escritores*. Florianópolis:.FCC. 1990.
- WORNICOV, Rut (org.) *Criança-leitura-livro*. São Paulo: Nobel, 1986.
- YUNES, Eliana & PONDÉ, Glória M.F. *Leitura e leituras da literatura infantil*. São Paulo: FTD, 1988.-(Por onde começar?).
- ZILBERMAM, Regina. "Introduzindo a literatura infanto-juvenil". In: *Perspectiva*. Florianópolis: 2(4): 98-102, UFSC. jan-jun. 1985.

### Fortuna crítica: a recepção da obra do autor, objeto deste trabalho

- ABRAMOVICH, Fanny. "Uma história de índio. Simples e apaixonante". *Jornal da tarde*. São Paulo: 26 mar.1980. p.08.-Criança.
- AGNES, Roberta. "Para crianças e adultos". *Última hora*. São Paulo: 13 jun. 1979. p.17.-Estante.
- AMÂNCIO, Moacir. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 09 mar. 1980.
- AMNÉSIA, literária. *A Notícia*. Joinville: 08 abr. 1984. p.02.- Apontamentos.
- APENAS um curumim, Barco branco em mar azul. *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 30 abr. 1982.
- APENAS um curumim de Werner Zotz, em 5ª edição. *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 26 abr. 1982.
- AUTOR Vitorioso. *Gazeta do Povo*. Curitiba: 06 maio 1982.
- BAÇO, José Antônio. "Um dos cardeais da nova cultura". *Diário Catarinense*. Florianópolis: 01 mar. 1987. p.02-03.-Revista Especial.
- BARBOSA, Adami. "Rio liberdade". *Rev. Aqui*. Maringá: 22 maio. 1984.
- BARCO branco em mar azul é mais um de Zotz. *O Diário de Piracicaba*. São Paulo: 18 mar. 1980.
- BARCO branco em mar azul. *Jornal da Tarde*. São Paulo: 26 jan. 1979. p.04.
- BARCO branco em mar azul. *Suplemento literário*. Minas Gerais: 08 maio 1982.
- O BARCO de Zotz. *O Diário de Piracicaba*. São Paulo: 11 set. 1980.
- BELINKY, Tatiana. "As baleias, heroínas de deliciosas leituras...". *Jornal da Tarde*. São Paulo: 16 mar. 1985. p.22.
- \_\_\_\_\_. "A literatura infantil com ar acadêmico". *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 03 abr. 1987. p.11.
- \_\_\_\_\_. "Mato grosso, na viagem dos sonhos juvenis". *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 16 mar. 1984. p.19.-Livros/Crítica.
- BERG, Marli. "Mamãe é mulher do pai". *Rev. Mulher de hoje*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, jun. 1983. p.20.-Leia.

- BESSOW, Alfredo Roberto. "A conquista da liberdade". *O Estado*. Florianópolis: 10 jun. 1984. p.03.-Suplemento Infantil.
- BRAIT, Beth. "Romance-reportagem: as desventuras de um realismo muito apressado". *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 23 jun. 1979. p.10.
- BRANDÃO, Izabel Drulla. "Liberdade toma forma de ficção e alça um longo vôo". *Diário Catarinense*. Florianópolis: 08 maio 1986. p.01-02.-Literatura.
- BRITO, Osvaldo Lopes de. "A boa literatura infanto-juvenil". *O Diário de Ribeirão Preto*, São Paulo: 01 jun. 1983. p.15.-Livros.
- \_\_\_\_\_. "A boa literatura infanto-juvenil: três livros de Werner Zotz". *O Diário de Ribeirão Preto*. São Paulo: 25 abr. 1982.
- \_\_\_\_\_. "Coisas da vida". *O Diário de Ribeirão Preto*. São Paulo: 02 out. 1984.
- \_\_\_\_\_. "Curumim, histórias do mar, árvores que falam ... (é a literatura infantil chegando às livrarias)". *Diário da Manhã*. Ribeirão Preto: 27 fev. 1980. p.10.
- \_\_\_\_\_. "Poemas e o livro livre". *O Diário de Ribeirão Preto*. São Paulo: 14 mar. 1987. p.15.-Livros.
- \_\_\_\_\_. "Rio Liberdade". *O Diário de Ribeirão Preto*. São Paulo: 14 abr. 1984.
- BUELONI, Marisa Fillet. "Recomendo: Rio liberdade". *O Diário de Piracicaba*. São Paulo: 09 maio 1984.
- CARDOSO, Francisco. "Um livro, uma proposta de educação". *A Notícia*. Joinville: 05 fev. 1987. p.05.
- CONCURSO de redação para estimular o hábito da leitura. *Diário da Manhã*. Ribeirão Preto: 12 ago. 1984. p.13.
- CONSAGRAÇÃO internacional. *A Notícia*. Joinville: 10 jul. 1985. p. 02.-Apontamentos.
- COUTINHO, Edilberto. "Fatias do pão que o diabo amassou". *O Globo*. Rio de Janeiro: 15 jul. 1979. p.19.
- CRÍTICA positiva. *A Notícia*. Joinville: 18 mar. 1984. p.02.-Apontamentos.
- DESTAQUE para este livro: reedições de Werner Zotz. *Jornal City News*. Campinas. São Paulo: 02 maio 1982.
- DESTAQUES: a notícia na praça. *O Estado do Maranhão*. São Luís: 02 maio 1982.

DICA de leitura: Não-me-toque em pé de guerra *Tribuna do Ceará*. Fortaleza: 31 jan. 1983.

DOIS lançamentos: um de poesias, outro para crianças. *Jornal da tarde*. Porto Alegre: 02 jul. 1983.-Livros.

DOYLE, Fábio Proença. "Rio Liberdade". *Diário da Tarde*. Belo Horizonte: 11 abr. 1984.-Livros.

ERRÊ, Jota. "Novo livro de Werner Zotz". *Jornal City News*. Campinas. São Paulo: 18 mar. 1984.-Livros.

O ESCRITOR Werner Zotz na livraria "Pequeno príncipe" nesta terça-feira. *Diário da Manhã*. Ribeirão Preto: 30 set. 1984. p.08.

O ESCRITOR Werner Zotz visita hoje escolas da cidade. *O Diário de Ribeirão Preto*. São Paulo: 02 out. 1984.

*O Estado de São Paulo*: São Paulo: 26 abr. 1982. p.02.-Livros.

*O Estado do Paraná*. Curitiba: 14 maio 1982.

ESTRÉIA, no Teatro Alaska, o espetáculo infantil "Mamãe é mulher do pai". *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 06 nov. 1983. p.22.-Crianças.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL . "A FNLITJ concede seus prêmios anuais". Rio de Janeiro: 5(5): 17-20, maio 1983.

\_\_\_\_\_. "Fundação cultural do Distrito Federal concede prêmios a autores de obras para jovens". Rio de Janeiro: 4(12): 01-04, dez. 1982.

\_\_\_\_\_. "Prêmios anuais da FNLIJ". Rio de Janeiro: 7(7): 25-28, jul. 1985.

GARNIZÉ gabola acabou gabiru. *Rev. Desfile*: Rio de Janeiro. 1987. p.61.- Infanto-juvenis.

*Gazeta do povo*. 19 dez. 1982. p.26.

GIGLIOTTI, Adir. "Não-me-toque em pé de guerra". *Diário de Campinas*. São Paulo: 02 maio 1982. p.10.

*O Globo*. Rio de Janeiro: 05 mar, 1980.

GOMES, Laurentino. "Um manual de aventura". *Rev. Veja*. São Paulo: 05 de abr. 1995. p.117.

GOMES. Maria Goreti. "A obra infantil de Werner Zotz". *A Notícia*. Joinville: 23 maio 1982. p.17.-Literatura.



- \_\_\_\_\_. Maria Goreti. "Uma nova proposta de literatura nas escolas". *Jornal de Santa Catarina*. Blumenau: 22 fev. 1987. p.35.-Variedades.
- \_\_\_\_\_. "Werner Zotz e sua literatura". *A Notícia*. Joinville: 10 abr. 1983. p.06.- Geral.
- GUIA de literatura para alunos de 1º e 2º graus. *Centro de Pesquisa literárias*, PUCRS, São Paulo: 1989.
- HELENO, Guido. "Barco branco em mar azul - comentários". *Jornal de Brasília*. 28 ago. 1980.
- HOJE: Fernando Sabino, Rubem Braga, Geandré. *Jornal da Tarde*. São Paulo: ago. 1982.
- Jornal City News*. Campinas SP: 02 maio 1982.
- Jornal da Bahia*. Salvador: 09 maio 1982.
- Jornal da Tarde*. Porto Alegre: 26 jan. 1979.
- Jornal de Piracicaba*. São Paulo: 02 fev. 1983.
- JUNKES, Lauro. "Para o curumim que está em você". *A Notícia*. Joinville: 09 abr. 1994. p.04.-Anexo.
- JULIÃO, Maria Cecília. "A literatura de Werner Zotz". *Voz da Unidade*. São Paulo: 06 jan. 1987. p.20.-Cultura.
- LANÇAMENTOS da Nórdica. *O Estado do Maranhão*. São Luís: 09 maio 1982.
- LANÇAMENTOS. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 01 jul. 1983.
- LANDO, Vivien. "Em cores fortes". *Leia livros*. nº 47. São Paulo: 15 jun. 1982. p.11.
- LAPA, J. R. Amaral. "Zotz e o curumim". *O Diário de Piracicaba*. São Paulo: 11 set. 1980. p.11.-Livros.
- LEITURA no parque, o Ceará tem disso, sim. *Rev. Visão*. São Paulo: 31 jul, 1985.
- LEONARDOS, Stella. "Literatura infantil em boa safra". *Jornal de Letras*. Rio de Janeiro: nov. 1979.
- LITERATURA infantil: as obras produzidas aqui. *Diário do Paraná*. Curitiba: p.12.-Livros.
- LITERATURA infantil e juvenil. *Leia Livros*. São Paulo: 15 maio 1980.
- LIVRO de Joinvilenses é premiado pela APCA. *A Notícia*. Florianópolis: 07 mar. 1987. p.05.-Local.
- LIVRO de Zotz. *A Notícia*. Joinville: 11 mar. 1984. p.02.-Apontamentos.

LIVRO de Zotz. *A Notícia*. Joinville: 09 out. 1985. p.02.-Apontamentos.

LIVRO enfoca mundo infantil. *Gazeta do Povo*. Curitiba: 10 maio 1983. p.31.

LIVRO que te quero livre: entrevista. *Jornal da CESGRANRIO*. Rio de Janeiro: maio-jun. 1987.p.12.

LIVROS Infantis. *O Diário do Ceará*. Fortaleza: 26 jun. 1982.

MAIA, Adinoel Motta. "Livros: lançamentos". *Jornal da Bahia*. Salvador: 20 mar. 1984.

MAIA, Vera Lúcia. "Desafio do JOBA". *Jornal da Bahia*. Salvador: abr. 1984.

MALHEIROS, Eglê. "Mais livros para o público infanto-juvenil". *O Estado*. Florianópolis: 09 maio 1984. p.19.-Variedades.

MAMÃE é mulher do pai e outras histórias. *O Estado do Maranhão*. São Luís: 22 maio 1983.p.11.

MANOEL, Carlos. "Livros". *O Aldeão*. Rio de Janeiro: maio 1982. -Livros.

MATOS, Edísio Gomes de. "Não-me-toque em pé de guerra". *Correio Brasiliense*, 02 maio 1982. p.15.-Estante.

MAURÍCIO Benedeti recebe prêmio por ensaio. *Jornal do COC, (Colégio Oswaldo Cruz)*. Ribeirão Preto: nov. 1984.

MENECHIM, Luis. "Um novo livro de Werner Zotz". *A Notícia*. Joinville: 01 maio 1983. p.17.-Lançamento.

MENEZES, Carlos. "Aventuras e busca de liberdade no Pantanal". *O Globo*. Rio de Janeiro: 29 fev. 1984.

\_\_\_\_\_.Carlos. "Depois de Trevisan e do concurso de contos, Paraná ganha sua editora". *O Globo*. Rio de Janeiro: 07 maio 1979. p.24.-Livros.

MENINOS e gatos. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 09 fev. 1980.

MIGUEL, Salim. "Apenas um curumim". *A Ponte*. Florianópolis: nov. 1982.

\_\_\_\_\_. "Barco branco em mar azul". *Jornal da Semana*. Florianópolis: 10 maio 1980.-Livro.

\_\_\_\_\_. "Novidades na área infantil e juvenil". *O Estado*. Florianópolis: 07 maio 1983. p.22.-Livros.

MILLARCH, Aramis. "Da importância de Werner, Fanny etc. para as crianças". *O Estado do Paraná*. Curitiba: 05 maio 1983. p.19.-Tablóide.

- M. M. "Lirismo e visão crítica no mundo infantil". *Folha de São Paulo*. São Paulo: 09 mar. 1980. p.09.
- MONTALVÃO, Fernando. "Pura realidade". *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro: 23 jun. 1979. p.14.-Resenhas.
- MORAIS Jr., Carlos. "O premiado Chinaglia de 79". *O Diário de Piracicaba*. São Paulo: 08 abr. 1980. p.10.-Texto de Fanny Abramovich.
- NA Bienal do Livro, novidades todos os dias. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 22 ago. 1982. p.09.
- NÃO-ME-TOQUE em pé de guerra. *CooJornal*. Porto Alegre: abr. maio. 1982. p.08.-Livros.
- NÃO-ME-TOQUE em pé de guerra. *Correio Popular*. Campinas: 16 maio 1982.
- \_\_\_\_\_. *Gazeta do Povo*. Curitiba: 23 maio 1982.
- \_\_\_\_\_. *Jornal de Letras*. Rio de Janeiro: jun. 1982.
- \_\_\_\_\_. *A Gazeta*. Vitória: 25 abr. 1982.
- NEGRÃO, Télia. "Beija-flor, uma editora disposta a voar alto". *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 12 maio 1979. p.17.
- NISKIER, Arnaldo. "Livro que te quero livre". *Revista Manchete*. Rio de Janeiro: 30 jan. 1987. p.31.-Leitura.
- NOTÍCIA na praça. (Não-me-toque em pé de guerra). *O Estado do Maranhão*. São Luís: 02 maio 1982. p.03.-Destaques.
- OS NOVOS talentos que o prêmio Fernando Chinaglia de Literatura Infanto-Juvenil revelou. *Jornal da Tarde*. São Paulo: 03 out. 1979.
- ÔBA ! sugestão de leitura do JOBA: Rio liberdade. *Jornal da Bahia*. Salvador: 01 abr. 1984. p.07.-Suplemento Infanto-Juvenil.
- A OBRA infantil de Werner Zotz. *A Notícia*. Joinville: 23 maio 1982. p.17.-Literatura.
- PARA a estante da garotada. *O Globo*. Rio de Janeiro: 05 mar. 1980.
- PETRELLI, João B. "Apenas um curumim". *Gazeta de Limeira*. São Paulo: 17 fev. 1980.
- PINSKI, Mirna. "Nos livros e nos teatros, os melhores programas para as crianças". *Shopping News*. São Paulo: 23 mar. 1980. p.13.-Infantil.
- PRÊMIO a Zotz. *O Estado do Paraná*. 04 set. 1979. p.18.

PRÊMIO Brasília de literatura. *Diário de Presidente Prudente*. São Paulo: 20 abr. 1982.

RIO liberdade. *Correio do Povo*. Porto Alegre: 03 mar. 1984.

\_\_\_\_\_. *Correio Popular*. Campinas. São Paulo: 20 maio. 1984.-Ler livros.

\_\_\_\_\_. *Jornal da Tarde*. São Paulo: São Paulo: 29 fev. 1984.

\_\_\_\_\_. *O Estado de São Paulo*: São Paulo: 29 fev. 1984.

\_\_\_\_\_. *Suplemento literário de Minas Gerais*. Belo Horizonte: 14 abr. 1984.

ROCHA, Antônio Carlos. "Um menino busca a liberdade no Pantanal". *O Globo*. Rio de Janeiro: 25 mar. 1984. p.05.-Livros.

SÁBADO das crianças: *O Globo*. Rio de Janeiro: 05 nov. 1983. p.19.-Teatro.

SAIRAM os prêmios Chinaglia 79. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 01 set. 1979.

SANDRONI, Laura Constância. "Na academia, o convênio da nova Ciranda de Livros". *O Globo*. Rio de Janeiro: 04 mar. 1985. p.04.

\_\_\_\_\_. "O índio como protagonista de uma história com sabor brasileiro". *O Globo*. Rio de Janeiro: 06 abr. 1980. p.05.-Literatura infantil.

\_\_\_\_\_. "Sátira incentiva prazer da leitura". *O Globo*. Rio de Janeiro: 13 jun. 1982. p.04.-Literatura infantil.

SOARES, Magnólia Mary D. "Concurso literário". *Jornal A Cidade*. Ribeirão Preto: 30 set. 1984. p.04.

SONDERMANN, Eliane. "Garnizé gabola acabou gabiru". *Rev. Pais & Filhos*, nº 215. São Paulo: jul. 1986. p.104.-Livros.

SUED, Ibrahim. "Grupo Lyrio Branco estréia peça amanhã". *O Globo*. Rio de Janeiro: 04 nov. 1984. p.19.

TEIXEIRA, Ubiratam. "Liberdade com lirismo". *O Estado do Maranhão*. São Luís: 11 abr. 1984. p.08.-Livros.

THEODORO, Aristides. "Caminhos literários". *A Voz de Mauá*. São Paulo: 26 maio 1983. p.17.

\_\_\_\_\_. *Jornal da Manhã*. São Paulo: 02 abr. 1980.

TITO FILHO, A. "Literatura infantil". *Jornal do Piauí*. Terezina: maio 1980.

\_\_\_\_\_. "Mamãe é mulher do pai". *Jornal do Piauí*. Terezina: 05 maio 1983. p.05.

\_\_\_\_\_. "Vários". *Jornal do Piauí*. Terezina. 15 mar. 1984.

- TORRES, Fernanda. "Todos os caminhos levam ao êxito da literatura infantil". *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 12 fev. 1983.-Caderno B.
- TRÊS histórias de Werner Zotz. *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 02 jul. 1983.
- UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES. "Livros infanto-juvenis publicados em 1979". São Paulo: jul-ago. 1981.
- VIEIRA, Regina. "A criança e a sexualidade do adulto: Mamãe é mulher do pai e outras histórias de Werner Zotz". *Rev. Galeria*. São Paulo: Retrata Propaganda S/C Ltda. jun. 1983. p.16.-Literatura Infantil.
- WERNER Zotz. *Diário Mercantil*. Rio de Janeiro: 22 jun. 1982.
- WERNER Zotz lança livro em co-autoria. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 23 fev. 1987. p.06.-Literatura.
- WERNER Zotz lança livro na Capitu. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 01 jul. 1983.
- Werner zotz: presença no concurso de redação. *O Diário de Ribeirão Preto*. São Paulo: 30 set. 1984. p.05.
- WERNER Zotz: um paranaense de nome difícil, mas de livros bem brasileiros. *Gazeta do Povo*. Curitiba: 06 maio 1982.
- WYLER, Vivian. "A importância de ser livre". *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 15 mar. 1984. Caderno B. p.02.-Livro.
- ZILBERMAN, Regina. "A descolonização do índio na literatura infantil". *Correio do Povo*. Porto Alegre: dez. 1980. p.11.
- ZOTZ e a Nórdica. *Jornal de Brasília*. 03 jun. 1982.
- \_\_\_\_\_. *Apenas um curumim*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1982.
- ZOTZ, Werner. "As noites eram longas". In: ABRAMOVICH, Fanny (org.). *O mito da infância feliz*. São Paulo: Summus, 1983.



**ANEXOS**

## **Livros e Prêmios do Autor**

### **Livros de Werner Zotz publicados pela Nórdica:**

- Barco Branco em Mar Azul. 1978
- Apenas um Curumim. 1979
- Não-me-Toque em Pé de Guerra. 1982
- Mamãe é Mulher do Pai. 1983
- Rio Liberdade. 1984
- Garnisé Gabola Acabou Gabiru. 1986
- Livro que te Quero Livre. 1986
- Presente de um Domingo Chuvoso. 1992

### **Outros livros publicados do autor:**

- Turuna. 1967
- Balão de Cor. 1967
- Elisa. 1968
- Ciranda de Barquinhos. 1968
- Semeadura (romance). 1978
- As noites eram longas. *In O Mito da Infância Feliz*. antologia / Fanny Abramovich. Summus Editorial. 1983

### **Traduções/Adaptações:**

- Moby Dick. de Herman Melville. Ed. Scipione. 1985
- Robinson Crusoe. de Daniel Defoe. Ed. Scipione. 1986
- Ela. de H. Rider Haggard. Ed. Scipione. 1986
- As Minas do Rei Salomão. de H.R.Haggard. Scipione. 1987

### **Prêmios Recebidos:**

- Apenas um Curumim
  - Prêmio Fernando Chinaglia. 1979
  - Prêmio Monteiro Lobato. 1981
  - Prêmio Brasília de Literatura. 1982
  - Prêmio de Melhor Publicação Latino Americana para Jovens. 1987. Feira de Bolonha (Itália).
  - Biblioteca Internacional da Juventude. Munique (Alemanha)
- Não-me-Toque em Pé de Guerra
  - Selo Altamente Recomendável para Jovens.
  - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. 1983
  - Selecionado para o Projeto Viagem da Leitura.
  - Instituto Nacional do Livro. 1988
- Rio Liberdade
  - Selo Altamente Recomendável para Jovens.
  - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. 1985
  - Mirlos Blancos 1985. Feira de Bolonha (Itália).
  - Biblioteca Internacional da Juventude. Munique (Alemanha)
  - Bienal-Câmara Brasileira do Livro/86
  - Selo Salas de Leitura
  - Fundação de Assistência ao Estudante. 1988
- Livro que te Quero Livre
  - Prêmio APCA/86 de Melhor Ensaio. da Associação Paulista de Críticos de Arte



## LIVROS

CARLOS MENEZES

### *Depois de Trevisan e do Concurso de Contos, Paraná ganha sua editora*

Ao longo dos últimos anos, a literatura do Paraná tem vivido de dois fatos isolados: o contista Dalton Trevisan e o Concurso Nacional de Contos, promovido pelo governo do Estado. Claro que havia produções e escritores. Estes, ou pagavam a edição de suas obras ou ficavam à espera da ajuda de algum Mecenaz. As raras experiências editoriais também não conseguiram ultrapassar os limites do regional. Assim, o escritor paranaense continuava praticamente inédito, por falta de profissionalismo e de divulgação.

Até que o gráfico e professor Eraldo Mário Graeml e o escritor Werner Zoltz uniram seus esforços e experiências e fundaram a *Editora Beija-Flor*, que já em novembro do ano passado lançava a segunda edição de *Barco branco em mar azul*, do próprio Werner Zoltz e *Os amigos da noite*, de Fernando Nogueira. A nova editora que tem no seu Conselho Editorial os escritores Fernando Nogueira, Reinaldo Ateu e José Angeli começa a atingir, também, o mercado livreiro do Rio, Espírito Santo, Minas, Norte e Nordeste através da distribuição da Editorial Nórdica.

Werner Zoltz fala sobre os planos e propósitos de sua editora:

— A *Beija-Flor* não se propõe a publicar apenas os paranaenses. Mas, como é natural, já que tem

sede no Paraná, seus primeiros lançamentos são dos melhores escritores da região ou nela morando. Comprometemo-nos, portanto, a ler todos os originais que forem enviados à editora. Passo importante, quando se sabe da dificuldade que o autor enfrenta para, pelo menos, ter seu trabalho apreciado imparcialmente. Pretendemos publicar apenas literatura brasileira, e talvez, num futuro passo, a latino-americana. Mas, basicamente, ficar mesmo com originais brasileiros. Tentaremos profissionalizar a relação editora-escritor, investindo no livro, pagando direitos autorais etc. Até o final do ano esperamos cumprir o nosso plano editorial inicial que prevê o lançamento de 20 títulos.

Alem dos dois primeiros lançamentos, a *Beija-Flor* já editou e distribuiu para as livrarias: *Semeadura*, romance-reportagem de Werner Zoltz; *Aventuras em Vila Jardim*, novela infantil de Alexandre Reis Graeml, de 12 anos; *A cidade de Alfredo Souza*, romance de José Angeli Sobrinho; *Você já viu uma flor?*, novela de Eusébio Maestri; 1971, novela de Reinaldo Ateu; e *Para mim chega*, com trabalhos dos melhores cartunistas do Paraná: Thiago, Solda, Rettamozo, Mirian, Douglas Mayer e Dante.

● Leopoldina Isaias Crocamo acaba de lançar *A filosofia de cada um*, textos que abordam problemas e conflitos que provocam o desajustamento psíquico-social do homem. A autora busca recompor imagens desfiguradas por reações negativas, através de um processo filosófico que reajusta os campos psíquicos atingidos pela angústia do desamor. A venda nas livrarias Eldorado, da Tijuca, e Freitas Bastos, no Centro.

● Do jovem cardiologista brasileiro Gilberto Marcondes Duarte, a Editora Ateneu acaba de lançar *Teste Ergométrico* (Bases fisiopatológicas e Aplicações clínicas). Trata-se do primeiro trabalho médico brasileiro sobre o Teste Ergométrico, conhecido também como teste de esforço (*stress testing*) considerado um dos principais métodos para diagnóstico precoce da doença coronária, a principal causa da mortalidade no mundo ocidental. O trabalho de Gilberto Marcondes Duarte apresenta pela primeira vez a experiência brasileira com utilização desse exame e confronta seus dados com os obtidos na literatura mundial.

● O Instituto de Direito Previdenciário vai escolher e premiar o melhor livro sobre previdencialismo publicado em 1978. O professor Barroso Leite que preside o júri integrado por João Antonio Pereira Leite (RS) e Paulo Emilio Ribeiro de Vilhena (MG) está convidando as editoras a inscreverem, até julho próximo, os livros que editaram nesse setor, na sede do IBDP, na Av. Franklin Roosevelt, 126, grupos 307/308, Rio de Janeiro/RJ.





■ ROMANCE-REPORTAGEM ■

## As desventuras de um realismo muito apressado

BETH BRAIT

Semeadura, de Werner Zotz, é mais uma das inúmeras obras denominadas romance-reportagem e que, de uns tempos para cá, constituem a marca registrada da prosa brasileira. Por alinhar-se a uma tendência que conta com muitos adeptos, o livro desperta algumas reflexões que extrapolam, de uma certa maneira, os limites de suas páginas.

Não faz tanto tempo assim que os leitores e a crítica em geral se ressentiam da inexistência de uma produção literária que extraísse sua matéria-prima da dura e quase impubescível realidade brasileira. Numa conferência proferida nos Estados Unidos em 1972 e publicada recentemente pela Arte em Revista (Kairós Livraria e Editora Ltda), o teórico e crítico Antônio Cândido aponta entre as causas da ausência do novo na prosa brasileira, naquele momento, o banimento de uma postura ao mesmo tempo poética e realista "pelo medo de cederem a uma visão mimética reprovada pelos cânones da vanguarda"; o ofuscamento e o impasse provocados pela criatividade narrativa de Clarice Lispector e Guimarães Rosa e, mais diretamente, a castração representada pela impossibilidade de manifestar o inconformismo diante dos fatos que agrediam o país.

Acuados por esses elementos, a média dos escritores, aqueles que realmente contam para o grande público consumidor, acabou por dedicar-se a romances experimentais, intimistas e autobiográficos, sempre muito distantes da qualidade que a ficção exige de seus produtores.

Hoje, a situação é bastante diferente; senão no que diz respeito à qualidade, ao menos no que se refere à temática e ao tratamento lingüístico-literário dispensado aos romances. Dos três fatores apontados como inibidores de uma produção significativa, apenas um continua valendo: a presença palpável e difícil de perder de vista da "neblina insinuante de Clarice Lispector e do furacão de Guimarães Rosa". Os outros dois foram descartados. Assimiladas as lições das vanguardas de então, à custa de muito exercício e muita cópia, os escritores passaram a trilhar seus próprios caminhos. Além disso, as circunstâncias e as necessidades, como sinal dos tempos, impulsionam os autores a um desabafo doloroso, retido durante muito tempo e que apenas alguns privilegiados conseguiram reprimir nas linhas e nas entrelinhas das narrativas mais inteligentes.

Antes mesmo das insinuações de abertura, lá estavam os escritores brasileiros, numa tentativa de acompanhar a tendência dominante da literatura latino-americana, desembainhando suas canetas (ou mais precisamente suas máquinas de escrever) e passando a relatar a absurda condição de um povo em tempo de vacas magras e chicotes afiados.

Cada um, espiando o espaço limitado por sua janela ou por seu quintal, começa a relatar a própria experiência, ou a de amigos e conhecidos ultrajados pelos tempos malditos. Ocorre que, nessa ânsia de fazer da literatura uma arma de denúncia, levando sua função social às últimas consequências e escamoteando sua função estética, esses produtores de texto voltam-se para o realismo referencial, direto, exaurido de qualquer criatividade e impotente para extrair da realidade o que ela tem de fundamental. Por essa trilha, inauguram o chamado romance-reportagem, "uma tentativa de desprezar os malabarismos lingüísticos exercitados pelos artesãos da palavra e ater-se somente ao que é importante".

E precisamente essa postura que dá aos romances desse gênero (se é que se pode empregar o termo sem susto e imprecisão) a maquiagem de uma qualidade que eles realmente não têm: recuperar aspectos da realidade brasileira por meio de uma fusão entre a linguagem jornalística e a linguagem literária. Nessa linha se encaixa o romance já em sua segunda edição. Como a maioria dos escritores empenhados em explorar essa nova vertente da prosa brasileira, Werner Zotz vacila entre a ficção e o relato puramente factual e acaba por descaracterizar a narrativa sem conseguir a almejada fusão entre jornalismo e literatura.

Mas as desventuras do texto não param por aí. Na pressa de legar ao mundo um relato gritante sobre injustiças, torturas, repressões, desenganos e encontro do verdadeiro caminho, o autor se esquece de que o excesso didatismo, o óbvio e a redundância não combinam com criatividade e só podem empolgar a ingenuidade de quem não está habituado a conviver com livros e jornais. Antes que se possa embrenhar na corajosa mas mal sucedida narrativa, os traços negativos afloram imediatamente na dedicatória, apresentada em forma de versos, e nas epígrafes, também muito em moda nesses tempos de realismo apressado. O tom ao mesmo tempo piegas e panfletário desencoraja e alerta os que, saturados pelo gênero, identificam imediatamente o estilo e, por outro lado, cativa aqueles que costumam se deixar levar pelos relatos comodistas.

A história, as personagens e a estrutura da narrativa não poderiam ser mais estereotipadas. Os caminhos de um indivíduo que se faz padre pelas vontades da mãe, que se propõe a largar a batina e se lançar pelo mundo, mas que, apesar do grande amor por uma mulher, resolve continuar padre e lutar pelos injustiçados do mundo, são construídos por meio de chavões que culminam numa verdadeira dissertação sobre o papel social da Igreja. Aliás, em nenhuma linha o narrador disfarça a emotividade e o empenho em, comovidamente, glorificar as estreitas relações entre Igreja e justiça social. Nem a divisão da obra, que começa com um "intróito", disfarça esse propósito. Sem qualquer sutileza, no final, o padre-herói-vítima transforma-se na metáfora declarada de semente da justiça prelibada pela obviedade do título e da capa.

Sem a força factual e desapaixonada da reportagem e sem a genialidade criativa da ficção, Semeadura permanece no meio do caminho, amontoada a uma série de outras obras que como ela condenam-se ao esquecimento por falta de definição e consistência.



Semeadura,  
de Werner  
Zotz.  
Editora  
Beija-Flor.  
2ª edição,  
103 páginas,  
1979.



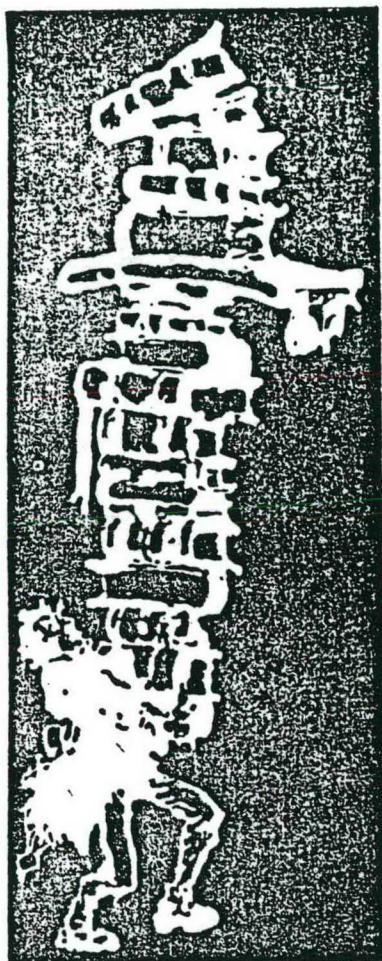
resenhas

## Pura realidade

SEMEADURA, de Werner Zotz  
2ª edição Editora Belja-Flor,  
Curitiba, 1979.

**Fernando Montalvão**

Barra das Garças, pra quem acompanha os jornais, e já leu alguma coisa sobre os conflitos entre posseiros e grandes proprietários de terras no norte do País, é nome familiar. A facilidade das grandes empresas em adquirir extensas terras, através deste monstro legal é o incentivo fiscal, acentuado, modo crítico, uma estrutura feudal fundiária que existe desde a colonização do Brasil. *Semeadura*, de Werner Zotz, retrata uma pequena parcela das histórias geradas por esses conflitos. Romance-reportagem, o livro se divide em duas partes distintas. Podemos dizer que a primeira é o esboço do romance. E a segunda, a romaneada reportagem. A história de D. Pedro, um padre de origem espanhola, nascido em Joinville, e seus dias interiores, — a fé religiosa nas renúncias, resultado de pressões familiares, chantagens emocionais de sua mãe — e o livre curso do erotismo natural, a atração pelo oposto. Não suportando as



pressões familiares, D. Pedro abraça de vez a religião como meta de sua vida. A segunda parte do romance é o caminho escolhido pelo padre para atuar em Barra das Garças, em defesa dos posseiros na luta pela sua dignidade, pelo seu direito natural da terra. Daí em diante é só ligar os fios da meada. D. João, um companheiro de luta, é assassinado numa delegacia por defender uma mulher que é espancada por policiais que queriam saber o paradeiro de seu marido. D. Pablo é o bispo que usa como arma a denúncia nos grandes jornais dos fatos acontecidos. Numa grande fazenda, de propriedade de um famoso apresentador de televisão, os empregados são mantidos sob regime de escravidão. D. Pedro vai a Brasília e não é recebido pelas autoridades. Assim, atualíssimo, *Semeadura* é livro de fácil leitura, numa linguagem quase jornalística. Qualquer verossimilhança com fatos acontecidos ou por acontecer, não é mera coincidência. Infelizmente.



# COO EDITORA

Rua Brigadeiro Franco, 2663 (térreo) — Fone: 234-9077 — 80.000 — Curitiba-Pr.  
CGC(MF) 78.175.874/0001 - 77 — I.E. 101.45.146 - W

## CURUMIM, HISTÓRIAS DO MAR, ÁRVORES QUE FALAM...

(É a literatura  
infantil chegando  
às livrarias)

Da COO-EDITORA (Curitiba-PR) dois livros de WERNER ZOTZ:

**APENAS UM CURUMIM**, capa e ilustrações de Alvaro Borges Junior (56 páginas), Premio da categoria no Concurso Fernand Chinglia de 1979. Boa concepção artístico-literária: a história se desenvolve em linhas paralelas (que se encontram!) — a do Pajé e a do curumim, no relacionamento mútuo. O velho índio orientando o novo, rumo ao descobrimento das coisas mais simples da natureza, e o garoto escutando o sábio e aproveitando as lições. No fundo, o permanente drama que aflige o Brasil, há séculos. As ilustrações, em forma de quadri-nhos, frisam, sedutoramente, os textos; e

**BARCO BRANCO EM MAR AZUL**, capa e ilustrações de Risoleta M. Medeiros, alcançando a terceira edição (a primeira data de 1978). A paisagem de beira-mar, o velho capitão, o menino curioso ouvindo as histórias da vida que o antigo lobo-do-mar conhece e sabe contar e, de permeio, o "Sonho Azul", veleiro pequeno e maneiro, que também sabe acompanhar as tretas do marujo...

Claro, Werner Zotz é um senhor escritor: cada narrativa tem a linguagem adequada. Estilo de quem possui o dom de comunicar-se e, no caso, com o excitável mundo infantil, sem pieguismo. Anote-lhe o nome, amigos.

Diário da Manhã  
Ribeirão Preto - SP  
Osvaldo L. do Brito  
27.02.90

Gazeta de Limeira  
Limeira - SP  
João D. Petrelli  
17.02.90

**APENAS UM CURUMIM** — Este original livro de Werner Zotz — autor essencialmente para crianças — foi um dos premiados no Concurso Fernando Chinglia de Literatura Infantil/79.

Segundo Maria Guintanilha Martinez "foi grande a incidência do tema "índio" no concurso. Entretanto, em nenhum trabalho ele foi abordado dentro de uma visão antropológica tão correta como em "Apenas um Curumim".

O livro que sai pela COO EDITORA, de Curitiba, tem grande valor literário e merece ser lido por crianças, jovens, adultos, enfim, por todos aqueles que se interessam pela preservação de nossa cultura, pela manutenção das nossas raízes e pela afirmação dos valores permanentes do homem, como bem disse Mariana Martinez.

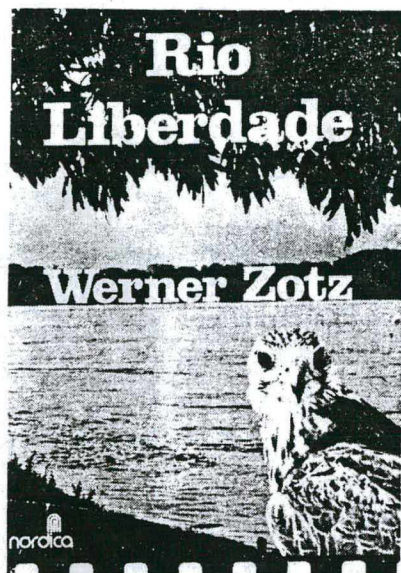
"O Diário"

Marisa Fielet Bueloni

Piracicaba - SP

25.03.84.

● Um livro que não se pode deixar de ler, sob nenhum pretexto: RIO LIBERDADE, de Werner Zots, esse maravilhoso autor de literatura infanto-juvenil. A temática da Liberdade - eternamente bela, é abordada com muito engenho e inteligência, inegáveis características literárias do autor. Ao brilho e beleza da prosa, um enredo fascinante, vivido no Pantanal do Mato Grosso. Uma história de profundo lirismo. Todo jovem deve conhecer "Rio Liberdade", de Werner Zots, sobretudo para que se mantenha, através das gerações, parte da nossa identidade política. (Nórdica, 93 pp).

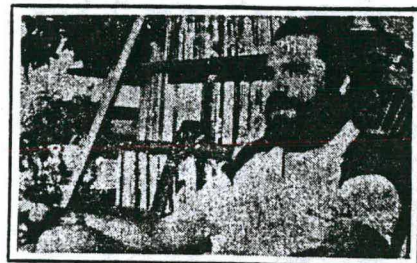


## Desafio do JOBA

Nosso desafio de hoje é para os leitores que gostam de desenhar e possuem alguma imaginação. Aqui está uma tira de quadrinhos, com uma estorieta do Joba. O desenho é de Cedraz e o texto de Motta Maia. O que desafiamos? Que nossos leitores se inspirem nesses bonecos e façam uma tira com uma nova estorieta. É só começar e verão que não há maior dificuldade. As respostas devem ser colocadas no correio até o próximo domingo. A melhor tira será publicada e seu autor receberá como prêmio o livro Rio Liberdade, de Werner Zots (Editorial Nórdica) - a estória de um menino e um gavião no Pantanal do Mato Grosso. Uma linda estória, para jovens e adultos. O prêmio será remetido pelo correio.

Jornal da Bahia  
Adrianoel Motta Maia  
Salvador - BA  
20.03.84.

## livros



Werner Zots

### Lançamentos

Rio Liberdade, de Werner Zots, é a estória de um menino e um gavião (literatura infanto-juvenil), lançamento da Editorial Nórdica.

Jornal da Bahia  
JOBA

Vera Lúcia Reis Maia  
Salvador - BA  
abril/84

## Ôba! sugestão de leitura do JOBA

### Rio Liberdade

Rio Liberdade, de Werner Zots, da Editorial Nórdica Ltda. com fotografias de José Kalkbrenner.

A história passa-se no pantanal matogrossense, onde o jovem Moreno vive, entre aventuras e perigos, na busca de Liberdade. Ele aprende com a Natureza, com os animais, que fazem toda a magia daquela região, uma das mais belas do mundo. Mas seu aprendizado é também sofrido, pelo contato com o homem. Preso

em São Paulo, Moreno precisa de todo o seu aprendizado de vida e de sua esperteza de menino para fugir e ir ao encontro de sua tia e da Liberdade. De São Paulo a Cará-Cará, no interior do pantanal, enfrenta muitos quilômetros e outras tantas aventuras, perigosas e divertidas. Rio Liberdade é um dos pontos altos da obra de Werner Zots, autor também de Apenas um Curumin e Barco Branco em Mar Azul, Mamãe é mulher do Pai (sugerido aqui no JOBA).

Jornal da Bahia  
Salvador - BA  
Supl. Infanto-Juvenil  
01.04.84.



## TROS NÇAMENTOS

### ERATURA SILEIRA

Uma narrativa do "aqui e há pouco", ambientada na Brasília da década de 70, cheio às emoções de uma universitária conturbada pela repressão política. Amor, liberdade, prazer e tortura se misturam num estilo ágil e direto, que mantém a atenção e o interesse do leitor.



Oriberto de Almeida é essencialmente humano, a autora trabalha com os temas das ansiedades e das dores do nosso tempo, a vida de massa, os estereótipos da vida afetiva e social. Há uma relação direta com a paisagem urbana e seus ingressos no mundo contemporâneo, e sua reelaboração, a coisa, do tempo psicológico dão à sua narrativa encanto particular e uma figura contagiante.

Antologia recente, publicada ao mesmo tempo que 'As Melhores Histórias e as Melhores Crônicas'. Oportunidade valiosa para se curtir a excelente mostra da arte

literária do autor de *O Encontro Marcado* (1956), bem-humorada, precisa, de engenhosa simplicidade, capaz de surpreender o que fica do que passa, o que cintila de mais válido e vivo no cotidiano. O trio é, além de tudo, um ótimo presente de Natal.

### DEPOIMENTO BRASILEIRO

Vários autores (Nelson Werneck Sodré, Hildegard Angel, Zuenir Ventura, Antonina Murat Vasconcellos, Nilo Baptista e Ana Cristina Jones) escrevem sobre a vida e a morte de Zuzu Angel e seu filho Stuart Angel, brutalmente assassinado pela ditadura militar. São testemunhos terríveis, que envolvem a bravura da figurinista Zuleika Angel Jones e o heroísmo tanto de Stuart como de sua jovem mulher Sônia Moraes e outros militantes de esquerda.

### INFANTO-JUVENIS

*GARNISÉ GABOLÁ ACABOU GABIRU*, de Werner Zofz, ilustrado por Vinicius Cordeiro, Editorial Nórdica.

Uma estória engraçada, bem escrita (e com boas ilustrações), embora um tanto sobrecarregada, para a leitura infantil, por certa circunspeção gramatical e, paradoxalmente, pela gíria. Desde o título: quantas crianças, ou adultos, sabem o que é "acabar gabiru"? Mas o fundo rural, e agreste, é muito bom.



de Ricardo Azevedo (autor, também, do projeto gráfico e das ilustrações), é uma estorinha versificada sobre um garoto que quer jogar bola até mesmo debaixo de chuva. Não quer depender do sol. Acaba conseguindo. O jeito é se preparar. Para crianças recém-alfabetizadas, o livrinho tem aquarelas adequadas ao texto.

é um texto de inteligente captação das expectativas e fantasias do menino brasileiro de hoje. Não do que já foi engolido pela televisão e pelos enlatados norte-americanos, mas por aquele que ainda tem um pé na nossa terra e o outro nas estrelas. No vocabulário, nos diálogos, em tudo uma boa pedida para a garotada.

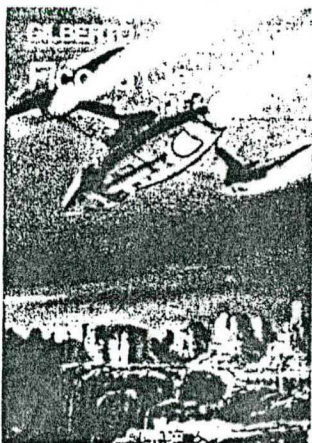


### LITERATURA ESTRANGEIRA

A autora de *O medo de Voar* parece tê-lo perdido de uma vez por todas: sua estória é muitas vezes chocante na liberdade — e no erotismo desabrido — das situações. Histérico, pornográfico em grande parte de suas páginas, o livro carrega, nas entrelinhas, o vertiginoso desespero dos nossos dias.

### ENSAIOS

*ESCOLA CIENTÍFICA*, de Cristiano Di Giorgi, Editora Ática. A obra é ao mesmo tempo uma história e um estudo crítico-descritivo desse gênero de literatura moderna, tratando tanto de um precursor como Júlio Verne quanto da abordagem cinematográfica. Apresenta-se ainda uma visão temática e lexicográfica do assunto, com a listagem dos seres e dos topônimos mais usados, assim como ampla bibliografia.



*ESCOLA NOVA*, de Cristiano Di Giorgi, Editora Ática. Pequena revisão de uma das principais vertentes da pedagogia contemporânea, especialmente no que se refere às orientações de Helena Parkhurst, Ovide Decroly, Maria Montessori e John Dewey. Exposição e discussão das características e métodos, o ensaio é de muita utilidade para todos os pais e professores preocupados com os caminhos da educação.

Recens.

Cristiano  
Di Giorgi  
**ESCOLA  
NOVA**

61



Revista Manchete  
Rio

31. jan. 84

**Livro que  
te quero livre**

Jaime Bernardes não é um simples editor bem-sucedido (Nórdica). Ele acredita no amor à infância e juventude, "pois só assim será possível o aperfeiçoamento social do Brasil". Com esse espírito, lançou o Livro Que Te Quero Livre, de Sueli de Souza Cagneti e Werner Zotz, dois estudiosos da literatura infantil juvenil brasileira. Eles defendem o contato direto do autor com o seu público, a redução da "gramatiquice", o estímulo ao hábito de leitura, como pretexto para dramatizações, teatro de fantoches, teatro de sombra etc. Enfim, espicaçar a capacidade criadora dos pequenos leitores. É isso que o seu livro coloca com muita propriedade.

□ Arnaldo Niskier

Revista Ilu. Rio Grande do Sul  
1º. jun. 84

#### LIVRO QUE TE QUERO LIVRE

É um livro interessante quer pelo assunto quer pelo modo de ser apresentado. Trata dos temas candentes da literatura infanto-juvenil e da leitura. A 1ª parte é um diálogo de grande interesse sobre a revolução pelo prazer, Sueli interroga e Werner Zotz responde em boa linguagem, mantendo sempre acesa a curiosidade do leitor. Os temas do diálogo: leitura infanto-juvenil de que Zotz é autor muito apreciado, a leitura é a função dos professores e dos livreiros em cujas mãos está a educação de nosso país.

Na 2ª parte Sueli vai dissertando sobre a literatura na escola, leitura e ensino da língua materna. O desfrutar dos textos em aula. Faz toda uma demonstração do trabalho que realiza e dos excelentes resultados alcançados. Apresenta trabalho surpresa para a classe e a integração interdisciplinar através do teatro. A obra de Sueli de Souza Cagneti merece a leitura e meditação dos colegas de magistério de 1ª e 2ª graus e mesmo dos colegas dos cursos de letras que valorizarem os textos em suas aulas, para despertarem a consciência para a bela missão do professor e do educador, plasmador de novas gerações pela leitura, pela literatura, pela beleza dos textos em que os alunos se encontram e se aperfeiçoam.

Ir. Elvo Clemente



## LançamentoLançamentoLançamentoLançamento Um novo livro de Werner Zotz

*Catarinense de nascimento, Werner Zotz morou muitos anos no Paraná. Já foi professor e jornalista. Atualmente trabalha em publicidade e mora em Joinville. Gosta de ler, de escrever e ser orgulha de ser um dos melhores pescadores de robalo. Gosta também de conhecer seus leitores, seja por carta, seja visitando as escolas e faculdades onde seus livros são adotados. Sim, porque Werner não é lido apenas pelo público jovem. Ele, que se dedica à literatura infantil desde 1967, encanta, com suas histórias, a leitores de todas as idades. Com Werner Zotz é oito ou oitenta.*



E agora Werner traz para seus leitores mais um livro — "Mamãe é Mulher do Pai" (e outras histórias). Novamente seu livro sai pela editora Nórdica, do Rio de Janeiro, que vem publicando seus últimos trabalhos em literatura infantil. A propósito, Werner vem se tornando uma unanimidade no seu setor — a literatura infanto-juvenil. Isto porque todos adoram o que ele escreve, tanto seus leitores, que fazem com que seus livros alcancem sucessivas reedições, quanto a crítica especializada, que o consagra em artigos, ensaios e prêmios. Seus livros "Barco Branco em Mar Azul" (8ª edição), "Não-Me-Toque em Pé de Guerra" e "Apenas um Curumim"

(8ª edição) vêm sendo adotados em escolas de todo o Brasil. E "Apenas um Curumim" recebeu os prêmios Fernando Chinaglia, Monteiro Lobato e Brasília de Literatura.

No seu novo livro — "Mamãe é Mulher do Pai" — lançado ontem em Joinville em primeira mão, na Livraria Xereta (Avenida Brasil, 911 — loja 5 — em meio a um clima alegre e descontraído onde não faltou pipoca, refresco, apresentação de teatro de fantoches e muita algazarra da criançada, Werner Zotz focaliza o dia-a-dia da criança, seus problemas, suas fantasias, seu relacionamento com o mundo adulto, mostrando, com lirismo, humor e

sem paternalismos, que a criança não é um mero adulto mal-acabado. Antes, pelo contrário, um ser muito especial, com uma visão e uma compreensão do mundo bem próprias.

"Mamãe é Mulher do Pai" tem 32 páginas, está sendo vendido a Cr\$ 500,00, e reúne três histórias: "Fura-Bolo", "Brincadeira Antiga" e "Mamãe é Mulher do Pai", que dá o título ao livro. A obra é ilustrada por Patrícia Gwimmer, com seu traço bem-humorado e pleno de sensibilidade. Patrícia, ainda jovem, já se consagra como uma de nossas grandes ilustradoras. Sempre mantendo seu estilo, ela mergulha em cada texto para recriá-los visualmente.

### Trecho da nova obra

"Foi sem querer, juro que foi. A mãe sempre diz que, antes de entrar em porta fechada, é preciso bater. Já disse isso mais de vez. Mas esqueci, ora.

Eu estava muito do contente pra contar a notícia a eles. E fui entrando no quarto. Também, se queriam ficar sozinhos, por que não passaram a chave?

Se tivesse chave no meu quarto, eu trancava a porta. Mas não tem, porque posso inventar arte e a mãe precisa saber o que estou fazendo, "que é pra evitar alguma desgraça", diz ela. Desculpa de gente grande que so quer enxerir o nariz em coisa de criança.

Ainda não estou entendendo nada direito do que aconteceu. Entrei no quarto da mãe, assim correndo, que queria contar a novidade. Já entrei lá tanta vez sem bater e nunca ninguém ralhó comigo, assim como hoje.

O pai se assustou, a cara dele ficou toda vermelha. Também ficou sem graça, assim que nem eu, quando a mãe me pega fazendo molecagem. Nem sabia o que fazer. Depois ficou mais vermelho, mas aí foi de brabeza. Porque gritou comigo: — Não aprendeu a bater em porta fechada antes de entrar?

Fui saindo de mansinho, até esqueci de contar a novidade. Isso foi de tarde.

Como o pai zangou, achei melhor ir brincar na rua, pra não encontra-lo, senão ia levar carão.

De noitinha, quando voltei, só a mãe estava na cozinha. Mandou comer alguma coisa, me lavar e ir pro quarto. Nem olhou direito pra mim, nem conversou, nem riu. Vai ver que o pai estava brigando com ela, talvez até querendo bater, porque os dois estavam agarrados".



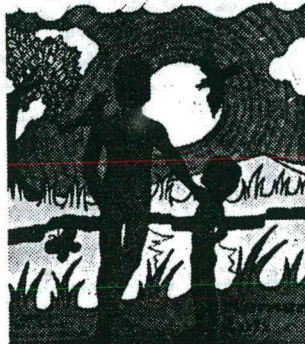
O Diário  
Piracicaba (SP) - Carlos Moais Jr.  
8.4.80. p.10

## O premiado "Chinaglia" de 79

APENAS UM CURUMIM, Werner Zoltz — Coo-Editora

Este original foi um dos premiados no Concurso Fernando Chinaglia de Literatura Infantil/79. Werner Zoltz conta neste livro uma história muito bonita e como toda história bonita, também muito triste. Ele conta de como é o índio, que olha só a beleza que tem o saber das coisas simples e necessárias... De como o branco comprou os índios, de como se apossou de suas terras, de como eles acreditaram na conversa do homem branco, de como não perceberam as suas mentiras. E de como o índio foi ficando com vergonha de ser índio, de como começou a trabalhar para o branco. E de como a terra e a natureza foram ficando tristes e sentidas com tudo isso, e que de

### APENAS UM CURUMIM



como começaram a morrer. Uma história muito, muito bonita, muito humana, sem medo de colocar as coisas vitais e fundamentais. Uma história brasileira, mas universal. Uma linda história!

Jornal do Brasil  
Rio - 9.2.80.

O Diário de Piracicaba  
J. R. Amaral Gapa - 11.2.80



LITERATURA INFANTIL

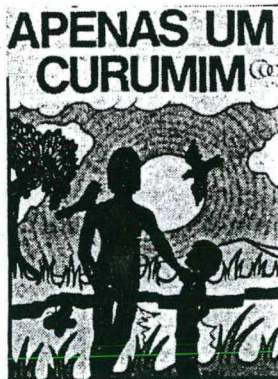
### MENINOS E GATOS

É do Paraná que vêm, esta semana, os livros para crianças. Os autores são três, os títulos são quatro. Um deles premiado. Quem os publica é a Coo-Editora, Curitiba, que como o próprio nome indica é uma empresa que funciona em bases cooperativas. Foi fundada recentemente, mas já publicou mais de uma dezena de livros. Werner Zoltz, catarinense, jornalista e romancista, é o autor de *Apenas um Curumim* (56 pp. Ilustrações de Alvaro Borges Júnior). O conto, cujo personagem é um indiozinho, ganhou o Prêmio Fernando Chinaglia de Literatura Infantil em 1979.

\* Do mesmo autor: *Barco Branco em Mar Azul* (62 pp. terceira edição, ilustrações de Risoleta Medeiros e Antonio Damasceno). É uma história passada no mar, com leve toque de mistério.



## LIVROS



### ZOLTZ E O CURUMIM

Jari e Tamai, um curumim e um velho pajé, procuram as terras de seus irmãos ainda livres, depois que viram toda sua tribo, antes chamada pelo nome de povo do riso, ir morrendo de tristeza, ao contato com o branco.

Este é o enredo principal deste livro de Werner Zoltz, "APENAS UM CURUMIM", uma história que conta como

o pajé reeduca o único menino que sobrou para ser índio outra vez, mas que vai deixando ele aprender sozinho até mesmo a escutar de novo sua voz de dentro.

Uma história brasileira, mas também universal, muito bonita mas muito triste. Premiado no Concurso Fernando Chinaglia de Literatura Infantil, em 1979. Lançamento da COO-EDITORA.

### MANNHEIM E O NOSSO TEMPO

A análise do mundo contemporâneo feita com emprego de métodos da moderna Sociologia Científica por um especialista da envergadura de Karl Mannheim, representa um passo importante para a compreensão do que seja o novo ideal social: a planificação para a liberdade. Assim neste livro "DIAGNÓSTICO DE NOSSO TEMPO", estuda o autor a transição do laissez-faire para uma sociedade planificada, à qual se apresenta um dilema de ser dominada por uma minoria ou por um governo democrático. Lançamento da ZAHAR EDITORES.



A Notícia -  
Joinville - SC  
09/10/85

### Livro de Zotz

O escritor Werner Zotz, que reside em Joinville, acaba de entregar à Editora Nórdica os originais de mais um livro infantil, cujo título é "Ganizé Gabola Acabou Gabiru", a ser editado no início do próximo ano. Por esta editora carioca ele já publicou vários livros que alcançam sucessivas edições, como "apenas um Curumim", "Não-Me-Toque em Pé-de-Guerra" e "Rio Liberdade", entre outros. Zotz também trabalha atualmente no livro "Livro Que Te Quero Livre", atendendo pedido da Nórdica, que consiste em uma espécie de grande entrevista com o escritor a respeito de literatura infantil. Trata-se de um resumo de suas opiniões expressas em dezenas de conferências em escolas e universidades em várias partes do País. O livro se destina a estudantes de Letras e principalmente professores, abordando a parte teórica sobre o assunto. A professora Sueli Cagneti, do Colégio Bom Jesus, divide com Zotz o livro, abordando a questão prática do ensino de literatura-infantil. Ela é considerada, em nível nacional, uma das maiores especialistas nesta área.

### Consagração internacional

O escritor Werner Zotz teve seu livro "Rio Liberdade", editado pela Nórdica, selecionado para integrar a mostra "Mirlos Blancos" na Feira de Bolonha, na Itália, que reúne as mais importantes publicações infanto-juvenis do ano em todo o mundo. A seleção do livro de Zotz, foi feita após o envio de "Rio Liberdade", pela editora, à 35ª Exposição Internacional de Livros Infantis e Juvenis em Munique, no ano passado. A seleção representa, para o escritor, o reconhecimento internacional de seu trabalho. Zotz é catarinense e vive em Joinville, onde atua na área de Propaganda, tendo publicado, pela Nórdica, "Apenas um Curumim", "Não-Me-Toque em Pé-de-Guerra" e "Barco Branco em Mar Azul", entre outros.

A Notícia  
Seção: Apontamentos  
Pg. 2  
10.07.85  
Joinville - SC

Livros

## Rio Liberdade

"Garrancho parecia não entender. No Pantanal só plaura de campo e azul do céu, por todos os lados. E ele sem saber o que fazer com a Liberdade". Este é um trecho de Werner Zotz, em seu último lançamento "Rio Liberdade". Neste livro, que vai encantar as crianças, o autor alcança um nível excepcional. Ao brilho e beleza da prosa, juntou um enredo perfeito e uma temática que não sendo nova, é eternamente bela, a "Liberdade". No ritmo ágil e dinâmico de um filme de aventuras, ele conta a

história de Garrancho (o gavião) e de Moreno (o jovem), misturando com rara maestria ação, suspense, lirismo, visão crítica... Tudo com o Pantanal como pano de fundo.

"Barco Branco em Mar Azul" e "Apenas um Curumim", são mais sucessos de Werner Zotz, que também pode ser visto no teatro, em uma adaptação de seu livro: "Mamãe é Mulher do Pai".

(Rio Liberdade, de Werner Zotz, 96 pp. Nordica, Cr\$2.500,00)

O Estado - suplemento Infantil  
Florianópolis - SC  
10.06.84.

## LIVROS

### A conquista da liberdade

Tem jeito de aprender a gostar de ler?

Receita pra todos não existe! O que é preciso, assim de começo, é muita vontade. Pegar o gosto. Isso acontece quando a gente lê coisas bonitas e que, junto com a fantasia, ensinam e fornecem dados para a gente saber cada vez mais.

Não existe apenas magia e fantasia em livros escritos para crianças. Estes elementos fazem parte do contexto, no entanto devem propiciar dados e informações verídicas.

Neste espaço vamos falar de livros que tratam as crianças, e isso vale para todas as idades, como seres inteligentes que são. Nada de criar medo e terror.

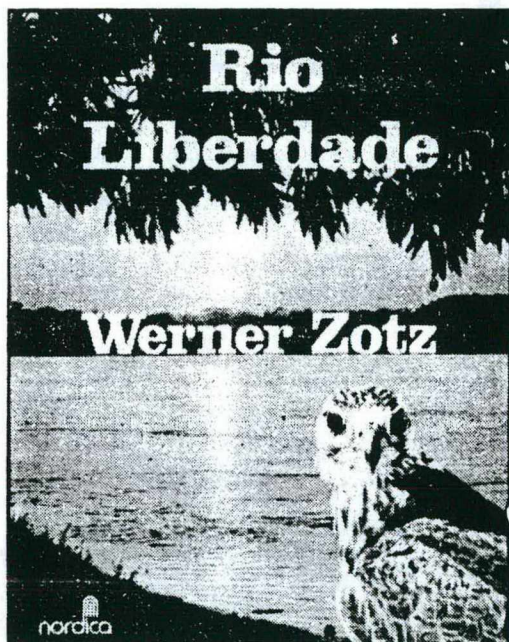
O livro do qual vamos falar esta semana foi escrito por um catarinense. Trata-se de Rio Liberdade, de Werner Zotz, editado pela Nordica.

No livro, a estória de um menino — Moreno é o seu nome — que sonha com a liberdade e faz de tudo para não perdê-la. O autor consegue misturar as aventuras do nosso herói com a vida de um dos lugares mais belos que existe: o pantanal matogrossense.

O livro ensina muitas coisas. Com muita sensibilidade Werner consegue utilizar fatos reais e que já ouvimos falar — como por exemplo a atuação do governo e do exército contra os contrabandistas de peles de jacaré — dentro das aventuras do Moreno.

Além do texto que é muito bem escrito, a história não deixa nada mal contado e tem até um mapa para todos acompanharem as andanças do Moreno. E para quem nunca viu o Pantanal, o livro tem fotos.

Toda criança vai se sentir na pele de Moreno, vibrar com sua inteligência e assim de mansinho



vai aprender a preservar a natureza e o valor da liberdade. Depois da leitura, tem-se a certeza de, que ganhamos mais um amigo, um companheiro para novas aventuras.

**Obs.:** Você quer ganhar livros? Então escreva para cá, falando de um livro que você leu. Se gostou ou não, se a estória é boa ou acha que criança não sabe nada. Estamos no aguardo.

Alfredo Roberto Bessow





**Os Schürmann a bordo do Guapos: na rota de Fernão de Magalhães**

durou dez. Em vez de ir só até o Caribe, como planejavam, navegaram

por três continentes, visitaram 42 países e percorreram 93 000 quilômetros.

Depois de passar tanto tempo no mar, os Schürmann pegaram o gosto, ou o vício, da aventura. Tanto que já se preparam para dar outra volta ao mundo. A próxima viagem começa dentro de dois anos e pretende refazer o trágico roteiro do navegador português Fernão de Magalhães, comandante da primeira expedição a circunavegar o planeta, em 1519. Magalhães saiu do porto de Sanlúcar de Barrameda, na Espanha, e morreu nas Filipinas, atingido por uma flecha envenenada. Das cinco caravelas que iniciaram a viagem, só uma, comandada pelo piloto Juan Sebastián de Elcano, retornou ao ponto de partida.

**LAURENTINO GOMES**

## Um manual de aventura

*Dez Anos no Mar mostra como uma família comum teve a coragem de largar tudo para dar a volta ao mundo num veleiro*

O livro dos Schürmann, a família catarinense que deu a volta ao mundo num pequeno veleiro, é mais do que um relato de viagem. É também um detalhado roteiro como pessoas comuns, que levavam uma vida rotineira como tantas outras, mas lentamente adquirindo o gosto pela aventura até se lançar ao mar, numa epopeia de emoções e perigos. **Dez Anos no Mar — Diário de uma Aventura** da Família Schürmann; Record; 354 páginas; R\$ 12,90 (cheias) chega às livrarias nesta semana numa ambiciosa edição de 50 000 exemplares e inclui 32 páginas de fotografias tiradas feitas ao redor do mundo. A maior parte das histórias é contada pela filha Heloísa, que antes de virar marinheira era uma pacata professora de inglês em Florianópolis. Há também depoimentos do pai, Vilfredo, e dos filhos Pierre, David e Heloísa — os outros tripulantes do veleiro Guapos. O texto final, bem cuidado, é do escritor catarinense Werner Zotz.

O livro é especialmente interessante para aqueles que sempre sonharam em fazer uma viagem como essa e nunca tiveram coragem de partir. Isso também aconteceu com os Schürmann — com a diferença de que eles conseguiram realizar seu sonho. Em 1974, Vilfredo e Heloísa, já com dois filhos, não imaginavam que um dia dariam a volta ao mundo num veleiro. A aventura, como mostra o livro, começou no conforto de casa, num barquinho com auto-estímulos para viajar apenas ao redor da Ilha

de Santa Catarina, onde está situada a capital catarinense. "Foi assim que iniciamos nosso aprendizado na arte de navegar, com muita boa vontade e uma certa dose de coragem", escreve Heloísa. Aos poucos foram se arriscando a ir cada vez mais longe, até que, em 1984, decidiram largar seus empregos, vender a casa, tirar os filhos da escola e se pôr ao mar. Prevista inicialmente para apenas dois anos, a viagem

## OS MAIS VENDIDOS

### FICÇÃO

- 1 - **A Ilha do Dia Anterior**, Umberto Eco (2-9)
- 2 - **Maktub**, Paulo Coelho (3-13)
- 3 - **Nada Dura para Sempre**, Sidney Sheldon (2-25)
- 4 - **Nas Margens do Rio Piedra**, Eu Sentei e Chorei, Paulo Coelho (1-30\*)
- 5 - **Comédia da Vida Privada**, Luis Fernando Verissimo (6-13\*)
- 6 - **Diário de um Mago**, Paulo Coelho (7-183\*)
- 7 - **Do Amor e Outros Demônios**, Gabriel García Márquez (5-27\*)
- 8 - **O Alquimista**, Paulo Coelho (157\*)
- 9 - **As Valkírias**, Paulo Coelho (49\*)
- 10 - **A Profecia Celestina**, James Redfield (8-4)

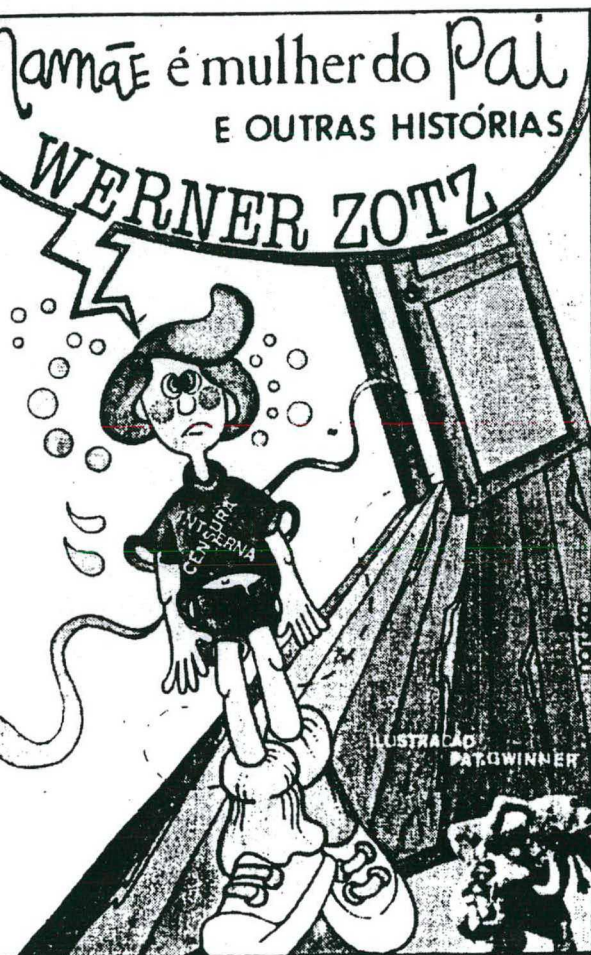
### NÃO FICÇÃO

- 1 - **Anjos Cabalísticos**, Monica Buonfiglio (1-37\*)
- 2 - **A Magia dos Anjos Cabalísticos**, Monica Buonfiglio (2-6)
- 3 - **Chatô — O Rei do Brasil**, Fernando Morais (10-28\*)
- 4 - **O Sucesso Não Ocorre por Acaso**, Lair Ribeiro (4-126\*)
- 5 - **Minutos de Sabedoria**, Torres Pastorino (7-44\*)
- 6 - **Auto-Estímulos**, Nathaniel Branden (3\*)
- 7 - **Auto-Estímulos**, Lair Ribeiro (3-56\*)
- 8 - **O Caminho das Borboletas**, Adriane Galisteu (8-10\*)
- 9 - **Você Pode Curar Sua Vida**, Louise Hay (141\*)
- 10 - **Danuza Todos os Dias**, Danuza Leão (6\*)

Fontes: Livrarias Cultura, Laseva, Saraiva, Livraria da Vila (SP); Argumento, Curid, Francisco Alves, Republica, Saraiva (RJ); Ovidor-Savassi, Van Damme (MG); Ghignone, Saraiva (PR); Kosmos, Sulina (RS). Os números entre parênteses indicam: a) cotação do livro na semana anterior; b) há quantas semanas o livro aparece na lista; (\*) semanas não consecutivas. Esta lista não inclui livros vendidos em bancas.



## Novidades na área infantil e juvenil



Mamãe é a mulher do papai, de Werner Zotz, il. de Patrícia Gwinner. Três histórias que abordam crianças em conflito com a família por razões sérias e importantes. A questão do sexo, a repressão da criatividade, o desentendimento entre os pais. Apresentadas pela ótica de protagonistas crianças, em linguagem direta e sensível, não só ajudarão os pequeninos a melhor se compreenderem e à vida que levam, como facilitará a abertura de um diálogo produtivo entre grandes e pequenos. A ilustração de Patrícia, com seu jeito arteiro e pleno de alegria, mostra que sempre há lugar para o risco e a esperança. Zotz, na área, já tem outros livros, entre eles Apenas um curumim, que recebeu os prêmios Fernando Chinaglia, Monteiro Lobatto e Brasília de Literatura.

*Gazeta do Povo*  
10. 5. 83.

### *Livro enfoca o mundo infantil*

Lançado pela Nórdica, o último livro de Werner Zotz, dentro da sua linha de literatura infanto-juvenil, já está sendo vendido nas principais livrarias da cidade, contando "histórias" cheias de poesia e também de realidade. "Mamãe é Mulher do Pai e outras histórias", com ilustrações de Pat. Gwinner, repete o sucesso de público e crítica especializada que consagrou Werner Zotz em "Barco Branco em Mar Azul" (8.ª edição); "Não-Me-Toque em Pé de Guerra" e "Apenas um Curumim" (6.ª edição). "Apenas um Curumim" recebeu os prêmios Fernando Chinaglia, Monteiro Lobato e Brasília de Literatura.

Werner nasceu em Santa Catarina mas passou boa parte de sua vida em Curitiba, onde contou as melhores de suas histórias, desde 1967, encantando leitores de todas as idades.

Atualmente em Joinville lança o "Mamãe é Mulher do Pai", focalizando o dia-a-dia da criança, seus problemas, suas fantasias, seu relacionamento com o mundo adulto, mostrando, com lirismo, humor e sem paternalismos, que a criança não é um mero adulto mal-acabado, mas sim, um ser muito especial, com uma visão e uma compreensão do mundo muito próprias.



A Voz de Maria  
26.5.83

P.A.X

## CAMINHOS LITERÁRIOS

Aristides Theodoro

A EDITORIAL NÓRDICA acaba de lançar dentro da sua coleção infanto-juvenil, os seguintes livros: "BARCO BRANCO EM MAR AZUL", 47 páginas, 6.a edição. "APENAS UM CURUMIM", 62 páginas 5.a edição. "NÃO ME TOQUE EM PÉ DE GUERRA", 62 páginas e "MAMAE É MULHER DO PAPAI E OUTRAS HISTÓRIAS", 31 páginas, ambos de autoria de Werner Zoltz. O autor desses livros é antes de mais nada um escritor que se encontrou na difícil arte de contar histórias para crianças. E sem dúvida alguma, uma espécie de Monteiro Lobato de nossos dias. Seus livros são verdadeiros achados literários, que prendem a atenção não só da petizada, como também das pessoas grandes que deles se abeberam.

No livro "MAMAE É MULHER DO PAPAI E OUTRAS HISTÓRIAS", por exemplo, o autor em poucas linhas conseguiu três narrativas dignas de atenção, que ensinam e educam a criança a respeito de um dos assuntos que para muitos pais se tornam tabu, (o sexo), onde Werner conta as histórias com muita naturalidade, muita sobriedade, de maneira a incutir no adolescente uma visão sadia e racional a respeito do assunto. O autor ainda é dono de muito humor e leva constantemente o leitor a dar risadas diante de algumas tiradas engraçadas, provocadas por seus personagens, que convém dizer, são na maioria seres pequeninos que pensam e sentem o mundo como gente grande. Zoltz está sempre, a exemplo do Saint-Exupéry de "O Pequeno Príncipe", se rindo das pessoas grandes, que se julgam serem donas absolutas da verdade.

As obras de Werner Zoltz, que poderão ser encontradas em qualquer livraria ou através da Editorial Nórdica, Av. Copacabana, 1189, Rio de Janeiro, são livros de suma importância que deverão figurar sempre nas mãos de todos os garotos do Brasil, isto devido ao humanismo das suas histórias, que não ficam devendo nada aos Monteiro Lobato, aos Graciliano Ramos de "Alexandre e Outros Heróis" e "Na Terra dos Meninos Pelados", aos Mark Twain e tantos outros monstros sagrados da literatura infanto-juvenil.



★ Outro autor que a Nórdica acaba de lançar, e também de grande atualidade e profunda imaginação é Werner Zoltz. Com outros títulos anteriores circulando fartamente pelo Brasil inteiro (BARCO BRANCO EM MAR AZUL, NÃO-ME-TOQUE EM PÉ DE GUERRA, APENAS UM CURUMIM, todos com quase dez edições, cada), a Nórdica acaba de lançar desse catarinense talentoso.

Forum de  
Piracicaba - 2.2.83

Federal promoveu em dezembro último a entrega dos prêmios Brasília de Literatura. O prêmio para a categoria infanto-juvenil coube a "Apenas um Curumim", de Werner Zoltz. Na categoria concorreram livros publicados nos anos de 79, 80 e 81.

Este mesmo livro de Zoltz já havia conquistado outros prêmios nacionais. Em 79, recebeu o Prêmio Fernando Chinaglia e mais recentemente, o Prêmio Monteiro Lobato, conferido pela UBE.

Hoje Zoltz é quase uma unanimidade de em seu setor, tanto entre seus jovens leitores que adoram seus livros, quanto entre a crítica especializada. Além de "Apenas um Curumim", Zoltz tem outros oito livros publicados e em abril a Nórdica lança mais um, "Mãe é Mulher de Pai".



# A CRIANÇA E A SEXUALIDADE DO ADULTO

"Mamãe é Mulher do Pai e Outras Histórias" de Werner Zotz, ilustrações de Patricia Gwinner • Editora Nórdica, 1983

Regina Vieira

**E** para a criança? Como fica o amor entre pai e mãe? A presença de Werner Zotz na literatura infanto-juvenil, já se tornou significativa, seja como produtor na Coo-Editora, de Curitiba, ou como autor, cujos trabalhos obtiveram os mais importantes prêmios nacionais de literatura para crianças. "Barco Branco em Mar Azul" e "Apenas um Curumim", entre outros, são amplamente conhecidos nas escolas e já alcançaram sucessivas reedições.

Prosseguindo em sua boa linha editorial, a Editora Nórdica lança agora "Mamãe é Mulher do Pai e Outras Histórias" (ilustrações de Patricia Gwinner). Desta vez, Zotz se ocupa da relação da criança com seus pais, relação difícil porque extremamente delicada, dada a distância que os separa. Se para o adulto parece tão penoso aceitar a irresponsabilidade da criança, que a coloca quase em constante conflito com as expectativas de independência e maturidade precoce, próprias de nossa época, a criança, ao contrário, percebe clara e agudamente as pressões para ajustar-se a uma vida mais controlada, o que significa quase sempre a desistência de tudo o que ela mais gosta.

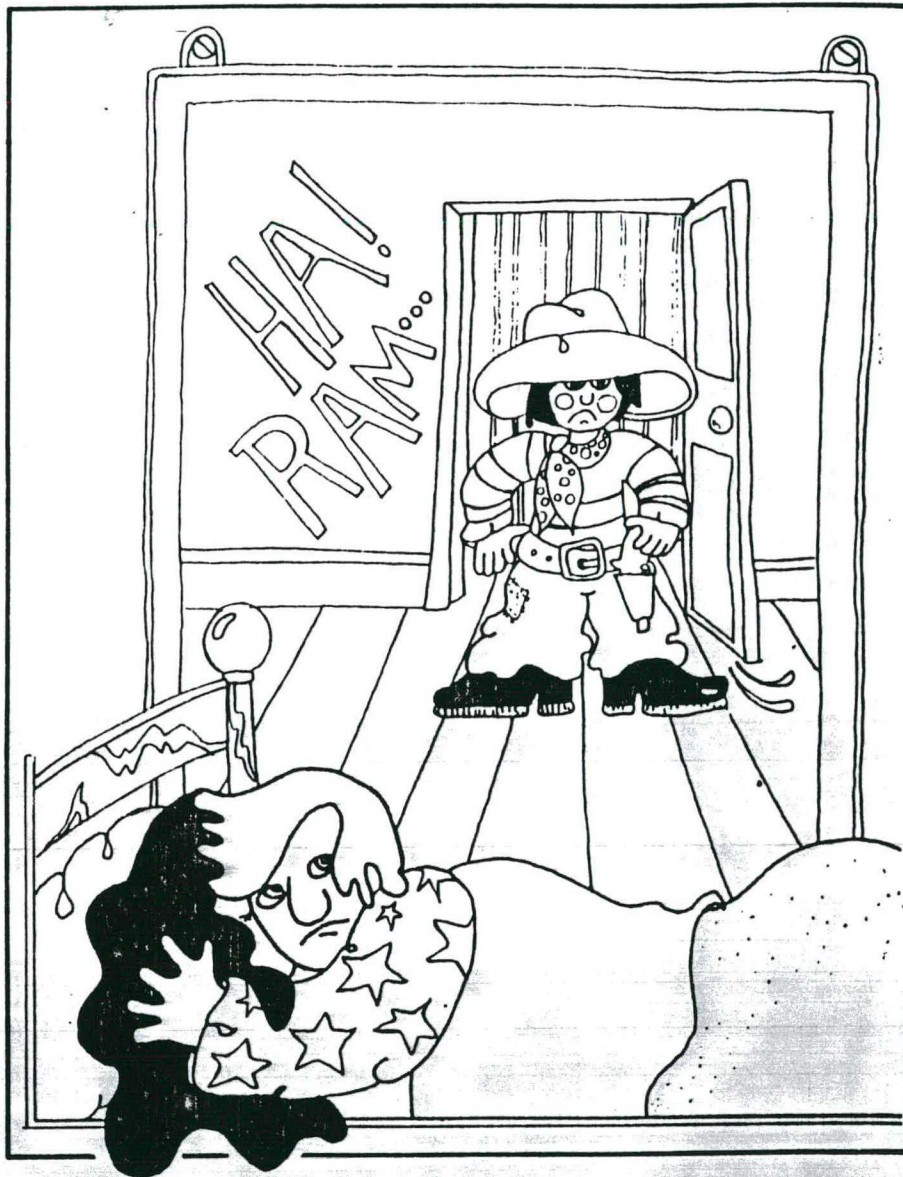
É desta percepção que Werner Zotz fala, às vezes com senso de humor, ou então com uma crítica caustica da incompreensão dos adultos. Valendo-se ora de uma linguagem bem real e da narrativa a partir da visão da própria criança, ora de um tratamento simbólico, ele nos dá uma descrição do cotidiano que é singelamente ilustrada por Patricia Gwinner.

Das três histórias que compoem o livro, "Mamãe é Mulher do Pai" é sobretudo um espelho do desencontro entre pais e filhos. A partir de um pequeno incidente, um garoto surpreende os pais se amando. Zotz nos fala dos sentimentos infantis a respeito da relação entre os pais: culpa, espanto, confusão, ciúme, raiva e finalmente a amizade e o companheirismo.

Pois é. Foi Freud (quem diria!) quem primeiro explicou estes sentimentos. É isso no começo do século, quando ele ousou dizer que a criança também desenvolve fantasias e imagens sexuais, que apesar de serem na maioria das vezes, grotescas, indicam uma compreensão da sexualidade, muito maior do que os pais poderiam imaginar.

Mas foi também Freud quem alertou para o fato de a sexualidade infantil nada ter a ver com o do adulto, mas é sobretudo toda uma gama de sensações e sentimentos de prazer que a criança tem em princípio consigo mesma.

De Freud até nós, a sexualidade tornou-se coisa corriqueira e é quase uma obrigação informar a criança a respeito. De fato, somos hoje capazes de ter respostas prontas e preparadas para a curiosidade infantil, que esperamos ansiosamente nossos filhos manifestem. Sabemos explicar que menino é diferente de menina, dizer de onde vêm os bebês (afinal dispensamos a cegonha!) e até mesmo tentamos repetir aquela complicada história da sementinha, e tal e tal...



Mas o que temos de pensar é se é possível, ou mesmo até que ponto é necessária essa educação formal e minuciosamente planejada, pois a educação sexual é antes um processo contínuo, que começa quando a criança nasce e se desenvolve naturalmente, a medida em que convive com os pais, com a maneira com que cada um sente e se comporta em relação ao outro.

Explicar para a criança mais do que ela tem curiosidade de saber, é antes uma forma de roubar-lhe o prazer da própria descoberta, de assustá-la pelo que o desconhecido tem de amedrontador. Mais assustados e constrangidos me parecem os

pais, diante da perspectiva de ter que explicar a intensidade do amor e suas manifestações físicas. O próprio Freud pensou na necessidade de se preservar a criança do contacto com a sexualidade adulta explícita, que a deixa confusa por lhe parecer uma espécie de maltrato e abuso de poder.

Afinal, será que isso realmente interessa à criança?

Para Werner Zotz, pelo menos, uma boa pescaria como papai é muito mais interessante!

Regina Vieira é psicóloga e crítica de literatura infantil.



A Notícia  
Joinville - SC  
08.04.84

# APONTAMENTOS

## Amnésia literária

A escritora Maria de Lourdes Krieger Locks, autora de vários livros para o público infanto-juvenil e que reside em Florianópolis, em entrevista recente a um jornal da Capital mostrou desconhecer a realidade catarinense em termos literários. A autora lamentou o fato de termos no Estado apenas dois autores infanto-juvenis (Luis Martins Mendes e Miguel Alexandre Noronha). E complementou; peremptória: "infelizmente não há mais ninguém". Por falta de informação sobre a área em que atua (ou haveria outro motivo?), Maria de Lourdes Krieger ignorou a existência em Joinville do escritor Werner Zotz, hoje um dos mais importantes nomes da literatura infanto-juvenil da atualidade e cujas obras têm importância nacional. Zotz, que é natural de Rio Negrinho, viveu muitos anos no Paraná mas se encontra radicado na "Manchester Catarinense" há anos. Seus livros receberam vários prêmios e são editados pela Nórdica em tiragens sucessivas. "Apenas um Curumim" e "Barco Branco em Mar Azul" já estão em 9ª edição. Outro livro de Zotz, "Não-Me-Toque em Pé de Guerra", alcança a 2ª edição. O seu último trabalho — "Rio Liberdade", também editado pela Nórdica, recebeu grande acolhida da crítica, sendo antecedido por "Mamãe é Mulher do Pai", que obteve igual destaque junto ao público e crítica especializada. Por isso, não é possível entender a omissão de Maria de Lourdes Krieger Locks, que também edita seus livros por uma editora de nível nacional (Brasiliense), em relação ao seu companheiro escritor.

A Notícia  
Joinville - SC  
11.03.84.

A Notícia  
Joinville - SC  
18.03.84

### Livro de Zotz

O escritor Werner Zotz tem um novo livro na praça. Trata-se de "Rio Liberdade", que acaba de ser lançado pela Editora Nórdica. Werner, na verdade, é um dos autores infanto-juvenis que mais vende nesta editora e seus livros são acompanhados de grande investimento publicitário. Para "Rio Liberdade", por exemplo, a Nórdica mandou confeccionar um atraente cartaz colorido mostrando o novo livro e reproduzindo a capa de outros quatro já lançados anteriormente. Enquanto isso, em Joinville, Werner vai levando a vida entre sua máquina de escrever e pescarias em Barra do Sul, além de bolar campanhas publicitárias para a agência que trabalha.

### Crítica positiva

O novo livro de Werner Zotz, "Rio Liberdade", lançado pela Nórdica, a exemplo de outros trabalhos do autor, vem obtendo excelente receptividade junto à crítica. O livro ganhou generosos elogios da crítica Tatiana Belinski, em texto publicado no "Jornal da Tarde", na última sexta-feira. Tatiana comenta, a respeito de Werner, o seguinte: "A literatura de W.Z., tão brasileira, tem beleza, poesia, emoção, mas principalmente é impregnada de profundo senso ético, uma ética humanista que envolve o leitor e mexe com o que há de mais generoso na natureza da criança e do jovem".

**Internationale Jugendbibliothek**

Internationale Jugendbibliothek · Kaulbachstraße 11a · 8060 München 22 · Telefon 28 52 61

Ed. Nórdica  
Sr. Jaime Bernardes  
Av. Copacabana 1189  
22070 Rio de Janeiro RJ  
Brasil

**International Youth Library  
Bibliothèque Internationale  
de la Jeunesse**

Международная  
библиотека для юношества

ASSOCIATED PROJECT OF UNESCO

Munich, 5 de marzo de 1985

Estimado Sr. Bernardes:

Le ruego perdone el retraso en acusar recibo de los libros destinados al la 35a Exposición Internacional de Libros Infantiles y Juveniles llegados a nuestras manos en septiembre del año pasado.

Me es un placer comunicarle, que uno de los libros Rio Liberdade de W. Zotz fue seleccionado para integrar nuestra muestra de "Mirlos Blancos 1985" en la próxima FERIA de Bolonia.

Esperando poder contar también en el futuro con su valiosa colaboración, le saluda muy atentamente.

*Höhne*

Evilin Höhne  
Sección Ibérica e Iberoamericana

P.D.: El Boletín 1984 de la BIJ y demás material informativo le fue enviado por correo separado el día 15 de febrero.

*Caro Werner,  
Um compromisso  
internacional.  
Nada mais.  
Granger*





## ESTANTE

Edísio Gomes de Matos

17.15

### Não-me-toque em pé de guerra

Em sua série Para Ler Com Prazer, de livros para gente jovem, a Nórdica traz agora do sul do país um paranaense de nome difícil - Werner Zotz - mas de livros bem brasileiros, como é o caso de *Não-me-Toque em Pé de Guerra*, cujo próprio título, com seu ritmo bem humorado, já demonstra o grau de criatividade do autor.

Sobre a obra, afirma a Equipe Pedagógica da Escola Comunitária de Campinas: "*Não-me-Toque em Pé de Guerra* apresenta toda a graça da sátira bem feita ao nosso sistema social e da estória bem narrada. Feita de uma linguagem coloquial - capaz de criar imagens familiares à nossa experiência de mundo - a obra vai se mostrando viva ao leitor, com todos os ingredientes de aventura e descoberta que não caem nunca no aventureiro comum ou inverossímil. Nem se aproveita para dar lições de vocabulário ou moral para seus prováveis leitores-crianças. Há nesta

obra um sabor de estória bem contada, que a gente lê com prazer, o precioso prazer daquela leitura gratuita, que ainda deixa um saldo de aprendizado, por acréscimo".

E o próprio autor nos conta como é o seu novo livro: "*Não-me-Toque* é uma pequena cidade da costa brasileira onde um estranho monstro aparece. No começo, enquanto dão caça ao mesmo, os políticos locais tentam esconder o fato. Alguns políticos até mesmo suspeitam ser um submarino comunista, trazendo de volta os exilados, já que a estória se passa meses antes de uma anistia política. Quando o fato transpira e é notícia nos jornais da capital, aparecem centenas de turistas para ver o monstro ou submarino. As autoridades, então, além de tirarem proveito político, tentam comercializar o fato. No final das contas o que era o monstro? Ora, basta ler este livro fascinante, que você saberá".

Com Jornal  
Ponto Alegre - R\$  
alil/maio 82  
p. 08.



**Barco Branco em Mar Azul**, Werner Zotz, Editora Nórdica, 62 págs.  
**Não-Me-Toque em Pé de Guerra**, Werner Zotz, Editora Nórdica, 60 págs.  
**Xisto no Espaço**, Lucia Machado de Almeida, Editora Ática, 112 págs.

Os dois primeiros livros, lançados pela Nórdica, são do premiadíssimo escritor paranaense Werner Zotz, especializado em literatura infanto-juvenil. O *Barco Branco em Mar Azul* é um livro de aventuras sobre quatro amigos que se envolvem em pescaria. *Não-Me-Toque em Pé de Guerra* apresenta uma sátira ao sistema social que vigora no país, com todos os ingredientes que agradam ao público jovem. Já *Xisto no Espaço*, vencedor do prêmio Jabuti, de 1967, mostra uma ficção científica onde o herói Xisto encontra uma civilização com valores bem diferentes dos que conhece.

Jornal de Brasília  
3. 6. 82.

### Zotz e a nórdica

A Editorial Nórdica está lançando bons títulos para gente jovem. São livros como *A Greve das Bolas*, de Orígenes Lessa, *Mundo do Silêncio Verde*, de Homero Homem e *A Árvore que Fugiu do Quintal*, de Alvaro Menezes. Queremos destacar aqui na nossa Estante os relançamentos de bons textos de Werner Zotz, como *Barco Branco em Mar Azul*, em 7ª edição; *Apenas um Curumim*, em 5ª edição. Falando em Zotz, breve

estaremos comentando aqui seu último livro, também pela Nórdica, *Não-me-Toque em Pé de Guerra*. Werner Zotz é um batalhador de literatura, um dos mais competentes editores que, por falta de condições, ainda não realizou aquilo que pode realizar. Tomem nota deste nome: Werner Zotz. Um bom escritor de literatura infantil e uma pessoa com capacidade indiscutível no campo editorial.



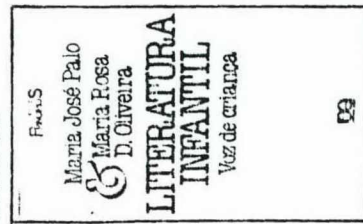
O Estado de São Paulo

03. avel. 87. p. 11

Jornal da Tarde

A - 11

## A literatura infantil, com ar acadêmico.



sugerindo atividades etc. — de interesse para professores, estudantes, pais e mães — e até das próprias crianças, que podem aproveitar as "sugestões bibliográficas" (com faixa etária e tudo) no final do livro, que — como aliás também o de Nelly Novaes Coelho — traz também uma boa bibliografia comentada e um glossário.

O **Conto de Fadas**, de Nelly Novaes Coelho, Ed. Ática, Série Princípios. Nelly Novaes Coelho, cujo currículo não caberia nesta coluna, dispensa apresentações. Basta lembrar que ela é professora-titular de Literatura Portuguesa e de Literatura Infantil/Juvenil da USP e autora de muitos livros e inúmeras outras publicações, entre os quais o importantíssimo **Literatura Infantil**

— **História — Teoria — Análise** e o monumental **"Dicionário Crítico da Literatura Infantil/Juvenil Brasileira"** — obras indispensáveis para professores, escritores e outros interessados. O **Conto de Fadas** é desses pequenos livros, "maiores por dentro que por fora" — "uma viagem maravilhosa pelos caminhos labirínticos do Real e do Imaginário", bem conhecidos da autora, que generosamente reparte seu saber com o leitor, de maneira fácil e agradável (e até com um levíssimo toque "feminista" na medida em que focaliza a maneira como a mulher é vista nas diversas épocas e etapas do conto maravilhoso).

**Literatura Infantil — Voz de Criança**, das professoras e ensaístas Maria José Palo e Maria Rosa D. Oliveira, Ed. Ática, da mesma Série Princípios, é "uma reflexão ampla sobre o tema", num "estudo que não se restringe a uma crítica da visão tradicional..." E que assume a defesa da criança como ser oprimido, com bastante erudição e muitos exemplos e ilustrações.

11

estar-no-mundo dentro da ética, da poesia e da beleza. No texto, sintomaticamente intitulado "A Revolução pelo Prazer", Werner Zoltz faz ouvir a sua voz de humanista, autor que curte e compreende a criança e o jovem, com a sabedoria do homem maduro — crítico e sensível, moderno e aberto, "revolucionário" e sensato: um artista e um educador, que o leitor descobrirá por si mesmo, ao tomar conhecimento, de modo fácil e agradável, das posições e opiniões deste escritor que nunca perdeu a juventude interior.

A segunda parte do livro, da também catarinense professora de língua e literatura Sueli de Souza Cagneti, sob o título de **O Livro na Escola: Liberdade para Voar e Crescer**, "transmite aqui todos os bons exemplos, aperfeiçoados pela prática, de como levar às crianças o discurso literário, expurgado de empatias negativas, acrescido de enfoques atraentes e válidos... que aproximam, em vez de repelirem, o leitor curioso e interessado que existe em todas as crianças". Um texto informativo e eminentemente prático, relatando experiências

A inclusão de Literatura Infantil/Juvenil no currículo de diversas faculdades de letras produziu teses de mestrado e até de doutorado, sem falar nos cursos avulsos, congressos, encontros, seminários, debates e outros eventos, que por sua vez resultaram em boa quantidade de livros: teses publicadas, estudos, ensaios, reflexões —

superficiais ou eruditos, "acadêmicos" ou "populares", uns mais "arejados", outros mais "ideologizados", uns bons, outros nem tanto — diversos dos quais já comentados nesta coluna, que hoje traz mais três: **Livro que te Quero Livre** (título muito adequado), de Sueli Cagneti e Werner Zoltz, Ed. Nórdica. Não se trata, como pode parecer, de um texto "a quatro mãos", mas sim de dois textos independentes num mesmo volume, que vai bem recomendado: acaba de ganhar o Prêmio da APCA (Associação Paulista de Críticos de Artes) para 1986, da categoria "Estudo sobre Literatura Infantil".

A primeira parte do livro é uma "entrevista" com Werner Zoltz, "montada" a partir de entrevistas e conversas, gravadas e publicadas, do consagrado autor, entre muitos outros, do premiadíssimo e popularíssimo **Apenas um Currículo**. Ninguém mais brasileiro que este catarinense de nome alemão — para quem "é mais fácil viver no exílio que abdicar da nossa língua" — professor, jornalista, publicitário, mas principalmente, há mais de vinte anos, escritor que se preocupa com a criança, o jovem, a arte, e o



1.6.83.

LIVROS

Osvaldo Lopes de Brito

## A boa literatura Infanto-Juvenil

### TITINA

Sob o selo da Editora RECORD, o novo livro de Ary Quintella ("Combati o bom combate") ostenta o nome da personagem central de sua história enquadrada na área da literatura infanto-juvenil: TITINA (entra no volume de 80 páginas como o grito de alguém chamando a menina — decididamente, uma beleza, na eufonia, na lembrança).

Primeiro, convém frisar que o escritor guardou o estilo fluente, admirável, para empregá-lo também na sua criatividade no exercício da literatura voltada para os mirins. Mirins — eu disse? Repito e amplio: para os adultos, no suporte. Sim, porque ao reviver os tempos de 70, o ficcionista relembra a mudança da Capital Federal, do Rio para Brasília. Coloca Titina e sua família, incluindo os bichos domésticos — os jabutis e a gata — no transe de largar Copacabana e partir para o Planalto (o pai é escritor, a mãe é diplomata). E a garota, noutro cenário, bem mais segregado o time humano, aprende a conviver com os homens que trabalharam para construir o sonho de Juscelino, principia sua formação de mulher e de cidadã (desculpem o termo).

Ary Quintella compõe a história com absoluta perfeição, possui aquele grande poder de transmitir emoções (observem, de passagem a sequência final, o bombeiro demonstrando como sua cadela Arusha era ensinada e obediente, meiga e dedicada, enquanto, aos poucos, sarrateiramente, um traço de amargura tomava



Werner Zoltz, subindo sempre

conta de Titina e de seu pai. Observem e me digam. Página antológica).

Ah, Brasília, que saudade!

(Realce para as ilustrações, capa e texto, de Miti Enokibara; para as opiniões de Marina Colasanti, no prefácio, e de Regina Célia Colônia, nas "orelhas", além da nota de José Louzeiro, na quarta capa. E mais: o lirismo que se espalha, ao longo de todas as páginas, incluindo a sugestão emprestada pelos versos das epígrafes, extraídos da "Canção de Garça" do magnífico poeta Mário Quintana).

### MAMAE E MULHER DO PAI

Traz a chancela de Editorial NORDICA o mais recente livro de Werner Zoltz, escritor catarinense de boas raízes no Paraná e hoje de bibliografia ponderável também no campo de literatura infanto-juvenil ("Apenas um eurenim" foi elogiado nesta seção e obteve, no mínimo, três laureas importantes: "Fernando Chínaglia", "Monteiro Lobato" e o "Erasília de Literatura").

Por extenso o livro se intitula MAMAE E MULHER DO PAI E OUTRAS HISTÓRIAS, reunindo tres

enredos diferentes, embora sob o apelo da idéia geral: a vida infantil e suas reações diante dos adultos, a começar de casa.

A primeira — "Mamãe é mulhe do Pai" —, cheia de bom humor, me pareceu apta às reflexões psicológicas inerentes ao problema que focaliza: o menino, sem bater à porta, entra no quarto dos pais. Desejava contar-lhes uma novidade. Na hora, pensou que os pais brigavam, no agarra-agarra. Levou uma bronca do "velho". Werner, com seu estilo muito comunicativo e utilizando expressões captadas do linguajar infantil, narra a coisa através dos monólogos do garoto que, ao termo, acha que não tem mais para si a mãe: o pai "roubou-a" dele!

"Fura-bolo", a segunda, enquadra o menino Guto, cujo dedo parecia incansável na exploração do nariz "outro problema" no trato com os mirins, não?). Vejam o modo de expor os fatos corriqueiros pelo talento do ficcionista em sua transposição das pequeninas coisas da vida para o terreno da lição.

"Brincadeira antiga", muito simplesmente põe em cena a harmonia familiar, o pai sem compreender o enorme trabalho da mãe e esta, ranzinza, desleixada, olvidando-se das necessidades de quem ganha o dinheiro no serviço lá fora... A história? De que jeito as crianças entraram naquela tristeza e a transformaram em um pouco de alegria, talvez tolerância...

As ilustrações de Patricia Gwimer me pareceram ainda melhores do que outras de sua autoria que já louvei.

O Diário

Ribeirão Preto, SP

10/6/83



# — Prêmio — a Zots

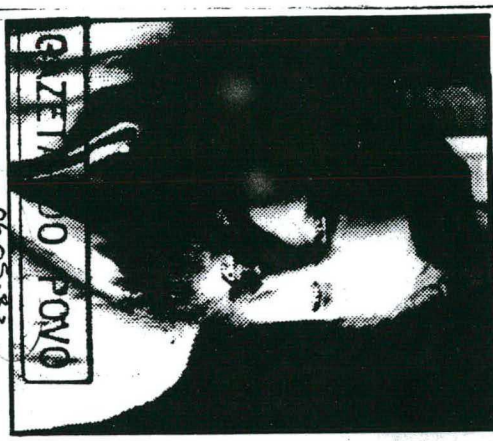
O escritor Werner Zots, de Curitiba, conquistou um dos prêmios Fernando Chinaglia-1979, patrocinado pela União Brasileira de Escritores. Neste Ano Internacional da Criança, a premiação foi destinada a obras de literatura infanto-juvenil. Zots, com "Apenas um Curumim", para adolescentes, ficou em terceiro lugar (10 mil de prêmio).

O primeiro lugar (60 mil) coube ao poeta pernambucano Marcus Accioy, com "Guriatã". Ana Maria Machado, do Rio, ficou com o segundo lugar (20 mil), com "Bem do Seu Tamarão".

Os prêmios serão entregues dia 16 de outubro. A maioria dos 200 trabalhos inscritos era de grande qualidade, segundo o júri.

Zots é responsável pela Editora Beija-Flor, de Curitiba, que, lançando novos autores, mantém um ritmo de publicações dos mais intensos.

Só por essa contribuição à literatura Zots já mereceria um prêmio.



WERNER ZOTS: um paranaense de nome difícil, mas de livros bem brasileiros.

**GAZETA DO POVO**  
19-12-83  
O primeiro lugar (60 mil) coube ao poeta pernambucano Marcus Accioy, com "Guriatã". Ana Maria Machado, do Rio, ficou com o segundo lugar (20 mil), com "Bem do Seu Tamarão".

E finalmente um novo título na **Série Par Ler com Prazer**, de livros para gente jovem: **NÃO ME TOQUE EM PÉ DE GUERRA**, que a Equipe Pedagógica da Escola Comunitária de Campinas considera uma sátria bem feita ao nosso sistema social, escrita numa linguagem coloquial, cuja leitura proporciona prazer e deixa um saldo de aprendizado.

São três lançamentos da Editorial Nórdica que enriquecem a literatura infantil brasileira e consolidam, ainda mais, o já elevado prestígio de **Werner Zots** — um paranaense de nome difícil, mas de livros bem brasileiros, como salientou conceituado crítico literário.

— X — X —

## Livro enfoca o mundo infantil

Lançado pela Nórdica, o último livro de Werner Zots, dentro da sua linha de literatura infanto-juvenil, já está sendo vendido nas principais livrarias da cidade, contando "histórias", cheias de poesia e também de realidade. "Mamãe é Mulher do Pai e outras histórias", com ilustrações de Pat. Gwinner, repete o sucesso de público e crítica especializada que consagrou Werner Zots em "Barco Branco em Mar Azul" (8.ª edição); "Não-Me-Toque em Pé de Guerra" e "Apenas um Curumim" (6.ª edição). "Apenas um Curumim" recebeu os prêmios Fernando Chinaglia, Monteiro Lobato e Brasília de Literatura.

Werner nasceu em Santa Catarina mas passou boa parte de sua vida em Curitiba, onde encontrou as melhores de suas histórias, desde 1967, encantando leitores de todas as idades.

## Estado do Paraná

Se durante muitos anos Werner Zots, teve que se dividir entre várias atividades para garantir o pão nosso de cada - e nos últimos anos se tornou um eficiente publicitário, trabalhando especialmente na Equipe, de Norberto Castilho - em breve, poderá se dedicar exclusivamente a sua maior paixão: a literatura infantil. Isto porque Zots vem colhendo elogios com seus livros infantis, merecendo a classificação de "uma unanimidade no seu setor - a literatura infanto-juvenil", conforme o release que acompanha seu mais recente livro, "Mamãe é Mulher do Pai" (E. Outras Histórias) (Nórdica, 32 páginas, Cr\$ 590). Seus livros vêm tendo sucessivas reedições através da Nórdica: "Barco Branco em Mar Azul" atingiu a 8ª edição; "Não-me Toque em Pé de Guerra" e "Apenas um Curumim" já tem seis edições - e estão sendo adotados em escolas de todo o Brasil. "Apenas um Curumim" recebeu os prêmios de Fernando Chinaglia, Monteiro Lobato e Brasília de Literatura.

●●●

Catarinense de nascimento, depois de merar muitos anos em Curitiba Werner possui hoje uma livraria em Joinville. Gosta de ler, de escrever e se orgulha de ser um dos melhores pessoas do mundo adulto, mostrando, de conhecer seus leitores, seja por cartas, seja visitando as escolas e faculdades onde seus livros, são adotados. Isto porque Werner não é lido apenas pelo público jovem. Nas 32 páginas de "Mamãe é mulher do Pai" - como pela ilustração de Pat Winner - Werner reuniu três histórias: a que dá título à obra, "Fura Bolo" e "Princesa Antiga". Nelas, focaliza o dia-a-dia da criança, seus problemas, suas fantasias, seus relacionamentos com o mundo adulto, mostrando, com lirismo, humor e sem paternalismo, que a criança não é um mero adulto mal-acabado, mas um ser muito especial, com uma visão e uma compreensão do mundo bem próprias.

5/5/83  
Revista Miliúre  
PAG 15



O Estado do Paraná  
5. 5. 83

## TABLÓIDE

ARAMIS MILLARCH

### Da importância de Werner, Fany etc. para as crianças

Se durante muitos anos Werner Zotz teve que se dividir entre várias atividades para garantir o pão nosso de cada - e nos últimos anos se tornou um eficiente publicitário, trabalhando especialmente na Equipe, de Norberto Castilho - em breve, poderá se dedicar exclusivamente a sua maior paixão: a literatura infantil. Isto porque Zotz vem colhendo elogios com seus livros infantis, merecendo a classificação de "uma unanimidade no seu setor - a literatura infanto-juvenil", conforme o release que acompanha seu mais recente livro, "Mamãe é Mulher do Pai" (E Outras Histórias) (Nórdica, 32 páginas, Cr\$ 590). Seus livros vêm tendo sucessivas reedições através da Nórdica: "Barco Branco em Mar Azul" atingiu a 8ª edição; "Não-me Toque em Pé de Guerra" e "Apenas um Curumim" já tem seis edições - e estão sendo adotados em escolas de todo o Brasil. "Apenas um Curumim" recebeu os prêmios de Fernando Chinaglia, Monteiro Lobato e Brasília de Literatura.

...

Catarinense de nascimento, depois de morar muitos anos em Curitiba Werner possui hoje uma livraria em Joinville. Gosta de ler, de escrever e se orgulha de ser um dos melhores pescadores de robalo. Gosta também de conhecer seus leitores, seja por cartas, seja visitando as escolas e faculdades onde seus livros, são adotados. Isto porque Werner não é lido apenas pelo público jovem. Nas 32 páginas de "Mamãe é mulher do Pai" - como pela ilustração de Pat Winner - Werner reuniu três histórias: a que dá título à obra, "Fura Bolo" e "Brinca-deira Antiga". Nelas, focaliza o dia-a-dia da criança, seus problemas, suas fantasias, seus relacionamentos com o mundo adulto, mostrando, com lirismo, humor e sem paternalismo, que a criança não é um mero adulto mal-acabado, mas um ser muito especial, com uma visão e uma compreensão do mundo bem próprias.

...

Jornalista, escritora, dramaturga, Fany Abramovich é uma das mulheres mais preocupadas com a produção cultural infantil. No ano passado, quando de uma de suas visitas a Curitiba, esteve no Centro de Criatividade e, posteriormente, em entrevista ao quinzenário "Quem", disse muitas verdades incômodas sobre esta polêmica unidade da Fundação Cultural, para cuja direção está sendo agora apontada a jornalista Têlia Negrão,



Hilda Maria: a boa leitura infantil.

candidata do PMDB à Assembleia Legislativa. No "Jornal da Tarde", tem feito excelentes reportagens, ensaios e críticas sobre livros, peças, discos e outros produtos destinados à infância. Sem meias palavras, tem denunciado a exploração que os pequenos são vítimas por maus profissionais. Por isto, não poderia ser mais oportuna reunião de alguns textos de Fany em "O Estranho Mundo Que se Mostra às Crianças" (Summus Editorial, 160 páginas, Cr\$ 1.550,00). Aborda cinco temas, sempre dentro da perspectiva criança e educação - tônica, aliás, da excelente coleção "Novas Buscas em Educação", já com 11 volumes publicados (e todos com oportunas propostas em relação à infância). Trata da literatura, discos, teatro infantil, televisão e brinquedos, tendo o cuidado de acrescentar comentários de atualização ao final das matérias um pouco mais antigos e que, nem é preciso dizer, são de uma atualidade indiscutível. Em cada tópico, temos a ótica do adulto (a autora) e a da criança, questionando o produto. Por meio deste volume, há todo um panorama da produção cultural destinada ao público infantil, tanto na origem nacional como a estrangeira - quer veiculada pela TV, por discos etc. Fany é lúcida na medida em que não ataca nem elogia, pura e simplesmente. Há, isto sim, uma sólida fundamentação psicopedagógica em todas as posições que assume. Nenhuma peça de teatro infantil, nenhum disco destinado às crianças, nem um programa de TV recebem louvor ou crítica sem que o leitor tome conhecimento das sólidas razões para tanto. Sua linguagem é leve, direta, irônica,

quando necessária, mas incisiva e atinando o alvo.

...

Falando em produção cultural infantil, quatro livros recém editados, Fany Abramovich é quem avaliza "O Homem Que Soltava Pum", do teatrólogo Mário Prata ("Fábrica de Chocolates", "Cordão Umbilical"; telenovelas como "Sem Lenço Sem Documento", "Estúpido Cupido"), e que inaugura a "Descoleção Sem Vergonha" (Escrita, 40 páginas, Cr\$ 800,00), destinada a reunir, preferencialmente, textos de uma área pouco explorada por nossos autores infantis: a do nonsense. O tema de "O Homem que Soltava Pum" pode ser consolidado insólito mas está dentro do espírito desta série, que antes de qualquer coisa parte do princípio de que a criança é muito mais ágil e perspicaz do que a maioria das pessoas pensa.

Mário Prata tem a companhia do argentino Patricio Bisso - artista que começa a ser conhecido no Brasil e que nos próximos dias deve fazer uma série de apresentações em casas noturnas de Curitiba. Bisso é um bom artista plástico, como mostra nas ilustrações deste livro, destinado a crianças de 7 a 14 anos. A mesma Editora Escrita está relançando "Sapo Cururinho na Beira do Rio" (24 páginas, Cr\$ 500,00), cuja primeira edição saiu há 9 anos, vendendo 10 mil exemplares. Trata-se de um dos raríssimos trabalhos destinados às crianças que estão começando a ler e através do qual se pode conhecer um pouco da obra de alfabetização que vem sendo realizada pela professora Maria Magdalena, que mantém em Belo Horizonte uma escola modelo, a Pica-Pau (Estrada dos Borges, 925, Jardim Vitória).

Finalmente, também para crianças de 4 a 9 anos, sai a segunda edição de "O Gato Voador" de Hilda Ferreira (Livraria José Olympio Editora), autora dos textos e ilustrações. Hilda Maria, uma bela morena, já trabalhou nas Editoras Primor e Etcetera, onde editou a revista "Pluft".

A Nórdica não publica só os livros infantis de Werner Zotz. O jornalista Alvaro Ottoni de Medeiros é outro dos editados desta atuante casa publicadora e agora está saindo "O Pato Pastel", com um texto marcadamente lirico, que mereceu do vice-governador do Rio de Janeiro, Darcy Ribeiro, uma definição irretocável: "Os livros de Ottoni são perigosos: lendo-os a gente vira criança".



O Globo (Rio) 79  
15.7.79

# Fatias do pão que o diabo amassou

O Globo (Rio) 79

Marcus Accioli, com *Guriatã (Um cordel para menino)*; Ana Maria Machado, com *Bem do seu tamanho*; e Werner Zots, com *Apenas um curumim*, receberam, ontem, o Prêmio Fernando Chinaglia-1979. A comissão julgadora, integrada por Maria Lúcia Amaral, Marina Quintanilha Martínez e Stella Leonards, concedeu menções especiais para Bley Barbosa de Castro, de Belo Horizonte, Assis Brasil, Homero Homem, Kátia Bento, Lúcia Miners, Marina Colassanti, Nilson Lopes e Waldir Ayala, entre outros, todos do Rio de Janeiro.

Werner Zots. *SEMEADURA e BARCO BRANCO EM MAR AZUL*. Editora Bella Flor. 105 pg. e 55pg. Cr\$ 90 e Cr\$ 30.

O protesto contra a violência e os preconceitos pode ser observado nestes dois relatos de Werner Zots, um autor brasileiroíssimo apesar do arvezado do nome. "Barco branco em mar azul" é um tipo de livro infantil de que andamos bem carentes. E isto seria de pasmar se não fosse parte de uma verdade bem conhecida: precisamos de livros assim, para a faixa menor, simplesmente porque conta uma história cheia de brasilidade, cuja ação se passa em ambiente nosso, cujos personagens se chamam Geraldo, Joca, Olho Bom e Siri. A escolha deste título marca bem as intenções da Editora Beija-flor, de Curitiba. Servir ao público (infantil ou adulto), publicando textos de autores pouco divulgados e voltados em seu trabalho, para uma realidade imediata, próxima, revelando durezas da vida que não há por que esconder das crianças. Zots se preocupa, exatamente, em não camuflar com efeitos à la Walt Disney a selva onde seus pequenos leitores estão prestes a combater. Mas não falta, no texto, uma visão otimista, pois "Geraldinho", além de ganhar um amigo, descobriu uma vida cheia de coisas novas e boas". Sem maldade no coração. Livros como "Barco branco em mar azul" propõem um tipo de leitura em que as crianças podem, ao mesmo tempo que se dis-

traem com um relato de aventuras, aprender a meditar, curtindo pequenas reflexões. Com exemplar economia de meios, "Semeadura" conta histórias contemporâneas e facilmente identificáveis como o seu tanto autobiográficas. O autor denominou este texto de romance-reportagem. Segue uma linha de ficção documental, a exemplo de um José Louzeiro, um Aguinaldo Silva. Escreve direto, de modo plástico, visual, sem enfeitar demais sua jogada de ficcionista: "O sacolejo do caminhão não deixou os homens dormirem. Os faróis furavam a noite com olhos vermelhos de boitatá enfurecido. A chuva caindo dizia que o inverno tinha chegado. Seriam dois, três meses de espera, deixando a água umedecer a terra, prometendo outra colheita boa para a safra seguinte". Zots trata de dramas de homens que cultivam terras de que não são donos; trata de mandonismo, de machismo. O texto cresce quando o autor consegue um maior distanciamento de suas emoções, deixando que as sementes amadureçam naturalmente nas cabeças de seus personagens, para poderem fecundar com maior eficácia outras cabeças. Vale a pena acompanhar Werner Zots nesta caminhada por um Paraná pouco conhecido, pobre e sofrido, que não é o conto dos guias turísticos, com sua legião de índios, peões, posseiros e até padres mordendo uma fatia do pão que o diabo amassou.

CEDILBERTO COUTINHO

Jornal do Brasil (Rio)  
1.9.79.

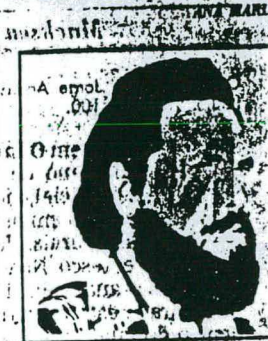
## SAÍRAM OS PRÊMIOS CHINAGLIA 79

Um júri presidido pela escritora Stella Leonards acaba de escolher os vencedores dos Prêmios Fernando Chinaglia 1979, patrocinados pela União Brasileira de Escritores e destinados, neste Ano Internacional da Criança, a distinguir obras de literatura infanto-juvenil. O primeiro lugar (Cr\$ 60 mil) coube ao poeta pernambucano Marcus Accioli, com *Guriatã*, história para leitores adolescentes, inspirada na literatura popular do Nordeste e ilustrada por Dila, autor de numerosas xilogravuras usadas em capas de folhetos de cordel. Ana Maria Machado, jornalista e escritora carioca, que nos dois últimos anos publicou uma série de livros para a infância, recebeu o

segundo prêmio do concurso, no valor de Cr\$ 20 mil. O livro de Ana, para leitores infantis, chama-se *Bem do Seu Tamanho*. O terceiro lugar (Cr\$ 10 mil) foi para um jovem escritor paranaense, Werner Zots, que recentemente publicou uma novela infantil pela Editora Beija-Flor, de Curitiba. Zots participou do concurso com *Apenas um Curumim*, para adolescentes. O livro trata da vida de um jovem índio e suas relações com meninos brancos. Os prêmios serão entregues no dia 16 de outubro e os livros vencedores sairão pela Editora Brasil-América, do Rio. O júri, que considerou alto o índice de qualidade da maioria das 200 obras concorrentes, concedeu ainda uma série de menções honrosas.



MARCUS ACCIOLI



WERNER ZOTS



O Diário  
Ribeirão Preto - SP  
14. março. 84



Sueli S. Cagneti, catarinense



Werner Zolt, catarinense

## Livros (Oswaldo Lopes de Brito)

### Poemas e o livro livre

#### ALBAS E SERENAS

Do poeta Mauro Sam-  
pão, da Academia Cam-  
pinense de Letras, já lou-  
vado por este escriba  
velo o livro de versos —  
ALBAS E SERENAS,  
124 páginas, alvidado em  
duas partes. Na primei-  
ra, os poematos de espí-  
rito religioso ou místico,  
de comunhão do vate in-  
timado de Deus, como a  
maioria dos que encon-  
tram na poesia o refú-  
gio, o amparo, a esperan-  
ça, enfim, a crença.  
Mas, a segunda parte,  
constituída de ELEGIAS,  
abrange a família, o  
amor filial, a devoção  
materna, em grau super-  
lativo. E aqui é ali o  
amor, a amizade, o de-  
bruçar-se do lírico sobre  
as coisas e as emoções, a  
consciência aguda da  
humana necessidade de  
carinho. Por isso, Mau-  
ro pode afirmar, no pró-  
logo, que, depois da par-

tida haverá sentimen-  
tos.

"Mas do que,  
verdadeiramente,  
sentirei apartar-me,  
E desta antecipada,  
Desta desolada  
sauidade dos meus."

Procurem conhecer es-  
te poeta campineiro.  
Acreditem: jóia.

#### LIVRO QUE TE QUERO LIVRE

Sob o selo prestigioso  
da Editorial Mórdica, o  
trabalho excelente de  
uma parceria, Sueli de  
Souza Cagneti e Werner  
Zolt: 'Livro que te que-  
ro livre'.

112 páginas, divididas  
também em duas partes,  
uma obra de pesquisa,  
de cunho didático po-  
rém muito atraente pa-  
ra qualquer leitor  
mais arejado, especial-  
mente na área do ensi-  
no. Na primeira, são as  
entrevistas de Werner,  
concedidas a Sueli, que,

no prefácio, realça o pa-  
pel de seu co-autor no  
campo da literatura in-  
fanto-juvenil e a auto-  
ridade dele. Depois atri-  
bui os temas variados;  
a maioridade da literatu-  
ra especializada para  
mirlins e guiaços, a letu-  
ra na filosofia da edu-  
cação e de vida, o futu-  
ro nas mãos dos profes-  
sores e livreiros, o livro  
na escola: cadê a liber-  
dade e o prazer? a pro-  
fissão de escritor e, na  
criação: crescimento e  
descobertas.

Na segunda parte, in-  
telro texto de Sueli, o  
título — "O Livro na  
Escola: Liberdade para  
voar e crescer" — já ex-  
prime o conjunto do es-  
tudo. No centro, a vida  
escolar e o ensino da  
Língua e de Literatura,  
em realce o papel do pro-  
fessor, e alguns resul-  
tados de trabalhos. Na  
área, um livro original e  
necessário.



Voz da Unidade

Nº 323 - 16/01/84 a 22/01/84

São Paulo

**VOZ** CULTURA

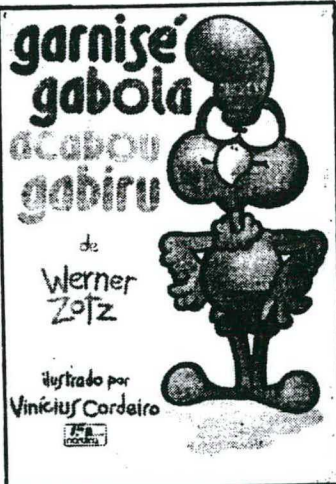
## A literatura de Werner Zotz

Garnizé Gabola Acabou Gabiru — de Werner Zotz. Ilustrado por Vinicius Cordeiro. Editorial Nórdica, Rio de Janeiro, 1986, 32 pág.

**Maria Cecília Julião**

Werner Zotz, catarinense, vivendo em Joinville, não é escritor estrepante, tão pouco desconhecido. É, sem dúvida alguma, um dos mais importantes escritores da nossa literatura infanto-juvenil.

De 67 a 68, publicou quatro livros: Turuna, Balão de Cor, Ciranda de Barquinhos e Elisa. Em 78, publica a primeira edição do "Barco Branco em Mar Azul", hoje na 9ª edição, pela Nórdica. O livro é de uma beleza rara. Geraldinho, a criança, se encanta com os ensinamentos de um velho homem do mar, que vive a viajar pelo mundo em companhia apenas do seu barco, o "Sonho Azul", e de uma gaivota, a Cice. Em um dos trechos do livro, o velho Tomás diz: "é que o Sonho não tem motor. Quer dizer, ter ele tem, mas a gente não usa. Faz muito barulho, suja a água de óleo pre-



to que depois mata os peixes e estraga a paisagem. Nós navegamos só com uma vela, grandona. E, com a ajuda do vento, vamos pra todos os lugares".

Em toda a sua obra, Werner Zotz, deixa claro o seu grande amor à natureza, e passa isso para os seus leitores de uma forma doce, suave, natural.



Seu livro mais premiado, "Apenas um Curumim", foi lançado em 1979 e hoje se constitui num clássico da literatura infanto-juvenil. Esse livro recebeu os prêmios Fernando Chinaglie (79), Monteiro Lobato (81) e Brasília de Literatura (82). Mais uma vez, a criança (o indiozinho Jari), aprende o sentido da vida atra-

vês dos ensinamentos do velho (o Pagé Tamã). A terra do índio, serve de cenário para o autor dizer coisas sérias, porém, numa linguagem a mais simples possível. "Tamã diz que branco quer a terra pra ter coisas, ficar rico, ficar forte. Parece que, no mundo dos brancos, quem tem mais, manda mais. E por isso matam, roubam, exploram os mais pobres".

O autor escreve por opção e gosto para um público tão especial, mas nem por isso deixa de fazê-lo com extremo profissionalismo. A sua constante busca em melhorar a cada livro, fica evidente para quem acompanha a sua trajetória. O seu livro "Não-Me-Toque em Pé de Guerra" (82) mereceu, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, o selo de "Altamente Recomendável para Jovens". Outros livros do autor: "Mamãe é mulher do Pai", (83), "Rio Liberdade" (84), "Garnizé Gabola Acabou Gabiru" (86).



Última Hora  
São Paulo  
13.6.79.

# Estante Agnes Roberto

Para crianças e adultos (17)



## BARCO BRANCO EM MAR AZUL

Talvez cause certa estranheza ao caro leitor, habituado a ver neste espaço apresentações de lançamentos dirigidos tão somente a ala adulta; deparar com este "Barco Branco em Mar Azul", de Werner Zoltz, editado pela Beija Flor, para ser consumido pelo público infantil. E eu pergunto: por que a literatura infantil deve ficar marginalizada, hein? Só porque os adultos pensam que o que se escreve para a molecada não tem nem um tiquinho de conteúdo? Enganam-se redondamente. Vejam este "Barco Branco... onde Werner Zoltz (um dos responsáveis pela Beija Flor) conta uma história bem brasileira, usando a fantasia para mostrar realidades inevitáveis, em linguagem simples, mas de um lirismo comovente. E daí a gente lembra que muitos dos livros "adultos", não passam de ficção e, tirando os depoimentos e reportagens, é tudo fantasia, pois não? Então, porque não dispensar um cuidado especial à chamada literatura infantil? Afinal, estamos alimentando o "futuro da nação", plantando na criança o hábito da leitura — hábito que o brasileiro, entre tantos e tão variados hábitos — infelizmente não aprendeu a cultivar. E Werner Zoltz, acostumado a escrever para adultos, mostra que a criança merece a consideração de receber uma história limpa, bonita como um sonho e que traz a "moral da história" bem aberta pra qualquer cuca.

Jornal de Letras  
Rio - Nov. 79.  
Stella Leonardos

## Literatura infantil em boa safra

Mais de 200 livros inéditos para crianças foram inscritos no Concurso Fernando Chinaglia, concurso de âmbito nacional realizado sob os auspícios da União Brasileira de Escritores. Não foi pequeno, por isso, o trabalho a cargo da Comissão Julgadora, constituída pelas escritoras Maria Lúcia Amaral, Maria Quintanilha Martinez e eu própria (relatora). Tivemos de examinar metodosamente os trabalhos sob três aspectos: estilo, conteúdo e originalidade. No final, três premiados: Marcus Accioly, com *Guriatã (Um Cordel Para Menino)*; Ana Maria Machado, com *Bem do Seu Tamanho*; e Werner Zoltz, com *Apenas Um Curumim*.

O *Apenas Um Curumim*, a meu ver, mostra a vida indígena com a maior autenticidade: em vez dos falsos índios, dos índios românticos, índios de verdade, de carne e osso. "Livro para pensar e colocar nas mãos de nossos jovens, para levá-los a compreender que o índio deve ser tratado como índio numa terra que lhe pertence de fato" — é a opinião de Maria Lúcia Amaral. E Marina Quintanilha Martinez louvou a correção da visão antropológica do problema da aculturação e da preservação dos valores autênticos da cultura indígena, impressionada com a originalidade da narrativa e simplicida-

de do estilo, "de grande impacto e beleza poética".

Werner Zoltz é catarinense, mas está ligado ao Paraná desde 1966, quando foi a Curitiba, cursar Letras. Entre 67 e 68 publicou quatro livros infantis. Ainda em 68 professor do Colégio Estadual do Paraná, sofreu inquérito administrativo, que acabou virando político. Demitido do emprego, escreveu mais três livros infantis, que não chegaram às livrarias. Por vários anos, mudou de profissões e lugares. Publicitário, decorador, enfermeiro de índios, jornalista, comerciante. Rio, Santa Catarina, Goiás, Mato Grosso. Em 1976 escolheu Antonina como porto. E assumiu a profissão de escritor, passando a viver exclusivamente do que escreve, ainda que vendendo seus livros de porta em porta, um a um, pessoalmente. Em 1978 teve seu *Barco branco em mar azul*, reeditado pela Editora Beija Flor, texto infantil "que consegue fugir totalmente aos modelos facilitistas comerciais". Que é uma história que não esconde das crianças a selva onde elas estão presas a combater. Não existe nesse texto, aliás, a invenção de um mundo mágico-infantil onde tudo é belo e bonito, artifício que menos preza a capacidade das crianças de raciocinar e compreender a vida". Diz (Reinoldo. Alem) num depoimento, que o texto de Werner Zoltz "se coloca perante seu público de uma maneira responsável e criadora. Aqui a criança encontra a fantasia (ou a ficção correspondente na literatura adulta), não para escapar da realidade, mas para melhor apreendê-la e se colocar perante um mundo do qual espera tudo. Nesse texto também se estimula a inteligência e o raciocínio infantil, através de uma trama cheia de surpresas — que não são gratuitas —, e cheia de poesia, inerente a todas as ideias."



WERNER ZOLTZ





# SE A CRIANÇA NÃO LÊ, O QUE VOCÊ TEM A VER COM ISSO?

Fanny Abramovich

Seu filho e/ou seu aluno não lê? Não diga... E quando foi que você leu um livro por prazer, por vontade, por curiosidade e não por dever a

cumprido? Quando foi que, na mesa da cozinha se conversou, com o olhar vibrante, com taquicardia, com emoção acompanhando os gestos, sobre o último livro lido, sobre o prazer e ele trouxe, em qualquer nível? Quando foi que a troca de opiniões, cutucagens, vibrações, descobertas literárias fez parte cotidiano, das conversas do jantar com o mesmo interesse com e se falou do último capítulo da novela, do candidato às eleições, do aumento do preço da gasolina e outros assuntos, importantes sem dúvida, mas que se elegeram como os principais (vez os únicos...).

Quando se foi com as crianças a uma livraria, colocada como seio, como possibilidade de descoberta de maravilhas suspeitas? E há tantas livrarias especializadas em literatura anto-juvenil espalhadas por todo o país... Sem falar na entidade — grande — daquelas que possuem um departamento específico para os livros infantis, ocupando às vezes todo um andar, com estantes na escala da criança, para que ela possa navegar a vontade, sem intermediação adulta. Onde há mesas para ela folhear os apetitosos (ou desinteressantes) volumes, onde se sentar-se no chão, virar páginas e fazer sua escolha própria, independente, do que lhe agrada ou lhe desperta curiosidade naquele momento.

Muito bem. Se não se trata de comprar um livro (que afinal, é bem mais barato do que uma passadinha pela lanchonete da rua e garante diversão por mais tempo...), mas simplesmente usufruí-lo sem necessidade de posse, há bibliotecas infantis em todo o país. Em São Paulo, Capital, há mais de trinta, abertas a todo, com um acervo bem considerável, com salas amplas para se ficar e com prazo razoável para levar o livro a ser lido em casa... A ida à biblioteca está incluída nas opções de recreação de lazer da criança? Tão pouco, tão raramente, não mesmo? E depois, em todos os tribunais adultos ela é a única culpada por não ler.

Claro, há a leitura escolar, aliada à idéia de cobrança, de obrigação, de dever-de-casa, com tudo o que isso traz de associações nefastas... Não bastasse a adoção de um único livro para toda a classe (como se fosse humanamente possível todos os alunos estarem interessados, ao mesmo tempo, num único tema e na única forma de abordá-lo...), ainda há um prazo determinado para que tal fruição aconteça, fichas monótonas a serem respondidas, tornando asséptica e impessoal a leitura... É de escola, claro! Mas a leitura proposta como atração do fim de semana, e/ou noturna, e/ou no momento em que se quer sozinho, cadê? Uma leitura sem cobranças pré-determinadas, mas acompanhada dum papo crítico, para que a criança formule seus critérios, suas opiniões, sua definição de leitura envolvente, sua irritação com o chato e tantas coisas... Por que isso não faz parte da rotina familiar ou escolar?

Certa vez, fazendo um levantamento sobre literatura infantil com crianças, me assustei com um fato: a maioria não conhecia o nome dos autores, mesmo daqueles que haviam escrito as histórias que mais amavam. E como seria importante pais e mães, professores e recreacionistas, dizerem o nome do autor, mesmo quando a criança ainda é pequenina e analfabeta e só escuta a narrativa! Tornar constante o nome verdadeiro da história e do escritor só pode ajudar a compreensão do que significa uma obra completa, do que significa a autoria. Inclusive para que, mais tarde, a criança saiba buscar referências completas (como o nome da editora, da coleção, etc), para poder seguir a trilha, acompanhar o autor ou o ilustrador, conferir o gênero que já lhe deu tanto prazer, ou desistir de quem lhe causou tanto dissabor.

Se há bons autores na nossa moderna literatura infantil? Tantos... Claro, inúmeros não tem nada para contar e muito menos sabem fazer isso: lástima literária, um equívoco total, um desperdício de toneladas de papel para profundo desgosto do leitor, levado a associar tantas banalidades com a idéia de literatura. Mas há alguns incríveis! Lygia Bojunga Yunes, que lida com requinte com o encantamento, Ruth Rocha, que discute as questões do poder, Sylvia Orthof, que sabe despertar o insuspeito, o incrivelmente divertido, João Carlos Marinho com suas fascinantes, engraçadíssimas aventuras, Vivina de Assis Viana, lidando com o denso de modo sensível e delicado, Eva Furnard, Juarez Machado e Ângela Lago, fazendo histórias apenas visuais, sem texto, plenas de graças, de espantos, de movimentos e detalhes a serem percebidos, Werner Zotz e Carlos Moraes cutucando para questões de outras regiões, outras minorias, outras sofrências, outras relações com o mundo, Ana Maria Machado, falando do antigamente ou do exílio com muita competência e poesia, Marina Colassanti, rodeada de fadas, de magias, de mistérios, de belezuras, Bartolomeu Campos de Queiróz trabalhando a palavra, buscando a forma bela e perfeita e Ziraldo, brincando com o dia-a-dia. Sem contar os poetas como Vinícius, Cecília Meireles, Sidônio Muralha, José Paulo Paes... Não, decididamente, não faltam bons autores, boas histórias para todos os paladares, indagações e queres de como descobrir o mundo...

Isto, sem jamais esquecer os eternos e belos contos de fadas dos Irmãos Grimm, de Perrault, de Andersen, mexendo com os conteúdos essenciais da condição humana. E a Bíblia, os mitos indígenas e tantas outras formas de explicar o surgimento, o início, a ética, a ótica...

Sim, ouvir histórias antes de dormir, folhear livros de arte, de imagens, de histórias em quadrinhos, compondo todo um panorama imaginário visual que suscita o oral, folhear todo tipo de livros, brincar com dicionários, descobrir palavras, imagens, mil possibilidades de encantamento, de prazer. Há tantos jeitos de seu filho ou aluno — e você também — ler e suspirar de contentamento?

Fanny Abramovich é educadora e autora, entre outros livros, de O Estranho Mundo que se Mostra às Crianças e Quem Educa Quem — Summus

A No'cia

Jlle - SC

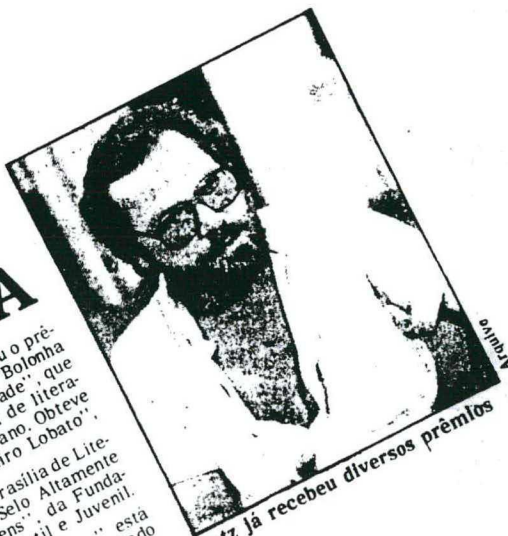
07. março. 84

p. 05 - Local

## Livro de joinvilenses é premiado pela APCA

"Livro Que Te Quero Livre", de autoria do escritor Werner Zotz e da professora Sueli Cagneti, foi escolhido como o melhor trabalho sobre estudos de literatura infantil-juvenil publicado no país no ano passado, recebendo o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte. A APCA aponta, todos os anos, os melhores trabalhos nas áreas de literatura, cinema, música, teatro e artes plásticas, sendo uma das instituições mais respeitáveis do país. "Livro Que Te Quero Livre" foi lançado no final do ano passado pela Editora Nórdica, do Rio de Janeiro. Zotz já é autor

bastante premiado. Em 85, recebeu o prêmio Mirlos Blancos na Feira de Bolonha (Itália) com o livro "Rio Liberdade", que foi considerado a melhor obra de literatura infantil no mundo daquele ano. Obteve também os prêmios "Monteiro Lobato", "Fernando Chinaglia" e "Brasília de Literatura", além de dois "Selo Altamente Recomendável Para Jovens", da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Seu livro "Apenas Um Curumim" está sendo vertido para o alemão e é utilizado no curso de Gerontologia da Universidade de Paris.



Zotz já recebeu diversos prêmios



# Mais livros para o público infanto-juvenil

Outra vez o espaço da coluna é tomado por Eglê Malheiros, que fala dos últimos lançamentos da área do livro para o público infantil e juvenil; mas não só de ficção fala ela; também se reporta a textos que estudam o tema, analisando-o sob os mais diversos aspectos.

A produção de livros para crianças e adolescentes continua grande e variada. Têm sido lançados títulos novos e feitas reedições. O tratamento gráfico se aprimora. Entre os últimos lançamentos merece especial atenção **Rio Liberdade**, de Werner Zoltz. Há também a publicação de títulos sobre literatura infantil e juvenil, e nesse campo cabe citar **Relatos de experiência na vida**, de Vânia Maria Resende, e **Diário de Walter Benjamin**, de Rebeca: a criança, o brinquedo, a educação.

\*\*\*

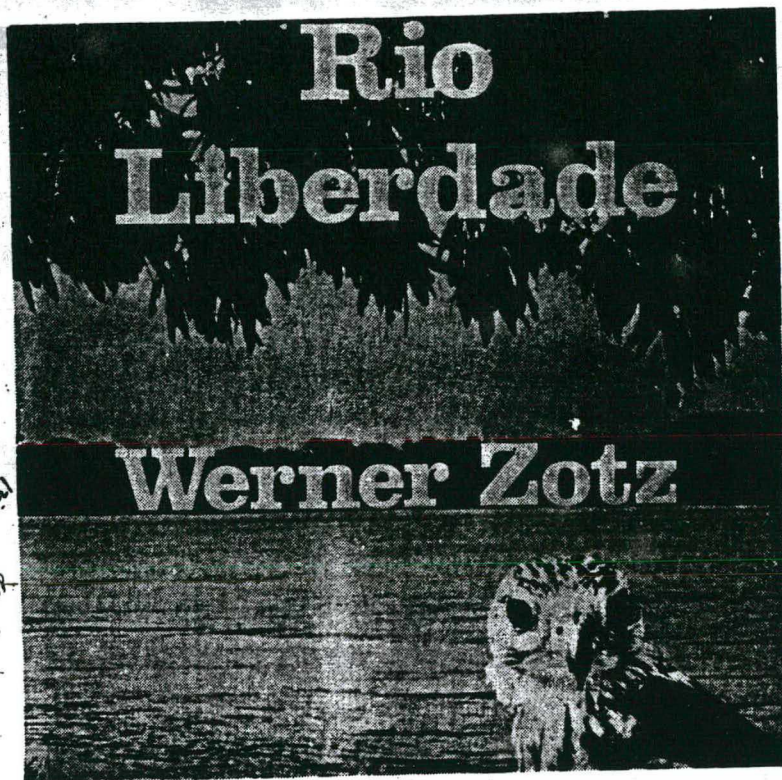
**Rio Liberdade**, Werner Zoltz, Ed. Record. Uma novela de aventura? Sem dúvida: há ação e peripécias, a atenção fica cativa desde a primeira página, o interesse não acaba. Bastariam essas qualidades para despertar interesse pelo livro, mas ele ficaria ao lado de muitos outros que se lê e se esquece.

O trecho pleno de interesse é a verdade a formação de um menino brasileiro que, saindo da infância, busca se situar em nossa realidade e se construir como gente. Dividido em quatro partes, nas primeiras predomina a reflexão, na terceira a ação, enquanto a quarta é uma abertura para o futuro.

A ambientação predominante é o Pantanal, região que por si só é um hino à vida e uma súplica das coisas que a negam.

No "primeiro pensar", o menino Moreno redescobre seu país, depois encontra estado no estrangeiro, acompanhando os pais exilados. O episódio do gavião Garrancho, ao mesmo tempo que uma lição de amor à natureza e à liberdade, serve ao garoto de metáfora explícita da luta contra a ditadura.

No "segundo pensar", Moreno interioriza os valores paternos, vê o irmão, mas amparado justamente pela herança que lhe ficará: a liberdade, a consciência dos



direitos da pessoa humana (aí compreendidas desde logo as crianças, é bom não esquecer) e ânimo para lutar por seus princípios.

Na "narrativa", justamente a parte mais aventureira do texto, se explicita o verso de Goethe: "Só merece a liberdade e a vida quem todos os dias a conquista", e o rapaz luta por elas, com unhas e dentes, mesmo quando aparentemente sozinho. O ambiente grandioso do Pantanal, tal qual um país que conhecemos, não é uma ilha de tranquilidade, desligado do contexto geral: os interesses escusos, as jogadas sujas estão ali presentes, bem como os restos de um regime ditatorial que ainda não foi devidamente enterrado.

Na "conversa" o futuro se abre, e se dá à juventude o direito de simplesmente viver, desde que tenha os horizontes abertos.

Livro de quem ama a natureza e acredita na vida, há em suas páginas uma poesia contida, um esforço de não se derramar para obrigar o leitor a refletir, penetrar, descobrir. Às vezes a linguagem é quase telegráfica, o ritmo, mais lento de início, torna-se intenso no final.

O tratamento gráfico é muito bom, as fotos de José Kalkbrenner fornecendo a um tempo apoio do real e incremento da poesia. Tomara que os pais das crianças se lembrem também de ler o livro: caso contrário, que pena!

Com meu amor pelo cinema, já imaginei todo um filme. Você não, Werner?

\*\*\*

(19)

O Estado. Florianópolis  
09/05/84 - p. 19  
Eglê Malheiros



Journal de  
Brasília →  
Guido Helene - 28.8.80

O Diário de Piraci-  
caba - 11.09.80 - SP



### "O Barco de Zoltz"

Um velho homem do mar, um barco e uma gaivota aparecem, como por encanto, numa pequena vila de pescadores. Ninguém escutou, nem viu o barco chegar. Os adultos falam até em assombração, em navio fantasma. Geraldinho resolve descobrir o que há naquele barco, ancorado no meio da baía, que põe medo nos adultos. Numa linguagem profundamente poética são colocadas claramente lições de liberdade, amor e um grito contra o

consumismo da vida moderna, neste livro "BARCO BRANCO E MAR AZUL", de Wernee Zoltz. Lançamento da COO-EDITORA.

O globo (Rio)  
5.3.80.

● Para a estante da garotada: **Apenas um curumim**, premiado no "Fernando Chinaglia de Literatura Infantil-1979" e **Barco branco em mar azul**, em terceira edição, ambos de **Werner Zoltz**, que a execução do romance **Semeadura** (1978), vem destinando toda sua obra ficcional para o leitor infanto-juvenil \*\*\* O quintal, de **Airo Zamoner**, catarinense como Zoltz, que se estreia, no gênero, com esta história. \*\*\* Os gatos de **Angaetama**, João Donha, paulista (Guararapes, 1950), que também se estreia no gênero em que deseja se fixar ia tendo inclusive pronta nova história: **Pelos outros, pela gente** \*\*\* Os quatro lançamentos trazem o selo da **Cooeditora**, de Curitiba.

**Barco Branco em Mar Azul** é um dos melhores livros infantis escritos pelo **Werner Zoltz**. Neste livro estão os ingredientes necessários para se fazer um bom livro para crianças. Há poesia, mistério, conflitos, tudo, colocado de uma maneira bem direta e cuidada.

Um velho homem do mar, um barco e uma gaivota aparecem, como por encanto, numa pequena vila de pescadores. Ninguém escutou nem viu o barco chegar. O barco e seu misterioso comandante, na boca do povo, passam a ser merecedor das mais variadas versões. O temor é criado e alimentado pelo disse-me-disse dos adultos e para eles, na certa, estariam diante de um navio fantasma. Mas aí entra a criança e sua coragem e sua curiosidade. Aí aparece Geraldinho, o menino que resolve descobrir a verdade sobre o navio fantasma.

**Werner Zoltz**, como acontece em outros livros seus como o **Apenas um Curumim**, emprega uma linguagem poética para dar suas lições de liberdade, amor à natureza e de preservação de nossas tradições. **Barco Branco em Mar Azul**, é mais um dos livros da Série **Curumim**, da Coo-Editora de Curitiba. Se as ilustrações dos livros infantis não eram muito boas, sabe-se agora que, com distribuições em bancas, todas as publicações da Coo-Editora merecerão um tratamento gráfico mais aprimorado. Infelizmente, Brasília não será ainda

atingida pela distribuição em bancas, continuando os livros infantis daquela editora sendo encontrados na **Livraria Galilei**.

**Barco Branco em Mar Azul** tem 60 páginas e está sendo vendido aqui a 70,00.

\* Esta seção, como dissemos no número anterior, tem como um de seus principais objetivos o de divulgar a literatura infanto-juvenil, assim como quais quer fatos a ela relacionados. Queremos aqui, reafirmar isto e nos colocar à disposição de todos. Se você tem livro infantil publicado, se tem algo a dizer a respeito da literatura infanto-juvenil, aqui é o espaço.

### OS CINCO LIVROS MAIS VENDIDOS DA SEMANA

1º) — **Urso com música na barriga**. De **Erico Verissimo**. Editora **Globo** — 45 pgs. 130,00.

2º) — **Contos da América Latina para Crianças de todo o mundo**. Antologia organizada por **Leni Werneck**. Editora **Primor**, 65 pgs. 90,00.

3º) — **Balas bombons e chocolates**. De **Ana Maria Machado**. Editora **Paz e Terra** — 19 pgs. 60,00.

4º) — **O menino do dedo verde**. De **Maurice Druon**. Ed. **José Olympio** — 147 pgs. 110,00.

5º) — **Apenas um Curumim**. De **Werner Zoltz**. Ed. Editora — 56 pgs. 70,00.

Correspondências e publicações para esta seção devem ser enviadas para a Caixa Postal 04-0092 — CEP 70.000.





# livros

Eliane Sondermann

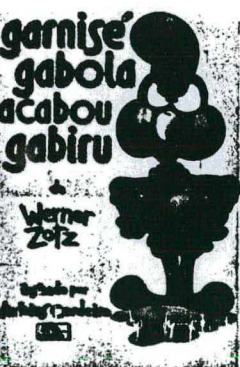
RA VOCÊ TER  
ESTANTE

a Japonesa/Como  
Peso à Maneira  
tal — A médica  
Takahashi, com a  
de Bruce Cassiday,  
ce receitas para uma  
de 30 dias,  
mente nutritiva e  
ável, que consiste  
nas da mudança da  
mentação para o estilo  
ônês, que engorda  
nos do que a maneira  
dental de comer.  
itora Record, 211  
gs.

Carnaval, de Manuel  
andeira — O segundo  
ro do poeta, editado  
originalmente em 1919,  
em agora preparado por  
úlio Castañon  
Guimarães e Rachel  
Teixeira Valença. No  
livro encontra-se o poema



Os Sapos, que se transformou em espécie de hino nacional dos modernistas, depois que foi lido em pleno Teatro Municipal de São Paulo, durante a Semana de Arte Moderna, em 1922 por Ronald de Carvalho. Editora Nova Fronteira, 86 págs.



Garnisé Gabola  
Acabou Gabiru

de Werner Zoltz  
ilustrado por  
Vinícius Cordeiro

Como chegou primeiro  
todo mundo ao gali-  
ro recém-construído,  
rnisé, um galinho sem  
quer dote especial, se

achava o manda-chuva lá dentro, dando surras a torto e a direito nos pintos que iam crescendo e queriam cantar tão forte quanto ele. Foi quando a turma de meninos, de férias na fazenda, resolveu interferir: pintaram o garnisé de azul. Os frangos, que até então morriam de medo do garnisé e o deixavam imperar sem limites, dessa vez reagiram, pois não reconheceram o intruso que começou a cantar de galo: deram-lhe a coça há tanto tempo merecida. Para os adolescentes, a quem o livro é principalmente dirigido, nada mais a propósito: vamos desmistificar nossos pavores e assumir a posição que merecemos neste mundo? Editora Nórdica, 32 págs.



## O Coração de Corali

de Eliane Ganen  
ilustrado por  
Elvira Vigna

■ Corali tinha pai, mãe, irmãos, tia, muitos amigos e deveres de casa para fazer. Mas, mesmo assim, sentia um buraco no coração. Nada nesse mundo preenchia essa sensação de vazio da menina. Foi então que a tia gorda, um dia, entre quatro paredes, revelou: ela também tinha um buraco no coração. Todos nós o temos, explicou a tia: Talvez as crianças não elaborem de imediato o que significa esse buraco mas, intuitivas que são, reconhecerão na imagem da autora algo muito familiar. E certamente será muito bom para elas lidar com suas carências dessa forma lúdica e lírica. Editora José Olympio.

## Marina

Hilda Ferreira

■ Marina é uma pérola que saiu um dia da concha para passear. E se arriscar. Quase foi devorada por um peixe, jogada longe por um polvo, e acabou na caixa de um caçador de pérolas. Salva por um siri, depois de todo o medo, Marina concluiu: valeu a pena, sim. Afinal, passou por uns maus pedaços, mas também se divertiu, e descobriu que lá fora existem os amigos... Melhor do que passar a vida naquela concha escura. Em versinhos e muitas ilustrações, o livro — agora em segunda edição — é dirigido às crianças menores, que vão ficar muito felizes ao sentir que devem viver, sem medo, cada experiência nova. Editora Memórias Futuras, 24 págs.



## dois pontos

★ A Memórias Futuras traz outra boa novidade: **Diferente Menina Era uma Vez Uma**, de Rosemeire Lopes Albano e Carmen Lúcia Prieto Kassiss. ★ E, também da Record, um livro singelo e bom para os adolescentes: **O Jardim Japonês**, de Ana Suzuki. ★ Pela Nova Fronteira, outra sugestão para os adolescentes: **O Bezerro de Ouro/Uma Aventura da Gang do Beijo**, de José Loureiro, ilustrações de Pat Gwinner. ★ A **Toca do Peixe-Papão** é a história que a Melhoramentos acaba de lançar de autoria de Elza César Sallouti. ★ A Editora Nova Fronteira traz mais sugestões para os pequenos: **Um Peixe Fora D'Água**, de Sura Berditchewsky; **O Elefantinho Malcriado**, de Ana Maria Machado; **Joca, Vergonha da Escola**, de Pedro Bloch; e **A Viagem de um Barquinho**, de Sylvia Orthof. Da Edições Paulinas, **Educar com Amor**, de Sidney & Craig e **Por Amor de Nossos Filhos**, de Dietmar Rost:



## Lançamentos

**A MEU SER NO MUNDO** — Livro de poesias de Cildáudia Simone Gonçalves, que será autografado sábado, às 20h, na Livraria Scortecci (r. Teodoro Sampaio, 1704, loja 13).

**ESTAÇÃO SEGREDO** — Segundo livro de poesias de Carlos Digne, com lançamento às 16h de sábado, no foyer do Centro Cultural São Paulo (r. Verzequero, 1.000).

**MAMÃE É MULHER DO PAI** — Fantasia bem humorada do cotidiano, em livro que será autografado por Werner Zoltz, sábado, às 14h, na Livraria Capitu (r. Pinheiros, 339, tel. 2132-9237).

**GAROTO - SINAL DOS TEMPOS** — De Irati Antonio e Regina Pereira, o livro será lançado juntamente com o disco 'Tributo a Garoto' de Radamés Gnattali e Rafael Rabello, em show às 18h30 de domingo, na rua João Moura, 763.

## LIVROS



Dois lançamentos: um de poesias, outro para as crianças.

**Mamãe é Mulher do Papai** — Nono livro do escritor infanto-juvenil Werner Zoltz, que será lançado hoje, a partir das 14h, na LIVRARIA CAPITU (r. Pinheiros, 339).

**Estação Segredo** — Segundo livro de poesias de Carlos Digne, que será lançado hoje, a partir das 16h, no Foyer do CENTRO CULTURAL SÃO PAULO.

## Werner Zoltz lança livro na Capitu

A partir das 14 horas o escritor catarinense Werner Zoltz estará lançando em São Paulo seu livro infanto-juvenil "Mamãe é Mulher do Pai e Outras Histórias", na livraria Capitu (rua Pinheiros, 339). Werner atualmente é publicitário, mas já trabalhou como professor e jornalista. Depois de seus livros receberam vários prêmios: "Apenas um Curumim", lançamento de 1979, ganhou os prêmios "Fernando Chinaglia/79", "Monteiro Lobato/81", e "Brasília de Literatura/82". A Fundação Nacional do Livro Infantil lhe concedeu o título de autor altamente recomendável pela sua obra "Não-me-Toque em Pé de Guerra".

Estado de S. Paulo  
2.7.83



"Mamãe é Mulher do Pai" — livro de Werner Zoltz, será lançado hoje, na livraria Capitu, a partir das 14 horas. O autor estará presente.

21.5.83.

## MAMÃE É MULHER DO PAI (E Outras Histórias)

Werner Zoltz — Editorial Nórdica.

Em *Mamãe é Mulher do Pai* (e *Outras Histórias*), Werner Zoltz focaliza o dia-a-dia da criança, seus problemas, suas fantasias, seu relacionamento com o mundo adulto, mostrando, com lirismo, humor e sem paternalismos, que a criança não é um mero adulto mal-acabado, mas um ser muito especial, com uma visão e uma compreensão do mundo bem próprias. A obra é ilustrada por Patrícia Gwinner. Outros livros do Autor: *Barco Branco em Mar Azul* (8ª edição), *Não-me-Toque em Pé de Guerra* e *Apenas um Curumim* (6ª edição).

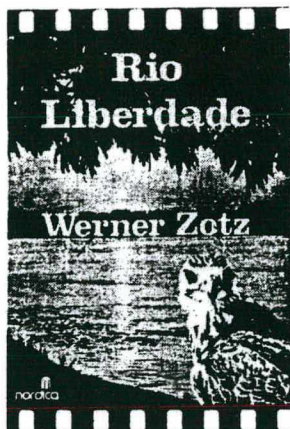


## Três histórias de Werner Zoltz

A definição é do próprio autor: catarinense, ex-jornalista, hoje escritor infanto-juvenil e publicitário, além de bom pescador de robalo. Assim é Werner Zoltz, que estará hoje, a partir das 14 horas, na Livraria Capitu (rua Pinheiros, 339), autografando o livro "Mamãe é Mulher do Pai". Feito com humor e fantasia, mas sem deixar de lado os problemas do cotidiano, o livro está dividido em três histórias escritas de forma poética, nas quais a criança aparece observando o mundo dos adultos, sofrendo dentro dele, divertindo-se nele, tentando mudá-lo e também aceitando-o. Editado pela Nórdica, o livro tem ilustração e capa de Patrícia Gwinner. Werner Zoltz é considerado um dos sucessos da literatura infantil, com seus livros já editados sucessivas vezes — "Apenas um Curumim" recebeu o prêmio "Fernando Chinaglia", "Monteiro Lobato" e "Brasília" Catarinense de nascimento. Zoltz morou muitos anos no Paraná. Foi professor e jornalista, e atualmente se dedica à publicidade e literatura. Gosta de conhecer seus leitores, seja por cartas, seja visitando escolas e faculdades, isso porque seus livros também são lidos por vários jovens. Com "Não-me-Toque em Pé de Guerra", ele conseguiu a reputação de um autor "altamente recomendado" pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.



Suplemento Literário de Minas Gerais  
Belo Horizonte  
14.04.84



*Rio Liberdade*, de Werner Zetz, é um livro agradável de se ler; destina-se ao público juvenil, mas serve para qualquer idade. Bem ilustrado, incluindo as reproduções de fotos, diagramado com arte, bonita capa de José Kalkbrenner, o livro tem 93 páginas. Lançamento da Nórdica.

O Diário  
Osvaldo Lopes de Brito  
Ribeirão Preto - SP  
14.04.84.

## «Rio Liberdade»

### RIO LIBERDADE

Também sob a chance da Editorial NÓRDICA saiu o mais recente livro de Werner Zetz: RIO LIBERDADE. Ele é aquele paranaense meio paranaense, mas brasileiríssimo, cuja bibliografia já ponderável tem merecido o empenho publicitário da Editora tão bem liderada por Jaime Bernardes.

Professor e jornalista, hoje Werner se situa num posto de realce no campo da literatura infantil-juvenil, porque além do mais o que ele escreve se endereça não só aos mirins como aos guaçus da vida, obrigando-os à reflexão mais profunda. Não apenas o lazer, o entretenimento: na esteira deles, o sentido de pensar nos problemas nacionais e mundiais.

Por exemplo: este sugestivo "Rio Liberdade", em volume de 93 páginas, as ilustrações ocupando precioso espaço, dando ao visual a importância exata, e trazendo com o enredo de ficção muito do que se discute, acusa, reclama e implora a respeito do PANTANAL de Mato Grosso. História plasmada

com senso lírico e de bom humor, no centro a peregrinação dos personagens ao grande Estado onde os rios, as florestas, flora e fauna, enfim, ao lado da gente sofrida, ainda podem ser vistos e curtidos em toda a sua grandeza.

A serviço dessa exposição de temas se reúnem a vivência do escritor e o seu estilo personalíssimo (quem leu o penúltimo trabalho dele, o esfuziante "Mamãe é mulher do Pai", sabe a que me refiro).

Observem como se utiliza dos fatos da História (Moreno, o garoto-personagem, anda pelos 12 anos de idade, esteve exilado com os pais, durante sete anos, regressa ao lar com a anistia) e organiza a viagem em que o pai do menino estudará a região onde se situa a Reserva Biológica de Cara-Cara.

Não faltam as aventuras, claro. Contrabandistas e coureiros entram na trepidante narrativa, a causa ecológica posta em plano especial, o relacionamento das pessoas também, além das ressonâncias sócio-políticas decorrentes.

Diversas mutações se

processam na existência de Moreno, mas não irei comentá-las aqui. Seria diminuir o prazer do leitor. Sinto-me compelido, no entanto, a chamar a atenção para toda uma sequência admirável: aquela em que tia de Moreno, para defender o ninho de colhereiro, atira no gavião, prende-o e o socorre, além de soltá-lo mais tarde para a liberdade de voar, de viver! Uma beleza, algo antológico em literatura de qualquer tipo.

Não percam este livro, amigos. E que fotografias do Pantanal!

O Estado do Maranhão  
São Luís - MA  
11.04.84.



## Livros

### Ubiratan Teixeira

#### Liberdade

#### com lirismo

■ Hoje, um dos grandes nomes da literatura infantil e juvenil se escreve com Werner Zetz: brasileiro. Suas obras tem despertado interesse in-comum entre leitores e críticos e vão sendo reeditadas num ritmo crescente. RIO LIBERDADE é seu último título, lançado pela Nórdica. A história se inicia no pantanal matogrossense, um jovem aprende a viver e a escapar das armadilhas da vida, por entre perigos e aventuras. É o lírico cenário mágico da natureza, com os animais que fazem todo o encanto daquela região, uma das mais belas do mundo. Mas seu aprendizado é também sofrido, por causa do homem — animal que sempre interfere para destruir. Preso em São Paulo, Moreno, o protagonista, precisa colocar todo o seu aprendizado em ação e toda a esperteza adquirida para fugir e ir ao encontro de sua tia e da liberdade.

RIO LIBERDADE é um dos pontos altos da literatura deste escritor, que vem crescendo de obra para obra. Ao brilho e à beleza da prosa, ele juntou um enredo perfeito e uma temática atual e eterna: a própria liberdade.

■ RIO LIBERDADE, infantil. Werner Zetz. Editorial Nórdica. 96 páginas. Cr\$ 2.500,00.



O Globo  
 Coluna: Shakim sued  
 4. 11. 83.

## Grupo Lyrio Branco estreia peça amanhã

O Teatro Amante Lyrio Branco estreará amanhã, no Teatro Alaska, a peça infantil "Mamãe é mulher do pai e outras histórias", com texto de Werner Zoltz e adaptação livre de Markus Avaloni, um espetáculo que se propõe como "a exata medida de como a fantasia e o poder interior da criança interagem com o seu dia-a-dia". A direção é de Markus Avaloni, com participação de Glória Rabaça, Marcos Milone, Márcio Pradal, Chris-

tiana Tavares, Ronaldo Nogueira e Bernardo Horta, todos alunos das primeiras turmas do Curso Regular de Formação de Atores, já há um ano em funcionamento na Casa das Artes de Laranjeiras. A coreografia é de Juliana Carneiro da Cunha, com músicas de Renato Calça e Nelson Kestenberg. Os figurinos e adereços estão a cargo de Gilda Saldanha e João Gomes do Rego. Sábados e domingos às 16h.

O Globo  
 5. 11. 83.

Jornal do Brasil  
 Baderus B  
 6. 11. 83.

## CRIANÇAS



Estréia, no Teatro  
 Alaska, o espetáculo  
 infantil **Mamãe É  
 Mulher do Pai**

**PAO DE AÇÚCAR DAS CRIANÇAS** — Banda de bichinhos, bonecos com o grupo Mimo Tropical, Diacetec Mirim e apresentação da peça: **A Donzela foi à Guerra**. Concha Verde, Av. Pasteur, 520. Sáb. e domingo das 15h às 17h. Ingressos a Cr\$ 750, com direito a bordinho até o Morro da Urca. Crianças até 10 anos pagam meia passagem.

**MAMÃE É MULHER DO PAI** — Texto de Werner Zoltz. Teatro Alaska, Av. Copacabana, 1241. Sáb e dom. às 16h. Ingressos a Cr\$ 1 mil.

**OU ISTO OU AQUELO** — Com o Grupo Hombu. Teatro Glauce Rocha, Av. Rio Branco, 179. Sáb. às 17h; dom. às 16h. Ingressos a Cr\$ 700.

**O CASACO ENCANTADO** — Musical infantil-juvenil de Lucia Benedetti. Teatro do BNH, Av. Chile, 230. Sáb. às 17h e dom. às 16h. Ingressos a Cr\$ 1 mil 200.

**CASINHA TORTA** — Musical infantil com o Pessal do Teat. Teatro do Ibero, Rua Visconde Silva, 157, Humaitá. Sáb. e dom. às 17h. Ingressos a Cr\$ 1 mil 500.

**A FADA QUE TINHA IDEIAS** — Texto de Fernando Lopes de Almeida. Teatro Vannuel, Rua Marquês de S. Vicente, 52/3º. Sáb. e dom. às 17h. Ingressos a Cr\$ 1 mil 500.



**SABADO DAS  
 CRIANÇAS**

**MAMÃE É MULHER DO PAI (E OUTRAS HISTÓRIAS)** — De Werner Zoltz. Livre adaptação de Markus Avaloni. Com o Teatro Amante Lyrio Branco. Teatro Alaska — Av. N. S. de Copacabana, 1.241. Sábados e domingos às 16h. Estréia hoje.

**OS GAZETEIROS** — De Ubirajara Fidalgo. Direção: Haroldo de Oliveira. Teatro da ABI — Rua Araújo Porto Alegre, 71 — 9º andar — Centro — 541-2661. Sábados às 16 horas. Cr\$ 1.200.

De Maria Clara Machado. Com o grupo Ponto de Partida. Direção: Tuninho Lopes. Teatro Princesa Isabel — Av. Princesa Isabel, 188 — Sábados às 17h; domingos, às 16h. Cr\$ 800.

**GRANDE CIRCO PARATIBUM** — Com o Grupo Mandrágora. Direção: José Carlos Cosme. Teatro Armando Gonzaga — Av. Marechal Osvaldo Cordeiro de Farias, 511 — Marechal Hermes. Sábados e domingos às 15h. Cr\$ 500.

**OS PRIMOS JOCA E SERAFIM** — Com Zé Carlos Melreilles e Sônia Catarina. Aliança Francesa da Tijuca — Rua Andrade Neves, 315 — Tel: 268-5798. Sábados e domingos às 17h. Cr\$ 800.

**O DESTINO DA BRUXA** — De João Carlos. Com o Grupo Caras e Roupas Velhas. Teatro Arthur Azevedo — Rua Vitor Alves, 454 — Campo Grande. Sábados e domingos, às 14h. Cr\$ 500.

**MÔNICA E CEBOLINHA NA FLORESTA EM BUSCA DA VASSOURA VOADORA** — De Esther Marques. SESC de Niterói (R. Padre Anchieta, 56). Sábados às 17h. Cr\$ 600, 400 e 300.

**O SOLDADINHO E A BONECA** — De Washington Guilherme, direção de Dylmo Elias. Teatro da Galeria (Rua Senador Vergueiro, 93) — Sábados e domingos, às 16 horas. Cr\$ 1 mil.

454 — Campo Grande). Sábados e domingos às 16h. Cr\$ 500.

**AVENTURAS DE UM DIABO MALANDRO** — De Maria Helena Kühner. Direção: Marlene Segal e Rosevair Duarte. Solar Bezerra de Menezes — Campo de São Cristóvão, 402. Sábados e domingos às 16h. Cr\$ 500.

**BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES** — De Roberto de Castro. Com o Grupo Carroussel. Teatro do Grajaú Tênis Clube — Av. Engenheiro Richard, 83 — Tel.: 238-2388. As 16h. Cr\$ 600.

**QUE-PE-CO-POI-SA-PA (A BOMBA ATÔMICA)** — De Pernambuco de Oliveira. Direção de Marco Razeq. Teatro da UFF — Rua Miguel de Frias, 9 — Icarai. Sábados e domingos às 16h. Cr\$ 700. Até amanhã.

**OS SONHOS DE TOM & THEO** — De Arnaldo Luis Miranda, com Flor Duarte e Sérgio Malgaço. SESC de Meriti — Rua Tenente Manoel de Alvarenga Ribeiro, 66. Sábados e domingos às 16h. Cr\$ 600 e Cr\$ 300.

**PERERÉ** — Adaptação de Ziraldo. Luca de Castro e Zeca Ligeiro. Baseada nas histórias em quadrinhos de Ziraldo. Direção: Luca de Castro. Teatro do SESC da Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 593). Sábados às 17h; domingos às 16h. Cr\$ 1.500.

**ALICE NO PAIS DAS**

Abreu, 16 — Niterói). Sábados e domingos às 16h. Cr\$ 800.

**FAÇA SEM PONTA, GALINHA SEM PÉ** — De Ruth Rocha. Sala Manuel Bandeira (Rua Tavares de Macedo, 100 — Icarai). Sábados e domingos às 16h. Cr\$ 800.

**O CIRCO CHEGOU** — De William Guimarães. SENAC de Bonsucesso (Praça das Nações). Sábados e domingos, às 17h. Cr\$ 800.

**O DIA EM QUE ALICE SONHOU COM CHAPEUZINHO VERMELHO** — No Gay Lussac (Rua Coronel João Brandão, 87 — Niterói). Sábados e domingos às 16h. Cr\$ 700.

**A BRUXA CHUCAIA** no Teatro Arthur Azevedo (Rua Vitor Alves, 454 — Campo Grande). Sábados e domingos, às 16h. Cr\$ 500.

**MANCHANDO DE ESCURO UMA CASA CLARA** — Com o Grupo Novo Horizonte. Teatro do SESC de Madureira — Rua Ewbank da Câmara, 90. Sábados e domingos às 15h. Cr\$ 550 e Cr\$ 300.

**A FADA QUE TINHA IDEIAS** — De Fernanda Lopes de Almeida. Direção: Eduardo Tolentino. Com Alice Viveiros de Castro, Aline Molinari e Beth Berardo, entre outros. Teatro Vannuel — 3º andar do Shopping da Gávea. Sábados e domingos às 17h. Cr\$ 1.500.

**JARDINS DA INFÂNCIA** — Criação coletiva e apresentação do Grupo Além da Lua. Teatro Gláu-



# LITERATURA INFANTIL

● LAURA CONSTANCIA SANDRONI

## Sátira incentiva prazer da leitura

Werner Zotz  
Não-me-Toque em pé de guerra  
Nórdica  
62 páginas  
Gr: 330

“Não-me-Toque em pé de guerra” é a primeira obra de Werner Zotz, ainda um escritor pouco conhecido do público jovem. Atento à realidade que o cerca, desvela-a em seus textos, num estilo marcante em que o microcosmo é cenário de discussões mais amplas.

Desta vez apresenta-nos uma sátira, muito bem realizada, sobre a vida na pequena cidade de Não-me-Toque, onde o prefeito e seus auxiliares vivem mais preocupados em encher o próprio bolso do que em cuidar do bem coletivo.

Dois humildes pescadores (a cidade é um porto desativado) são atacados por um “monstro” quando de madrugada ganham o seu sustento. O fato é narrado às autoridades, que decidem mantê-lo em segredo para não apavorar a população e os turistas. Ao mesmo tempo redobram a vigilância quanto a possíveis atividades subversivas de alguns suspeitos.

O humor é o elemento preponderante nessa história, e através dele o leitor é levado a refletir sobre os mecanismos sociais e psicológicos que levam o homem a atitudes tão ridículas.

Mas na obra de Werner Zotz outros aspectos são também importantes, como a ternura da relação pai/filho expressa em cartas de lirismo tocante; ou a identificação velho/criança já presente de forma magistral em “Apenas um curumim” e “Barco branco em mar azul”, seus dois livros anteriores agora reeditados pela Nórdica.

Trama envolvente, cheia de acontecimentos engraçados em que o protagonista menino leva o leitor a uma identificação total com ele, “Não-me-Toque em pé de guerra” é um caminho certo para a descoberta do prazer da leitura.

## EM CORES FORTES

NÃO-ME-QUER EM PÉ DE GUERRA (63 pp. 330,00); BARCO BRANCO EM MAR AZUL (62 pp. 330,00); APENAS UM CURUMIM (56 pp. 330,00) de Werner Zotz. Nórdica.

Na encantadora vila de Não-Me-Toque, onde todos os habitantes eram conhecidos por apelidos “tão bem colocados que, além de marcar a pessoa para o resto da vida, quase sempre retratavam seu caráter”, apareceu um misterioso monstro. Atacava sempre o mesmo local da bacia não-me-toquense, sempre em noite de lua nova, quando a maré vazante era mais vazante do que nunca. A princípio, as autoridades locais tentaram esconder o fato, mas, quando o monstro atacou um casal de turistas da capital, todo o estado ficou a par da história e os desastrosos políticos de “Não-Me-Toque” se viram em maus lençóis. Somente a astúcia de Pedro Só, filho do exilado político Meio-Mundo, e portanto principal suspeito (fosse qual fosse a questão), e a insistência do jornalista Tec-Tec foram capazes de descobrir quem era, afinal, o terrível monstro de muitos braços.

Munido deste tema, indiscutivelmente despretenso — mas, de inegáveis verdades político-econômicas e sociais —, tomando o necessário cuidado para não cair no tédio discursivo, Werner Zotz faz em seu sexto livro infantil uma despojada censura aqueles que “batalham pelos fins sem se importar com os meios”. Com graça e sutileza transforma sua “Não-Me-Toque” numa amostra con-

FOTO: NÓRDICA



Werner Zotz

vincente das fraudes e jogos de interesses tão comuns nos meios administrativos. Pinta com dourado excessivo e suspeito o exilado político às vésperas da anistia e, como não poderia deixar de ser, atribui inteligência ilimitada ao jovem herói Pedro Só.

Mas as cores fortes fazem parte da literatura, são adornos quase imprescindíveis nas histórias infantis — e desculpáveis. Ainda mais em se tratando de Werner Zotz, que já em “Barco Branco e Mar Azul” e “Apenas um Curumim” (Prêmio Fernando Chinaglia em 1979) deixava à vista sua maior qualidade: a de acreditar que existe uma longa distância entre a cabeça de uma criança e a de um retardado mental, realidade que poucos escritores infantis, infelizmente, conseguiram admitir de fato.

— VIVIEN LANDO —

beia bivero  
Nº 47  
15.6.82.



# Literatura

## Werner Zotz lança livro em co-autoria

Foto de Eduardo Marques/DC

**Joinville** - O escritor Werner Zotz está lançando um novo trabalho - *Livro Que Te Quero Livre* (Editora Nórdica) -, em co-autoria com a professora Sueli de Souza Cagneti. Considerado um dos mais importantes nomes da literatura infanto-juvenil brasileira, com várias obras premiadas, o escritor aparece nesse livro através de uma longa entrevista-elaborada a partir de conversas gavadas ou publicadas durante seus encontros com educadores de todo o País.

É um trabalho que foge totalmente ao padrão de suas publicações anteriores e que já está sendo incluído no currículo dos cursos de Letras de universidades como a USP, Unicamp, PUC-SP e Federal da Paraíba. *Livro Que Te Quero Livre* faz parte de um projeto educacional, iniciado há alguns anos, quando Werner Zotz se mudou para Joinville. Sua mulher, Lita, abriu uma livraria - a Xereta - que tem uma proposta diferente de trabalho: vender livros, mas também ajudar o professor em suas tarefas educacionais.

A Xereta começou a patrocinar a vinda de educadores para darem cursos aos professores da cidade. Nesse tempo, houve o contato com a professora Sueli Cagneti, que já desenvolvia um importante trabalho na área de educação em Joinville. "Ela já usava a literatura como forma de educação. Era um processo inovador, que complementou a parte teórica do trabalho que a Lita vinha realizando", explica o escritor.

### RECONHECIMENTO

Entre os escritores convidados para vir a Joinville estavam Luiz Fernando Emedato, Esdras Nasci-



O trabalho de Zotz está sendo utilizado por universidades de São Paulo e Paraíba

mento, Millôr Fernandes, que tomaram contato com o trabalho da professora Sueli Cagneti. "Eles voltavam para suas cidades e diziam em entrevistas o que estava acontecendo aqui, que para eles era uma novidade boa", explica Werner. Tudo isso chamou a atenção do editor Jaime Bernardes, da Nórdica, que veio para Joinville e decidiu transformar esse projeto educacional em livro.

"Acontece que determinados professores de Português nem mesmo sabem da existência da literatura infantil. Nos últimos 15 anos, eu tinha viajado bastante e participado de seminários, conferên-

cias e bate-papos com professores sobre literatura e o processo de educação. Muitas dessas conversas estavam gravadas e aí surgiu a idéia agrupá-las por assuntos e fazer o livro, complementado depois pelo trabalho da Sueli", explica Werner Zotz.

O projeto educacional da professora Sueli Cagneti já foi utilizado por universidades de Campinas, São Paulo, Niterói e Curitiba. O curso sobre a utilização do livro em sala de aula também foi dado pela professora em diversas capitais brasileiras. O livro - dividido em duas partes - surgiu da reunião desse trabalho e das entrevistas do escritor.



# o convênio da nova Ciranda de Livros

Será assinado hoje, às 16h30m, na Academia Brasileira de Letras, o convênio da 4ª Ciranda de Livros, projeto da Hoeschst do Brasil, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e Fundação Roberto Marinho. Criada em 1982, seu objetivo é incentivar a formação de hábitos de leitura em crianças de 7 a 12 anos, através da doação de livros a escolas da área rural e da periferia urbana de todo o país e, por meio de campanha veiculada na Rede Globo de Televisão, alcançar 88% dos municípios brasileiros, onde se concentram 93% da população do país.

A sessão de hoje será aberta pelo presidente da Academia Brasileira de Letras, Austrégilo de Athayde, e contará com as presenças de Cláudio Sander, presidente da Hoeschst do Brasil, jornalista Roberto Marinho, presidente das Organizações Globo e da Fundação Roberto Marinho e Glória Pondé, diretora executiva da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, além das senhoras Yara Vargas, Secretária de Estado de Educação do Rio de Janeiro, e Maria Yeda Linhares, Secretária Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Na oportunidade, serão entregues diplomas de participação no projeto Ciranda de Livros a autores, ilustradores e editores que dele têm participado e vão falar a escritora Ana Maria Machado, o editor Sérgio Lacerda e Ziraldo, representando os ilustradores.

Cada Ciranda de Livros é uma minibiблиотека portátil, com 15 títulos selecionados por uma comissão da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, dentre os melhores autores nacionais. Distribuídas gratuitamente às escolas através das Secretarias Estaduais de Educação (já foram doadas 2 milhões 100 mil obras a 35 mil escolas, alcançando cerca

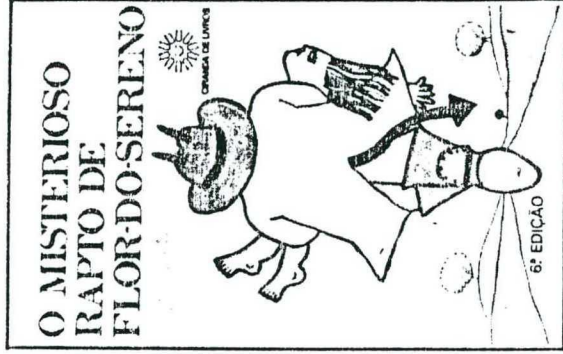
de 4 milhões de crianças) a Ciranda inclui um "Guia de leitura", encarte para uso do professor, com orientações sobre o uso da biblioteca, informações sobre os livros e seus autores, sugestões de atividades paralelas às leituras e comunicações das li-  
vrias especializadas em literatura infantil juvenil.

Além disso, há um questionário a ser respondido pelos professores — cujos dados, processados em computador, permitem à equipe do projeto uma perfeita avaliação da influência da Ciranda na formação do hábito da leitura entre crianças e adolescentes, folhetos de instrução de montagem da biblioteca, cartões de controle, cartelas de identificação de socios e etiquetas adesivas — indispensáveis a um trabalho completo para estimular a formação e o uso de bibliotecas.

## Com este projeto realmente houve um crescimento editorial na literatura infanto-juvenil

LAURA SANDRONI

Outro veículo de comunicação utilizado pela Ciranda de Livros com o público, além do questionário aos professores, é a Caixa Postal 1009 no Rio de Janeiro, que recebe semanalmente uma média de 90 cartas de pessoas interessadas em desenvolver e estimular a leitura. Para estes são enviados "Guia de leitura" e o folheto "Leitura recomendada", que traz uma lista dos melhores textos nacionais de acordo com a idade das crianças e das bibliotecas e livrarias



**Dos índios ao espaço, passando pelos bichos**  
Os livros que compõem a Ciranda 4 incluem "A história de uma onça que queria acordar cedo", de Malba Tahan, e "Cão vivo, leão morto", de Ary Quintella (ambos renomados professores de matemática); "Ida e volta" é um livro sem texto, (o primeiro lançado no Brasil e premiado no exterior), de Juarez Machado, e "O lobo do espaço", de Fausto Cunha, trata de ficção científica. O folheto nordestino é apresentado por Haroldo Bruno em "O misterioso rapto da flor do sereno"; aventura de crianças no interior é o tema de "Os segredos da Taquara-poca", de Francisco Morins, enquanto ouve a saga das crianças de apartamento está retratada em "Os três capetinhas", de Marta Pannunzio. "Apenas um curumim" aborda a problemática do índio. Estes livros se destinam às crianças de terceira e quarta séries.

Para os menores há "Amanhecer na roça", de Ronaldo Simões; "Tuc-tuc", de Paula Saldanha, e o livro de poesias "Boi da cara preta", de Sérgio Caparelli, todos sobre animais.

Os ilustradores Ivan e Marcelo estariam com "O saco" e Zélio conta em "A descoberta da Cornuália" como teria sido se os índios tivessem descoberto a Europa. Completam os 15 volumes da 4ª Ciranda de Livros "Pinote, o frasco e Janjão, o for-  
tão", e "A galinha Nanduca em São Paulo", respectivamente de Fernanda Lopes de Almeida e Ganymedes José, dois escritores já conhecidos do público de literatura infantil-juvenil.

lho tem se desenvolvido com maior criatividade. Laura explica:

— Apesar de estarmos ainda no início das pesquisas, tudo leva a crer que, desde a criação do projeto, realmente houve um crescimento editorial no setor da literatura infanto-juvenil, além do aparecimento de novos autores e editores nesse setor.

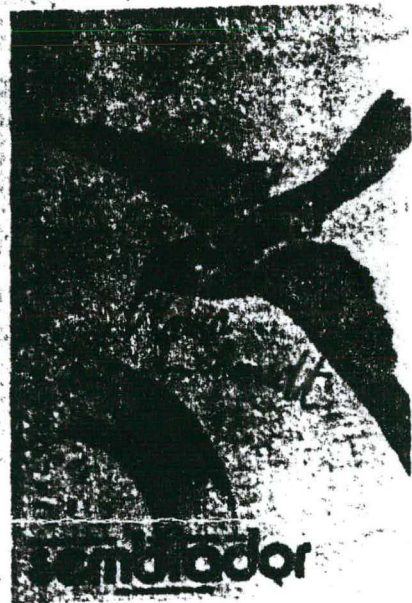
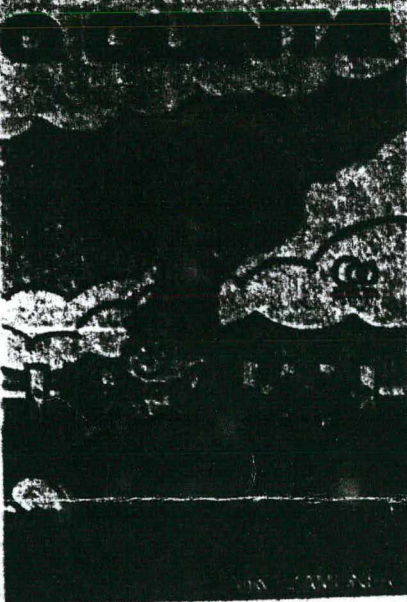
Nesta quarta etapa, a Ciranda de Livros vem acompanhada por seu Boletim número 2, com muitas notícias e matérias sobre o "movimento cirandeiro", além de uma entrevista com Orígenes Lessa, que conta algumas particularidades de sua vida e experiências; sugestões da escritora Sylvia Orthof, para a realização de teatro nas escolas, e uma relação de Laura Sandroni citando uma série de livros que não fazem parte das cirandas mas que merecem ser lidos.



# LIVROS

## Literatura Infantil

### As obras produzidas aqui



**APENAS UM CURUMIM.** de Werner Zetz. CooEditora, 1979. 56 p. 70,00.

Um livro que se destaca, em primeiro lugar, pelo conteúdo informativo aborda o problema da aculturação e da preservação dos valores da cultura indígena; em segundo porque o estilo é simples, direto, de grande impacto e beleza poética e, finalmente, porque apresenta, no desenrolar da narrativa as visões de mundo sob a ótica do pajé e do curumim, revelando, a cada momento, o sentido da compreensão humana e da aceitação do outro. Acima de tudo, "Apenas um Curumim" é um alerta à preservação da nossa cultura e dos valores permanentes do homem, como pode se ver na Profecia - "O tempo da fome também virá... Os dias serão sempre mais quentes. E quando o caraliba procurar uma sombra como abrigo, descobrirá que a terra não tem mais árvores. As noites serão escuras e frias. Sem lua, sem estrelas. E sem fogueiras quentes. E o caraliba, o homem-branco chorará. E quando acordar de sua imensa estupidez será tarde, muito tarde".

O autor, Werner Zetz dedica-se principalmente à literatura infantil. Entre 67 e 68 publicou quatro livros: "Turuna", "Balão de Cor", "Ciranda de Barquinhas" e "Elisa". Em 78, "Barco Branco em Mar Azul", já em 3ª edição. Este livro "Apenas um Curumim" foi premiado no Concurso Fernando Chinaglia de Literatura Infantil.

#### OS GATOS DE ANGAETAMA.

De João Donha. CooEditora, 1979. 64 p. 70,00. Era uma vez um americano que queria vender raticida numa cidade que tinha muitos gatos, que comiam ratos, e que portanto não precisava do produto.

Para conseguir o intento, o americano convenceu os chefes do lugar — o prefeito, vereadores e o líder econômico — das vantagens de dar fim aos gatos. E foram iniciadas caçadas, criados os tais CCG — Comando de Caça aos Gatos. Exterminados os gatos, proliferaram os ratos e a cidade passou a precisar de raticida.

Capachismo do político-político e equilíbrio ecológico, dois

dos assuntos considerados "eminentemente adultos", colocados como ingredientes deste livro infantil, numa linguagem gostosa, divertida e acessível a todos os leitores.

João Alberto Vendrari Donha nasceu em Guararapes-SP, em 1950. Cresceu no Norte do Paraná, no tempo do desmatamento e ocupação daquela região. "Os Gatos de Angaetama" marca sua estreia no gênero da literatura infantil onde pretende ficar por algum tempo com a intenção de participar de uma educação realmente emancipadora.

**O QUINTAL.** De Alro Zamoner. CooEditora, 1979. 48 p. 70,00.

Um livro que procura introduzir as crianças na realidade do mundo atual, dando-lhes uma visão do sistema social, integrando a convivência humana com a natureza. Ao mesmo tempo, propõe alternativas para a sobrevivência e uma melhor convivência entre o homem e a natureza. Assim, não é um livro só para crianças. Ele contém concei-

tos compreendidos em todas as idades, li crítica social exemplo, a de comunicação, o e moderno, as nos centros cias e as inj dade.

Alro Zamoner nasceu em 1940, e para "O Quintal" tura Infantil pois, acredita-se que a humana de

A UNES Nações Unidas Ciência e Cultura, dedicado Internacionais, número de obras feitas pelo Centro de tica, que é e original e compreende tudo "Um



Junho/83



Lilli Palmer, Editora Nórdica,  
359 páginas. Autobiografia. Cr\$ 3.200,00.

NUM clima muito bem-humorado, com aquela sutileza que só as pessoas muito inteligentes possuem, Lilli Palmer, estrela de cinema e teatro internacionalmente conhecida, conta a dura história de sua vida. Nasceu numa família judia, desde menina ela sentiu na própria carne os preconceitos que já existiam na Alemanha. Mais tarde, fugindo dos nazistas, em direção a Paris, onde se apresentou em cabarés e boates ao lado da irmã, Lilli foi subindo os degraus da carreira cinematográfica até atingir o estrelato.

Segundo a atriz, a vida é uma dança que não podemos abandonar, sob o risco de sucumbir. E a todo momento ela prova que teve forças suficientes para superar os fracassos amorosos e as perdas importantes, como a do pai. Escrito em ritmo acelerado, intenso, que não permite paradas, *Ciranda, Cirandinha* reafirma Lilli (que já teve outro livro, *Hora de Conciliação*, publicado no Brasil) como uma boa escritora, além da grande atriz que é. Trata-se, enfim, de uma biografia que mesmo nos momentos de tristeza nos transmite muita coragem, alegria, bom senso e humor, sem lamúrias ou lágrimas.



Louis de Brouwer, Editora Record, 182 páginas. Beleza. Cr\$ 1.890,00.

**IMPORTANTE** para toda mulher que deseja se manter jovem, este livro consegue abordar

os principais aspectos do assunto, inclusive a saúde e as melhores maneiras de mantê-la em dia. Sem prometer receitas milagrosas, o autor apresenta uma série de métodos capazes de conservar ou restabelecer a juventude e o bem-estar e de deter o envelhecimento, tanto físico quanto mental.

Um dos principais conselhos desse livro dividido em seis grandes capítulos é o de retornar a certos hábitos naturais. Quanto mais se aproximar da natureza, mais condições o ser humano terá para prolongar a boa forma de seu organismo. Afinal, segundo o autor, nosso corpo tem o dom de possuir um mecanismo perfeito, de altíssima precisão e que só os erros da civilização alteram.

Adepto fervoroso do naturalismo, Brouwer, que se dedica a profundos estudos de medicina, biologia, química, física e botânica, não se esquece também de afirmar, categoricamente, que quem cultiva virtudes como a tolerância, o amor e a caridade suporta melhor o peso dos anos.



Mamãe É  
Mulher  
do Pai

Werner Zotz, Editora Nórdica,  
31 páginas. Infanto-Juvenil.  
Cr\$ 590,00.

**L**IVRO delicioso, composto de três lindas histórias, este recente lançamento de Werner Zotz prova mais uma vez que ele é um dos raros escritores que conseguem se dirigir à criança e ao adolescente de uma forma clara e concisa, trazendo à luz os problemas do cotidiano. O que não quer dizer que se atenha apenas ao dia-a-dia, já que seu texto contém muita poesia e diversão.

Das três histórias (*Mamãe É Mulher do Pai*, *Fura-Bolo* e *Brincadeira Antiga*), sem dúvida a melhor é a que dá título ao livro. Contando a história de uma garotinha que abre a porta do quarto dos pais enquanto eles mantêm relações sexuais, Zotz consegue mostrar o quanto pesa na cabeça de uma criança o desconhecimento sobre sexo, levando-a a achar que o pai está machucando sua mãe.

Autor com nove livros publicados, Werner Zotz é catarinense, mas passou muitos anos no Paraná. Professor e jornalista, trabalha atualmente em publicidade, sendo muito ligado à criança, a ponto de adorar conversar com elas sobre seus livros. E, ao que parece, elas têm sempre algo a dizer, pois uma das virtudes de suas histórias é justamente levá-las a pensar.





# Nos livros e nos teatros, os melhores programas para as crianças.

**Uma página só para a criançada. Nossa crítica de literatura infantil, Mirna Pinsk, fala de**

**Apenas um curumim, de Werner Zotz, e dá as dicas sobre os lançamentos do**

**mês. Para os que gostam de teatro, selecionamos cinco excelentes peças em cartaz.**

## A CRÍTICA

**Apenas um curumim** - Werner Zotz - Co-Editora, Cr\$ 70 - Este livro ganhou o prêmio Fernando Chinaglia de Literatura Infantil/79. E merece. É bem escrito, inteligente e consegue tratar do índio sem demagogia, com delicadeza, sem pieguismo. São dois os narradores: um índio velho, cheio de sabedoria e consciência crítica e um curumim (menino), único remanescente de uma tribo. A história é o retorno dos dois para o meio da selva, em busca de suas raízes. Ao velho cabe informar, com uma linguagem impregnada de amor e poesia, os costumes, os códigos, a ética do índio, enfim, a forma direta e pura de enxergar o mundo. Ao menino, receber esse mundo com algumas dúvidas, mas basicamente com uma intuição muito grande. E é como se fosse um menino índio que esse livro pede que seja lido.

Diferente de outros textos para crianças que tratam do tema, aqui o índio é mostrado sob a óptica de um nativo consciente da destruturação da sua cultura, mas consciente também da sua responsabilidade nesse processo. E ao leitor é sugerido que, na medida em que a atitude do branco é desmistificada, seu poder pode diminuir. Intuitivamente, a identificação, criança-índio conduzirá o leitor para dentro do jogo de forças que o livro aponta e que pode ser extrapolado para a realidade da criança (não mais índio x branco; mas criança x adulto). E a lição de resistência, sem demagogia, entrará pelos poros. Ou melhor, como Tamã, o índio velho queria, surgirá da "natureza de dentro". Livro para ser lido por criança a partir de 9 anos com apenas uma adver-

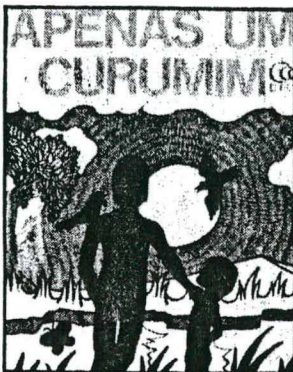
## APENAS UM CURUMIM



tência: não tomem muito a sério as ilustrações. São muito moralistas. (M.P.)

Folha de S. Paulo  
2.3.80

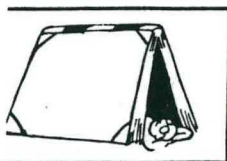
## Lirismo e visão crítica no mundo infantil



Comprovando que literatura infantil pode combinar lirismo com visão crítica da realidade temos este muito bem escrito "Apenas um Curumim".

Werner Zotz, colocando os personagens Tamã e Jarl em contraponto, nos mostra a sabedoria do velho pajé para fazer com que o Curumim aprendesse a ser um índio como os seus antepassados foram antes da chegada do branco, livres e felizes. É emocionante a capacidade do velho de transmitir seus valores dando condições para que o menino os vivencie e a lucidez com que ele percebeu o desrespeito à cultura indígena que propiciou a extinção de sua nação. O livro é um lançamento da Coe Editora, de Curitiba, e deve ser lido não apenas pelo público infantil para o qual é destinado, mas por todos que gostem de boa literatura. — M.M.





# LIVROS

## Um menino busca a liberdade no Pantanal

Werner Zoltz. RIO LIBERDADE. Novela.  
Editora Nórdica. 93 pg. Cr\$ 2.500

**U**m menino de 12 anos perde os pais, exilados, num desastre automobilístico. A tia mais velha, contrabandista, decide criar o jovem, visando mais aos seus interesses do que por motivos humanitários. Uma outra tia, ex-refugiada também, andou pelo Chile de Allende e depois Europa; com a anistia, volta para trabalhar numa reserva ecológica do Pantanal Mato-Grossense. O rapaz acaba fugindo de uma clínica-internato em São Paulo, onde fora colocado para exercícios de reabilitação; seu sonho é a liberdade que pai e habita a região para onde foi a tia querida. Com a fuga, vê-se perseguido por comparsas da contrabandista e ex-colaboradores da repressão, um dos quais havia tortu-

rado seu pai na prisão. Por fim a quadrilha é desbaratada.

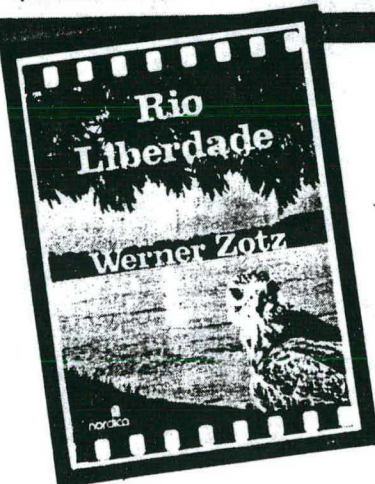
A narrativa vai num crescendo e é, na verdade, uma sinfonia em quatro movimentos: no primeiro, a fábula do gavião, suas andanças, a queda, o cativeiro e o reaprendizado da liberdade. O segundo nos mostra o jovem entregue à sua sorte; bastante significativa a imagem do menino semiparalítico e tal como o gavião que, temporariamente, teve a asa quebrada. Através de uma grande força de vontade, ele reaprende a andar. É preciso um motivo, uma causa para voltar a andar, a crescer. O caminho é encontrado com a fuga, por vezes áspero, perigoso. Nem sempre sendo possível caminhar à luz do dia, ele se lança aos 14 anos numa aventura que culmina na realização do seu sonho. O quarto e último movimento é o epílogo. Conseguindo-se a liberdade, respira-se fundo e dedica-se o que fazer com ela.

Amplamente ilustrado e bem diagramado, cada movimento tem início e fim com uma seqüência fotográfica, exemplificando a fauna e a flora do Pantanal, o exuberante ecossistema, verdadeiro santuário da natureza que é constantemente depredado pelo homem.

Se desejar, o leitor pode enquadrar o livro no âmbito da literatura infanto-juvenil, adulta ou mesmo policial, mas é preferível deixar de lado os rótulos e mergulhar na agradável leitura que o premiado Werner Zoltz nos proporciona; a trama flui atraente, caudalosa como o "paraguaizão", que no dizer de Moreno, o menino-personagem-símbolo-signo, é o Rio Liberdade.

Os demais livros do autor atingem sucessivas edições e este é um sério candidato a mais um título, dos vários, que Werner, merecidamente, coleciona.

ANTONIO CARLOS ROCHA





# Mamãe é mulher do pai

A. TITO FILHO

Werner Zotz vem se tornando uma novidade no seu setor — a literatura infantil — juvenil. Isto porque todos adoram o que ele escreve, tanto seus leitores, que fazem com que seus livros alcancem sucessivas reedições, quanto a crítica especializada, que o consagra em artigos, ensaios e prêmios. Seus livros BARCO BRANCO EM MAR AZUL (8ª edição), NÃO-ME-TOQUE EM PÉ DE GUERRA e APENAS UM CURUMIM (6ª edição) vêm sendo adotados em escolas de todo o Brasil. APENAS UM CURUMIM recebeu os prêmios Fernando Chinaglia, Monteiro Lobato e Brasília de Literatura.

Catarinense de nascimento, Werner Zotz morou muitos anos no Paraná. Já foi professor e jornalista. Atualmente trabalha em publicidade. Gosta de ler, de escrever e se orgulha de ser um dos melhores pescadores de robalo de sua terra. Gosta também de conhecer seus leitores, seja por cartas, seja visitando as escolas e faculdades onde seus livros são adotados. Sim, porque Werner não é lido apenas pelo público jovem. Ele, que se dedica à literatura infantil desde 1967, encanta, com suas histórias, a leitores de to-

das as idades. Com Werner Zotz é oito e oitenta.

E agora Werner traz para nós mais três de suas ótimas histórias: "Mamãe é Mulher do Pai", "Fura-Bolo" e "Brincadeira Antiga", reunidas num livro que leva o nome de MAMAE É MULHER DO PAI (E OUTRAS HISTÓRIAS). Nele, Werner focaliza o dia-a-dia da criança, seus problemas, suas fantasias, seu relacionamento com o mundo adulto, mostrando, com lirismo, humor e sem paternalismos, que a criança não é um mero adulto mal-acabado, mas um ser muito especial, com uma visão e uma compreensão do mundo bem próprias.

A obra é ilustrada por Patrícia Gwiner, com seu traço bem-humorado e pleno de sensibilidade. Patrícia, ainda jovem, já se consagra como uma de nossas grandes ilustradoras. Sempre mantendo seu estilo, ela mergulha em cada texto para recriá-lo visualmente.

MAMAE É MULHER DO PAI é um livro onde as crianças vão se emocionar, rir, pensar e se divertir. E, de vez em quando, vão procurá-lo de novo para mais uma aventura por suas páginas. E os adultos vão lê-lo com a mesma emoção. E muito prazer.

*Tribuna do Ceará - 31.1.83.*

Dica de Leitura: o livro "Não me Toque em Pé de Guerra", de Werner Zotz, um paranaense de nome difícil, mas de livros bem brasileiros, como é o caso do acima citado, cujo próprio título, com seu ritmo bem humorado, já demonstra o grau de criatividade deste excelente autor. sendo o lançamento da Editora Nórdica, em sua série para Ler Com Prazer, de livros para gente jovem. E é o próprio autor que fala sobre sua nova obra: "Não-me-Toque é uma pequena cidade da costa brasileira, onde um estranho monstro aparece. No começo, enquanto dão caça ao mesmo, os políticos locais tentam esconder o fato. Alguns políticos até mesmo suspeitam de ser um submarino comunista, trazendo de volta os exilados, já que a estória se passa meses antes de uma anistia política. Quando o fato transpira e é noticiado nos jornais da capital, aparecem centenas de turistas para ver o monstro ou submarino. As autoridades então além de tirarem proveito político, tentam comercializar o fato". E, para saber o que era o monstro, basta ler este fascinante livro.



# CRIANÇA

FANNY  
ABRAMOVICH

26.380

## Uma história de índio. Simples e apaixonante.

Uma nova editora, a Coo Editora, de Curitiba, se lança no campo da literatura infantil. Entre seus primeiros títulos, quatro são destinados às crianças. O que, no mínimo, exige se bata palmas!

Um deles é *Apenas Um Curumim* (Cr\$ 70), de Werner Zoltz, que com este livro foi um dos ganhadores no Concurso Fernando Chinaglia 1979. E Werner não é novato na área: tem vários livros para crianças publicados e vem ganhando a cada nova proposta.

Neste livro, Werner Zoltz conta uma história bonita e, como toda história bonita, muito real.

Ele conta de como é o índio, que olha só a natureza, que tem o saber (aquele que realmente importa) das coisas simples e necessárias. De como o branco compra os índios, de como se assustou de suas terras, de como eles acreditam na conversa do homem branco, de como perceberam (porque não sabiam o que eram) as suas mentiras. E de como o índio foi morrendo com vergonha de ser índio e começou a trabalhar para o branco. E aí, como a terra e a natureza foram ficando tristes e sentindo com tudo isso e começaram a morrer, com a água, a caça e o próprio índio. E como uma tribo chamada de povo do riso morrendo de tristeza pura. De como este povo, onde ninguém nunca abusou do trabalho, que tinha a liberdade de folgar de trabalhar pelo puro gosto, foi tendo de fazer tudo isto para trás.

E conta também do velho pajé, do qual os índios tinham medo. De como ele reeducou o menino que sobrou para ser índio outra vez.

Mas que para isso deixa-o ir tentando sozinho, para ver se ele aprende sem ter de ser ensinado. Tanto que ele percebe que, enxergar o caminho não é vergonha é procura e é



Com Apenas Um Curumim, a Coo Editora se lança na literatura infantil. E com sucesso.

crescimento! Que procurar a paz não quer dizer humilhação calada, muito menos fazer de conta que os problemas não são nossos. E que se pode morrer feliz e satisfeito, quando se faz o que se devia nessa terra.

E conta do "curumim", deste menino que sobrou, que tem na pele a cor do índio, que fala a língua do índio, mas que não sabe pensar como sua gente. Do temor da solidão dessa criança, para quem os adultos sempre resolveram tudo. De como, para ele, é difícil entender a gente grande. Mas que recupera tudo isso, pelas mãos do velho Pajé, se recontra, acha a sua identidade e volta para continuar construindo e defendendo a identidade do seu povo. Porque aprende a escutar a voz que vem de dentro de cada um, porque aprende a remar e amar a natureza e sobretudo porque compreende que "o que não é feito

com as mãos da gente, com o amor da gente, não é da gente".

Uma história muito bonita. Que conta também como o índio foi se esquecendo de como era ser índio... Do que foi feito com todo um povo, uma civilização, uma cultura. Uma história importante. E linda de ler, fundamental de saber e comovente de ouvir.

Uma história muito humana (na relação entre um menino e um velho), sem medo de colocar coisas vitais e fundamentais. Uma história brasileira (porque de índios brasileiros), mas universal (porque de tentativa de extermínio de um povo, de uma fé, de uma forma de crer e estar no mundo). Uma linda história!

É pena que a capa (um pouco poluída demais) e as ilustrações de Alvaro Borges Jr. não acompanhem a delicadeza na narrativa. São duras, frias, não envolvendo nem enternecendo como a leitura do texto. Mesmo a tentativa de fazê-las sob a forma de quadrinhos, não só não é bem resolvida, como compromete (pois repete e redundante) a leitura. Faz sublinhar o que não precisa ser sublinhado, resume o que não pede para ser sintetizado.

A edição é bem cuidada, jogando com famílias de letras, conforme muda o narrador. Um recurso simples e enriquecedor. Os títulos dos capítulos são bem destacados, quase manchetes do que se segue. A paginação é gostosa, mas o tamanho das letras é maior, para facilitar a leitura.

Mas a história é tão densa e significativa que pessoas de todas as idades deveriam conhecer para saber o que estão fazendo com o "curumim" que existe dentro de cada um de nós! Pois só assim, a gente poderá sobreviver como um ser inteiro e como uma cultura e uma história inteira.

O GLOBO Domingo, 6/ 4/ 80

JORNAL DA FAMÍLIA ● 5

### LITERATURA INFANTIL

LAURA CONSTANCIA SANDRONI

## O índio como protagonista de uma história com sabor brasileiro

Werner Zoltz  
Barco branco em mar azul  
Apenas um curumim  
Coo Editora  
62 e 56 páginas  
Cr\$ 70

Do ponto de vista da análise crítica, é um privilégio ler-se na mesma oportunidade Barco branco em mar azul já em terceira edição e *Apenas um curumim* recentemente premiado no Concurso Fernando Chinaglia de Licenciatura Infantil comemorado do Ano Internacional da Criança. Isto porque pode-se perceber com clareza as semelhanças temáticas entre um e outro e ao mesmo tempo notar como Werner Zoltz cresceu como autor de uma para outra

Sua preocupação marcante com a transmissão dos valores humanos está perfeitamente delineada na escolha dos protagonistas: velho e criança juntos, só e amigos nos dois textos. O velho, símbolo da sabedoria, da experiência, da vida vivida em plenitude abre-se ao menino, conta-lhe seus segredos, estabelece pontes entre passado e presente e coloca no futuro toda sua esperança de um mundo melhor.

O menino, desconfiado a princípio, aproxima-se do velho movido pela curiosidade e em seguida deixa-se encantar pelas histórias que conta, permeáveis às lições que elas encerram.

Esse aspecto assumidamente

ce a diferença de nível literário entre os dois textos. E claro demais no primeiro, que apesar de simbólico é evitado de pequenos ditos/lições que o prejudicam no que tem de lírico e comovente.

Já em *Apenas um curumim* o autor encontrou o tom certo. As lições, e elas estão presentes, são passadas dentro do contexto exato, da linguagem certa, em nada prejudicando o andamento da narrativa. A ideia, por exemplo, de que os bons e puros de coração podem ouvir a voz dos seres inanimados, da natureza e de sua própria consciência está muito melhor transmitida no segundo, embora explicitada freqüentemente no primeiro.

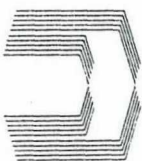
Outra tônica é a da liberdade indi-

te o que custar mesmo no mundo competitivo em que vivemos. O barco é nos dois textos símbolo dessa liberdade, construída pelas próprias mãos.

Em termos de estrutura narrativa *Apenas um curumim* é também original pois feita em contraponto sendo cada acontecimento visto por um dos dois protagonistas.

A escolha da cultura indígena brasileira para ambientação da história foi muito feliz, não apenas porque a preservação dos valores dessa cultura é hoje assunto em pauta, como porque há ainda poucos livros para crianças que o abordem. Ilustrações de qualidade muito inferior ao texto fazem sonhar com uma edição mais cuidada. Afinal, as crianças mere-





FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL

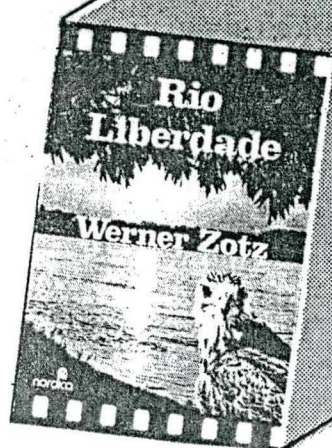
Certifico que *Werner Zolt*  
recebeu, no ano de *1984*, a láurea *"O livro, o livro, o livro"*  
*o livro, o livro, o livro* do livro *"O livro, o livro, o livro"*

Rio de Janeiro, *23* de

*Julho* de *1985*

*Loreia Fude*

Diretora-executiva



**RIO LIBERDADE  
DE WERNER ZOLTZ  
Editorial Nórdica**

Werner Zoltz é um dos grandes nomes da atual literatura infanto-juvenil brasileira. Suas obras têm encantado leitores e críticos, alcançando sucessivas reedições. Agora a Editorial Nórdica traz para o público deste excelente escritor seu mais recente livro: RIO LIBERDADE.

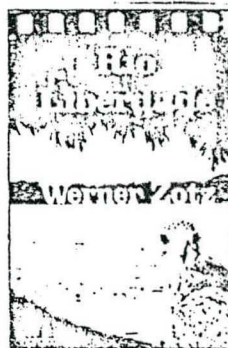
A história passa-se no pantanal matogrossense, onde o jovem Moreno vive, entre aventuras e perigos, na busca da Liberdade. Ele aprende com a Natureza, com os animais, que fazem toda a magia daquela região, uma das mais belas do mundo. Mas seu aprendizado é também sofrido, pelo contacto com os homens - bicho que interfere quase sempre para destruir.

RIO LIBERDADE é um dos pontos altos da obra de Werner. Ao brilho e à beleza da prosa, ele juntou um enredo perfeito e uma temática atual e eterna: a Liberdade. E como afirma seu editor Jaime Bernardes na apresentação da obra: "E ser livre é muito importante. É a coisa mais importante da vida.

Werner Zoltz é autor de Apenas um Curumim", que recebeu os prêmios Fernando Chinaglia (79), Monteiro Lobato (81) e Brasília de Literatura (82).

Correio Popular  
sext. Domingo Briauça  
20/05/84  
Campinas - SP

Correio Brasileiro  
18.03.84  
Brasília  
DF



\* RIO LIBERDADE. Werner Zoltz - um dos melhores autores da área infanto-juvenil brasileira - acaba de lançar um novo livro, Rio Liberdade que, tendo como pano de fundo a questão ecológica, fala de nossos problemas sociais e políticos e do relacionamento humano entre os indivíduos. A história passa-se no pantanal mato-grossense, onde o jovem Moreno vive, entre aventuras e perigos, na busca da liberdade. Ele aprende com a própria natureza e com os animais as coisas da vida, mas seu aprendizado também sofre a influência dos homens - que interferem quase sempre para destruir. Moreno é preso em São Paulo e precisa usar toda a sua sabedoria de vida e esperteza para fugir e ir ao encontro de sua tia e da liberdade. De São Paulo a Cará-Cará, no interior

do pantanal, ele enfrenta muitos quilômetros e aventuras, perigosas e divertidas. Rio Liberdade é um bellissimo livro, que traz, inclusive, uma inovação visual em relação aos anteriores: em vez de desenhos, ele é ilustrado com fotos. Rio Liberdade é uma publicação da Editorial Nórdica.

City News  
seção: Bivros / Jota Bivros  
18.03.84.  
Campinas - SP.

**NOVO LIVRO DE  
WERNER ZOLTZ**

Uma nova história infanto-juvenil de WERNER ZOLTZ, um autor que se consagrou no gênero. A história se passa no pantanal matogrossense, onde entre aventuras e perigos, um jovem busca a liberdade. Ele aprende com a Natureza, com os animais, que fazem toda a magia daquela região, uma das mais belas do mundo. Mas seu aprendizado é também sofrido, pelo contacto com os homens - bicho que interfere quase sempre para destruir. RIO LIBERDADE (Nórdica) é um dos pontos altos da obra de WERNER. Ao brilho e à beleza da prosa, ele juntou um enredo perfeito e uma temática atual e eterna: a Liberdade.



## TEATRO

## O VALOR DO INGRESSO DE TEATRO

**U**M dos pontos críticos da realidade teatral brasileira é o preço cobrado pelos ingressos. Em valores relativos são até baratos — a média se situa em Cr\$ 4 mil — levando em consideração os crescentes investimentos de produção e a galopante inflação que corrói o mais rígido planejamento. Mas o poder aquisitivo da classe média, o público básico do teatro, vem sofrendo ao longo dos anos um desgaste incontrolável e a capacidade de compra, por consequência, fica drasticamente reduzida. Sem dinheiro, portanto, fica difícil pagar o ingresso de teatro. Alguns produtores têm extrema sensibilidade para esta questão, já que sentem nas platéias vazias e na indiferença do público sinais do problema. Uma prova de que o preço é um dos fatores que afastam o espectador do teatro ocorre durante o mês de dezembro, quando através da campanha de popularização os ingressos são vendidos a preços mais acessíveis e não falta público.

Mesmo conscientes desses problemas, no entanto, alguns produtores parecem insensíveis a esta realidade econômica cobrando preços muito superiores aos toleráveis. Por acreditarem demais na fama dos atores de

seu elenco (quase sempre nomes destacados nas novelas de televisão) exorbitam ao estabelecer o valor cobrado pelo ingresso. Não se compreende, por exemplo, que uma produção alternativa em um teatro de instalações modestas cobre os mesmos Cr\$ 4 mil por um ingresso cobrados por uma montagem com muitos atores em sala de espetáculo de maior conforto. Ou que produções com um número pequeno de atores — às vezes dois — cheguem ao limite dos Cr\$ 7 mil. É muito, mesmo levando-se em consideração as eventuais qualidades artísticas do espetáculo. É exagero.

Seria oportuno estabelecer uma política entre todos os espetáculos em cartaz, criando, por exemplo, um dia (no início da semana, terça ou quarta, dias reconhecidamente mais fracos em termos de público) em que haveria uma baixa nos preços. Todos os teatros cobrariam um preço único numa promoção conjunta. E nos teatros maiores poderia-se, uma vez mais, tentar-se a diversificação de preços: os lugares mais próximos ao palco seriam mais caros e os mais distantes, custariam menos.

MACKSEN LUIZ

## LIVRO

## A IMPORTÂNCIA DE SER LIVRE

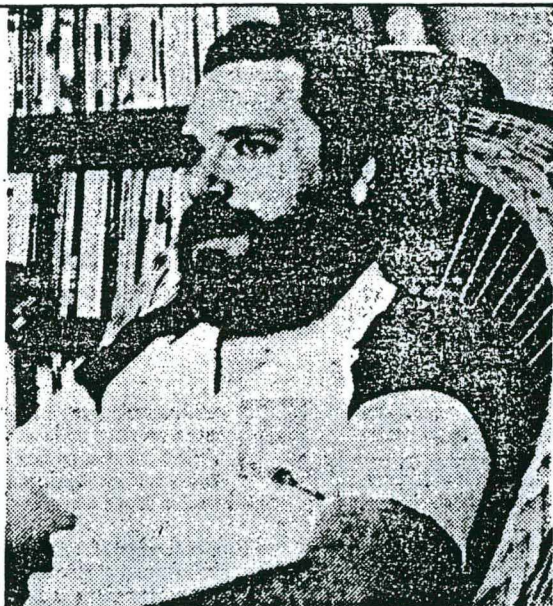
**Rio Liberdade**, de Werner Zolt. Editora Nórdica; 93 páginas, Cr\$ 2 mil 500.

**E**M Apenas um curumim, Werner Zolt, um ex-professor e jornalista que desde 1967 dedica-se à literatura infanto-juvenil, contava a história do índio brasileiro, que de alegre foi ficando triste, sua cultura incompreendida, sua civilização desprezada. Misturando lirismo e crítica, numa prova concreta de que é possível se ganhar o universo infantil sem perder contato com a realidade, Zolt chegou até o público cuja linguagem soube captar, amontoou prêmios e se imbuíu da segurança que exhibe em **Rio Liberdade**, seu mais recente livro, lançado agora pela Nórdica.

Aqui, mais uma vez, toca-se num estado de coisas que nada tem de cor-de-rosa: o contrabando de peles no Pantanal mato-grossense e a volta dos anistiados ao país. Dosando noções de ecologia, com o pique de aventura que o leitor jovem pode encontrar em obras clássicas como *Robinson Crusôé* — fonte de inspiração para Moreno, o herói de **Rio Liberdade** —, Werner Zolt evita o didático e acerta na escolha das metáforas.

Escritor metódico, que se exercita diariamente e se orgulha de reescrever seus textos inúmeras vezes, Zolt narra em **Rio Liberdade** a trajetória de um adolescente a quem é dado conhecer a liberdade em todas as suas formas. Filho e sobrinho de exilados, Moreno acompanha, na Reserva Biológica de Cará-Cará, a luta de um gavião-garrancho para vencer a dor da mutilação provocada por um tiro, e reconquistar sua liberdade no voo. Pouco depois, na volta a São Paulo, sofre um acidente que o obriga ao uso de cadeira de rodas. É a sua vez de superar as limitações, recuperar as pernas e, com elas, a liberdade de ir para onde quiser. Só que para Moreno as coisas não são tão simples quanto foram para o amigo garrancho. Além do esforço físico, terá que se empenhar em complicada fuga para chegar ao objetivo: a Reserva do Cará-Cará, onde mora uma tia.

Esquivando-se de tenazes caçadores de recompensa, a soldo de uma outra tia, Jondira, contrabandista de peles,



Werner Zolt

Moreno vai acumulando, pelo caminho, noções nada distorcidas de conceitos importantes. O de que é tênue a linha que separa a liberdade da sua perda, total ou parcial. O de que o respeito à liberdade dos outros é tão importante quanto se querer o bem deles. Ou até mais. O de que a liberdade depende muito do uso que se faz dela.

Para proteger um ninho de colhereiro; tia Chica acerta o gavião-garrancho com uma espingarda. Mas respeita a coragem do caçador, que luta para viver, e guia suas tentativas de retorno à vida. Diante dos caçadores, capangas de tia Jondira, que já caçaram esquerdistas e hoje não sabem bem como ajeitar sua existência, Moreno tem a liberdade de escolher matá-los ou não. Escolhe deixá-los sobreviver.

Catárinense de nascimento, descrevendo-se como um andarilho compulsivo que aprecia cidades pequenas, a pesca e a leitura, Werner Zolt escreve em **Rio Liberdade** uma obra de nuances, onde os maus são castigados, mas onde se levanta a dúvida quanto a serem tão maus assim. Um livro que faz pensar.

VIVIAN WYLER



# Dinarta-se

## LIVROS / CRÍTICA

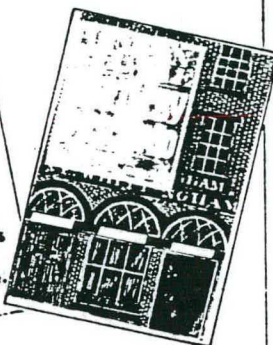
### Uma insidiosa desesperança, uma obra-prima.

"Palidamente delicado, lamentavelmente respeitável, irremediavelmente desamparado." É *Bartleby*, o escrivão, que surge e se instala de modo inexplicável e definitivo. Sua figura impressiona e confunde: ele está sempre em seu lugar, meticulosamente ocupado. Só que "prefere" não fazer mais nada além de seus escritos. Depois, passa a recusar até mesmo as próprias tarefas, diante de um patrão atônito, mas já derrotado por sua estranha e persistente negativa. Quando *Bartleby* "prefere", nada o demove, embora ele sempre parece absolutamente só, "como um destroço no meio do oceano Atlântico".

Atualmente considerada um dos monumentos literários da Humanidade — e cuja profundidade ainda requer estudos e análises —, a novela *Bartleby*, de Herman Melville, já define, como escreveu Borges, um gênero que Franz Kafka reinventaria e aprofundaria: o das fantasias do comportamento e sentimento. No entanto, quando o publicou, em 1856, Melville era um homem rejeitado por seus contemporâneos.

Nascido em Nova York, a 1ª de agosto de 1819, ali morreu a 28 de setembro de 1891. Os jornais sequer publicaram a notícia de sua morte. Após uma existência de aventuras e desventuras quase incommuns, desaparecia cercado pela indiferença do público e da crítica. Entretanto, Melville seria reabilitado na década de 20 e considerado um dos maiores autores do século passado por escritores do porte de um D.H. Lawrence e de um Albert Camus, que, aliás, diria dele: "Para avaliar o gênio de Melville é indispensável admitir que suas obras traçam uma experiência espiritual de incomparável intensidade e que são em parte simbólicas. Alguns críticos discutiram essa evidência que não parece ser mais discutível. Seus

Obra tão profunda que ainda requer, mais de um século depois, estudos e análises. *Bartleby*, o Escrivão é tida como um dos monumentos literários da humanidade. Obrigatória.



livros admiráveis são desses excepcionais, que podem ser lidos de diferentes maneiras, ao mesmo tempo evidentes e misteriosos, obscuros e cheios de sol e, no entanto, límpidos como uma água profunda".

Durante muitos anos Melville alternou a atividade literária com longas viagens marítimas, de onde retirava o ambiente em que geralmente transitavam e sobretudo sofriam seus personagens — ou ele mesmo. Mas seu humor irreverente, muitas vezes burlesco e outras indecoroso demais para a mentalidade puritana da sociedade norte-americana da época, afastou-o de seu público inicial — o das primeiras e ingênuas aventuras marítimas. Esse público, que já começara a se decepcionar com *Mardi* (1849) — uma crítica aos valores vigentes naquele momento —, recebeu *Moby Dick* (1851) com certa indiferença e afastara-se indignado diante do incesto de *Pierre* (1852). Romanços, enfim, também reveladores de elementos autobiográficos que merecem estudos

psicanalíticos e que, em parte, antecipam a obra de Kafka — opinião exposta por Jorge Luis Borges no prólogo da edição que traduziu para o castelhano da novela *Bartleby*, agora publicada em português pela Record sob o título de *Bartleby, o Escrivão*.

Esta pequena novela integrou originalmente o livro que reunia contos inéditos e outros já publicados em revistas, sob o título de *The Piazza Tales*, em 1856. Editada isoladamente pela Record, *Bartleby* fala da angústia e da desesperança — temas recorrentes na obra de Melville.

Sobre o passado do escrivão pouco se sabe, um quase nada mesmo. Mas é o suficiente para se tangenciar sua solidão atroz. Basta uma informação aparentemente prosaica, vinda ao acaso. Inesperada e que revela *Bartleby*. Paradoxalmente justifica sua força e, enquanto ele se desvanecia, nos leva a amá-lo. Mas é um amor tardio e sem retorno, como a provável viagem de sua mente nos longos dias de imobilidade: *Bartleby* imerso em devaneios, os olhos voltados para a parede de tijolos — única paisagem possível da janela daquele escritório. Seu imobilismo expressa a insidiosa desesperança que o corrói ao mesmo tempo que vinga sua excessiva sensibilidade em confronto com um mundo cruel por si mesmo.

Calmamente e, de certo modo bem humorado, o narrador se apresenta, e aos personagens que o cercam, para só então fixar-se em *Bartleby*. Mas o motivo e a dimensão da angústia e da desesperança deste niilista só são conhecidos no final, em estocada rápida e certa. Aqui Melville também foi perfeito: um artista que molda pouco a pouco e que só ao arrematar sua obra desvenda algo sutilmente monstruoso, como certos aspectos da própria vida.

Isabel Raposo

### Mato Grosso, na viagem dos sonhos juvenis.

(De Werner Zotz — Editora Nórdica, 1984) — Entre os escritores do Sul do País que entraram firme na literatura infanto-juvenil, na década de 70, o catarinense Werner Zotz ocupa lugar de destaque, como um dos primeiros, com uma série de livros publicados, grande sucesso de público e de crítica, edições sucessivas e toda uma coleção de prêmios. Nas suas fascinantes histórias, ele aborda temas dos mais diversificados, como ecologia e aventura, problemas humanos, fantasia e realidade, adultos e crianças, índios, bichos — e coisas como amizade, coragem, lealdade, justiça e liberdade. E seus opositos — porque a literatura de W.Z., tão brasileira, tem beleza, poesia, emoção, mas principalmente é impregnada de profundo senso ético, uma ética "humanista" que envolve o leitor e mexe com o que há de mais generoso na natureza da criança e do jovem.

Acresce que o conteúdo, sempre relevante, se reveste em W.Z. de um estilo fluente, ágil e coloquial, alternando com mestria lirismo e emoção, "suspense" e humor, ação, contemplação, reflexão. E também informação, sem qualquer didatismo, direta e funcional — porque as coisas, os ambientes, as paisagens e as gentes de que fala, ele os conhece de vivência própria, como professor e jornalista que viveu durante anos no Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso e Paraná, viajando também por outras plagas, com os seus olhos de amor pela flora, fauna e gente deste Brasil.

Rio Liberdade é seu último livro, acaba

Rio Liberdade tem emoção, lirismo, humor, suspense, contemplação, reflexão. E também informação, sem didatismo, numa bela viagem ao Mato Grosso de rios, florestas, aves, bichos. E gente.



de sair do forno e constitui mais uma bela "viagem" para os nossos jovens. Quem conta a história é Moreno, o protagonista, garoto de 12 anos que, exilado com os pais quando tinha apenas cinco, volta com eles para a Pátria, após a anistia. Eles vão para o Mato Grosso, onde o pai fará uma reportagem na Reserva Biológica de Cara-Cara. Lá vive a tia Chica, professora e funcionária da reserva, generosa e valente, inteligente e boa de tiro, mulher para feminista alguma botar defeito. As coisas — e quantas coisas! — acontecem com intensidade e rapidez, em cenários os mais diversos: no Patanal — beleza, nos rios, nas cidades, entre tristezas e alegrias, sustos e perigos. Com gente boa e gente má, contrabandista e coureiros, capangas e policiais, outra tia, esta "vilã", perseguições e escapadas mirabolantes, a

pé, de trem, de lancha-motor, de barco, de avião. Os lances sucedem-se, entremeados de observações e reflexões de Moreno que, na sua fuga para a liberdade (pois ficou preso num orfanato, contra vontade, após perder os pais num desastre de estrada), passa por momentos de coragem e de grande medo, de esperança e de desânimo, num "suspense" permanente que gera no leitor uma "torcida" que o faz devorar o livro num só fôlego.

"Tendo como pano de fundo a questão ecológica" — é linda a primeira parte do livro, na qual o gavião garrancho, derrubado por um tiro certo da Tia Chica (em defesa do seu ninho de colheiteiro), é tratado e cuidado por ela mesma, até reaprender a voar e ser livre novamente, transformando-se no próprio símbolo da liberdade —. Rio Liberdade fala dos nossos problemas políticos e sociais e do relacionamento humano entre os indivíduos. Tudo isso num relato que é ao mesmo tempo um "documentário" (não resisto à comparação cinematográfica), um movimentado "policial" e um tocante drama humano no nível afetivo.

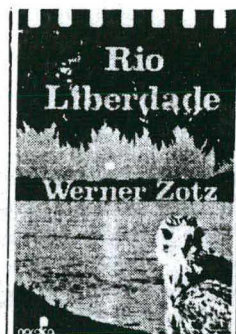
O livro é realisticamente ilustrado por bonitas fotos dos lugares — Pantanal, rio, floresta, aves e bichos, e também mapas e pessoas — onde transcorre a história, por sinal enquadrados de modo a simular um filme de cinema. Filme que bem poderia ser rodado por um cineasta com sensibilidade para um argumento como esse...

Tatiana Belinky



O Estado de S. Paulo  
Jornal da Tarde  
São Paulo - SP  
29.02.84

O Globo  
Carlos Meneses  
Rio de Janeiro  
29.02.84.

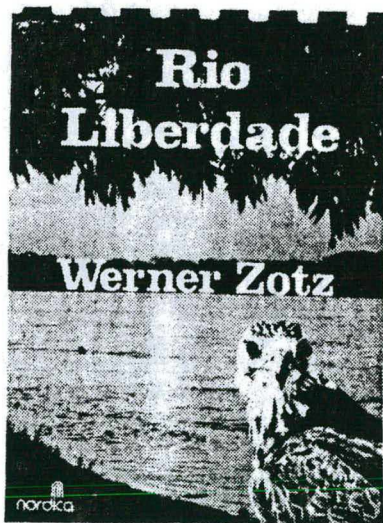


**Rio Liberdade,**  
Werner Zoltz (Nórdica) — Cr\$ 2.500,00. História que se passa no pantanal, onde o jovem Moreno vive entre aventuras e perigos na busca da liberdade. Preso em São Paulo, Moreno precisa de todo o seu aprendizado de vida e de sua esperteza de menino para fugir e ir ao encontro de sua tia no interior do pantanal.

Correio do Povo  
J.C. e Cia / Betas e Lino  
Porto Alegre - RS 3.3.84

### Aventuras e busca de liberdade no Pantanal

● O catarinense Werner Zoltz é um dos mais importantes contadores de histórias para crianças e jovens surgidos, no Brasil, nos últimos dez anos. Seu *Barco branco em mar azul*, com que se estreou, já chegou à nona edição; *Apenas um curumim*, ganhador dos prêmios "Fernando Chinaglia-79", "Monteiro Lobato-81 e Brasília de Literatura-82", está na 7ª edição; *Não-me-Toque em pé de guerra*, mais recente, tem duas edições; e *Mamãe é mulher de papai*, saído há pouco, está praticamente esgotado. Agora, **Werner Zoltz**, sempre com o selo da *Nórdica*, lança um livro que vai agradar a leitores de qualquer faixa etária: **Rio Liberdade** (96 páginas, Cr\$ 2.500) uma história passada no pantanal matogrossense, onde um jovem — Moreno — vive, entre aventuras e perigos, na busca da liberdade. Ali ele aprende com a natureza, com os animais, que fazem toda a magia daquela região, uma das mais belas do mundo. Mas é um aprendizado sofrido, principalmente quando em contato com os homens, que quase sempre interferem para destruir. O leitor que se enterneceu com *Fernão Capelo Galvota*, de Richard Bach, também editado pela *Nórdica*, certamente terá muito que lucrar com a história de Moreno.



O superpremiado Werner Zoltz (*Apenas um curumim*) ganhou os prêmios Fernando Chinaglia (79), Monteiro Lobato (81) e Brasília de Literatura (82) está com novo livro na praça: **Rio Liberdade** (Editora Nórdica) em que conta a história de um menino, More-

no, que se refugia no Pantanal Matogrossense. Há momentos belíssimos neste livro: "(...) Garrancho parecia não entender. No Pantanal só planura de campo e azul do céu, para todos os lados. E ele sem saber o que fazer com a liberdade!"

Revista AQUI  
Adami Barbosa  
Maringá - PR  
22.05.84.



"RIO LIBERDADE", de Werner Zoltz. Nórdica, 94 pag., Cr\$ 2.500.

No limite da narrativa poética, Werner Zoltz aborda nesta sua mais recente obra, como o próprio título já manifesta, um tema sempre atual: a liberdade. Do pantanal matogrossense, onde a história é situada, o jovem Moreno vive aventuras e perigos, aprendendo com os animais, com a natureza. Em São Paulo, o herói passa por situações difíceis até conseguir voltar para sua terra natal. Zoltz tem vários livros dedicados ao público infanto-juvenil, com uma obra que tem encontrado muita receptividade. Uma delas, *"Mamãe é Mulher do Pai"*, foi adaptada para o teatro, estando sendo encenada no Rio de Janeiro.



# Zotz volta a escrever

Suell de Souza Cagnelli

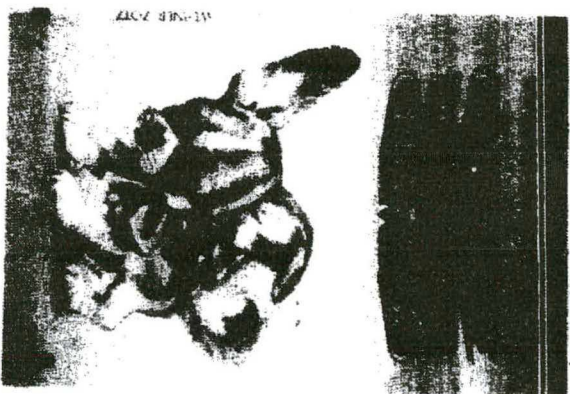
Werner Zotz, um dos bons escritores catarinenses, após alguns anos de afastamento da vida literária, volta a escrever. Já não era sem tempo. Seus leitores há muito vinham reclamando.

Em época natalina, ele deu a seu público "Presente de um domingo chuvoso", apresentando-o duplamente: com a obra e com o seu retorno.

Nela, Werner, como sempre fez em todos os seus livros, trata bastante do afeto, da relação emocionada entre os seres. Desta vez, entre uma menina, um homem e uma cachorrinha.

Pipoca, a cachorrinha, chega na vida de Henrique e Carolína como um presente de domingo chuvoso mesmo. Chega como quem não quer nada, acabando tudo e dando o máximo.

Baseada em dados reais, a história toca em pontos importan-



tes como o relacionamento das pessoas com os animais; a importância do afeto e da pureza; a validade da entrega nas relações.

Tocando também em temas fortes como doença, perdas e mortes, Werner consegue levar seus leitores — grandes e pequenos — a emoção sentida, forte, doída até sem corrigir no sentimentalismo pegado, bastante co-

mum na abordagem destes temas. Ao finalizar, magistralmente toca de leve no significado maior da relação de Carolína com a cachorrinha Pipoca. Da seu recado, encosta numa ideia bastante em moda no momento: a de espiritualidade ou da ligação dos vivos com os mortos, sem contudo comprometer-se com a questão. Entenda-a e aceite-a cada um a seu modo. Tocante, embora descompromissado, eis o achado de Werner nesta abordagem.

Um livro bom, sem dúvida, "homem feito um presente de domingo chuvoso", como disse uma leitora emocionada, após a leitura entusiasmada que fez do texto. Vale a pena conferir e, por que não, pensar na questão que ele aborda.

**Presente de Um Domingo Chuvoso, de Werner Zotz. Capa e ilustrações de Nilson Müller. Nórdica, 112 páginas**

**Suell de Souza Cagnelli é professora titular de Literatura Infantil na Furf/Univille**

A Notícia

ANEXO

Domingo, 7 de fevereiro de 1993



## ESCRITOR WERNER ZOTZ NA LIVRARIA "PEQUENO PRÍNCIPE" NESTA TERÇA-FEIRA

Para prestigiar o encerramento do Concurso de Redação com a entrega de prêmios e diplomas de honra ao escritor Werner Zotz estará presente, às 17 horas, terça-feira, na Livraria "Pequeno Príncipe" (rua Florentino de Abreu, 607), presidindo as solenidades festivas do evento, lançado em maio do corrente ano para as escolas da cidade. Para o Concurso de Redação foram indicadas uma relação de obras (de Werner Zotz e Esdras do Nascimento), sobre as quais, após a leitura, as crianças e adolescentes deveriam fazer um comentário pessoal. Para julgar os trabalhos dos 370 participantes, a Livraria "Pequeno Príncipe" contou com a colaboração das professoras Laurinda Antunes e Carmélia de Paula Silva Bastos.

### ALUNOS CLASSIFICADOS NO CERTAME

Para os alunos classificados nos dois primeiros lugares de cada série, a Livraria "Pequeno Príncipe" irá oferecer prêmios em brinquedos e livros. Todos os participantes receberão um diploma (menção honrosa). A classificação dada pela comissão julgadora é a seguinte: 4.ª série — 1.º lugar — Gabriela Zanon Pelicão (que comentou o livro "Barco Branco em Mar Azul"); 2.º lugar — Adriane C. (Mamãe é a Mulher do Pai); 5.ª série — 1.º lugar — Ana Vannuchi (Rio Liberdade); 2.º lugar — Thiago Zanello (Rio Liberdade); 6.ª série — 1.º lugar — Ana da Silva (Não-me-Toque em Pé de Guerra); 2.º lugar — Nilson G. Salles Pereira (Rio Liberdade); 7.ª série — 1.º lugar — Mauricio Ramos Benedeti (Rio Liberdade); 2.º lugar — Marcelo dos Santos (Rio Liberdade); 8.ª série — 1.º lugar — Reinaldo Navarro (Rio Liberdade); 2.º lugar — S. Bologna Sidequersky (Rio Liberdade). Todas as citações são da autoria de Werner Zotz.

Um prêmio especial foi concedido à Escola que maior número de alunos apresentou ao concurso: ela vai receber a Livraria "Pequeno Príncipe" uma "Ciranda de Livros". A escola é a "E.E.P.G. Grau Sinhá Junqueira", cujos alunos foram orientados pela Prof.ª Vera Hanna.

### UMA DAS REDAÇÕES PREMIADAS EM PRIMEIRO LUGAR

Em título de curiosidade, apresentamos ao leitor o trabalho classificado em primeiro lugar do aluno Maurício S. Benedeti (7.ª série):

### O LIBERDADE — WERNER ZOTZ

Após uma noite de sonhos, nos quais me via cercado por um azul, navegando num RIO LIBERDADE, iria esbarcar sobre um garoto moreno, que via a liberdade acima de tudo. Iria escrever sobre a importância do tema mais importante da vida. Iria "criticar" algo que me criticou e que fez nascer dúvidas e indecisões no meu modo de pensar. Dizer sobre o que me disse muito, e que me ajudou a viver novas experiências, meditar sobre novas conquistas, enriquecer os meus conhecimentos. Dizer o quanto a história tocou em mim. Mas acho que as palavras poucas para escrever sobre algo que merece tanta importância. O tema de que mais precisamos para fazer pensar sobre o que está acontecendo com nosso planeta. Sobre o que acontece todos os dias, com nós, seres humanos. Acho que o que posso dizer sobre RIO LIBERDADE é que ele merece muitas repetições sucessos. Que ele continue a abrir caminhos para nossas idéias, que Moreno continue, de certo a emocionar seus leitores. Porque o livro significou para mim, e estou certo de que será assim com todos os outros que o doce gosto da liberdade. Que todos, assim como eu, vejam através do RIO LIBERDADE um mundo belo que Deus nos deu, o qual não sabemos aproveitar. Que todos, através do livro, possam compreender os pássaros. E que um dia, se Deus quiser, a "liberdade abra as asas sobre nós..."

Magnólia Mary Dorta Soares

DOMINGO, 30 DE SETEMBRO DE 1.984

Ribeirão Preto.

# A CIDADE

**Hoje:  
Fernando  
Sabino,  
Rubem  
Braga,  
Geandré...**

Às 14h, Olavo Romano autografa Casos de Minas na Paz e Terra (est. 70). Às 15h, João José de Melo Franco lança Amor Perfeito e Juvenal de Souza Neto, Derradeiros Relógios na Altair Brasil (est. 101). Às 16h, Alex Solnik e Paulo Carruso autografam Ecos do Ipiranga — O Grito, que não houve (humor político em quadros), pela Paz e Terra, no Salão de Autógrafos da Bienal. Nesse mesmo horário há um lançamento coletivo na Nórdica (est. 27), reunindo Edla Van Steen com Viver & Escrever (vol. 2), Esdras do Nascimento com As Aventuras do Capitão Simplicio, Álvaro Ottoni de Menezes com A História de um Sorriso e Werner Zotz com Não-me-toque em pé de Guerra, Barco Branco em Mar Azul e Apenas um Curumim, e um triplo na Record (est. 31) com J. G. Araújo Jorge autografando A Sós e Poeta na Praça e Fernando Sabino e Rubem Braga autografando seus livros. Às 17h, mais lançamentos: Márcio Souza com A Resistível Ascensão de Boto Tucuxi na Nobel (est. 20), Ronaldo Rogério de Freitas Mourão com Da greja às Galáxias, na Vozes (est. 31), Dagomir Marquesi com O Caso da Mulher Dragão e Touché, Índios e Pílulas de Vida do Dr. Hora Alternativa (est. 126). Às

22. Agosto. 82

Folha de São Paulo

## Na Bienal do Livro, novidades todos os dias

A gente acaba de ler um livro e pensa: "se fosse eu o autor, teria dado outro jeito nessa história". Ou então fica tão feliz com o que leu que tem vontade de dar os parabéns ao escritor.

Pois é isso que a gente vai poder fazer esta semana: acaba de ser inaugurada a 7.ª Bienal do Livro, no parque do Ibirapuera, e a cada dia um autor diferente estará lá para falar sobre seus livros (os que a gente já conhece e os que estarão sendo lançados agora, as novidades do ano) e discutir com seus leitores o que eles acham desses livros.

Hoje, às 10 horas, Stella Carr autografa (no stand da Melhoramentos) seu "Olhorão Olhorudo", uma história meio maluca de um personagem estranho.

Também Ruth Rocha estará hoje na Bienal (19 horas) para lançar seu "Elefante?". Há poucos dias ela autografou o engraçado "Davi ataca de novo", da editora Pasquinzinho, que pode ser encontrado na exposição.

Na terça-feira, Elos Sand e Maria Lúcia Ramos (que também são colaboradoras deste suplemento) mostrarão seus livros "O Macaquinho Desobediente" e "A Grande Festa".

Quem gosta dos desenhos de Maurício de Sousa vai adorar o robô que ele colocou no stand de sua editora, a Fama: lançando a série de 12 livros "O que você vai ser quando crescer", o robô vai distribuir desenhos autografados, com a profissão escolhida pelas próprias crianças.

E no dia 25, Edson Gabriel Garcia vai lançar suas "Histórias do País

dos Avestos", com ilustrações de Maurício. O rei desse País dos Avestos se chama Linguão e já apareceu em alguns contos que o Edson publicou aqui na "Folhinha". Quem quiser conhecer Edson e seu rei atrapalhado deve ir ao stand da Global-Edart.

Werner Zotz é um escritor de Santa Catarina que tem publicado livros diferentes, muito interessantes, pela Global/Nórdica. Será bom bater um papo com ele, que escreve sobre índios, e sobre meninos de hoje. Ele estará no stand da editora nos dias 27 a 29, final da Bienal.

Se, em vez de apenas ler você gosta também de escrever, poderá levar seus contos infantis ao stand da Editora Comunicação, que estará recebendo (até dia 30 de agosto, na Bienal) inscrição de escritores brasileiros para seu Prêmio Coleção do Pinto-82. Os contos premiados serão publicados por essa editora, que tem sede em Minas Gerais.

Quem quiser entrevistar autores de livros infanto-juvenis ou apenas ouvir histórias que eles têm para contar, deve procurá-los no stand da Secretaria Municipal da Educação, que mostrará como funciona o seu Programa-Escola-Biblioteca. Hoje, quem estará no stand é Odette de Barros Mott; amanhã, Mirna Pinsky e em seguida, Ruth Rocha, Giselda L. Nicoletis, Ana Maria Machado, Antonieta Dias de Moraes. No sábado, três autores (Elias José, Edson Gabriel Garcia e Assis Brasil) falam com as crianças enquanto no domingo estarão Lúcia M. de Almeida e Ganymedes José. ("Folhinha")



Diário Catarinense

Flores - SC

1º / março / 84

Bademo - Revista Especial

# Um dos cardeais da nova cultura

Com mais de um milhão de livros vendidos, Werner Zotz é um dos principais escritores de literatura infanto-juvenil brasileira. Algumas de suas obras são usadas nas escolas do Brasil e seu principal livro, Apenas um Curumim, já na 12ª edição brasileira, está sendo traduzido para o alemão. Aos 40 anos, Zotz viveu momentos de agitação nos últimos meses, quando trabalhou na elaboração da propaganda eleitoral de Pedro Ivo Campos e atualmente é cotado para um alto cargo na área de Cultura. Entrevista a José Antonio Baço



**D**C - Alguns afirmam que você pode ser o próximo secretário

da Cultura

WZ - São apenas especulações, não há nada de concreto. Não estou preocupado com cargos. O que me agrada é poder participar de um processo de mudanças na educação e cultura do Estado. Mas para isso não acredito que seja necessário trabalhar no Governo. Você pode trabalhar para ele, ser um consultor ou um assessor não pago. Todas as coisas que eu mais gostei de fazer na vida não me renderam dinheiro. Essa possibilidade eu acredito que exista. Primeiro pela vontade

de Pedro Ivo, pela política do PMDB e as próprias condições que foram criadas ao longo da campanha.

DC - O que lhe parece a idéia de participar do próximo Governo?

WZ - Eu nem fui convidado. Vamos deixar as coisas bem claras. O meu pagamento foi ter podido participar da campanha do PMDB. A experiência foi tão boa que me considero mais que pago. O governador eleito Pedro Ivo está querendo acertar e podemos acreditar nisso.

Eu raras vezes vi pessoas querendo acertar tanto. Pedro Ivo chegou ao final da campanha sem qual-

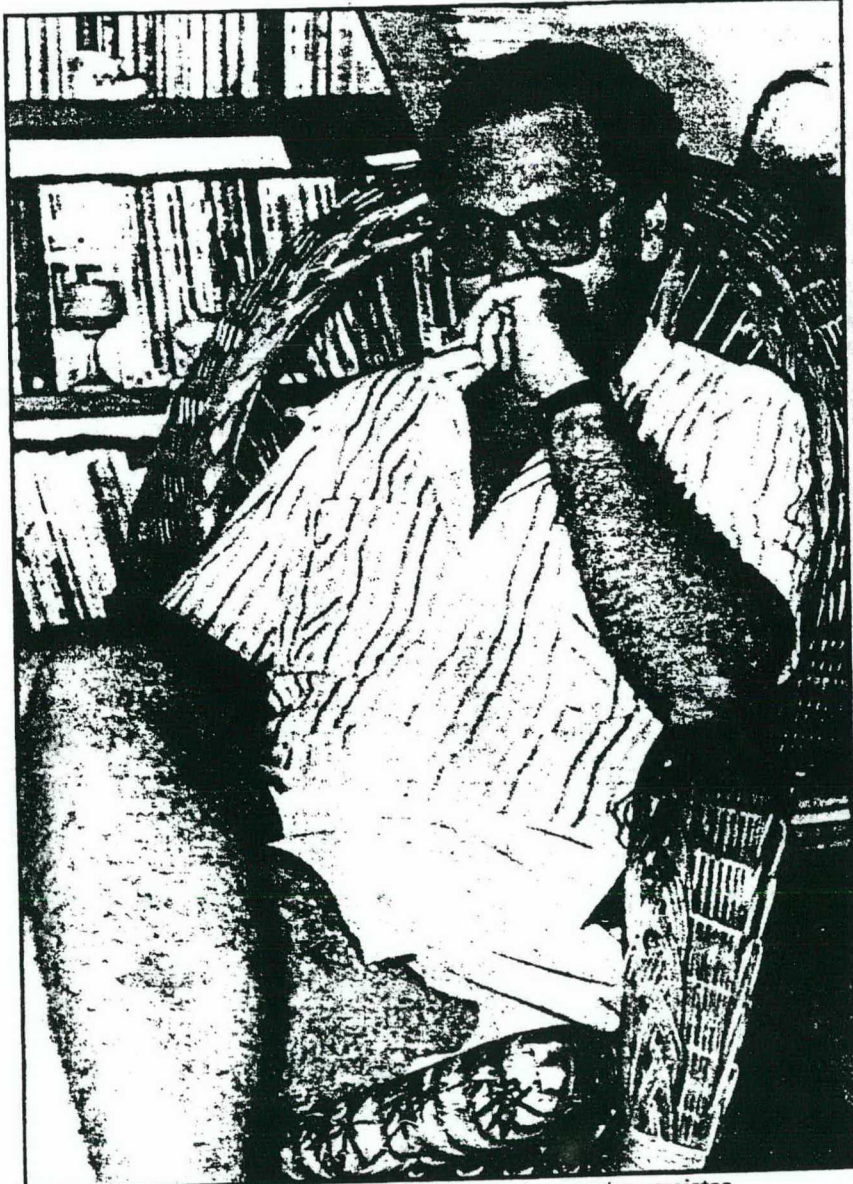
quer comprometimento. Na escolha de sua equipe, o governador está buscando competência, honestidade e militância política.

E no meu caso existe um condição básica: o peso político. Vamos ser honestos. É fácil ver que, mesmo sendo conhecido nacionalmente, há pessoas com importância política maior.

DC - Você tem idéias de mudanças. Um cargo público lhe daria condições de cumprir esse objetivo?

WZ - Um exemplo: eu acredito que a leitura conduza à formação de pessoas críticas. É um processo

Fotos Iran Corroia/Joinville/DC



"Não há necessidade de estar no governo para desencadear projetos culturais; abri canais e acessos importantes durante a campanha"



que aquele que simplesmente enche a cabeça das crianças de normas gramaticais. Não vejo necessidade de ocupar um cargo do governo para desencadear um projeto nesse sentido. O importante são os acessos e os canais que consegui abrir durante a campanha eleitoral.

**DC - Como você vê o processo de educação das crianças brasileiras, hoje?**

**WZ** - Hoje as crianças se tornaram passivas, acomodadas. Junto com isso aconteceu uma reforma de ensino que foi um desastre. Mas você tem analisar a situação como um todo. Professores mal-remunerados, mal-formados, passam a se interes-

**"Quando havia passeata de estudantes ou greve de professores, eu podia estar a quilômetros que era um dos suspeitos e ia preso"**

sar pouco. As faculdades não dão material suficiente para que eles se aprimorem. O exemplo claro disso é que há bem pouco tempo os cursos de letras incorporaram a disciplina de literatura infantil aos seus currículos. Mas não é uma preocupação nova. Quando eu era criança as pessoas também tinham esse mesmo tipo de inquietação.

**DC - A formação de pessoas críticas é uma coisa perigosa para quem está no poder?**

**WZ** - Se quem está no poder objetiva continuar manipulando o povo, da mesma forma que fomos acostumados a ver nos últimos 21 anos, acho que é uma coisa ruim. Se os governantes têm a intenção de transformar a sociedade brasileira, com um povo participativo e educado, com novos direcionamentos na economia, os resultados podem ser bons. Mas só temos uma saída: investir maciçamente na educação.

nao pode ser manipulada?

**WZ** - Não sou contra a educação formal no sentido de que a criança deva ir para escola e fazer os deveres de casa. Quantas pessoas que hoje em dia participam da vida pública tiveram uma formação essencialmente formal? Há um ditado chinês que diz que não adianta qualquer volume de dinheiro se o próprio interessado não quiser aprender. Mas como você vai levar as crianças a quererem aprender? Acredito que mudando o conceito de educação. Hoje aula e escola são sinônimos de chatice.

**DC - O início dos seus problemas políticos aconteceu no final da década de 60, quando você ainda era professor. Seus métodos não eram muito formais**

**WZ** - Na época eu tinha vinte e poucos anos e isso deve ser considerado. Hoje eu acredito que a paciência também é revolucionária e na época não entendia isso. Hoje nós estamos aqui falando normalmente sobre política, expondo idéias que serão publicadas. Naquela época conversar sobre idéias era um processo complicado, publicá-las impossível.

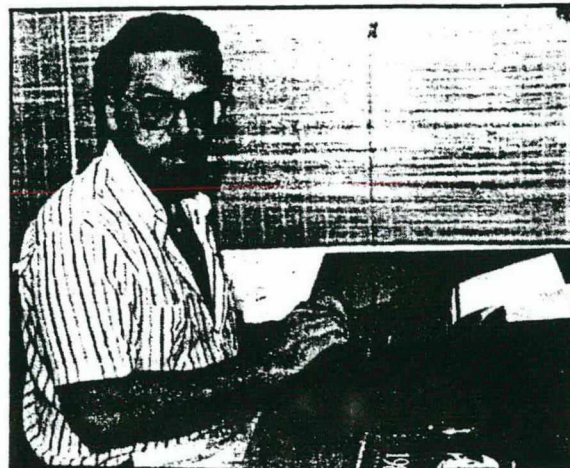
**DC - Você chegou a ser preso?**

**WZ** - Sim. Eu peguei o início dos problemas políticos, no tempo em que a repressão ainda não tinha se organizado e não possuía know-how. Então, na verdade, eles eram muito desorganizados. Como professor eu tinha uma sistemática diferente, acreditava que a leitura era mais importante que a teoria gramatical. Durante as aulas expressava minhas idéias politicamente sem entender as possíveis consequências. Então a diretoria do Colégio Estadual do Paraná me afastou das aulas enquanto instaurava um inquérito.

**DC - E como a situação se complicou?**

**WZ** - É que eu tinha um bom relacionamento com os alunos e eles, tentando me ajudar, acabaram entrando em greve pedindo a minha reintegração.

época qualquer movimento organizado metia medo. Aí surgiu um claro pretexto para que eu fosse acusado de ser agitador, um comunista. Havia na época os Inquéritos Policiais Militares, para apurar as responsabilidades de civis. Era uma coisa anterior ao DOPS. Eles eram parciais mas não chegavam a ser brutais. Ainda não havia torturas. Cheguei a apanhar, mas não fui torturado.



**"Hoje, aulas e escola são sinônimo de chatice"**

**DC - Mas você é comunista?**

**WZ** - Não. É fácil confundir entusiasmo com ideologia. Sou um militante do PMDB desde que ele era MDB, mas não tenho ficha no partido. Mas acredito que se não descobrirmos um novo caminho teremos que partir para o socialismo. Mesmo assim acho que existem outros caminhos a serem trilhados. É o PMDB aglutinou todas as pessoas que tinham um ideal de libertação. Acho mais importante hoje em dia garantir a democracia, a liberdade e a dignidade do homem. Mas o próximo passo, sem dúvida, será o socialismo.

**DC - Um dos seus livros da época, Terra dos Meninos Vermelhos foi censurado por fazer propaganda socialista**

**WZ** - As autoridades entenderam que alguns dos meus livros eram ideologicamente perigosos e esse acabou sendo proibido. Era a história de um grupo de crianças que encontrava Jesus Cristo ainda criança. Ao mesmo tempo

coisa eu colocava o pensamento ideológico de Jesus Cristo, todo ele tirado de citações bíblicas. Eu tinha saído do seminário pouco tempo antes e conhecia a espinha dorsal da Bíblia a fundo. Então foi fácil usar ideais socialistas de Jesus Cristo sustentado por argumentações da Bíblia.

Quando descobriram esse livro eu fui preso mais uma vez. Os originais desapareceram. Daí para a frente, sempre que havia

uma passeata de estudantes ou uma greve de professores, eu podia estar a quilômetros que era um dos possíveis suspeitos. E naquela época o lugar de suspeitos era na cadeia. Ficava lá uns dois ou três dias e depois eles me soltavam.

**DC - Fala-se muito que a esquerda brasileira está mais a fim de empregos do que chegar ao poder?**

**WZ** - Não acredito nisso. O que acontece é que tanto a esquerda quanto a direita lutam por idéias, que só darão resultado sendo postas em prática. Mas nunca vi as pessoas sérias do PMDB e de outros partidos de esquerda aceitarem empregos em governos da direita. A Equipe, empresa de publicidade na qual trabalho em Joinville, foi procurada e não aceitou fazer a campanha da Frente Liberal em Santa Catarina.

**DC - Todos esses acontecimentos em sua vida acabaram sendo passados para os personagens de seus livros?**



**WZ** - No início talvez eu tenha colocado muitas das minhas idéias na boca dos personagens. Acredito que evolui com o passar do tempo. Em vez de catequizar, eu procurei despertar consciências críticas. Não adianta dar as respostas prontas para os problemas, o importante é levantar e discutir esses problemas. O leitor tem que pensar sobre isso. Houve uma evolução na forma de expor a abordar minhas idéias.

**DC** - Qual é sua maior preocupação ao escrever um livro, hoje?

**WZ** - Em primeiro lugar o escritor tem a obrigação de escrever bem. Não adianta ter ideologias se você não domina a técnica. Eu tenho uma preocupação clara com o estilo e a técnica.

**DC** - Você tem a intenção de transformar.

Esse objetivo já foi atingido?

**WZ** - Há um ditado que diz o seguinte: livro nenhum transforma o mundo, mas o livro pode transformar pessoas. E as pessoas podem transformar o mundo. Eu posso ter contribuído para amadurecer algumas pessoas, mas no contexto global é muito pouco. Quando você analisa o percentual de brasileiros que têm acesso ao livro pode constatar que estamos apenas engatinhando. Na pior das hipóteses temos que formar mais milhões de leitores.

**DC** - Como você acabou descobrindo Joinville?

**WZ** - Vim para cá por opção. Eu já tinha morado aqui antes, em 1974, exatamente numa época em que precisava me distanciar dos grandes centros, em consequência de todos os problemas políticos. Fiz amigos e gostei da cidade. E me acostumei a pescar em Barra do Sul, que se transformou uma espécie de porto para o qual eu sempre volto. Anos depois deixei a cidade e fui trabalhar no Rio de Janeiro, São Paulo e Curi-

tiba. Em determinado momento senti que não precisava mais ficar nos grandes centros. Os livros já estavam vendendo bem e não precisava mais fazer aquela paparicação nos jornais e na televisão. Com o tempo você cria uma "máfia de amigos" que se encarrega de fazer a propaganda do teu trabalho.

**DC** - Com um milhão de livros vendidos, é possível viver apenas de direitos autorais?

**WZ** - Eu poderia viver só de literatura. Mas temos que analisar certos parâmetros. Um escritor norte-americano ou europeu tem a condição de viver bem publicando apenas um livro. E até mesmo de ficar rico. É que existe um grande número de leitores. No Brasil esse número é reduzido e o mesmo acontece com as tiragens dos livros. Ficar rico escrevendo livros no Brasil, nunca. Nem Jorge Amado é rico, ele é uma pessoa que apenas vive bem. Eu tenho diversos livros, publicados há anos, todos eles vendendo um pouco. Cada um desses livros rende um pouco de direitos autorais e a cada seis meses eu recebo uma quantia suficiente para viver. Eu poderia hoje me mudar para a praia de Barra do Sul, preciso de muito pouco para viver. Mas é que ainda tenho ambições.

**DC** - A literatura infanto-juvenil brasileira está no nível de outros países?

**WZ** - A nossa é uma das melhores do mundo. O prêmio Hans Christian Andersen, que equivale ao Nobel da literatura infantil, foi ganho por uma brasileira. O meu livro *Rio Liberdade* ganhou o prêmio da Feira de Bolonha, em 85, como o melhor livro publicado no mundo nessa categoria.

**DC** - Num país onde milhões de pessoas sobrevivem com apenas um salário mínimo, a cultura pode ser considerada uma prioridade?

**WZ** - A prioridade é a educação. É nossa única chance de mudar o País. Pode não ser uma saída imediata, os investimentos em educação só vão apresentar resultados daqui a pelo menos 10 anos.

**"Se o governo quer transformar a sociedade, só há uma saída: investir maciçamente na educação"**



Jornal de Santa Catarina

22 fev. 84

Blumenau - SC

p-35-Variedades

# Uma nova proposta de

Texto de Maria Goreti Gomes

**Joinville** — "Livro que Te Quero Livre" é o novo livro de Werner Zotz e Sueli Cagneti. Ambos são amantes do livro e da literatura infanto-juvenil. Zotz é escritor consagrado no Brasil e Exterior. Sueli é professora. Atualmente está cursando pós-graduação a nível de mestrado na UFSC. A obra é dividida em duas partes: a primeira com Werner colocando sua opinião sobre o livro, a literatura e especialmente a literatura infanto-juvenil nas escolas; a segunda traz a proposta de novo tratamento da literatura pelos professores de primeiro grau, defendida por Sueli.

O trabalho propõe e orienta a utilização da literatura como princípio meio e fim do ensino de Língua Portuguesa no primeiro grau. Cagneti é professora de Língua Portuguesa há mais de cinco anos e utilizou-se do método com sucesso. Conforme testemunhou em seu livro, durante cursos que ministrou e em entrevista, o método proposto por Cagneti visa a utilização da literatura a partir da leitura e como motivo para qualquer manifestação sugerida pelos estudantes a partir da emoção que o livro lhe tenha proporcionado.

## Emoções na forma de arte

A função primeira da técnica criada e defendida por Cagneti é fazer com que o aluno se coloque diante do livro a partir das emoções que a leitura lhe proporcionou e não da maneira e com respostas ditadas pelo professor. Então o aluno será estimulado à leitura, em seguida, extravasará seus sentimentos utilizando-se de trabalhos manuais, artesanais, artes cênicas, pesquisa, dramatização ou outra forma que ele mesmo propor.

Não se trata de uma leitura dirigida ou exigida. O aluno terá liberdade na escolha democrática do livro (que deverá ser lido pela maioria dos estudantes de uma mesma turma). Leitura pronta, inicia-se a

discussão de datas de entendimento do livro e das formas a serem utilizadas para expressão das emoções. As crianças (ou jovens) são divididos em grupos por interesse em cada técnica, também sugerida pelos alunos e nas quais ele se inscreverá. Sugeridas as opções, os donos das ideias as defenderão e tentará formar seu grupo através da escolha individual pelo colega por sua técnica.

A discussão da obra e ideias a serem defendidas pelos alunos que as sugeriram, é fator fundamental para o bom desempenho do trabalho na opinião de Cagneti. Ela explica que esta discussão fará renascer as emoções, desenvolverá a linguagem oral, o espírito crítico e analítico, capacitando a criança ao debate, e desenvolvendo nela a importância de se ouvir e falar nas horas certas.

Superados os debates e trabalhando de preferência com material e sucata (que mostra a possibilidade de reaproveitamento de material numa sociedade consumista) o aluno desenvolverá seus trabalhos, normalmente em grupo. Mais um ensinamento surge daí: o trabalho em grupo auxilia a criança no relacionamento humano, desperta lideranças e o sentimento de cooperação mútua.

Muito importante: no método é a apresentação dos trabalhos resultantes do processo. Embora o resultado tenha menor importância do que o processo (é ele quem desenvolve as expressões e explora a sensibilidade oral e escrita), é importante. O aluno precisa sentir que seu trabalho está sendo apreciado e mostrado. Para ele, também é importante que se exponha o trabalho que tanto sacrifício exigiu para ser feito.

A avaliação do trabalho deverá ser feita pelos próprios alunos e pelo professor, mas sempre levando em consideração o processo e não somente o resultado final. Sueli salienta que é importante para os alunos serem avaliados e avalia-



A obra é dividida em duas partes.

rem o trabalho do colega. Assim eles terão análise própria e de seus trabalhos. Com isto eles passam a criticar e aceitar críticas naturalmente.

## Gramática

"De forma alguma nós abandonaremos a gramática", explica Sueli. Diz que a literatura é gramática, pois a criança está vivenciando as regras. Apenas não irá decorar regras e nomes, mas vai usá-la de forma direta. "O que se faz é trabalhar a literatura de um modo diferente", salienta.

O estudo da gramática partirá de uma necessidade real dos estudantes e não será uma imposição. "Sou contra a gramática pela gramática". Ela sempre partiu dos trabalhos para a gramática. Para exemplificar (e isto é bem feito no livro).



# literatura nas escolas



A autora Suelli de Souza Cagneti.

Cagneti usou o exemplo de seus próprios estudantes, que após lerem um livro resolveram escrever uma carta coletiva ao escritor. A carta foi escrita no quadro e a correção foi coletiva. "E quando eles corrigem eles querem saber os motivos, aí que entra a gramática".

Para Suelli o saber ler é fator importante no apreendizado de uma língua. Ela explica que em muitos casos os alunos sabem as regras gramaticais decôr, mas tiram notas baixas nas provas porque não sabem ler o enunciado da questão. Em sua opinião, saber ler é ter entendimento completo do tema proposto pela leitura. "saber ler não é só juntar letrinhas".

## Escola e redação

"Se a escola de primeiro grau se preocupasse em fazer o aluno

aprender a ler e escrever, falar e ouvir, fazendo este aperfeiçoamento. A questão gramatical viria espontaneamente. "Este é o posicionamento de Cagneti diante do ensino da língua. Com referência ao ensino de redação, a professora prefere trabalhar com temas livres, também partindo da emoção dos alunos ou então com temas sugeridos e desenvolvidos em sala através de uma mesa redonda, um passeio em volta da escola, uma gravura, um retrato, uma reflexão individual, etc. O mais importante é reservar um tempinho para o aluno apresentar sua redação. Ela costuma então fazer com que os alunos escolham duas ou três redações que todos gostariam de ter em seus cadernos. Os donos das redações as escrevem no quadro e faz-se a correção coletiva. Mais uma vez a gramática aparece naturalmente.

Cagneti salienta que nas escolas onde o número de alunos é muito grande pode haver alguma dificuldade na introdução de seu método. "Mas não, é impossível, é apenas um pouco mais difícil". Ela explica ainda que a partir do momento em que a criança se inicia na leitura de forma "gostosa" e que lhe dê prazer, estará criado um novo leitor que tende a se aperfeiçoar.

## Werner Zotz

A parte do livro que expressa as idéias de Zotz é uma montagem elaborada pela própria Suelli a partir de entrevistas ao autor com estudantes e jornalistas. Zotz através do livro, mostra a importância da criação do leitor e deste ser criado de forma natural e divertida. Sem as eternas cobranças de fichas de leitura ou perguntas a serem respondidas de modo a agradar os professores.

Tanto ele quanto Cagneti, defendem o fim dos parâmetros de certo e errado no ensino da literatura. "Porque uma pessoa terá diferentes emoções ao ler o mesmo livro pela segunda vez e pessoas diferentes

tem emoções distintas". Livro que te quero livre é a defesa da literatura infanto-juvenil e seu tratamento, como algo bom.

Acima de tudo o respeito pela criança e por seus sentimentos. O não estabelecer regras de certo ou errado no momento em que a criança se expressar ou fizer seu trabalho é essencial. O aluno também não poderá ser obrigado a fazer aquilo que não tem vontade. Durante a apresentação dos trabalhos deve haver um espaço para que estes alunos se posicionem e expliquem os motivos que os levaram a não ler a obra completa ou fazer o trabalho proposto (se ele quiser). As emoções que ele teve ao tomar esta decisão são importantes.

Zotz sempre defendeu respeitar a criança e sua inteligência. Neste livro ele deixa bem clara sua posição de que a criança é um ser pensante e capaz. O escritor acredita num grande desenvolvimento da literatura infanto-juvenil e vê isto com bons olhos. Ele pensa que criado o leitor, o aperfeiçoamento e o crescimento cultural da nação receberão um novo impulso.

Werner critica a velha literatura infantil que tinha no conteúdo e como objetivo principal a passagem de dogmas e idéias de interesse dos pais e da sociedade dominante. O escritor explica que a literatura infanto-juvenil, embora não tenha como objetivo principal formar leitores, se presta melhor a este papel do que a literatura adulta.

O escritor mostra sua preocupação com a escola que deveria formar leitores e em grande parte os tem matado. Zotz defende a escola modelo a partir da leitura livre, sem cobrança, sem ficha. A literatura como base do ensino de língua, afinal o que é literatura senão a linguagem escrita da população e das próprias crianças que dela se utilizam. Então ela deve ser um prazer.



# CRIANÇA

## REALIDADE E SONHO

---

CHILDREN: REALITY AND THE DREAM





© 1992, Salamandra Consultoria Editorial S.A.

B.N.001739476  
Tipo de obra: 6mmp  
Autor: DANIEL  
Data: 48.06.95  
Registo: 0.235.511-2  
Data Registo: 12.07.95

BU/DPT  
0.235.511-2

editor ✓ *organizador*  
Geraldo Jordão Pereira

projeto gráfico  
Nara Abud Tauile e Luiz Sergio L. M. Bittencourt

seleção de textos para a parte "Realidade"  
Eliana Yunes

redação de textos para a parte "Sonho"  
Tomás da Veiga Pereira

versão para o inglês da parte "Realidade"  
Jorge Wanderley

versão para o inglês da parte "Sonho"  
Annette Baughan

revisão tipográfica  
Francisco Teixeira Soares e Geraldo Jordão Pereira

revisão da versão para o inglês  
Moo e Robert Broughton

pesquisa fotográfica  
TYBA Agência Fotográfica e Marisa Alvarez Lima

ISBN 85-281-0021-9

Todos os direitos reservados por Salamandra Consultoria Editorial S.A.

Av. Nilo Peçanha, 155 Gr. 301 - Centro  
Rio de Janeiro - RJ - 20020-100  
Tel.: (021) 240.6306 - Fax.: (021) 240.4755

E que posso fazer eu sozinho?  
Criança pode fazer alguma coisa?

---

*What can I do, alone?  
Is there anything children can do?*

WERNER ZOLZ



**PÁGINA**

62

Ana Maria Machado. Bixa Bia Bixa Bel, Rio de Janeiro, Salamandra, 1982. p. 37

**PÁGINA**

65

Werner Zotz. Apenas um curumim, Rio de Janeiro, Nórdica, 1982. p. 24

**PÁGINA**

66

Cassiano Ricardo. Mãe-preta. In: Martim Cererê, Rio de Janeiro, José Olympio, 1974. p. 65

Lia Neiva. Epígrafe do conto Bem aqui no meu jardim. In: Não Olhe atrás da Porta, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1989. p. 23

**PÁGINA**

70

Carlos Drummond de Andrade. Memória prévia, v: Menino antigo. In: Obra Completa, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979. p. 595

**PÁGINA**

71

João Cabral Melo Neto. Morte e vida Severina. In: Poesias Completas, Rio de Janeiro, José Olympio, 1975. p. 239

Carlos Drummond de Andrade. Inscrição, v: Menino antigo. In: Obra Completa, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979. p. 587

**PÁGINA**

72/73

Cecília Meireles. Criança, v: Viagem. In: Obra Poética, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976. p. 116

**PÁGINA**

74

Caetano Veloso. Menino do Rio.

Clarice Lispector. A legião estrangeira. In: A Legião Estrangeira, Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1964. p. 107

**PÁGINA**

76

Vinícius de Moraes. O cemitério da madrugada. In: Antologia Poética, Rio de Janeiro, José Olympio, 1989. p. 37

**PÁGINA**

78

Carlos Drummond de Andrade. Canção amiga, v: Novos poemas. In: Obra Completa, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979. p. 248





Entrevista

## ● novo livro de Werner Zoltz

Luís Meneghim

O catarinense Werner Zoltz é hoje um dos autores mais lidos pelo público infantil. Ao todo são nove livros publicados, os quatro últimos pela Nordica, do Rio de Janeiro, que lhe garantiram prestígio nacional. Seu grande talento de contador de histórias também obteve o aval da crítica especializada, que lhe deu vários prêmios literários. Werner é constantemente requisitado para viajar pelo país, em escolas e universidades, falando de sua obra e do seu ofício de escritor. Nestes curtos períodos, Werner deixa Joinville (cidade que escolheu para viver) e as pescarias em Barra do Sul para fazer outra coisa que gosta; es-

tar em contato com seus leitores.

Quando não está viajando, Werner pode ser encontrado envolvido com textos publicitários (trabalha para uma agência) ou em seu apartamento, batucando suas histórias numa máquina de escrever. Dificilmente sai quando está trabalhando num livro. Se envolve profundamente com o texto e só descansa quando tudo está concluído, assim mesmo depois de reescrever várias vezes a história. Werner acaba de escrever "Rio Liberdade", que será editado pela Nordica em princípios do próximo ano. Nesta rápida entrevista, fala deste novo trabalho:



Você acaba de concluir um novo livro. Fale bre ele.

A coisa toda ainda é muito recente. Terminei escrevê-lo, pela terceira vez. Ainda não cantou. Passado algum tempo, é mais fácil falar bre o que se escreveu. Mas, basicamente ele procura estudar a liberdade em suas diversas formas: interior e exterior; o direito a liberdade; o processo de libertação; os obstáculos humanos, familiares, sociais, políticos, etc. Se ficasse nisso, estaria escrevendo uma tese. Daí construir uma história, um enredo, versando sobre a liberdade.

**Quem é o personagem desta história?**

Eu conto a História de Moreno, dividida em três partes. Na primeira parte, o garoto relata a sua experiência numa estação ecológica e seu convívio com um gavião ferido, em Mato Grosso. Depois, na segunda parte, Moreno prepara a sua fuga de um internato, para onde foi levado depois de sofrer um acidente e perder seus pais. O garoto fica temporariamente alejado e ele perde o direito de viver com quem gostava, porque um juiz lhe nega este di-

reito. Na última parte, Moreno, narra as peripécias da fuga, viajando de trem e de barco, tudo na busca de encontrar uma pessoa amiga.

**Como você a literatura que se escreve hoje no Brasil para o público infantil-juvenil?**

Melhorou muito. A predominância não é mais de "amadores" de "titias", "vovôs" e outros "catequizadores", com o fim primeiro de ensinar a criança a se comportar. Na última década surgiram bons escritores que escrevem "também" para crianças e não "apenas" pra crianças, preocupando-se com o prazer de ler, com uma boa história; com texto agradável. De forma profissional, séria. Por que escrever para crianças?

Por opção e gosto. Por poder alimentar acesa a esperança de contribuir, ainda que com pequena parte, na formação de gente com capacidade de pensar, refletir, crescer.

**Suas histórias são lembranças da infância ou produtos da imaginação? Como é enfim, seu processo criativo?**

A resposta não é minha, mas o pensamento também é meu; a gente não escreve pensando no

leitor, escreve sobre aquilo que nos impressiona, sobre aquilo que sente necessidade de dizer. Normalmente, a história é sempre inventada. Com base em temas reais, do cotidiano. O "Barco Branco" dissecou o consumismo: O "Apenas um Curumim" pretende mostrar o drama indígena. O "Não-me-Toque em pé de guerra" conta a história de políticos de uma cidade pequena, juntando ingredientes como a anistia, o exílio, a censura, a corrupção.

**Na sua opinião, quais os ingredientes que um bom livro infantil-juvenil deve ter?**

Acho que um bom livro, em primeiro lugar, deve ser gostoso. Daí uma boa história. Criança e jovem merecem o melhor texto possível. E escrever simples mão e tão fácil como parece. Daí eu reescrever até quatro vezes o mesmo livro. Mas deve também fazer pensar, levantar problemas. Não estou falando de catequese, nem de entregar lições e ensinamentos prontos. A partir de um tema (aquele que me toca), conto uma história, reescrevo até acreditar estar bom, aprendo, estudo, penso e procuro fazer pensar. Sem dar soluções. Valorizando

a capacidade de pensar e de ser do leitor. E, acredite; criança sente, pensa...

**Você tem vários livros publicados que obtiveram sucesso. Já é possível viver apenas de literatura?**

Hoje para mim, os livros são já uma boa fonte de renda. Dentro de pouco tempo, espero estar vivendo "principalmente" de direitos autorais. Agora, ainda tenho outra ocupação paralela. Mas me considero um profissional do ofício de escrever. Diz o Esdras do Nascimento, outro amigo escritor, que profissão não é aquilo "do que se vive" mas "para o que se vive". Também acredito nisso.

**Quais são seus planos para o futuro? Algum novo livro em gestação?**

Parar por uns poucos dias, uma semana, duas semanas... No começo de novembro viajo ao Rio, pra entregar os originais do "Rio Liberdade" à Nordica, pra falar com meu editor, visitar livrarias, essas coisas. Na volta, é certo começar outro livro (se não tiver começado antes). Já tem até nome; "Garnizé Gabola Acabou Gabiru". Os outros planos? Ir levando a vida, pra ver no que dá...

## LIVROS

Valentim Paz-Andrade  
A GALEGUIDADE  
NA OBRA DE  
GUIMARÃES ROSA



A Galeguidade na obra de Guimarães Rosa, Valentim Paz-Andrade Difel, 208 págs. Cr\$ 3.630,00. Este livro é o resultado de anos de pesquisa do autor sobre nossos valores e traduz uma intensa identificação entre biógrafo e biografado. Valentim, além de advogado e economista internacionalmente conhecido, é fiel amigo do Brasil. No seu estudo e viagens pelo país, descobriu ligações intrínsecas entre a obra de Guimarães Rosa e a cultura galega, comparando ainda as duas línguas e registrando semelhanças entre o português e o galego moderno.

O HOMEM  
DO VIOLÃO  
QUEBRADO



O Homem do Violão Quebrado, Camilla Cerqueira Cesar, Global Editora/Instituto Nacional do Livro, 61 págs. Cr\$ 1.000,00. Com ilustrações de Helena Alexandrino, esta história é um verdadeiro prato de guloseimas criativas para as crianças. O livro conta a história de uma criança e seus brinquedos que saem da cidade e voltam para o quintal do passado. Lá encontram o circo, as árvores, além do Homem Dependurado do apartamento. Um livro alegre e divertido enriquecido pelo talento de Camilla Cerqueira Cesar.



Visgo da Terra, Jorge Medauar, Record/Instituto Nacional do Livro, 188 págs. Cr\$ 870,00. Medauar é baiano e em vários livros utilizou como tema a zona cacaueira. Em "Visgo da Terra" não foge ao tema que sabe trabalhar tão bem. O livro é um conjunto de contos, cada capítulo é uma história, uma história acabada e todos eles guardam as mesmas características literárias. Um romance original e poderoso, verdadeira saga panorâmica da região cacaueira do Sul da Bahia. Jorge Amado, na apresentação da obra, a indica como "um livro da melhor qualidade".

Manual de Gramíneas  
e Leguminosas  
para  
Pastos Tropicais



Manual de Gramíneas e Leguminosas para Pastos Tropicais, José Mitidieri, Nobel/USP, 198 págs. Cr\$ 3.900,00. Este livro apresenta os principais aspectos das gramíneas e das leguminosas mais indicadas para a nutrição dos rebanhos: morfologia e taxonomia, além das características agrônomicas que envolvem hábito de crescimento, solos, uso, consorciação, clima etc. A obra constitui importante fonte de consulta para estudantes, técnicos, pesquisadores e criadores: Mitidieri é engenheiro agrônomo e professor da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz".



Fotos/Joinville/  
Eduardo Marques/DC

Diário Catarinense □ VARIEDADES □ SEGUNDA-FEIRA, 5 DE MAIO DE 1986

# Variedades



Werner Zoltz  
nasceu em  
Blumenau e vive  
em Joinville

## Liberdade toma forma de ficção e alça um longo vôo

*Isabel Drulla Brandão*  
Joinville

Quentinho, quentinho. Do forno literário de Werner Zoltz, um dos mais importantes escritores da literatura infanto-juvenil brasileira, acaba de sair *Garnisé Gabola Acabou Gabiru*. No tamanho, é um dos mais finos que ele já escreveu. Na criação, o mais trabalhoso de ser concebido. E que antes seus livros focalizavam temas que poderiam ter acontecido. Neste, a história é verdadeira, do final da década de 50, em Rio Negro. Por isso, o autor não poupou tempo (foram dois anos de trabalho) para encontrar a fórmula capaz de adequar realidade à ficção.

Prêmios e crítica com-

provam o valor desse escritor, residente em Joinville, natural de Blumenau (1947), mas que acabou paranaense por vivência, pelo muito tempo que passou por lá, desde a infância. Seu livro *Apenas Um Curumim* recebeu os prêmios Fernando Chingaglia (79), Monteiro Lobato (81) e Brasília de Literatura (82). *Não-Me-Toque Em Péde Guerra*, em 83, recebeu o selo de "altamente recomendável para jovens" da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

De uma forma ou de outra, em toda a sua obra - 12 livros publicados - a temática da liberdade é uma constante. Mesmo enquadrado como escritor para o público

infanto-juvenil, Werner consegue ultrapassar fronteiras etárias e atingir leitores antes dos oito até para lá dos 80. Numa linguagem que segue a corrente do coloquialismo, fala simples e direto. Com isso, ganha universalidade. Seus livros são adotados em faculdades e cursos de pós-graduação. *Apenas Um Curumim* é usado na França em um curso de gerontologia (estudo da velhice). Tudo porque, como consta na *orelha* de *Garnisé*, "ele não entende hortizantes facanhos e limitados, liberdade pouca, ralzes que se tornem amarras. Na literatura e na vida só se sente bem em espaços grandes, vôos longos".





## Zolzi: escritor faz o que gosta

Depois de quase 20 anos, Werner Zolzi pode agora dizer que conseguiu viver só da literatura - o que no Brasil só é possível para quem já tem pelo menos 10 livros publicados. Nem rico, nem milionário, mas viver bem. E fazer o que gosta. Daqui a dois anos, pretende fixar residência em Barra do Sul. Pescar de dia e escrever à noite, num exercício diário. Sábados e domingos, reserva aos amigos. Em Joinville, trabalha em agência de publicidade. Já foi jornalista e professor.

"Dei aula até quando me deixaram". Parou em 68, perseguido por questões políticas. Teve a edição de *Terra dos Mentos Vermelhos* totalmente destruída. Até 70, passou metade do tempo em cadeias. Em vez do exílio no exterior, escondeu-se em Joinville, trabalhando como tradutor para a Editora Civilização Brasileira. Parou de escrever oito anos, por não haver perspectiva de publicação. Em 76, sentiu os ares da "abertura" e mudou-se para Antonina, litoral do Paraná. Recriou-se, leu bastante e voltou a

escrever, experimentando também o mercado editorial com a fundação da Coe-Editora, em Curitiba. Estava caracterizada a segunda fase de sua produção. A primeira iniciou em 67, com a publicação de *Turuna e Balão de Cor*. Em seguida, *Elisa e Ciranda de Barquinhos*, ambos de 68. Escreveu também um romance, *Semeadura* (78) e *As Noites Em Longas* (83). Desde 78, tem seus livros publicados pela Nórdica, do Rio de Janeiro.

## Histórias não rotuladas que são lidas por gente dos oito aos 80

A criança, o velho, a natureza. São elementos constantes na obra de Zolzi, compondo o "lito wernetiano". Nas suas histórias, não há lição de moral. Não gosta do rótulo infantil-juvenil, mas acaba sendo lido prioritariamente por crianças e jovens. "Ainda existe a tabu dos adultos em sentirem a vontade lendo um livro dito para crianças".

Há de tudo em seus livros. *Barco Bruno Em Mar Azul* (78) poderia ser considerada o mais lírico. *Apenas Um Curumim* (78), o mais triste. *Não-Me-Toque Em Pé de Guerra* (82), o mais satírico e bem-humorado. *Rio Li-berdade* (84), aventureiro. *E Mande E Mulher do Pai* (83), o retrato do cotidiano. O mais recente, *Garniê Gabola Acabou Gabola*, seria o mais saudosista, por evocar uma época vivenciada no final dos anos 60.

Não acredita em inspiração, mas na capacidade criadora. Para ele, criar é um ato infantil. O adulto

passa a sentir vergonha de expressar os sentimentos e não admite infantilidade neste ato; exige um criar com amadurecimento e aí é que é difícil: "Ninguém tor-na-se um escritor fazendo Letras. Aprende-se lendo e fazendo do ofício uma atividade diária, planejada". Werner costuma rescrever seu texto quantas vezes achar necessário para atingir o coloquialismo, a simplicidade, deixando de lado o supérfluo.

### OUSADIA

Recebe vários originais de jovens escritores para analisar. Para todos, a mesma dica: "Leiam *A guerra Silenciosa* e *Problemas In-culturais*, de Osman Lins, e *Cheiro de Goiaba*, de Gabriel Garcia Marquez". Se o desejo persistir, o passo mais acertado é enviar os originais para uma grande editora. Se for bom, o livro será publicado. "Só não acredito em quem escreve

para massagar o ego".

Sem enquadramentos, Werner prefere dizer que escreve, em primeiro lugar, porque gosta. Em segundo, porque não acredita em ensinamentos, mas no despertar da consciência crítica. Por último, porque não consegue ver literatura desvinculada da vida comunitária. "Aos que me criticam, porque dizem que em literatura infantil não pode haver política, eu grito: é claro que sou político, no sentido de levantar reflexões e questionamentos críticos".

Aos que pregam uma literatura infantil insípida, narrada na terceira pessoa, sem permissão para ousar literariamente e presa à seqüência cronológica do tempo, Werner respondeu com *Rio Liberdade*, de 84, hoje na terceira edição: "As crianças não tiveram dificuldade em entender o presente antes do passado, ou mesmo os diálogos sem indicação dos personagens que falam". Ousou, e se deu bem.

**D**

**Dicionário crítico  
da literatura infantil e  
juvenil brasileira / 1995**  
**Séculos XIX e XX**

**Nelly  
Novaes  
Coelho**

**C**



0.238.799-1

UFSC-BU

**I**

**edusp**





caseira: pernilongo, formiga, pulga, joaninha, marreco, maritaca, bem-te-vi, lesma etc. etc. E de cada um fixa um gesto (ou põe numa situação) original e bem-humorada.

Pinturas coloridas, de Marcelo Moreira, reforçam o ludismo do texto.

*Os Caminhos do Vento* (1986)

LF

Perseguindo as andanças do vento e seu amoroso convívio com as coisas do mundo, a prosa poética de Wânia Amarante nos dá uma lição de autêntica comunhão com o universo. Delicada beleza, humor, companheirismo talvez sejam alguns dos atributos desta linguagem lírica que não tem lugar para a feiúra e nem para os desacertos do mundo.

Belos e leves desenhos de Regina Coeli Rennó, mais sugestivos que representativos, harmonizam-se com a atmosfera geral do texto.

764 WERNER ZOTZ

Escritor que já encontrou um caminho próprio na área da literatura para adolescentes ou pré-adolescentes, o catarinense Werner Zotz nasceu em 1947 e faz parte da "geração de 70", os que começam a escrever ou se afirmam nessa década. Viveu muito tempo no Paraná e em breves estadas no Rio de Janeiro, em Goiás e no Mato Grosso. Há já alguns anos vive em Joinville (SC).

Já foi professor e jornalista, mas nos últimos anos tem-se dedicado exclusivamente às atividades de publicitário e escritor. Estreou em livro, em 1967, com *Turuna e Balão de Cor*; no ano seguinte, publica *Elisa e Ciranda de Barquinho...*, todos esgotados e considerados pelo autor como "fora de circulação". Em 1978, publica um romance para adultos, *Semeadura*. No mesmo ano faz sua verdadeira estréia como escritor para os pequenos com:

*Barco Branco em Mar Azul* (1978)

LE

Unindo uma visão realista da vida (percebida em seu lado duro, de luta cotidiana, as mais das vezes frustrante) a uma consciência épica do homem (sentido na grandeza e essencialidade de seu fazer, quando levado por um ideal), Werner Zotz escreve a estória desse *Barco Branco em Mar Azul*, filtrando-a através de uma visão poética da vida. Trata-se de uma narrativa entre o real e o imaginário, e fala do encontro definitivo de um menino com um velho do mar.

Em estilo conciso, mais sugestivo do que explicativo, em ritmo espraído, sem ser cansativo, a efabulação vai revelando ao leitor a experiência da vida que mostra ao menino a essencialidade das coisas e dos seres, através da companhia e da fala meio mágica do velho do mar. Este é o Capitão Tomás, que conversava com seu barco, o Sonho Azul, e com a gaivota Circe. Jogando com dois elementos essenciais à atração narrativa, a expectativa do enigma e a poetização da realidade (que a torna mágica ou maravilhosa), o autor consegue criar uma situação novelesca que prende desde logo o jovem leitor.

Para além da dureza do mundo e do mal da violência ou dos preconceitos, as idéias mais fortes a circularem neste livro são as da solidariedade humana, da alegria de viver em comunhão com o universo natural que nos rodeia e..., principalmente, o valor do sonho ou do ideal de uma realização interior.

Desenhos em simples linhas pretas, de autoria de Risoleta M. Medeiros, ilustram o texto.



Alimentado de densa brasilidade, isto é, de uma inequívoca consciência das “raízes” e do lugar que elas devem ocupar no amálgama da realidade brasileira, *Apenas um Curumim* é, acima de tudo, beleza narrativa. Mito/romance/poesia, escrito ora com o solene andamento das profecias e dos mitos, ora com a agilidade do aventureiro, ora com o lirismo da poesia, este livro nos fala da longa caminhada-aprendizagem de um curumim e de um velho pajé. Ambos, sobreviventes de uma tribo dizimada pelos brancos, voltam para a selva em busca de um povo irmão, onde reencontrariam suas raízes e a possibilidade de um viver autêntico.

A trama novelesca, pondo em confronto o velho e o novo (a experiência e a ingenuidade), fala do grande problema do índio dentro do atual processo de aculturação e da necessidade de preservar os valores da cultura indígena ameaçada. Com inteligência, funda penetração na essência do fenômeno e amparado por um sólido conhecimento antropológico, Werner Zotz conseguiu uma hábil dosagem dos diferentes elementos que convergem nesta matéria literária. Principalmente no que se refere às duas visões de mundo: a do índio e a do branco.

Argutamente, não põe em questão essas duas visões antagônicas, através de um possível choque entre índios e brancos. Mas detecta, no próprio meio indígena, a responsabilidade pela desagregação de sua cultura, devido à aceitação dos costumes e dos valores dos brancos. Escolhendo, pois, o contraponto como estrutura narrativa, o autor alterna a fala de um índio velho, o pajé, representante da sabedoria arcaica, e um índio menino, o curumim, perplexo/curioso em face das diferentes verdades que se ofereciam às suas opções: a do pajé, apontando para o passado, para as origens, e a dos brancos, para o futuro, para a transformação...

Quanto ao nível estilístico, é de notar a habilidade com que o autor dá verossimilhança a essas duas falas, das quais transparecem uma consciência crítica e uma profundidade de análise ou de reações, que poderiam parecer falsas, por provirem de seres tão primários, como são os dois personagens. Entretanto, elas soam com absoluta autenticidade, por estarem integradas na atmosfera mágico-poética que a arte de Werner Zotz mantém do princípio ao fim. Desenhos intencionalmente toscos, de Jubal Sérgio Dohms, sintonizam-se com o texto.

*Apenas um Curumim* é desses livros que acontecem de quando em quando. É um belo livro brasileiro que, sem dúvida, terá longa vida entre leitores de todas as idades...

Recebeu o Prêmio Fernando Chinaglia de 1979, o Prêmio Monteiro Lobato de 1980 (UBE) e o Prêmio Brasília de Literatura de 1981 (Fundação Cultural do Distrito Federal).

Mestre na fusão dos contrários, Werner Zotz revela neste pequeno romance sua argúcia em detectar o engano das aparências e revelar as incongruências que existem entre o dentro e o fora das realidades aparentemente mais familiares.

Efabulação de essência política, por um lado repassada de emoção poética e verdade e, por outro, deteriorada pela mediocridade rasteira de certos personagens, a de *Não-me-Toque em Pé de Guerra* desenvolve-se em dois planos que se tocam ou se influenciam reciprocamente. Com seguro domínio dos recursos narrativos, Werner Zotz registra no primeiro plano a frustrante situação de um menino, filho de exilado político, que vai com a mãe morar na casa do avô, na pequena cidade de Não-me-Toque, e vive

na expectativa da anistia que traria o pai de volta. Essa problemática político-humana desenvolve-se contra um segundo plano, onde se instaura uma divertida farsa política, que envolve um “monstro” (que à noite, no meio do rio, atacara dois pescadores e mais tarde também dois altos visitantes da cidade), uma galeria de políticos caricatos (a começar pelos apelidos...) que suspeitam ser o “monstro” um possível submarino comunista que viria trazer de volta exilados políticos, antes de ser decretada a anistia.

Em breves ou brevíssimos capítulos, a ação vai-se desenvolvendo entre o pacato cotidiano da cidadezinha turística e a emotividade terna/alegre das cartas do pai exilado, o enigma do “monstro” mantido em segredo pelos políticos e a burlesca conduta que estes apresentam – cômica/melancólica sátira ao poder arbitrário que se instalou entre nós com a ditadura de 64 e se alastrou por toda parte em mil ramificações de medíocres e autoritários bufões. E, afinal, o enigma do “monstro” se desvenda devido à arguta dedução do menino Pedro.

Trata-se apenas da velha figueira “assombrada” que, no capítulo inicial (belíssimo!), vemos sendo arrancada desde as raízes pela força das águas. Princípio é fim da narrativa se unem e se fecham num círculo. Aliás, nem tudo... porque a última carta do exilado ao filho (também as últimas palavras do livro...), ao nos lembrar a primeira com que tudo começa, em lugar de “círculo”, forma uma espiral, pois a “volta” se faz em nível mais alto: a última carta anuncia a “anistia” e a expectativa feliz do exilado quanto ao seu breve retorno.

*Mamãe é Mulher do Pai* (1983)

LEP

Três estorietas divertidas e humaníssimas, contando coisas do dia-a-dia das crianças em convívio com os grandes.

Pitorescos desenhos de Patrícia Gwinner fazem contraponto com o humor dos textos.

*Rio Liberdade* (1984)

LF

Narrativa saborosa, espaiada como as águas de um rio, ora lentas, ora rápidas ou turbulentas... esta de *Rio Liberdade* conta momentos decisivos na vida de Moreno, um adolescente, filho de um ex-exilado político. Trata-se de quatro “momentos” que se fundem numa só experiência existencial: a valorização da *liberdade* como um estado de ser e dos mais importantes da vida. Cada um dos “momentos” corresponde a um capítulo do livro e a uma experiência diferente, mas convergente à problemática central.

No primeiro, Moreno relembra sua estada numa estação ecológica do Mato Grosso e a “lição de luta” que lhe foi dada por um gavião ferido tentando reaprender a voar. No segundo, se descobre órfão, ferido e temporariamente aleijado, entregue legalmente à tutela de uma tia de quem não gostava. No terceiro, narra sua fuga do internato, viajando de trem e de barco para ir de São Paulo ao Pantanal, através de muitos perigos para encontrar a tia amiga. Finalmente, no quarto, a vida em aberto diante de si, sem nenhum caminho escolhido, mas... livre.

Como narrativa paralela, enfatizando a paisagem do Pantanal como símbolo de grandeza, beleza e liberdade total, temos fotos de José Kalkbrenner (de Curitiba).

*Garnisé Gabola Acabou Gabiru* (1985)

LEP

Estorieta que fala da prepotência de um tolo garnisé que, com violência, mantinha seu domínio sobre todos os frangos de um galinheiro, até o dia em que uns meninos o



pintaram de azul e, não o reconhecendo, os frangos o enfrentaram e... acabaram perdendo o medo.

Com estilo vivo e aliciante, que é peculiar ao autor, esta bem-humorada narrativa pode ser lida como alegoria do poder prepotente que só dura porque os escravizados ou oprimidos têm medo e passivamente aceitam o jogo, sem sequer suspeitarem, às vezes, da fraqueza e mediocridade que podem se esconder sob a aparência da força.

Desenhos de Vinícius Cordeiro acentuam o pitoresco das situações.

765 WILLIAM TUCCI

Paulista, nascido em Santo André, em 1955, William Tucci, desde 1970, tem trabalhado com e para crianças, mostrando espetáculos de teatro infantil, onde atua como diretor, ator, roteirista, palhaço etc., dando também aulas de teatro para crianças da pré-escola aos doze anos.

Sua estréia em livro para crianças se deu com:

*Aventura numa Chuva de Verão* (1987)

LF

Estorieta que mistura realidade e fantasia, esta conta as andanças de um menino com um "cachorro mágico", num dia de chuva. Leitura de entretenimento que apela para o desejo de agir em liberdade e desafiar o proibido, que é comum nas crianças.

Ilustrações coloridas, de Rogério Borges, sublinham o texto.

766 WILSON DO RIO APA

Nascido na capital paulista em 1925, Wilson Galvão do Rio Apa vive em Curitiba, desde adolescente, exceto os períodos em que, como marinheiro, viajou por rotas do Oriente e Ocidente, ou pelas costas do Brasil em pequeno veleiro que acaba naufragando nos bancos de coral dos Abrolhos.

Esportista, dedica-se também ao jornalismo e à literatura. Nos anos 60, passa a escrever artigos; fez conferências sobre suas aventuras marítimas e escreve romances e teatro: *A Hora do Anti-Homem*, *A Proporção Correta* e *Trilogia da Infância Adulta*. Desta encena o *Pequeno Solitário* no Teatro Guaíra, provocando reação negativa da política teatral do Governo, que o impede de continuar. Tenta fundar em Curitiba uma colônia de arte e lidera o Movimento de Renovação Artística do Paraná.

Foi a bordo de seu barco que escreveu o romance juvenil:

*O Menino e o Presidente* (1970)

Coleção Jovens do Mundo Todo

LF

Em estilo ágil que se aproxima da técnica cinematográfica, pela concisão dos diálogos, cortes, nitidez de enfoques e seqüência da efabulação, Wilson do Rio Apa registra, nesta sátira divertida e contundente, uma fiel imagem do mundo desumano e fechado em que vivemos.

A partir de uma situação aparentemente natural, uma família que, obrigada pelo testamento de um avô cientista, vai viver num casarão cheio de segredos, a narrativa vai evoluindo em surpresas e comicidade, para resvalar aos poucos dentro de um clima de pesadelo. A surpresa principal é a fórmula secreta, descoberta pelos meninos (ao prosse-



WERNER ZOTZ



Lolita Cunha

Werner Zotz nasceu em Joinville, Santa Catarina, em 1947. Publicitário, Werner se tornou uma grande revelação na literatura infanto-juvenil quando seu livro *Apenas um curumim* recebeu vários prêmios literários. Escreveu também: *Turuna*, *Balão de cor*, *Não-me-toque em pé de guerra*, *Mãe é mulher do pai*, *Rio Liberdade e outros*.

Em resenha publicada no *Jornal da Tarde*, encontra-se a seguinte análise: "Em *Apenas um curumim*, Werner Zotz conta uma história bonita e, como toda história bonita, muito triste. Ele conta de como é o índio, de como foi ficando com vergonha de ser índio e de como uma tribo chamada de 'Povo do Riso' foi morrendo de tristeza pura e do que foi feito com todo um povo, uma civilização, uma cultura. Uma história muito humana, na relação entre um menino e um velho e sem medo de colocar coisas vitais e fundamentais".

A CIVILIZAÇÃO DO HOMEM BRANCO É TÃO AVANÇADA, TÃO MODERNIZADA, QUE MUITAS PESSOAS CHEGAM A ESQUECER QUE OUTROS HOMENS VIVIAM DE OUTRAS MANEIRAS, ALGUMAS DELAS MUITO ATRAENTES E SÁBIAS. OS TEXTOS DESTA CAPÍTULO PROCURAM RESGATAR UM POUCO DA SÁBIA INTIMIDADE DO ÍNDIO COM A NATUREZA.

## OS SOBREVIVENTES

Eu, mais o curumim. Só a gente sobrou. Curumim só de nome. Só porque é filho do nosso povo. Tem a mesma cor na pele, fala como os antepassados, mas não pensa como nossa gente.

Se caraíba estivesse aqui, agora, olhando o céu bonito, estava pensando em procurar inquietação. Índio apenas olha à beleza. Índio já sabe onde está, porque índio pode não ter ciência, mas tem o saber das coisas simples e necessárias.

Nem sempre foi assim. Por tempos que nem podem ser contados em luas ou nos dedos das mãos e pés, nosso povo viveu feliz e orgulhoso.

Aí, um dia, chegou o caraíba. Trouxe muitos presentes: panos coloridos, miçangas. Vieram em grandes ubás, que faziam muito barulho, coisa que nunca antes se tinha visto ou escutado. Parecia assim como dia escuro de chuva, quando Tupã molha a terra com raiva, chispando trovões. Isso foi no começo.

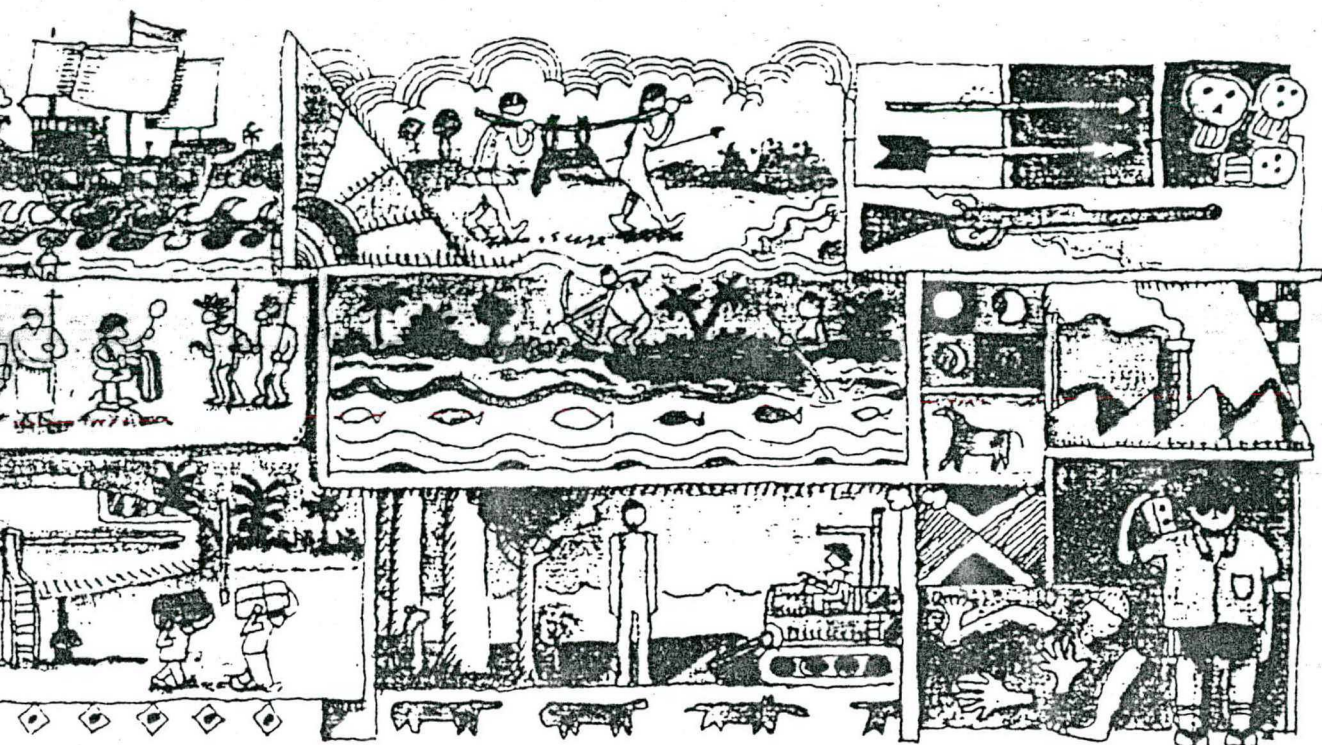
Caraíbas disseram que a terra não era do nosso povo, disseram que a terra era de caraíba muito forte, branco como dia claro, morando numa tribo ainda mais forte, bem pro norte. E contaram tantas coisas. Disseram que iam plantar roça e que em bem pouco tempo teria fartura e que a vida seria melhor.

Depois chegaram os pássaros barulhentos. Desciam num grande buraco aberto na mata. Da barriga dos pássaros saíam mais homens. E também coisas que caraíbas chamavam de caminhões e tratores. Tão fortes, que derrubavam, num instante de raio, árvores que nosso povo levaria dias inteiros para pôr no chão.

Nosso povo foi burro. Não por não saber das coisas. Mas por acreditar na conversa de caraíba. E como não ia acreditar? Na língua dos antepassados não existia essa palavra que agora a gente conhece, que se chama *mentira*.

Caraíbas tinham coisas, tinham roupas, tinham armas que matam com barulho, tinham comida fácil, tinham machadinhas, tinham barcos que andavam sozinhos. E índio é como criança pequena, mesmo quando grande, parece não ter crescido.





E o branco disse que tudo isso podia ser conseguido com trabalho.

E então todos os índios queriam ser carafbas. Nossa pele é boa, bonita, protege contra o sol. Carafbas são brancos, com pouquinho de sol ficam logo vermelhos e doídos. Daí o povo ficou com vergonha da pele. E o corpo liso e lustroso cheio de músculos de muito remar e correr, passou a ser escondido em roupas de brancos.

O índio começou a trabalhar pra branco. Depois de muitas luas, não tinha conseguido nem arma, nem comida fácil. Nem a vida tinha melhorado, nem a terra tinha sido boa mãe.

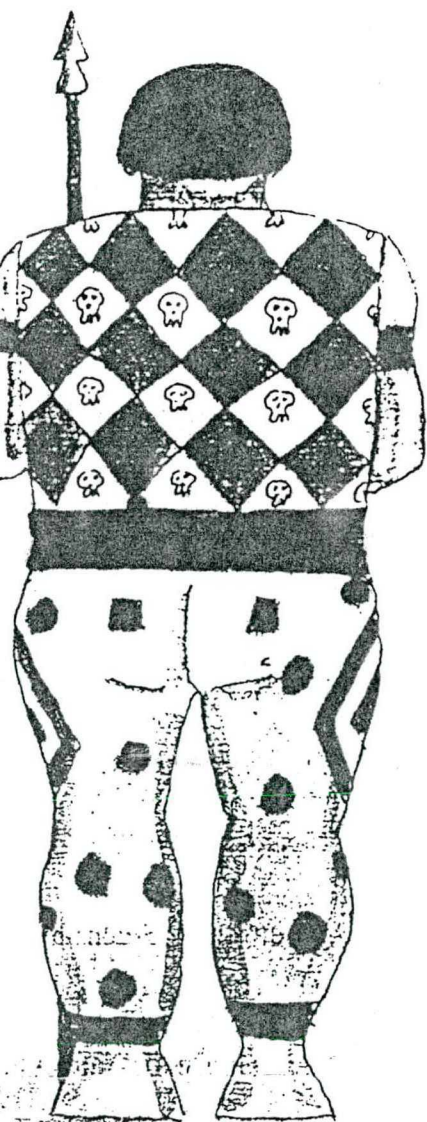
E nem podia ser diferente, porque a terra e a mãe natureza andavam tristes e estavam morrendo. As árvores foram derrubadas. E grande fogueira queimou por muitas luas, a terra ficou preta e podre, a caça fugiu ou morreu queimada. E os peixes também, que o rio ficou cada sol mais podre.

Nossos antepassados sabiam, mas o povo de agora esqueceu: quando a terra morre, a água apodrece, a caça some, o índio morre. E o povo de agora foi morrendo.

Tamãí, o velho pajé, falei, Tupã é prova disso. Chamei conselho pra conversar em volta do fogo e na casa dos espíritos. O povo escutou carafba e não a voz do pajé. Carafba contou pro meu povo que eu, Tamãí, o velho pajé, falava com espíritos maus e ninguém nunca mais acreditou no que disse. Aí calei.

O cauim foi esquecido. A bebida dos grandes quarups, das festas lembrando os feitos de guerra e caça, ao redor de grandes fogueiras quentes, desapareceu. Dava muito trabalho e era coisa suja, diziam os brancos. Isso porque era feito de milho mastigado pelas mulheres. Mas branco também nunca disse que era bebida de amor, só bebida em festas e feita pelas mulheres para os seus homens. Meu povo trocou cauim por cachaça. E virou bêbado, fraco e triste. Muito triste.

Assim foi o fim do meu povo. Uma nação antes orgulhosa, uma tribo chamada de povo do riso morreu de tristeza. Junto com a terra, junto com a água, com a caça e com os peixes.





## QUESTÕES DO TEXTO :

1) Quem é o narrador deste texto? Retire a passagem em que descobri-  
mos quem ele é.

Werner Jatz. "Werner se tornou uma grande revelação na literatura infanto-juvenil quando seu livro apenas um curumim recebeu vários prêmios."

2) Por que um dos sobreviventes é "curumim só de nome"?

Ele é filho do povo de lá, tem a mesma cor na pele, fala como os antepassados, mas não <sup>pensa</sup> como a gente deles.

3) Como viviam os índios antes da chegada dos caraíbas?

Viviam felizes e orgulhosos

4) Como chegaram os primeiros caraíbas?

Vieram em grandes ulós, que faziam muito barulho

5) Como o narrador se refere aos aviões?

Se refere como pássaros barulhentos <sup>que</sup> desciam num grau de barulho <sup>de</sup> na mata e da barriga desses pássaros saíam homens.

6) Por que os índios passaram a querer ser caraíbas?

Porque Caraíbas tinham coisas, tinham roupas, tinham armas que matam com barulho, tinham comida fácil, tinham machadinhos, tinham barcos que andam sozinhos e os índios acreditaram que conseguiriam tudo isto com trabalho, porém sem muito esforço.

7) O que os antepassados sabiam e foi esquecido pelo povo de agora?

"Os antepassados sabiam, mas o povo de agora esqueceu: quando a terra move, a água apodrece, a caça some, o índio move. E o povo de agora foi morrendo."

8) De que foi acusado o pajé?

Foi acusado de falar com espíritos maus.

9) Qual o último episódio da decadência do povo indígena?

3

O caixim foi esquecido, trocaram caixim por cachoeira e viveram bêbados, briga e tristeza muito triste.



0) O texto nos narra fatos verídicos? Cite 3 fatos.

Sim.

- a pele dos índios é boa, bonita, protege contra o Sol;
- os brancos, com pouquinhos<sup>de</sup> Sol ficam vermelhos e doídos;
- na língua dos antepassados<sup>dos brancos</sup> não existia essa palavra que agora a gente<sup>eles</sup> conhece, que se chama mentira.

1) Qual o tema do texto?

O tema do texto é:

O fim <sup>do povo indígena</sup> da tribo chamada de povo do riso.

O texto vai um pouco além de uma tribo - representa o fim de um povo.

2) Faça um resumo deste texto. Tentem fazê-lo em 6 linhas, no máximo.

História de uma tribo chamada "povo do riso", que antes da chegada dos Caraibas (brancos), viviam felizes e orgulhosos. Esses Caraibas chegaram com muitos presentes, mas disseram que as terras eram deles (brancos) e assim fizeram os índios trabalhar pra eles e de pouco em pouco conseguiram acabar com aquele povo, que morava junto com a terra, com a água, com a caça e com os peixes.

13) REDAÇÃO

\* ESCOLHA UMA DAS PROPOSTAS ABAIXO E FAÇA SUA REDAÇÃO.

a) O texto que acabamos de ler é muito bem construído. Além do uso de uma linguagem que sugere a forma de falar dos índios, o autor cria uma narrativa muito convincente ao colocar o narrador como personagem e que esteve presente a toda sequência de fatos que levaram à decadência e ao desaparecimento do povo do riso. Seja você o narrador e o principal personagem de uma história em que um homem branco, um caraíba, encontra uma tribo ainda desconhecida na selva. Mostre como você reage diante da cultura, dos hábitos da gente índia. Não deixe de tentar compreender os índios como eles são, na sabedoria natural que vêm acumulando por milênios.

Tendo como fato principal o último episódio ocorrido em Brasília:  
"UM índio que dormia no ponto do ônibus, a espera de um, foi assas  
sinado por 5 garotos. Estes puseram fogo nas roupas do índio sem  
piedade."

Desenvolva um parágrafo dissertativo com o mínimo de 10 linhas.

Elabore um poema como se fosse escrito por um índio, mostrando a  
indignação dele em relação ao povo branco.

Tente dar um bom ritmo ao texto e fazer o uso da rima.



Notícia  
quintela - SC  
5 fevereiro. 84

# Um livro, uma proposta de educação

O escritor catarinense Werner Zotz, autor de mais de uma dezena de livros destinados ao público infanto-juvenil, está lançando juntamente com a professora Sueli de Souza Cagnetti, pela editora Nórdica, "Livro que te Quero Livre", um trabalho destinado a desenvolver o ensino da Literatura nas escolas de todo o país. O objetivo é despertar e apurar nos mais jovens o gosto pela leitura.

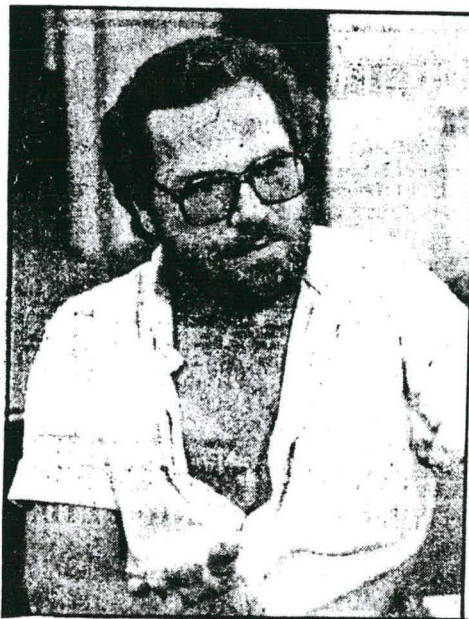
"Livros não mudam o mundo. Quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas". A máxima, bastante conhecida, serve para ilustrar a importância que certas folhas, impressas e reunidas, têm para a humanidade. Mas as pessoas, em geral, lêem pouco ou têm maus hábitos de leitura, principalmente devido à formação escolar.

"Livro que Te Quero Livre", de Sueli, professora de Língua e Literatura para 1º e 2º graus, e Werner, um dos mais importantes escritores da literatura infanto-juvenil brasileira, é uma obra dirigida a educadores, que visa aprimorar o gosto pela leitura nos estudantes. A primeira parte do livro, intitulada "A Revolução Pelo Prazer" examina o aspecto teórico desta nova postura no ensino, através de entrevistas concedidas por Werner ao "Jornal do Brasil", A NOTÍCIA — e às revistas "Perspectiva" e "Idéias em Debate". Os assuntos fundamentais foram agrupados, de acordo com sua dificuldade, na forma de perguntas-e-respostas, em capítulos como: "Maioridade da Literatura Infanto-Juvenil; Leitura: Filosofia de Educação e de Vida; O Futuro nas Mãos de Professores e Livreiros; O Livro na Escola: Cadê a Liberdade e o Prazer?; Profissão: Escritor; Criação: Crescimento e Descobertas".

A segunda parte: "O Livro na Escola: Liberdade Para Voar e Crescer", reúne sugestões que visam o aspecto prático desses conhecimentos, em intens sugestivos como: "Apenas Para Esclarecer; Mas — A Literatura na Escola Existe? E Agora, José, Por Onde Começar?; Leitura X Estudo da Língua; A Literatura e Sua Exploração em Sala de Aula; O Papel do Professor; No Desfrutar de Textos em Sala, Tentativas Que Deram Certo e Apenas Para Concluir".

A idéia do livro surgiu também dos cursos ministrados por Sueli nos quais difundia seu aprendizado com Fanny Abramovich e Regina Zilberman, além das próximas experiências. A iniciativa obteve excelente aceitação junto aos educandos, sendo repetida em diversas cidades, inclusive de outros estados, e ela decidiu reunir e publicar seu método: A certa altura do livro ela indaga: "Somente depois de muita experiência vivida e sofrida é que, às vezes, de repente se descobre o óbvio: — Como querer o livro livre sem soltar o leitor? "O Trabalho se desenvolve em cima desta proposta.

Werner — autor, desde 67, de obras como "Barco Branco em Mar Azul", "Apenas Um Curumin", "Não Me Toque Em Pé De Guerra", "Mãe É Mulher Do Pai", "Rio Liberdade", "Gariné Gabola Acabou Gabiru", "Turuna" e "Ciranda de Barquinhos"; entre outros — acredita, por exemplo, que é completamente dispensável o uso da tradicional ficha de leitura. Diz que é preciso arquivá-la e esquecer completamente os conceitos que ela envolve. "Por que não extrair do li-



"Infelizmente, escola é sinônimo de chatice"

**"A literatura infantil produzida no Brasil é uma das melhores do mundo e uma escritora nacional já ganhou o Prêmio Nobel de literatura infantil". (Zotz)**

vro prazer, descobertas, lições de vida, usá-lo — isso sim — para desenvolver a capacidade de pensar e crescer? Este é o caminho... É preciso "trabalhar" o livro em sala de aula", pergunta.

Sugere que sejam improvisadas atividades gostosas e lúdicas como debates, leitura comparativa de jornais, trabalhos em grupos, dramatizações, visitas a museus e bibliotecas, conversas com o autor do livro, etc... "Mas não com o objetivo de dar nota ao aluno como resultado da leitura. Porque o importante não é o resultado, é o processo", destaca.

"Infelizmente, escola é sinônimo de chatice avalia Zotz — O aluno tem pavor de lição, de prova, de cobrança. E normalmente tem razão". Propondo que seja o aluno quem escolhe os livros ou que, no máximo seja feita uma lista, ele considera fundamental que eles tenham liberdade de divergir. Com relação à avaliação, diz que o educador tem inúmeros recursos para perceber o rendimento dos alunos.





Segundo Zotz, há um movimento no Brasil inteiro que busca uma nova postura no ensino de nossa língua, procurando transmitir aos professores novas práticas para a utilização do livro em sala de aula. Joinville desponta como um dos lugares onde este processo mais evoluiu. "Houve uma conjunção de diversos fatores", comenta, acrescentando que hoje essas técnicas só vêm sendo utilizadas em grande parte dos estabelecimentos de ensino de nossa cidade.

Devido a seu interesse pelo assunto e, principalmente, à sua experiência nesta área, eles frequentemente recebem convites para palestras, cursos e debates sobre didática e utilização do livro em sala de aula. Isso leva Zotz a afirmar que "Joinville importou a parte técnica e, hoje em dia, exporta e parte prática".

"Nosso objetivo é despertar consciências críticas", esclarece Werner. "Segundo orientação do MEC, os alunos de Comunicação e Expressão são obrigados a ler. Ou isso é simplesmente ignorado, ou são dadas leituras inadequadas — como por exemplo os clássicos — às crianças. Se não dermos leituras elas podem não se desenvolver como pessoas críticas. E com leituras inadequadas correndo o risco de matar o futuro leitor", previne.

Por este motivo, ele aponta a importância dessa contribuição no sentido de revolucionar o hábito da leitura, uma vez que só existem quatro ou cinco trabalhos semelhantes no Brasil, quase todos em linguagem "acadêmica" — praticamente inacessível à maioria dos profissionais de educação: Devido também a essa carência, os autores acreditam que a melhor forma de atingir seu objetivo seria a de uma obra em linguagem acessível dirigida aos educadores, pois o papel fundamental é o do professor, segundo eles.

Werner diz que seu trabalho só se justifica na medida em que existem livros como o que estão na relação ver box com sugestões e que a literatura infanto-juvenil produzida no Brasil é uma das melhores do mundo. Conta que, assim como existe um Prêmio Nobel para a literatura adulta, existe também um Nobel infantil que, inclusive, já foi ganho por uma brasileira: Lygia Bojunga Nunes.

**"Às vezes, a gente entra numa escola e, ou ela não tem biblioteca, ou tem uma biblioteca que não atende as necessidades, está defasada" (Zotz)**

Ele mesmo, e autor bastante premiado. Em 85 recebeu o prêmio Mirlos Blancos, na Feira de Bolonha (Itália) com "Rio Liberdade". O prêmio, patrocinado pela Biblioteca Internacional da Juventude, de Munique, é concedido anualmente ao melhor livro de literatura infanto-juvenil no mundo. Obteve ainda dois "Selo Altamente Recomendável Para Jovens", da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, e os prêmios "Monteiro Lobato", "Fernando Chinaglia" e "Brasília de Literatura".

Outro detalhe interessante é que seu livro "Apenas Um Curumim" é adotado no curso de Gerontologia da Universidade de Paris (NUM) o que se deve curso que trata do estudo da velhice ao fato de que um dos personagens é velho.

"Ser premiado no exterior", conta Zotz, "realmente faz com que as pessoas prestem mais atenção ao seu nome, mas em nível de comercialização, a coisa é diferente. O mercado editorial é outro. Existem muitos brasileiros que obtiveram prêmios

lá fora. Isso aumenta o prestígio, o conceito. Porém pouquíssimos são publicados. Mas seus livros vendem bem no Brasil. "Apenas Um Curumim" atingiu mais de 500 mil exemplares e todas as suas obras somadas devem atingir cerca de um milhão de números vendidos.

Werner acha que o ensino está mudando. Não em função do MEC ou coisa assim. É em função desse trabalho. Não posso colocar em percentuais, mas está mudando", assegura. Também em termos de Brasil, ele acredita que está se ocupando os espaços. "A saída é só essa", aponta.

Ainda existem diversos problemas a serem sanados. "Às vezes a gente entra numa escola e, ou ela não tem biblioteca, ou tem biblioteca defasada", observa Zotz. Segundo ele, existem métodos para se aparelhar uma biblioteca sem muito custo para o Estado. Basta dar atenção e pelo menos quatro itens básicos.

**"A finalidade não é fazer as tarefas para mostrar e tirar nota. O importante é que as crianças façam alguma coisa e vivenciem com os colegas". (Sueli)**

O primeiro deles seria a reciclagem de professores para despertar novas mentalidades. A seguir, todas as escolas de pelo menos "meia-dúzia" de livros básicos. Nesse caso, ele sugere a utilização da lei Sarney". Além disso, seria necessário formar mais bibliotecários. Quanto ao último item, trata-se de uma advertência: proibir o Estado de publicar, incentivando-o às co-edições com editoras dos grandes centros.

Com o regime de co-edições, os editores garantiriam a circulação das obras em todo território nacional — o que não acontece com os publicados pelo Estado, que têm um círculo bastante restrito de divulgação — e ainda tornaria os autores catarienses acessíveis à crítica especializada no país. Essa postura, que prevê uma participação de cerca de 25% do Estado na co-edição, e não de 50%. Serviria também para estimular os editores à comercialização e também à adoção de um critério mais apurado de seleção dos autores.

Dessa maneira, evita-se também uma política de publicação de certos escritores "apadrinhamento" e pode-se facilitar o fornecimento de livros às bibliotecas de escolas com menos recursos, "o que permitiria ao governo gastar menos o seu dinheiro", conclui Zotz.



**"Ser bom aluno não é ser aquele que está sempre quietinho, bonitinho, preenchendo o caderno. Uma coisa que não fazemos neste tipo de trabalho". (Sueli).**

"O grande problema da escola é que muita coisa boa na vida que a gente deixou de fazer porque na escola aprendeu aquilo como uma coisa chata", analisa Sueli. Segundo ela, a escola trata a criança como uma gavetinha onde vão se guardando os conhecimentos, sem uma utilidade prática. Com este livro, ela pretende que as pessoas perceberam que educação não é isso que se vê por aí", advertindo que é necessário desfrutar a consciência crítica na criança e trabalhar sua criatividade, para que ela se torne um ser completo, íntegro, no futuro.

Em sala de aula, com leitura de livros, ela utilizava um método: fazia a divisão de turmas em grupos (que os alunos escolhiam, ou eram selecionados ao acaso em sorteios, de acordo com a cor do sapato, aleatoriamente, na chamada, ou pela preferência por um assunto) depois de reunidos em grupos, eles tinham um tempo — que era negociado — para fazer o trabalho, podendo utilizar a sala de aula, de recreação, pátio; corredor ou biblioteca, segundo lhes conviesse. Quando estava pronto, acertavam uma data para a apresentação

**"A escola trata a criança como se ela fosse uma 'gavetinha' para guardar conhecimentos, sem uma utilidade prática. Educação não é isso que se vê por aí". (Sueli).**

dos resultados e as equipes mesmo se avaliavam. Ela conta que muitas pessoas achavam discutíveis os resultados alcançados mas, como assegura: "O importante nesse tipo de trabalho não é o resultado, mas o processo vivenciado pela criança enquanto está preparando o trabalho". Ela lembra que quando a tarefa está concluída ela já não é tão importante devido ao envolvimento do processo como foi feita.

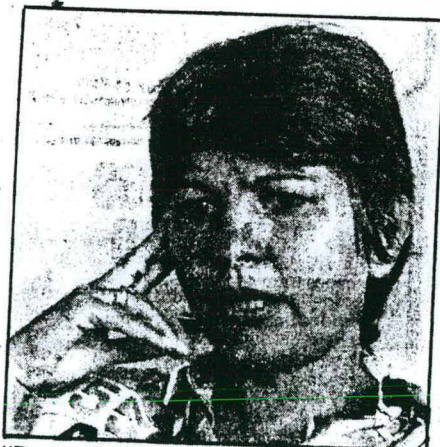
**"Por que não extrair do livro, prazer, descobertas, lições de vida, usá-lo — isto sim — para desenvolver a capacidade de pensar e crescer?" (Zotz)**

Se alguns alunos não leram o livro, fazem trabalho dizendo porque não quiseram ou então desenvolvem alguma outra atividade que não prejudique os demais. As crianças não devem ser obrigadas a ler determinada obra porque "a literatura, como arte, tem que ser, acima de tudo, um prazer" e que qualquer coisa que lembre obrigação, dever, pode destruir um interesse fundamental para a criança, momento em que começa a desenvolvê-lo", adverte.

Outra atividade que deu bastante resultado — revela Sueli — e que, nesse caso, refere-se ao prazer de escrever, são as cartas que aos alunos enviam aos autores dos livros de que gostaram. "É uma das coisas que elas mais apreciam. Principalmente depois, quando vem a resposta", relata.

Também existem diversos problemas em sala de aula, mesmo quando a intenção é de que ela seja uma coisa mais viva e dinâmica. Um deles é que a professora nem sempre pode pedir muitos livros para os alunos. Além disso a falta de espaço e o excesso de alunos nas turmas (35 a 40) prejudica muito o trabalho. As atividades também são prejudicadas por um conceito geral de que bom aluno é o que está "sentadinho bonitinho" e preenchendo o caderno. "Uma coisa que nesse tipo de trabalho a gente não faz", orienta.

Sueli pondera ainda que "uma coisa deveria fi-



**"Dentro do livro há alguma coisa para mexer"**





"A literatura como arte tem de ser um prazer"

**"Se não dermos leituras, as crianças podem não se desenvolver como pessoas críticas. Com leituras inadequadas, corremos o risco de matar o futuro leitor". (Zotz)**

car bem claro para os professores esse trabalho não é um feito ao acaso, "jogado". Não se deixar as crianças e dizer que fiquem a vontade. Eles têm que sentir que dentro do livro existe alguma coisa com que eles tenham vontade de mexer". Ela conta que antes do início de uma atividade são levantadas as possibilidades que se tem de realizá-la, feita uma discussão e então as crianças se inscrevem por opções. A finalidade não é fazer alguma coisa para mostrar e tirar nota. É para fazer com que eles vivenciem alguma coisa aos colegas".

Ao fim do livro, a autora faz uma relação de livros que sugere para leitura, fruto de pedidos de professores durante os cursos que vêm ministrando. Ela considera que é uma lista básica e que está sempre mudando — para não ficar grande demais — e que "os bons mesmos vão permanecendo", mas que, sem dúvida serve de bom respaldo tanto para educandos quanto para educadores:

**Texto: Francisco Cardoso**

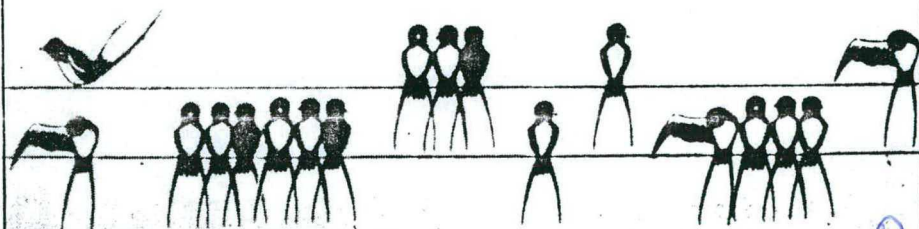
**Fotos: Peninha Machado/Jovelino Ignácio**

# Livro que te quero Livre



**Sueli de Souza Cagneti  
Werner Zotz**

  
nordica





# Todos os caminhos levam ao êxito da literatura infantil

Ao contrário do boom do conto, o da literatura infanto-juvenil, iniciado na década de setenta, ainda não parou, embora alguns especialistas (como o escritor Werner Zoltz) achem que o modismo é em boa parte responsável por esse crescimento. No seu entender, não tardará a ocorrer uma natural depuração, resultando não na diminuição do interesse dos leitores pelos livros infantis, mas na redução do número de autores e de títulos, que hoje, para falar só dos nacionais, contam-se aos milhares.

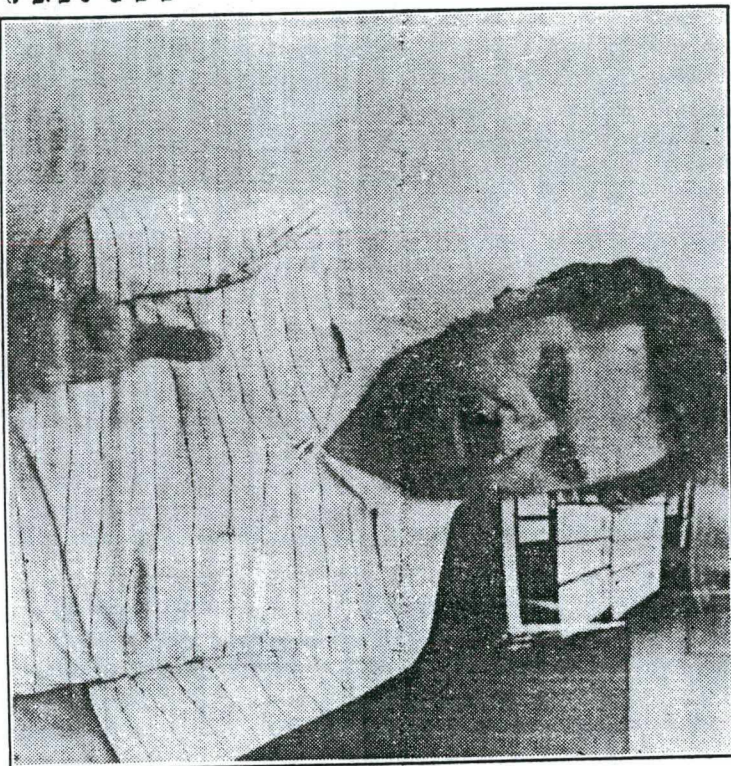
Seja como for, o gênero está em alta e no seu espaço generoso parece haver lugar para todos. O êxito sorri tanto para os escritores que, reunidos sob o selo de uma editora como a Pioneira, preocupam-se mais com a fantasia, quanto para aqueles que — para citar novamente Zoltz, entrevistado nesta página — acham

que a criança não deve ser "preservada" das duras realidades da vida, embora a informação sobre esses aspectos menos agradáveis deva chegar a ela envolvida em um pouco de poesia.

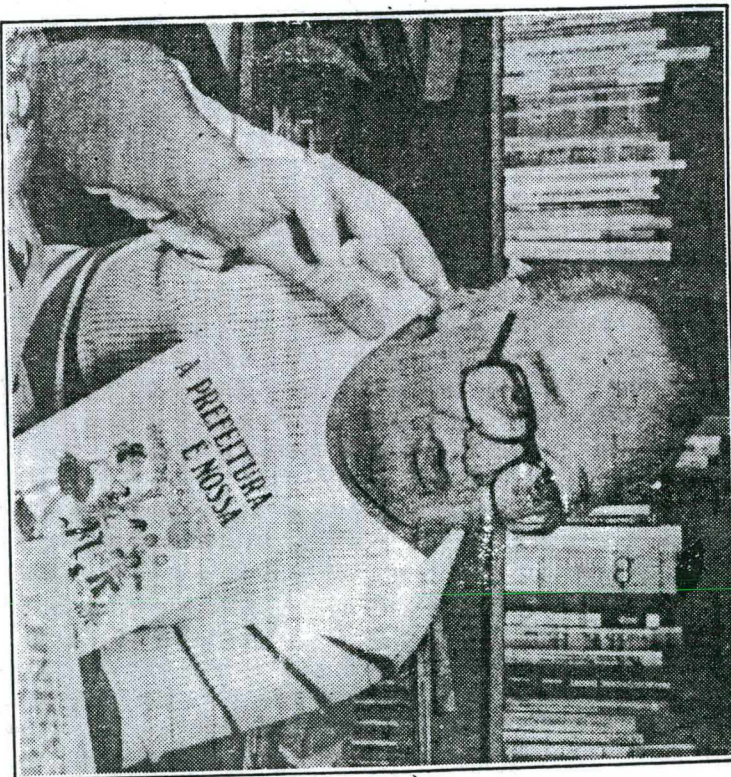
O sucesso, porém, não é privilégio de autores e editores. Dete compartilham também os artistas que colaboram e não raro são co-autores dos livros infantis. Gian Calvi, um dos desenhistas mais ativos na área, acaba de ganhar o Prêmio

Noma de Ilustração, concedido anualmente a artistas gráficos do Terceiro Mundo pelo Centro Asiático da UNESCO, com sede em Tóquio, e pela Editora Kodansha, também da capital japonesa. O prêmio, o mais importante do gênero em todo o mundo, foi atribuído em reconhecimento à qualidade dos desenhos de Calvi para o livro *Um avião e uma viola* cujo texto é de Ana Maria Machado.

Cristiane Derizans



São Paulo — Isclaus Faltoso



Werner Zoltz: uma literatura cuja temática vem dos problemas atuais, mas na qual a poesia está sempre presente

Ênio Mateus Guazzeli: "Optamos por uma linha de aventura, com certa dose de realidade, mas nunca mundo-cão"







## APENAS UM CURUMIM

A obra literária autêntica é aquela que permanece através dos anos, cresce na sua significação e se consagra pelo tempo. Em 1979, Werner Zotz obteve o Prêmio Fernando Chinaglia de Literatura Infantil com o livro *Apenas um Curumim*. O prêmio poderia ter sido ilusório, como em tantos casos. Porém o livro comprovou seu valor inerente, sua literariedade. Com mais de uma dezena de edições, consagrou-se como autêntico clássico nacional e o autor se internacionalizou, tendo obtido duas vezes o Prêmio Feira de Bolonha (Itália).

*Apenas um Curumim* justifica a controvérsia em torno da especificação "literatura infantil". Por que a especificidade segregadora "infantil"? O livro arrebatou prêmios e esgotou edições dentro dessa categoria. Entretanto, trata-se mesmo de uma obra "literária". Se ela satisfaz perfeitamente as exigências do público infanto-juvenil, não deixa de conter imenso interesse literário, estético, social, antropológico, ecológico... para qualquer leitor, mesmo adulto, de legítimo sentimento humano. Por isso venceu as barreiras do tempo.

O caráter ecológico-antropológico-social decorre basicamente do tema: o índio em contacto com o branco-caraíba, ameaçado de ver desestruturada a harmonia do seu sistema de vida. O caráter estético-literário se projeta a partir das estruturas narrativas que preparam o leitor jovem para o texto literário mais habilidosamente trabalhado. Claro é que estrutura e tema se imbricam indissoluvelmente.

Ao contrário do indianismo medieval cavaleirescos criado por Alencar em gabinete de senador, resgata-se aqui a autenticidade indígena, em sua harmonia ecológica. A ótica da escritura é do branco-civilizado, porém não exterminador e sim respeitador da individualidade e cultura de quem já foi reduzido de maioria a minoria pelo invasor com ambição de dono. Por isso, se o autor histórico-real é um branco pertencente à raça dos "civilizados" e também a imagem do autor implícito é de um branco que, ponderada e humanamente, procura estabelecer a ponte entre o "civilizado" e o "selvagem", o relato mesmo, oportunizado pelos valores e estratégias do autor implícito, pertence ao índio.

E aqui reside a habilidade estrutural da narrativa. De fato, são dois os narradores, com perspectivas diversas, embora ambos índios. Os dezesseis lances episódicos se apresentam em contraponto estrutural, alternando os narradores e sua visão de mundo. Por um lado, o velho pajé Taimí representa a secular cultura e cosmovisão indígena, seu equilíbrio sóbrio de sabedoria de vida. De outro, em contraponto, ergue-se a voz do curumim Jari, não representando apenas outra face de idade e experiência, mas denunciando avançado estágio de impregnação pela cultura e valores caraíbas. Densifica-se, pois, na própria voz dos narradores, o impacto de culturas, perspectivas e experiências de mundos diversos, sem demagogias. Na medida em que os vícios caraíbas já estavam devassando o universo do curumim, a sabedoria de vida e experiência de Taimai empenham-se em provocar toda uma odisséia, um carminho de volta para as raízes autênticas.

Trata-se, pois, de legítimo livro de aprendizagem, de formação, de retorno às raízes, de reconstrução da cultura desvirtuada do curumim, para recuperar a harmonia ancestral. Nesse sentido, trata-se ainda duma caminhada de iniciação ou reiniciação, já que as bases deturpadas necessitam ser recompostas: a sadia cultura antropológica do índio, arrasada pela invasão dos pseudo-valores caraíbas, deixando só dois sobreviventes da "nação antes orgulhosa" dos índios. Se o "curumim sem povo" está apreensivo com "o que vai ser de mim", a ponderada sabedoria do pajé sempre adverte como os caraíbas "roubaram a alma do nosso povo. E sem sua alma, sem seu riso, sem sua terra, índio morreu". Por isso é indispensável recuperar as raízes "livres e felizes" do seu povo, "porque o índio que havia dentro de você, está morto"; assim "o curumim precisa aprender tudo de novo".



No árduo "caminho de casa", o curumim, orientado por seu pedagogo, busca "escutar a voz de dentro", retomando a sensibilidade do seu povo, para quem "terra é mãe, bicho é irmão", contrapondo-se a "palavra de índio (que) diz apenas a verdade" a "homem branco mente sempre". Depurando-se do "vício de caraíba", o curumim aprende a cultura e tradições à medida que se aproxima do "povo irmão", culminando com a problemática da terra: se para o branco, terra é posse e riqueza, para o índio é liberdade e quando o velho pajé já partira para "o grande campo de caça", o "curumim índio" não tem mais medo, pois aprendeu "o outro jeito de viver": "ser livre é o mais belo jeito de viver". Contra todas as poluições da natureza, sociedade e civilização, *Apenas um Curumim* se apresenta como um antídoto restaurador da especificidade humana.

Palavras de Fanny Abramovich bem saudavam o livro em 1980: "Em *Apenas um Curumim*, ele (Zotz) conta uma história bonita e, como toda história bonita, muito triste. Uma história muito humana, sem medo de colocar coisas vitais e fundamentais. Uma história brasileira (porque de índios brasileiros), mas universal (porque de tentativa de extermínio de um povo, de uma fé, de uma forma de crer e estar no mundo). A história é tão densa e significativa que pessoas de todas as idades deveriam conhecer para saber o que estão fazendo com o "curumim" que existe dentro de cada um de nós! Pois só assim, a gente poderá sobreviver como

## BARCO BRANCO EM MAR AZUL

Um dos traços marcantes da literatura de Werner Zotz reside no frequente confronto que o autor estabelece entre o universo infanto/juvenil e o mundo dos adultos, ressaltando denunciativamente como estes últimos normalmente carregam a mania de superioridade que se impõe e manipula os pequenos, ditando-lhes os caminhos e as verdades, de que se julgam donos.

Iniciando uma segunda fase de produções literárias para o público infanto-juvenil, Werner Zotz publicou *Barco Branco em Mar Azul* (Rio, Nórdica, 1978) e, contrariamente a tal atitude corriqueira, delineia-se uma convivência sadia, amiga e fascinante entre um velho e um menino, como que religando a idade da maturidade autêntica com a esperança de vida que desponta.

A narrativa inicia, instalando de imediato a ação dramática que instiga interesse, dispensando descrições introdutórias: um estranho barco atraca misteriosamente nas proximidades do vilarejo, alvoroçando a curiosidade de seus habitantes. De noite, Quim Tubarão e Siri bisbilhotam as redondezas mas voltam com espanto e pavor - deve haver bruxaria, pois, no barco, um velho fala com o barco e com uma gaivota!

De madrugada, não restando a curiosidade, entra em ação o menino Geraldinho que vai ao barco e inicia um aconchegante convívio com o velho Tomás - não um pirata mas um coração amigo, que vive com seus amigos inarredáveis, o barco Sonho Azul e a gaivota Cice, com quem conversa normalmente: "Os homens é que não querem parar um pouquinho pra aprender a escutar, porque a gente pode falar com todas as coisas. Com os bichos, com o mar, com os barcos, com as nuvens. É só ficar amigo deles, que a gente se entende muito bem", pois para falar com eles só é preciso "não ter maldade no coração"(p.23/4).

Os episódios seguintes desdobram o convívio entre os dois, quando o velho, na forma de narrativa dentro da narrativa, narra ao menino (narratário) a história/fábula da gaivota. Note-se que, se de modo geral vigora uma perspectiva exterior, limitada e dramática, a narrativa da fábula, embora por narrador específico, faz alargar-se a onisciência dos contos de fada "era uma vez...", para densificar os sentimentos de solidariedade, ternura e liberdade. Embora fabulosa, a narrativa embutida vem demonstrar como neste mundo ninguém é ilha isolada; mas, para viver em maior união, por vezes é preciso enfrentar maus bocados.

O episódio seguinte traz outra narrativa embutida - agora Tomás esclarece as penosas e duras origens do barco Sonho, construído como livre por seu pai, mas do qual um ganancioso credor se apossara, reduzindo-o a um "barco triste" que "só ia para onde os homens queriam



que fosse". No quarto episódio, o velho homem-do-mar completa a história do barco, mal usado e sofrendo maldades, "sujo e preto", porque "não entendiam que barco e bicho também têm alma e tem sentimento, assim como a gente"(p.44) Morto o pai, o filho (Tomás) experimenta o fascínio do dinheiro que tudo pode resolver. Trabalha e trapaceia, até ter dinheiro e o que "o dinheiro pode comprar". Mas não se "compram" amigos e ele é tomado por tristeza e solidão, até, certa noite, escutar uma voz do mar... e reencontrar o velho amigo do pai, o barco Sonho Azul, que passa a ser seu grande amigo, vivendo na simplicidade e liberdade, agora sem as amarras do dinheiro e da ambição.

Enfim, no episódio final, o menino é levado a sentir concretamente a realidade da intervenção homem/natureza: "a gente quando tem o coração limpo de maldade, consegue entender os bichos e as coisas..." (p.58). E quando o velho Tomás, Sonho Azul e Cice partem, deixam ao menino uma miniatura do Sonho Azul. E o menino escuta o barco falar... iniciando uma grande amizade.

Esta história, com suas histórias embutidas, alarga ricamente a fantasia da criança, mas não de forma ilusória e irrealista e sim iniciando-a na melhor percepção e compreensão do real circundante, sem a superioridade do ser humano de querer dominar e escravizar tudo. Ao contrário do encantamento mágico, o autor enfoca duramente os desvirtuamentos humanos, a violência, ganância e desrespeito. Entretanto, tudo auxilia para que o pequeno leitor possa mais facilmente ordenar seus sentimentos e vivências, pois o realismo é conduzido por uma visão sadia e otimista, que alerta mas não destrói, que atenta para o negativo, sem colocá-lo como um fim, mas evidenciando os benefícios de sua correção. Embora fascinante e enriquecedora do sentimento humano, a narrativa não aliena fantasiosamente nem se perde em violências negativas. O caráter humano se amplia não pelo domínio que reduz a natureza a objeto.

## MAMÃE É MULHER DO PAI

O relacionamento afetivo e emocional sempre tem vez nas histórias de Werner Zoltz, envolvendo-se em lirismo e alimentando com humor a fantasia do pequeno leitor, mas sem esquecer de focalizar de forma crítica o real cotidiano com seus problemas. Com o pequeno volume *Mamãe é Mulher do Pai e Outras Histórias* (Rio, Nórdica, s.d.), Zoltz apresenta três histórias diversas que giram em torno da criança, evidenciando que ela não é aquele ser passivo e indiferente, diante do qual tudo pode ser dito e feito porque ela nada entende, mas destacando como ela observa, analisa e aprende a ver a realidade através dos adultos.

Na história introdutória, o narrador é um menino que surpreende os pais no seu quarto(?...), sendo repreendido. No entendimento em sua cabeça (e o complexo de Édipo seria coisa de outro mundo?) não penetraram maldades imaginadas pelo mundo dos adultos ("Os grandes fazem as coisas simples ficarem tão complicadas!"), mas estabeleceu-se um passo decisivo para firmar a identidade individual - naturalmente egocêntrica na criança: "o pai roubou a mãe de mim". E indispõe-se por dias com pai e mãe.

Se o gelo se derrete ao menor raio de sol, qualquer bronca recebido por criança aguarda a primeira abertura para o apaziguamento - e nada melhor do que uma atividade física, como a pescaria, unindo pai e filho como amigos. O momento é adequadamente aproveitado para introduzir-se uma autêntica iniciação sexual, com valorização positiva do amor entre homem e mulher, que não existe apenas para criar filhos mas para se completarem e partilharem a vida. Ao mesmo tempo que o ego do menino-narrador se afirma, como que em superioridade diante do acanhamento e vergonha dos pais diante de "assuntos difíceis", vai ele conhecendo com mais naturalidade os caminhos da vida - tudo sem desfazer o dia-a-dia, em que brigas, gritos e repreensões participam do natural cotidiano.

Tematizando uma corriqueira atitude de criança, "Fura-Bolo" focaliza Guto e seu fura-bolo, caprichando bolinhas com a massa extraída do nariz. A mãe serve-se de todos os estratagemas possíveis para desviar a mania do filho de cavoucar o nariz. Até que um dia o



dedo adoece e começa a definhar! Novamente a psicologia explica que não só o que está reprimido pressiona para extravasar-se, como qualquer ação pode ser caminho para algo melhor do que a pura repressão. O gênio não nasce pronto mas se faz, como o menino é o pai do homem, de acordo com o velho Machado.

E a história final - "Brincadeira antiga"- reforça a necessidade urgente de cultivar o espírito esportivo e a espontaneidade, algo tão natural na criança e tão esquecido ou reprimido no adulto. Nessas aventuras e desventuras da menina Chica transparece a "pitada de bom humor", na disponibilidade de tempo - não só coisas "sérias" e "sorriso amarelo". Aliás, o sorriso tem cor? Isso só pode ser coisa de gente grande, na preservação da sua imagem pública (máscara).

Penetrar no mundo da criança não é fácil para o adulto - talvez porque a criança é simples e direta, enquanto o adulto vem recheado de subterfúgios e intenções outras! Zotz não se cansa de confrontar esses dois universos. Se para o adulto é natural manipular a "criança" (que ainda não é gente!), é porque ele não tenta colocar-se no lugar do pequeno projeto de gente que busca como realizar-se e, diante do "modelo" adulto, ora se debate em angustiante medo, ora o aceita timidamente, ora sofre, ora se diverte analisando seu procedimento. Zotz reproduz propositadamente situações de todos esses tipos para aproximar pequenos e grandes.

### ***Garnisé Gabola Acabou Gabiru.*** (Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1986).

Aproveitando a onda do êxodo urbano (de tantas causas!), Zotz arma para a gurizada a história de Urbano, que não é mais criança, mas conserva elementos muito sadios da espontaneidade natural. Nascido no campo, com sua liberdade, nas lides de fazenda e vaquejada, quando a família vai crescendo, seu Urbano resolve mudar-se para a cidade, para que os filhos tenham boa escola. Apartado do seu meio natural, Urbano abriu uma venda para prostrar-se com os amigos. Mas, necessitando sentir-se ligado à criação, e detentor de toda uma "engenharia" para tanto, constrói um galinheiro, pois, impedido de vaquejar seu gado, vai "aboando as galinhas".

E seu galinheiro vai-se tornando verdadeiro zoológico, com "garnisé" importado da China. Este, todo gabola, cresce em sua consciência e, "na falta de galo, garnisé também cocorica". Com o crescimento de pintos, sente necessidade de recorrer a subterfúgios para manter "o seu reino e o poder". E "o galinheiro vira cenário de aventuras", com os meninos da região freqüentando o lugar, numa descontraída restituição intertextual - Daniel Boone, Tarzan, Ahab, Mão-de-Ferro... - para incitarem o garnisé na rinha. A participação torna-se intensa, com sugestões para pintar o garnisé com outras cores que desinibissem os outros frangos, incrementando o confronto. Com habilidade infiltram-se condicionamentos psicológicos na relação do garnisé com os frangos, permitindo uma alusão ao desengonçado inibimento que assalta o adolescente. E, desfeitas as máscaras, quando os outros "já haviam perdido o medo", o garnisé caiu, "incrédulo e perplexo", na realidade!

Na realidade concreta da transferência do campo para a cidade, seu Urbano não perde a força da vida, e seu galinheiro abre todo um parêntese para a fantasia aventureira da gurizada, que acaba por apontar para os meandros psicológicos na passagem para a adolescência. No início, projeta-se com sensível solidez a figura de Urbano, fazendeiro não domesticado nem subjugado pela urbanização. Mas, aos poucos, a personagem central passa a ser o garnisé, ostentando-se superior na sua gabolice, mas que, na recuperação da consciência dos outros frangos, "ascabou gabiru". Trata-se de uma autêntica "fábula" moderna, com vigorosa animização da natureza, sem nenhum ferimento da verossimilhança, não se estranhando em absoluto o pensamento/sentimento nos galináceos. O sentimento da natureza, o respeito às hierarquias sem máscaras, as desmistificações de arrogâncias ou condicionamentos podem decorrer de leituras que ultrapassam a pura fabulação aventureira.



# NÃO-ME-TOQUE EM PÉ DE GUERRA

Após o sucesso com que foi recebido *Apenas um Curumin*, Zotz retornou, em 1982, na mesma Editora Nórdica, com a narrativa *Não-me-Toque em Pé de Guerra*.

De acordo com preferência quase absoluta do autor, trata-se de uma narrativa centrada em protagonista masculino, um menino entrando na adolescência. Irremovível é o contexto político que cerca o relato: o menino (Pedro Só) vive com sua mãe (das Dores) e na casa do avô (Bons Tempos, pai da mãe) em turística e pacata cidade litorânea - Não-me-Toque, porque o pai se encontra há anos exilado, ultimamente na França. Os capítulos 3 e 4, na visão "com" o menino, reconstituem a emoção densa dos laços familiares, lembrando, na percepção um tanto vaga pela idade e distância, o pai jornalista na capital, as interferências da "censura política" e a violência arrombando o apartamento, mas o pai já em fuga no exterior. Agora, anos depois, o processo de abertura vem anunciando anistia. Esse direto envolvimento ideológico-político e o caráter aventureiro aproximam essa narrativa de outra posterior - *Rio Liberdade*.

Entretanto, os problemas do pai (Meio Mundo) com a censura - lembrando os tempos da "gloriosa" ditadura brasileira de décadas passadas - justifica-se dentro do contexto narrativo, porque, como o pai jornalista, todos os repórteres que manuseiam a opinião pública são suspeitos por natureza pelos políticos, pois ameaçam a sua estabilidade corrupta, podendo denunciar suas "falcatruas e irregularidades administrativas" (tudo simbolicamente figurado no jornalista Tec-Tec). E Não-me-Toque é descrita no capítulo 7 (desta, como de algumas outras vezes, por um narrador de visão mais ampla e abrangente) como cidade de gente pacífica, acomodada, saudosista e fatalista, situada em aprazível baía, e transmitindo a todos que a ela chegam seu modo de viver: pouco trabalho e muito ócio. Aliás, todos seus habitantes são conhecidos apenas por apelidos, sendo dominados por politicalha de desmandos constantes, desde o prefeito "Cinco-É-Pouco" (porque em tudo exigia comissão pessoal de dez por cento), o ex-prefeito "Gangorra" (corrupto que dança nas conveniências dos partidos) e o ex-ex- "Ainda-Sou-Mais" ou o delegado "Tubarão". Embora mantendo todos os ingredientes voltados para o espírito adolescente, assumem intensa força conscientizadora os aspectos políticos, prevenindo alienações.

A par desse fundo político-social denunciado, em oposição aos sadios laços de ternura familiar que densificam o ambiente afetivo, a narrativa se envolve em trama detetivesca, com um "monstro" misterioso ameaçando a pacatez da cidade, sua acomodação mal intencionada e sua imagem turística. Pobres pescadores, assombrados, tornam-se vítimas nas mãos das autoridades municipais. E o confronto político-jornalístico se patenteia. Em meio a isso, é o menino Pedro que, sem ostentações nem lances pretensiosos, vai lançar dados definitivos. E a velha figueira assombrada, descrita no primeiro capítulo com passado encobrendo torturas de pelourinho e tesouros de piratas, vai confirmando que a destaque não foi sem propósito.

Entre outras passagens, merece salientar-se o capítulo 28, criando bom suspense, com o desmascaramento do policial que destroça seu barco voador e se borra de medo, na encruzilhada sem saída ante os fantasmagóricos jacarés e a imagem de Tubarão (o delegado). Aliás, se essa personagem se vê reduzida a grotesca caricatura, o autor logra, na imagem geral com que reveste a politicalha corrupta, infiltrar boa dose de ironia e delinear caricaturescamente esses políticos - e de maneira nada destoante da realidade brasileira!

Para dinamizar o relato, o autor diversifica as técnicas narrativas, servindo-se normalmente de capítulos breves, rápidos e dinâmicos, como que instantâneos cinematográficos aproximando-se por hábil montagem. O narrador, por vezes, se privilegia de visão ampla e sem fronteiras, sobretudo ao condensar narrativas sumárias sobre a situação (como nos capítulos 7 e 19); outras vezes ele se funde "com" o menino, através de cujas percepções passa a fluir o relato; predomina, porém, o registro natural e direto de cenas, captadas na sua materialidade e dinamizadas em diálogos dramáticos. Embora raros, os capítulos que transcrevem cartas do pai se revestem de caráter ímpar.

Aliás, essas cartas condensam aspectos relevantes da cosmovisão geral. O pai sempre se dirige ao "filhote" em tom de marcante proximidade, ternura carinhosa e abertura compreensiva.



Observe-se, também, nesse sentido, a conclusão da primeira carta: "Um baita abraço e uma mordida no cangote (você ainda tem cócegas>).Do amigo e pai" (p.12). Em outra carta, porém, bem posterior, a reflexão filosófica se impõe fortemente, dir-se-ia mesmo destoando do caráter juvenil, não fosse toda a narrativa um alerta contra a alienação e os desmandos humanos: "...acho que o homem é um animal que não deu certo. É só olhar em volta e ver os outros viventes. O bicho-homem é o único que cria necessidades artificiais, caindo no círculo vicioso de sempre trabalhar mais pra sempre querer viver (?) melhor..." (p.44).

Para concluir, é oportuno o comentário feito por José Feldhaus em Curitiba, em 1982: "...Remanesce nesta novíssima obra o já conhecido "trio werneriano", tão puro e forte em todos os seus livros: o velho, a criança e a natureza. No entanto, embora conserve seu "status" e sua força, o trio recua, se mantém discreto num segundo plano, enquanto assiste e até provoca o desenrolar de uma trama bem envolvente, cheia de intrigas e humor. E aí está o lado novo deste autor: o humor e o político. O humor, às vezes, brincalhão, outras, sarcástico, vingativo. E o político, porque o enredo é sustentado por intrigas desta ordem, retratando uma ou muitas das nossas cidades do interior repletas de pessoas ocupadas em nada-fazer, sobretudo os incansáveis sempre-cansados políticos

---

## RIO LIBERDADE

Sobre o tema da "liberdade", que perpassa a obra do autor, Zolt escreveu uma narrativa específica, já uma pequena novela, de caráter mais juvenil - *Rio Liberdade* (2 ed, Rio, Nórdica, 1984). A narrativa apresenta maior extensão, exigindo leitor mais preparado, não apresenta apenas aventuras e peripécias, mas induz à reflexão através dela (denomina mesmo as duas primeiras seções de primeiro e segundo "pensar"); comporta grande diversidade de episódios - o passeio que ressalta a ecologia do Pantanal, o acidente matando pais; o abrigo do menino; a difícil fuga do asilo e das garras da tia (na cidade); as peripécias com os contrabandistas no Pantanal, etc.- exigindo maior desenvolvimento perceptivo, além de fazer referência a uma série de livros mais apropriados já para a adolescência: Huck, Winnetou, Robinson Crusoe, o Velho e o Mar.A história tem como protagonista/narrador o jovem Moreno, entre 12/14 anos, sendo marcada por nítido caráter realista, tanto no sentido de envolver sofrimentos, provações e brigas de família, como no seu aspecto ideológico, envolvendo específico enquadramento temporal no período pós-revolução de 1964, com o mandonismo ditatorial ("os homens que mandavam em tudo"), a perseguição e o exílio até chegar a anistia.

O "primeiro pensar" destaca a beleza ecológica da região do Pantanal do Mato Grosso, individualizando situações para concretizar cenas e paisagens, fugindo de pura generalidade dissertativa. Central é o episódio do "Gavião Garrancho", símbolo da liberdade natural, que "é a coisa mais importante da vida", na própria perspectiva do menino/narrador. Lá é o reino da Tia Chica, "mistura de ternura e valentia", que, na sua lida ecológica, fere o altivo gavião para salvar filhotes de colheirinho, mas depois pacientemente o medica e o treina para retornar à sua liberdade. O garrancho vai tornar-se um símbolo dentro da narrativa - para o menino, recuperando-se na aprendizagem de firmar-se nas pernas, até o momento final, quando garrancho e Moreno voltam a desfrutar a liberdade duramente conquistada.

O "segundo pensar"situa-se em geografia social completamente diversa: o narrador recuperando do acidente num hospital de S.Paulo, a briga assanhada das tias,em juízo, pela tutela do sinistrado, a vida no internato para deficientes ("Poderia ser bom aqui... Mas não é, falta liberdade, carinho..."), os exercícios de recuperação das pernas, com muita força de vontade, na ânsia de recuperar o "caminho para liberdade", na enorme "vontade de ser livre" (retornando vivo o episódio do gavião).



A terceira seção é constituída pela "narrativa" de Moreno em seu "caminho para liberdade": a fuga do internato, a viagem no anonimato do trem, de São Paulo até Porto Esperança, no Pantanal, na fuga da tia opressora (Jandira) em busca da liberalidade da tia Clara, no Rancho Flores, ao qual chega numa noite e dorme ("Lá fora, o escuro engolia tudo"), mas acorda preso, ludibria e foge, enfrenta perigos e perseguições. em peripécias inusitadas, até ser salvo por tia Chica, que o leva para a Reserva de Cará-Cará, conduzindo ao desfecho da "conversa" final.

A narrativa confronta bem o natural com o humano. No âmbito do primeiro, projeta-se o cenário e a magia do panorama ecológico do Pantanal matogrossense, a beleza e exuberância dessa natureza livre. Entretanto, a esse natural livre se contrapõem a ação e o convívio nefastos do homem, interferindo negativamente sobre o próprio irmão humano e sobre a natureza, destruindo e contrabandeando na região do Pantanal, obstruindo a liberdade em geral. Aliás, em relação às personagens humanas, projeta-se quase que uma oposição maniqueísta entre simpáticas e antipáticas. A oposição inicia entre as próprias tias: a enganosa e interesseira Jandira, envolvida em contrabando, e a humanitária Chica, presando a liberdade de pessoas e natureza. Vigoroso impõe-se sempre o anseio pela liberdade, elemento essencial, que o ser humano admira no cenário aberto do Pantanal. Configura-se também drástico paralelo entre a ave (garrancho), auxiliada a recuperar a liberdade do voo, e o ser humano abandonado ao próprio destino, prisioneiro das engrenagens humanas, do descaso e da carência de afeto humano ou acossado pela ganância humana em meio aos elementos naturais.

Projeta-se vivamente o espírito de aventura, sobretudo na segunda metade, o fascínio pela luta e pelo desafio, não obstante os obstáculos, quando se tem em mira um grande interesse ou ideal. Daí resultar interesse específico para jovens, na pré-adolescência, pois a narrativa está bem armada na fluência das peripécias, especialmente com a terceira seção satisfazendo o ego que se afirma, conferindo muito vigor ao processo de construção da autonomia do adolescente. Algumas peripécias chegam à se a conflitar com a verossimilhança, sobretudo o jovem protagonista, recém-saído do internato de deficientes, ludibriando e escapulindo de três homens treinados em quadrilhas de contrabando, bem armados e caçando-o como bicho, mas ele fugindo pelas águas dos rios, salvando-se de tiroteios, e obtendo combustível a munições suficientes. Fato é que o protagonista não é moço submisso e comportadinho: o confronto com a tia maníaca e os sofrimentos fizeram-no amadurecer e a luta pela vida e pelo sonho da liberdade o impulsionaram a enfrentar perigos e a equilibrar-se em meios hostis.

Enfim, a variação de ingredientes, o enfoque realista da vida, com seus conflitos e contrariedades, a temática construtiva e o pano de fundo ecológico do Pantanal constituem elementos decisivos para tornar *Rio Liberdade* uma narrativa de estrutura dinâmica e de produtiva leitura.

## PRESENTE DE DOMINGO CHUVOSO

Desde muitos séculos, a literatura inventou as fábulas, conferindo nelas funções de primeira ordem aos animais. Aparentemente dirigidas ao mundo infantil, as fábulas na realidade objetivavam desvelar o raciocínio e a emoção nos adultos. O ser humano, porém, sempre se considerou superior aos animais, por sua inteligência e livre arbítrio. Com a moderna tecnologia, eletrônica e informática, eleva-se a capacidade, mas a condição humana se eclipsa, apartada e



apertada, no frio isolamento do concreto armado. E a natureza se distanciou, os animais se mitificaram, a sensibilidade enrijeceu.

Com vasta experiência literária em tratar com crianças e adolescentes, Werner Zotz busca sempre reverter esse quadro, religando o leitor com o mundo da realidade pura, da fauna e da flora. Após uma primeira fase literária nos anos 60, intensa e vigorosa produção numa década que se estendeu dos anos 70 aos 80, deu-se uma trégua para, em 1992, retornar com este *Presente de um Domingo Chuvoso* (Rio de Janeiro: Nórdica).

Nova fase: novos parâmetros. Dirigindo-se, na fase anterior, preferentemente aos adolescentes, com predomínio de protagonistas masculinos, este último livro tem como personagens centrais uma menina (Carolina) e uma cachorra (Pipoca). O contexto exterior, antes com forte presença de elementos da natureza rural, passa agora decididamente ao urbano. E a ideologia, antes quase agressivamente denunciadora de desmandos e corrosões, em ampla defesa da liberdade e do humanismo, agora envereda mais levemente pela sensibilidade feminina jovem, destacando o envolvimento emocional: Carolina, que tem "alergia crônica e medo irracional de cachorros", num "domingo chuvoso", com o avô na casa de praia, encontra uma pequena e indefesa cachorra, acolhe-a, leva-a para o apartamento na cidade, afeiçoando-se inseparavelmente a ela, sofrendo com suas doenças, e aprendendo como é o relacionamento do "cachorro de um dono só".

Mesmo sendo um novo modelo, a mão do mestre Zotz se denuncia com freqüência. A protagonista da narrativa, Carolina, representa agora o contexto urbano, com suas peculiaridades: não mora com os pais, apenas referidos de passagem, mas com o avô Henrique, num apartamento. Mas a cachorra Pipoca, representante do contexto exterior e mais rural, cria problemas no prédio, exigindo habilidades, inclusive para ser levada no ônibus. Henrique, o avô, permanece totalmente aliado a Carolina, para tudo o que ela decidir ou precisar, em relação ao animal, mas desenvolve vida normal de livreiro. É a cinomose, doença grave de Pipoca, que mais une avô e neta, tendo inclusive ambos que aprender a "linguagem e psicologia" do animal para educá-lo. Mesmo morando na cidade, nos fins de semana retoma-se o melhor contacto com o natural na casa da Lagoa.

Tecnicamente, o relato se desenvolve em linha horizontal, com linguagem própria para o leitor jovem, não expondo complexidades de difícil compreensão. O narrador apresenta os fatos predominantemente do exterior, sem abusar de privilégios oniscientes. Mas, com boa adequação, servindo-se do discurso indireto livre, transfere por vezes sua visão para assumir a perspectiva de Carolina, de Henrique e, mesmo, de Pipoca, criando passagens de sensível originalidade, como a cena da subida da escada (p.58) ou da situação de Pipoca na doença (p.76-78).

No final, o relato supera de certo modo a presença de Pipoca, centralizando-se em Carolina, mas ressaltando que aquela cumprira a tarefa de "abrir caminho no coração de Carolina para que outros animais ali se aninhassem...", conduzindo a conclusão para um

ambiente de realismo mágico, mitificando a realidade. Delineando quadros de profunda simplicidade, Zoltz cria um relato preñado de amor e emoção, ressaltando as afinidades entre pessoas e animais, numa narrativa especialmente orientada para meninas.



Governo do Povo (RS)

12.80 - P. 11

e

Suplemento Bibliográfico de  
Mina Gerais (M.G.)

12.80

## A DESCOLONIZAÇÃO

Governo do Povo e  
Supl. Lit. Minas Gerais

12/80.

## DO ÍNDIO NA LITERATURA INFANTIL

Regina ZILBERMAN

É de acordo com este projeto, maior dos escritores para crianças que o problema das minorias raciais se incorpora à Literatura, de modo que o índio, figura até então ausente ou secundária, passa a se constituir em personagem central dessas narrativas renovadoras. Se o público infantil somente o conhecia por intermédio de histórias como *O Último dos Moicanos*, do norte-americano J. Fenimore Cooper, ou devido ao indianismo romântico, isto é, numa perspectiva colonizada, porque atribua ao conquistador europeu o papel dominante e verdadeiramente heróico, ele é agora o protagonista principal, sendo que os problemas são tratados segundo sua ótica e interesse.

O *CURUMIM QUE VIROU GIGANTE*, de Joel Rufino dos Santos, caracteriza um dos modos como o assunto vem sendo desenvolvido: a figura central é Tarumã, um menino que almeja ter uma irmã. Como seu desejo não se realiza, ele o supre pela imaginação. Todavia, contando a

*Os escritores de obras para crianças procuraram, ao longo da década de 70, ocupar uma série de vazios temáticos verificáveis na Literatura Infantil brasileira. Ao lado de uma tomada de posição quanto ao tipo de efeito que o livro pode desencadear no seu leitor, o que levou à polêmica acirrada entre o realismo e o fantástico, emergiu uma preocupação em abordar assuntos até então sonegados, como a separação dos pais, a penúria econômica, o menor abandonado etc. Essas orientações estão profundamente entrelaçadas; pois, se a Literatura Infantil pode levar ao escapismo ou fugir dele, através do questionamento da realidade vivenciada pelo leitor, para se chegar a essa meia tanto se pode renovar o tratamento dos gêneros tradicionais, como o conto de fadas (conforme procedem Ana Maria Machado ou Fernanda Lopes de Almeida), quanto introduzir assuntos até então inéditos, mas igualmente válidos, como a divisão social injusta, o surgimento da sexualidade juvenil, a poluição entre outros.*

lado, se encaminha para a cidade, invertendo um percurso histórico: E Porá resolveu voltar para a escola, naquela mesma manhã. Esta era sua missão e ele iria cumpri-la. Apesar de seus dez anos, ela entendeu que poderia ser aquele ventinho a animar a fogueira quase extinta, resuscitá-la para a vida (p. 34). Assim, o menino na cidade, isto é, no meio que lhe é hostil, tentará impor seus valores e se fazer respeitar, o que representa igualmente o assumir de uma tarefa de transformação da realidade experimental.

Em outras palavras, ao mato e à primitividade, o garoto opta pela escola, o que não significa a aceitação de seus padrões sociais e normativos. Pois, se o livro se divide em dois momentos, ele também opõe dois tipos de aprendizagem: o da sala de aula, no qual predomina o ângulo do colonizador branco; e o da vida tribal, no diálogo igualitário entre o adulto e a criança, durante o qual o primeiro traduz seus valores ao se-





seus amigos a respeito da existência da garota, esses não acreditam e acabam por caçar dele. Envergonhado, o menino foge até o mar, perto do qual consegue realizar seu desejo de modo mágico. Como se vê, o livro, valendo-se da personagem índio, não propõe o confronto deste com a civilização branca, nem a descrição dos costumes primitivos como algo diverso ou exótico em relação à cultura civilizada, que é a de seu leitor. Pelo contrário, a igualdade entre ambos os mundos advém do tratamento de uma dificuldade do pensamento infantil, que é a do desejo irrealizado, cuja compensação pela fantasia não é suficiente para lhe dar realidade e fazê-la aceita pelo grupo social.

Recusando-se a apresentar a diferença e insistir na sua peculiaridade, o livro de Joel Rufino dos Santos mostra no selvagem o problema com o qual a criança, independentemente de sua procedência racial, possa se identificar. É esta recusa, por sua vez, um dos pontos de partida possíveis para se proceder à superação dos contrastes culturais e, por extensão, do racismo diferenciador.

Os embates entre os dois universos e a consequente destruição do ambiente primitivo aparece em APENAS UM CURUMIM, de Werner Zolts. Suas personagens centrais são Tamãí, o velho pagé, e Jari, o pequeno curu-

mim, últimos sobreviventes de seu grupo. Narrando como Tamãí dirige Jari para uma nova tribo, onde este readquirirá sua identidade indígena, o Autor usa de seus heróis para denunciar tanto a dizimação dos índios e do ambiente natural pelos brancos, devido à cobiça e imprevidência destes, como a perda da identidade pelos índios. Pois, como diz Tamãí a seu pupilo, este "vai ter que aprender tudo de novo, porque o índio que havia dentro de você está morto" (p. 22).

O tema da busca da identidade indígena está presente também em PORÁ, de Antônio Hohlfeldt. A história narrada divide-se em dois momentos distintos, vividos pelo pequeno herói Porã:

No primeiro, o índio é levado para uma escola branca, na qual ele se vê ridicularizado duas vezes pelos outros garotos ao pronunciar seu nome indígena; e depois, ao tentar se corrigir, aludindo à sua designação cristã, Pedro, que havia recebido e de que não gostava. O riso dos outros motiva sua volta apressada à aldeia, onde se inicia o segundo momento do relato: em conversa com o chefe, o velho esclarece ao menino a situação pessoal deste, assim como a necessidade de voltar à cidade e fazer valer sua visão particular de

o mundo, produto de sua cultura primitiva e da autenticidade de seu ambiente original.

Os pontos de contato entre os dois livros são em bom número, caracterizando o espectro de problemas relativos aos intercâmbios entre o índio e a civilização branca. Há uma desigualdade entre os dois grupos sociais, pois a dominação branca é inquestionável. O resultado do processo não é apenas a destruição do ambiente natural dos índios, mas a falência interna destes, uma vez que perdem sua própria identidade: Jari age como os brancos; Porã já não sabe mais qual é seu nome verdadeiro. Enfim, ambos os meninos refletem sobre os efeitos desse processo, isto é, sobre a colonização, que é histórica e irreversível. É o que os leva a uma tomada de posição, induzida esta pelo auxiliar adulto, mais sábio e experiente, ao mesmo tempo sacerdote e responsável pela preservação da tradição e costumes originais, em vias de desaparecimento.

É no resultado dessa decisão que os livros diferem, apontando uma perspectiva ideológica também diversa: Jari, agora solitário, se adentra no mato, à procura de outros grupos selvagens, ainda não atingidos pelos brancos. Porã, pequeno e iso-



gundo a partir das questões suscitadas pelo pequeno. Contrastando as duas realidades, através do desenvolvimento mesmo da narrativa, o texto deixa que seu significado advinha de sua estrutura, evitando o discurso explicativo do narrador, tantas vezes presentes num livro para criança quando se teme que esta seja incapaz de decifrar seu sentido.

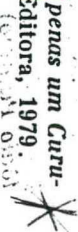
Abordando o tema do índio e integrando-o à literatura infantil, os livros mencionados cumprem o papel descrito inicialmente, o de preencher espaços temáticos negligenciados até então pelo gênero. E examinando as questões — pessoais, em Joel Rufino dos Santos, e interpais, nos demais textos — a partir dos heróis que são crianças, os escritores permitem que aflua antes de mais nada a perspectiva desta, de modo a facilitar a identificação emocional do leitor, ponto de partida para sua compreensão do relato.

#### LIVROS CITADOS

HOHLFELDT, Antônio. *Porã*. Rio de Janeiro, Antares; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1980.

SANTOS, Joel Rufino dos. *O Curumim que Virou Gigante*. São Paulo, Ática, 1980.

ZOLTZ, Werner. *Apenas um Curumim*. Curitiba, Coö Editora, 1979.





## LEITURA

JARI, APENAS UM CURUMIM<sup>1</sup>

(Werner Zotz)

Acho que os caraíbas<sup>2</sup> têm medo de Tamãí. Contaram que meu povo antes tinha respeito, e muito, por Tamãí. Mas não vi nada. Só via Tamãí sentado, o dia inteiro, na frente da oca, pensando e pensando. E sempre muito triste.

Tamãí dizia que índio é bobo e vai atrás de conversa de caraíba e que caraíba só traz maldade pro nosso povo. Mas quase ninguém mais escutava o velho, porque achavam que a cabeça dele não andava mais direito.

E caraíbas diziam que Tamãí falava com espíritos maus, acho que até o nome que davam era assim parecido com demônios. E daí meu povo ficou com medo de Tamãí e evitava conversar com ele.

Agora não tem mais ninguém da nossa gente. Só ele e eu. Mesmo que quisesse não falar com ele, como ia poder?

autor: Lúcia M. de Moraes  
título: Língua portuguesa  
editora: Ática - São Paulo - FAE  
(Quero aprender) 4ª série

<sup>1</sup>curumim: menino; criança.

<sup>2</sup>caraiabas: modo como os índios chamavam os homens brancos.



A gente largou os caraíbas e veio embora. Ainda não sei pra onde vamos, nem o que vai ser de mim. Só tem ele e eu. Mais ninguém. O último da nossa gente morreu ontem. Não entendi bem o que Tamãí fez. Quando morre alguém dos caraíbas, eles enterram enleado<sup>3</sup> num pano ou então num caixão de madeira. Só isso. Pajé fez tudo diferente. Primeiro cantou muitos cantos. Depois enterrou nossa gente num buraco estreito e fundo. Ficavam lá dentro acrocadinhos<sup>4</sup>. Pajé colocou junto louça de barro, arco, flecha, tacape e muita comida. Disse que iam precisar até que chegassem nos grandes campos com muita caça e muita árvore e muito rio e muito peixe.

Também nunca vi Tamãí assim brabo, como quando falou com os caraíbas, antes da gente vir embora. Ele sempre andava tão quietinho, pelos cantos, quase sumido dos olhos. Ou estava quieto ou então cantando. Daí, de repente, falou tudo aquilo pros caraíbas. Até eles, que nunca parecem ter medo, ficaram todos assustados.

A gente andou no mato até chegar aqui na curva do rio. O escuro agora não deixa ver mais nada, mas sei que logo ali tem um rio ainda maior, de água bem escura. Deu pra ver tudo quando ainda tinha claridade.

Acho que vamos ficar por algumas luas. O velho falou que aqui o rio ainda tem vida, o mato ainda é verde. Foi bem assim que falou, sim. Também disse que tem peixe e caça. E muita árvore boa pra se fazer ubá<sup>5</sup>.

Trecho do livro *Apenas um curumim*.  
Editora Nórdica.

Vale a pena saber mais...

Werner Zotz é natural de Santa Catarina. Já morou no Paraná e em outros Estados brasileiros. E, sempre que possível, em cidades pequenas, para ter mais tempo de fazer o que gosta: ler, escrever, pescar, viajar, estar com os amigos. Já foi professor e jornalista.

Atualmente, além de escrever para crianças e jovens, trabalha em publicidade.

Principais obras: *Ciranda de barquinhos*; *As noites eram longas*; *Não-me-Toque em pé de guerra*; entre outras.



<sup>3</sup>enleado: embrulhado.

<sup>4</sup>acrocadinhos: encolhidos.

<sup>5</sup>ubá: embarcação indígena.